



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas



**Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade  
brasileira (1890-1940)**

Vanda Arantes do Vale

Belo Horizonte, MG  
2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas



Vanda Arantes do Vale

**Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade  
brasileira (1890-1940)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Doutor em História

Linha de Pesquisa: Ciência e Cultura na História

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Betânia Gonçalves Figueiredo

Belo Horizonte, MG  
2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas



Tese defendida pela aluna **Vanda Arantes do Vale** em **03 de dezembro de 2009** e **aprovada**,  
pela banca examinadora constituída pelas professoras:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. - **Betânia Gonçalves Figueiredo** - ORIENTADORA  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. - **Dilene Raimundo do Nascimento**  
Fundação Oswaldo Cruz

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. - **Júnia Sales Pereira**  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. - **Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho**  
Universidade de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. - **Rita de Cássia Marques**  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG  
2009

## RESUMO

O médico e literato Pedro Nava (1903-1984) publicou seis livros de Memórias no período de 1972 a 1983. Os livros *Baú de ossos: memórias*, *Balão cativo: memórias 2*, *Chão de ferro: memórias 3*, *Beira-mar: memórias 4*, *Galo das trevas: memórias 5* e *O círio perfeito: memórias 6* somam, aproximadamente, 2.500 páginas. Traçam um amplo painel da sociedade brasileira. O memorialista reconstituiu a trajetória estudantil e profissional de seu pai, o médico José Nava (1876-1911), em *Baú de ossos: memórias*, e também a sua nos demais livros. A obra memorialística de Pedro Nava constitui fonte documental para os estudos das relações Medicina e sociedade brasileira (1890-1940).

**Palavras-chave:** Pedro Nava. Memórias. Medicina e sociedade brasileira.

## ABSTRACT

Pedro Nava (1903-1983), Brazilian physician and writer, published six memoirs books between 1972 and 1983. The works *Baú de ossos: memoir*, *Balão cativo: memoir 2*, *Chão de ferro: memoir 3*, *Beira-mar: memoir 4*, *Galo das trevas: memoir 5* and *O círio perfeito: memoir 6* add up approximately 2.500 pages. They draw a wide panel of the Brazilian society. The memorialist rebuilt his father's scholar and professional path, the physician José Nava (1876-1911) in *Baú de ossos: memoirs* and his own in the other books. Pedro Nava's memoirs work composes a documental source for studies related to medicine and Brazilian society (1890-1940).

**Key-words:** Pedro Nava. Memoirs. Medicine and Brazilian society.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 NORTEADORES QUE AUXILIAM NO ENTENDIMENTO DA     ESCRITA DO “UM POBRE HOMEM DO CAMINHO NOVO”.....</b>	<b>13</b>
<b>3 MEMÓRIAS E INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS DE PEDRO NAVA..</b>	<b>45</b>
<b>4 FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DE PEDRO NAVA (1903-     1984).....</b>	<b>117</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>160</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>165</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nossa proposta na pesquisa – *Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940)* é, partindo da obra literária do autor, identificá-la como documentos para os estudos das relações Medicina e sociedade. O mundo acadêmico tem-se debruçado sobre os textos de Pedro Nava (1903-1984) e estudado diversos de seus aspectos, e nós temos buscado enriquecer esse campo apresentando e publicando aspectos parciais de nossas pesquisas<sup>1</sup>. Os estudos sobre os escritos naveanos são, em sua maioria, feitos por profissionais das áreas de Letras. Nava é muito citado em textos das áreas de Ciências Humanas e Sociais como epígrafes, ilustração de ideias, mas nunca como objeto de estudo. Desse modo, este trabalho é pioneiro no estudo da obra de Nava como um documento histórico para o estudo das relações Medicina e sociedade

Pedro Nava escreveu seis livros de Memórias: *Baú de ossos*: memórias; *Balão cativo*: memórias 2; *Chão de ferro*: memórias 3; *Beira-mar*: memórias 4; *Galo das trevas*: memórias 5 e *O círio perfeito*: memórias 6. A leitura das Memórias desvela diversos aspectos da sociedade

---

<sup>1</sup> Destacamos textos apresentados em eventos e publicados: VALE, V. A. Contribuição da obra de Pedro Nava para a história da Medicina. *Verbo de Minas – Revista de Cultura – Juiz de Fora*, publicação do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2001, v. 3, n. 5, p. 59-69. \_\_\_\_\_. O corpo nos escritos e nas memórias de Pedro Nava. In: I CONGRESSO DE SAÚDE, GÊNERO E CORPO DO CMS WALDYR FRANCO. *Anais...* Rio de Janeiro: CMS Waldyr Franco – Programação e Trabalhos, 2003. p. 57-67. \_\_\_\_\_. A obra de Pedro Nava como contribuição ao estudo da história da Medicina brasileira (1890-1940). In: XIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-MG. Belo Horizonte. *Anais...* Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002. p. 106-125. \_\_\_\_\_. Medicina portuguesa nos escritos de Pedro Nava. In: 2º COLÓQUIO DO POLO DE PESQUISA SOBRE RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS. *Anais...* Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2004. Disponível em: <[www.realgabinete.com.br/coloquio/autor](http://www.realgabinete.com.br/coloquio/autor)>. \_\_\_\_\_. *Baú de ossos*: memórias e *Balão cativo*: memórias 2 – documentos para a história social da Medicina em Juiz de Fora (1889-1913). In: I SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL DA ZONADA MATA MINEIRA. Juiz de Fora. 2005. *Anais...* Juiz de Fora, 2005. 1 CD-ROM. \_\_\_\_\_. Memória e Memórias de Pedro Nava – contribuição para a história da Medicina. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 2, 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: CIPA, 2006. \_\_\_\_\_. Um caminho para se estudar as memórias de Pedro Nava como documentos para a história da Medicina. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL CULTURA E IDENTIDADES, 2007, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2007. 1 CD-ROM. \_\_\_\_\_. Escritos de Pedro Nava – contribuição para a história da Medicina (1890-1940). In: VI CONGRESSO DE LETRAS – I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM; I SIMPÓSIO BRASIL – ARGENTINA. CARATINGA (MG) – Centro Universitário de Caratinga, 2007, Caratinga. *Anais...* Caratinga: VI Congresso de Letras, 2007. \_\_\_\_\_. A doença nos escritos de Pedro Nava. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; MARQUES, Rita de Cássia; CARVALHO, Diana Maul (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 92-115.

brasileira no período de 1890 a 1940. Importa ressaltar, recortamos os textos que, especificamente, remetem à Medicina. Pedro Nava, em 1972, publicou o primeiro livro de suas Memórias:

EU SOU um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos<sup>2</sup>.

Assim se inicia o primeiro livro *Baú de ossos*: memórias, de autoria do médico Pedro Nava (1903-1983). Trata-se de uma paráfrase o texto de Eça de Queiroz (1845-1900) – “Eu sou um pobre homem da Póvoa do Varzim...”, trecho de uma carta dirigida ao jornalista João Chagas (1863-1925)<sup>3</sup>. A influência do Realismo de Eça de Queiroz é perceptível na escrita naveana, notadamente nos textos relacionados com os estudos de Anatomia, na descrição minuciosa, destaque a aspectos considerados socialmente repugnantes, etc. O livro de Nava foi sucesso de público e de crítica. Surgiram, então, informações sobre o autor, junto ao grande público. Sabe-se que era reconhecido e referendado médico ortopedista no Rio de Janeiro<sup>4</sup> e que fora ativo participante do Movimento Modernista, em sua vertente mineira.

---

<sup>2</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 13.

<sup>3</sup> Carta escrita em Londres. In: GOMES, Teixeira M. *Correspondência*. Lisboa: Amigos do Livro, 1960.

<sup>4</sup> Destacamos em ordem cronológica: 1933 – membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (SMCRJ); 1936 – docente de Clínica Médica da Universidade do Brasil; 1941 – Diretor do Hospital Carlos Chagas e membro do Conselho Editorial da *Revista Médica Municipal*; 1945 – titular do Instituto Brasileiro de História da Medicina (IBHM); 1951 – designado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para estudar, na Europa, a organização de clínicas reumatológicas; 1952 – Professor da Escola de Aperfeiçoamento da Policlínica Geral; 1954 – membro fundador da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR); 1956 – organizador do Serviço de Reumatologia – Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSRJ); 1959 – catedrático de Reumatologia da Escola Médica da Pontifícia Universidade Católica (PUC); 1961 – membro da Academia Nacional de Medicina (ANM), etc.



No período de 1972 a 1983, foram lançados os 6 livros das Memórias naveanas<sup>5</sup> e, dependendo das edições, os textos somam aproximadamente 2.500 páginas. Numerosos prêmios e homenagens mostram o reconhecimento do meio intelectual à obra naveana.<sup>6</sup> A escrita das Memórias ocorreu após a aposentadoria do médico, junto ao Serviço Público, em 1969; o autor, entretanto, permaneceu atendendo em seu consultório particular até 1983. O abandono da atividade médica deveu-se ao início de surdez, conforme nos informou Anna Nava, irmã do escritor<sup>7</sup>. O autor tinha 69 anos quando do lançamento do primeiro livro em 1972 – *Baú de ossos: memórias*.

Na introdução de nosso texto, faremos como que uma Memória da escrita do mesmo. Temos trabalhado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com a disciplina História da Arte, de 1979 até a presente data. Graduamo-nos em História e cursamos o Mestrado em História e Crítica da Arte, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1995. Nossa dissertação, junto ao programa mencionado, teve o título de *Pintura brasileira do século XIX – Museu Mariano Procópio (1870-1930)*. Nesse texto, buscamos identificar a coleção de pinturas do referido museu (143 telas), como uma amostragem da pintura brasileira do período. Correlacionamos esse universo com as transformações e propostas da sociedade brasileira do período. Apresentamos e publicamos textos sobre essas pinturas.

---

<sup>5</sup> Obras de Pedro Nava em ordem de publicação: NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*. Rio de Janeiro: C. Mendes Júnior, 1947. \_\_\_\_\_. *Capítulos da história da Medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico-Cirúrgico, 1949. \_\_\_\_\_. *Baú de ossos: memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. \_\_\_\_\_. *Balão cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. \_\_\_\_\_. *Chão de ferro*. Memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. \_\_\_\_\_. *Beira-mar: memórias 4*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. \_\_\_\_\_. *Galo das trevas: memórias 5*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. \_\_\_\_\_. *O círio perfeito: memórias 6*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. \_\_\_\_\_. *Cadernos 1 e 2*. São Paulo: Ateliê Cultural, 1998. \_\_\_\_\_. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. \_\_\_\_\_. *O bicho urucutum*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. \_\_\_\_\_. *O anfiteatro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002 (compilação de textos de Nava que tratam da vida estudantil e profissional feita pelo herdeiro do memorialista, Paulo Penido). \_\_\_\_\_. *A medicina de Os Lusíadas*. Cotia, SP: Ateliê Cultural, 2004.

<sup>6</sup> 1973 – *Personalidade Global e Prêmio Luísa Cláudio de Sousa*; 1974 – *Prêmio Jabuti* – Câmara Brasileira do Livro e *Prêmio Fernando Chinaglia* – Prêmio de Literatura da Associação Paulista dos Críticos de Arte; 1975 – *Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal* – Brasília e *Personalidade Global Literária* (TV Globo e Jornal *O Globo*); 1983 – *Diploma de Homenagem Especial*, conferido pela União Brasileira de Escritores em 1985. Esse prêmio passou a ser denominado “Pedro Nava” e, em 1984, ele recebeu o *Prêmio José Olympio*, conferido pelo Sindicato Nacional do Editores de Livros.

<sup>7</sup> Informações que nos foram fornecidas pela Prof<sup>ª</sup>. Anna Nava, em encontro no dia 20 de março de 2001.

Vale destacar que, entre os anos de 1995 e 2000, demos continuidade ao nosso trabalho e estudos em História da Arte, buscando a correlação da criação artística com o contexto social<sup>8</sup>.

Temos o gosto e o hábito da leitura. Os livros que tratam de Biografias e Memórias sempre chamaram nossa atenção e apreço. Temos lido e relido as Memórias de Pedro Nava. Na elaboração da Dissertação de Mestrado, aproximamos mais dos textos de Nava. O contexto histórico de 1870-1930, as observações sobre Juiz de Fora e a mordacidade das críticas modernistas sobre este universo estético levaram-nos à aproximação dos dois objetos de pesquisa. Identificamos o acervo de pintura brasileira do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, que se compõe de 143 telas, como um texto visual das propostas de segmentos da elite brasileira do período: a construção de um imaginário nacional racional, branco e urbano, como continuação da Europa. Vimos, na organização da Academia Imperial de Belas Artes – Escola Nacional de Belas Artes, parte do universo institucional organizado no Império (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Faculdades de Direito de Recife e São Paulo, Faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro, Museus Nacional, Paulista e Goeldi), que se ajustou à República e sobreviveu até a década de 1930. Nava reconstituiu esse universo, e seu último livro *O círculo perfeito*. Memórias 6 é testemunho das questões presentes na década de 1930, início da Era Vargas com a proposta de construir uma nova nação: racional, mestiça e com características próprias de uma nova nacionalidade.

---

<sup>8</sup> Destacamos: VALE, V. A. Artes plásticas brasileiras (1870-1930) – Museu Mariano Procópio. Juiz de Fora: FAPEMIG/UFJF, 2001. 1 CD-ROM. \_\_\_\_\_. *Pintura brasileira do século XIX* – Museu Mariano Procópio. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes/Programa de Mestrado em História e Crítica da Arte da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. 310 f. Dissertação (Mestrado em História e Crítica da Arte) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Publicado eletronicamente como livro. \_\_\_\_\_. *Pintura brasileira do século XIX* – Museu Mariano Procópio. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002. Disponível em: <www.clioedel.ufjf.br>. Em publicações na área de Ciências Humanas, destacamos: VALE, V. A. Academia Imperial de Belas Artes – Escola Nacional de Belas Artes. *Expressão* – Revista do Centro de Artes e Letras –, Santa Maria, RS, p. 7-14, jun. 1998. \_\_\_\_\_. Ismael Neri a partir de Pedro Nava. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, p. 92-105, abr. 1995. \_\_\_\_\_. Arquitetura latino-americana da industrialização – Juiz de Fora (1880-1930). *LOCUS* – Revista de História, Juiz de Fora, p. 81-89, jan. 1995. \_\_\_\_\_. Arquitetura e colonização latino-americana. *Revista Vozes Cultura*, Petrópolis, p. 33-41, maio 1994. \_\_\_\_\_. Pintores estrangeiros no Brasil – Museu Mariano Procópio. *Revista Vozes Cultura*, Petrópolis, p. 55-62, abr. 1993. \_\_\_\_\_. Notas sobre a pintura brasileira do século XIX – Museu Mariano Procópio. *Revista Exatas*, Juiz de Fora, p. 55-63, 1992. Trabalhos publicados em *Anais* de eventos: VALE, V. A. Artes plásticas e filosofia na formação do imaginário liberal. In: IX SEMANA DE FILOSOFIA “TENDÊNCIAS FILOSÓFICAS PARA O SÉCULO XXI”. Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, p. 69-87. \_\_\_\_\_. A pintura brasileira do século XIX – Museu Mariano Procópio. In: ACTAS DEL IX CONGRESO INTERNACIONAL DE AHILA, 1996. Liverpool. *Anais...* Liverpool, 17-22 septiembre de 1996. p. 178-200. \_\_\_\_\_. Notas sobre a função das artes visuais no Brasil Colônia, Império e República Velha. In: IX ENCONTRO ANPUH/MG, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: ANPUH/UFJF, 1994, p. 65-75. \_\_\_\_\_. A preocupação social na obra de René Porto Carrero, Livio Abramo e Julio Alvarez. In: VI SEMANA HISPANO-AMERICANA – INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: EDUFJF/FAPEMIG, 1993. p. 315-318.

O aspecto que mais nos chamou a atenção nos livros de Nava foi a Medicina. Em 2000, começamos a sistematizar nossas leituras e estudos sobre as mesmas. Interessando-nos em contextualizar historicamente os textos naveanos, nas referências feitas à Medicina, ingressamos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), linha de pesquisa – Ciência e Cultura na História – com o projeto de tese de Doutorado intitulado *Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940)* e iniciamos atividades docentes sobre o assunto. Continuamos a ministrar as aulas de História da Arte na graduação (História, Arquitetura e Música) e, desde a criação do Curso de Especialização em Ciências Humanas e Saúde (2007), na Universidade Federal de Juiz de Fora, temos trabalhado com a disciplina intitulada Temas de História da Medicina, buscando enriquecer as pesquisas sobre Pedro Nava. Correlacionando as Memórias e as relações Medicina e sociedade, temos apresentado e publicado resultados parciais de nossas pesquisas<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Destacamos textos apresentados em eventos e publicados: VALE, V. A. Contribuição da obra de Pedro Nava para a história da Medicina. *Verbo de Minas* – Revista de Cultura – publicação do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001, v. 3, n. 5, p. 59-69. \_\_\_\_\_. O corpo nos escritos e nas memórias de Pedro Nava. In: I CONGRESSO DE SAÚDE, GÊNERO E CORPO DO CMS WALDYR FRANCO, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CMS Waldyr Franco – Programação e Trabalhos, 2003. p. 57-67. \_\_\_\_\_. A obra de Pedro Nava como contribuição ao estudo da história da Medicina brasileira (1890-1940). In: XIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH – MG, Belo Horizonte. *Anais...* Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002. p. 106-125. \_\_\_\_\_. Medicina portuguesa nos escritos de Pedro Nava. In: 2º COLÓQUIO DO PÓLO DE PESQUISA SOBRE RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2004. Disponível em: <[www.realgabinete.com.br/coloquio/autor](http://www.realgabinete.com.br/coloquio/autor)>. \_\_\_\_\_. *Baú de ossos: memórias e Balão cativo: memórias 2* – documentos para a história social da Medicina em Juiz de Fora (1889-1913). In: I SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL DA ZONADA MATA MINEIRA, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, 2005. 1CD-ROM. \_\_\_\_\_. Memória e Memórias de Pedro Nava – contribuição para a história da Medicina. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, Salvador, 2. *Anais...* Salvador: CIPA, 2006. \_\_\_\_\_. Um caminho para se estudar as memórias de Pedro Nava como documentos para a história da Medicina. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL CULTURA E IDENTIDADES, Goiânia, 2007. *Anais...* Goiânia, 2007. 1 CD-ROM. \_\_\_\_\_. Escritos de Pedro Nava – contribuição para a história da Medicina (1890-1940). In: VI CONGRESSO DE LETRAS – I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM; I SIMPÓSIO BRASIL – ARGENTINA. CARATINGA (MG) – Centro Universitário de Caratinga, 2007. *Anais...* Caratinga: VI Congresso de Letras, 2007. \_\_\_\_\_. A doença nos escritos de Pedro Nava. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; MARQUES, Rita de Cássia; CARVALHO, Diana Maul (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 92-115.

Nava, em entrevista à Revista *Veja* (Páginas Amarelas), de 14 de março de 1974, observou:

Repórter – A medicina lhe deu grandes prazeres? Teria, por si só, preenchido sua vida?

Nava – Teria preenchido e preencheu muito bem. Por outro lado, minha obra literária não deixa de ser obra de médico. Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano.

Podemos complementar a transcrição afirmando que, no texto naveano, encontra-se a escrita de um médico anatomista e, como tal, Nava dissecou a sociedade brasileira revirando suas entranhas. Escrita de características enciclopédicas e da qual separamos um verbete – “Medicina”, considerando-se os diversos aspectos que envolvem a atividade médica. A pesquisa intitulada *Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940)* busca identificar as diversas questões relacionadas com a atividade profissional do memorialista. Interessam-nos a formação, o pensamento de Nava sobre a profissão, suas atividades profissionais, as relações com os pares, o reconhecimento social, bem como aspectos específicos da Medicina do período que foram vivenciados pelo médico, além das políticas estatais de saúde.

Intentamos identificar os escritos e as memórias naveanos como uma síntese dos diversos aspectos que estiveram presentes nas questões relacionadas com a Medicina no Brasil, no período de 1890-1940. A delimitação proposta do período inicial para a pesquisa deve-se ao fato de Nava ter reconstituído a trajetória de seu pai, também médico, José Nava (1876-1911), em *Baú de ossos: memórias*, em que se encontram dados sobre a formação profissional paterna na década de 1890 e formatura em 1901. A obra *O círio perfeito: memórias 6*, último livro publicado, informa sobre atividades profissionais do memorialista na década de 1930, motivo pelo qual delimitamos o final de nossa pesquisa em 1940. A proposta de escrita deste estudo fica assim dividida:

Capítulo II. Norteadores que auxiliam no entendimento da escrita de “um pobre homem do Caminho Novo”. O objeto de nossa pesquisa exige que se façam observações sobre Literatura e História, Memória, Medicina e História Social da Cultura. Nessa parte do trabalho, destacaremos textos que são norteadores de nossa pesquisa e retomados em momentos

posteriores ao de nossa escrita. Buscaremos apontar para a correlação destes estudos com informações biográficas do memorialista.

Capítulo III. Memórias e informações biográficas de Pedro Nava. Buscamos apresentar a obra de Pedro Nava e os aspectos gerais da mesma. Procuramos traçar um painel da obra, destacando suas características enciclopédicas. Destacamos a formação e atuação profissional do médico José Nava (1876-1911), pai do autor. Mencionamos a influência que a Psicanálise tem na biografia naveana.

Capítulo IV. Formação e profissionalização de Pedro Nava (1903-1984). Nessa parte, tratamos do ensino e das estratégias de sobrevivência adotadas pelo memorialista. Faculdade de Medicina em Belo Horizonte (1921-1928). Serão consultados os livros: *Baú de ossos*: memórias; *Balão cativo*: memórias 2; *Chão de ferro*: memórias 3; *Beira-mar*: memórias 4 e *Galo das trevas*: memórias 5. Serão feitos destaques à formação escolar, às amizades, às leituras e aos contatos sociais do memorialista.

Na conclusão, esperamos ter demonstrado que os textos naveanos são documentais para os estudos das relações Medicina e sociedade brasileira, no período de 1890 a 1940.

## 2 NORTEADORES QUE AUXILIAM NO ENTENDIMENTO DA ESCRITA DE “UM POBRE HOMEM DO CAMINHO NOVO”

A arte que assim serve à verdade, como um meio específico de conhecimento tanto por sua forma quanto por seu objeto, é precisamente realismo. Chamamos arte realista a toda arte que, partindo da existência de uma realidade objetiva, constrói com ela uma nova realidade que nos fornece verdade sobre a realidade do homem concreto que vive numa determinada sociedade, em certas relações humanas histórica e socialmente condicionadas e que, no marco delas, trabalha, luta, sofre, goza ou sonha<sup>10</sup>.

O texto de Vasquez, transcrito como epígrafe, identifica nossa postura na leitura da obra naveana. Cremos que a obra de arte e a Literatura, com suas especificidades, sempre mostram a realidade histórica. Apresentaremos, neste capítulo, autores que são marcantes para a condução desta pesquisa, cuja proposta de trabalho é apresentar os textos de Pedro Nava como documentos para os estudos relativos às relações Medicina e sociedade brasileira, no período de 1890-1940. Buscamos historizar a obra memorialística de Nava e, para tanto, alinhamo-nos com diversos historiadores com esse propósito. Dentre os vários estudos que tratam da Literatura como documento histórico, destacamos a obra de Sidney Chalhoub – *Machado de Assis: historiador* – e os textos dos seguintes autores: John Gledson – “A História do Brasil em *Papéis avulsos*, de Machado de Assis”; Jefferson Cano – “Machado de Assis: historiador”; Ana Paula Palamarchuk – “Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos?”. Esses historiadores e outros publicaram suas pesquisas no livro *A História contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*<sup>11</sup>. Na apresentação da obra, os organizadores Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso Pereira destacam:

(...) Em outras palavras, a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance – inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. Em suma, é

<sup>10</sup> VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *As ideias estéticas de Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 36.

<sup>11</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). *A História contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

preciso desnudar o rei, tornar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, desacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para os historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico<sup>12</sup>.

Chalhoub, em *Machado de Assis: historiador*, trouxe contribuições aos estudos da obra literária como documento histórico<sup>13</sup>. O autor tem-se dedicado a temas sobre a escravidão e vida operária no Brasil, no período de 1850 a 1910, nos livros *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte Imperial* (1996) e *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque* (2001). Ele se agrupa com estudiosos da Literatura que a inserem nas propostas de História Social. Nesses textos, são observadas as influências de historiadores como E. P. Thompson, Eugene Genovese, Robert Slenes, entre outros.

Chalhoub busca mostrar a história social e política do Brasil como aparece transcrita na obra machadiana. Acresce aos estudos sobre Machado de Assis os textos de Roberto Schwarz e John Gledson. Schwarz é autor de *Ao vencedor as batatas* (1977), *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), dentre outros textos. Estuda a obra machadiana, alinhando-se com os textos marxistas de Luckács, Benjamin, Brecht e Adorno. Continua com os estudos de Antonio Candido que destacaremos posteriormente. Gledson, historiador inglês, é autor de *Machado de Assis: ficção e história* (1986), *Impostura e Realismo* (1991), *Por um novo Machado de Assis* (2006) e organizador de edições sobre estudos machadianos e crônicas do escritor.

Os autores citados têm contribuído com os estudos sobre as relações Literatura e sociedade. Identificam, na obra machadiana, as contradições e especificidades da sociedade brasileira que estão explícitas ou implícitas nos textos de Machado de Assis. Consideramos que o aspecto mais importante desses estudos é a busca da correlação da obra literária com seu momento histórico. A questão tem sido estudada por teóricos da Literatura, filósofos, sociólogos e historiadores. Importa ressaltar que não faremos, aqui, um levantamento sobre esses estudos. Os títulos destacados são identificadores da proposta buscada em nossa pesquisa, ou seja, desvelar, na obra naveana, as relações Medicina e sociedade brasileira no período de 1890 a 1940.

---

<sup>12</sup> Op. cit., p. 7.

<sup>13</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Alinhamo-nos com as preocupações dos autores e buscamos o reforço às mesmas, recorrendo aos estudos de Antonio Candido (1918), autor que tem grande visibilidade no meio acadêmico brasileiro. A obra *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história* é referência, no Brasil, nos estudos sobre o tema. As observações do autor serão como nossos marcos na busca de correlacionar as Memórias com a sociedade brasileira. As propostas de Candido para o estudo de uma obra literária destacam o estudo das influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. Considera como prioridades as ligações com a estrutura social, os valores e as ideologias. Enfatiza a posição social do artista, a configuração da obra, bem como sua recepção<sup>14</sup>.

Os aspectos enunciados por Candido são aprofundados por diversos autores, dentre eles os citados anteriormente. Nosso interesse sobre o assunto insere-se nas novas propostas de História Social, História da Cultura e História da Literatura. Nesse sentido, entendemos a Literatura como resultado da relação do homem (social) com o objeto (produzido em sociedade), originando a obra literária. Criação de uma realidade, não a da natureza, mas a da estética. Estudar a obra literária como fonte histórica é desvelar os diversos aspectos que a envolvem. Nos textos naveanos, a especificidade a se destacar é o gênero literário – Memórias – gênero literário menor, reabilitado por Nava. Nos próximos parágrafos, apresentaremos outros autores que contribuem na formulação do instrumental teórico condutor desta pesquisa.

A proposta deste estudo, já vista anteriormente, é a identificação dos textos naveanos como contribuição aos estudos sobre as relações Medicina e sociedade brasileira no período de 1890 a 1940. Na leitura desses textos, buscamos respostas às seguintes perguntas: a) O que estes textos representam para a sociedade brasileira?; b) Quem foi Pedro Nava, “pobre homem do Caminho Novo”?; c) O que o memorialista testemunha sobre a Medicina?; d) O que Nava nos informa? Pelas especificidades do objeto de estudo e devido à necessidade de identificarmos nossa postura de pesquisa, com a produção de outros historiadores, informamos que inserimos nosso trabalho no grupo de pesquisas que se convencionou denominar “Ciência e Cultura na História”, como já citado anteriormente.

Os pilares desta pesquisa são os textos dos estudiosos Nestor Garcia Canclini, Ludwick Fleck e Pierre Bourdieu, que serão estudados ao final deste capítulo. Destacamos Fleck pelo pioneirismo ao enfatizar as relações sobre Ciência e sociedade. Canclini é destacado pelos

---

<sup>14</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 17-39.



estudos que correlacionam as relações sociais na produção intelectual latino-americana. Os textos de Boudieu, para este estudo, são fundamentais nas observações que faz sobre a introjeção individual dos aspectos sociais. Consideramos serem necessárias observações sobre concepções de História ao fazermos um trabalho na área. A seguir, faremos destaques às concepções de História que se foram fazendo no Ocidente, nos dois últimos séculos. Entendemos que o assunto se faz necessário para a compreensão de nossas observações.

Pedro Nava fez seus estudos secundários no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Foi aluno de João Ribeiro, autor que formou gerações de brasileiros com suas publicações. Nas observações de Nava sobre João Ribeiro, podemos observar a concepção de História dominante no período e o que se enfatizava em seu ensino<sup>15</sup>. Na época mencionada por Nava, predominavam, nos estudos de História, concepções herdadas do século XIX – século de revoluções burguesas, organização do mundo capitalista e da escrita das histórias nacionais. Os franceses organizaram a *École des Chartres*, em 1821; os ingleses, o Departamento de Registros Público, em 1838, e, em 1826, os alemães iniciaram a publicação da *Monumental História Alemã*, “enquanto a doutrina de que a história devia basear-se na escrupulosa avaliação dos documentos originais era lançada pelo prolífico Leopold von Ranke (1795-1886)”<sup>16</sup>. O trabalho do historiador consistia em consultar documentos, identificar os “fatos históricos”, coordená-los e expô-los coerentemente<sup>17</sup>.

A proposta de uma História com bases científicas firmou-se no mundo contemporâneo seguindo os postulados iluministas de fins do século XVIII. A influência do Positivismo de Augusto Comte (1798-1857) se fez presente nos diversos aspectos que envolvem a escrita da História. O ensino e o aprendizado da disciplina, com valorização à memorização de datas, nomes, etc., foram responsáveis pela formação de gerações as quais acreditaram que ao ensino de História se fazia necessária a “boa memória” para se “guardar” nomes, fatos e datas. A concepção de História adotada por João Ribeiro (1860-1934) foi a dominante no período, perpassada por postulados positivistas, os quais defendiam a necessidade de se utilizar e analisar o maior número possível de documentos analisados por leitores neutros. Ribeiro foi um dos intelectuais brasileiros mais representativos e respeitados do período. Humanista, deixou obras em Filologia, História,

---

<sup>15</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias* 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 240-241.

<sup>16</sup> HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 309.

<sup>17</sup> CARDOSO, Ciro F.; BRIGNOLI, Héctor P. *Os métodos da História*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 21.

além de ensaios em diversas áreas. Foi professor concursado do Colégio D. Pedro II, fato que o referendava socialmente como um intelectual. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras e jornalista.

Também a descrição física que Nava faz do professor é perpassada pela influência do Positivismo. O memorialista era apaixonado pela Anatomia – disciplina que se foi firmando ao longo do século XIX – e pelo exercício da Medicina, que foi tomando o caráter científico no período, também sob orientação positivista. Escolhemos uma transcrição identificadora de uma postura de estudos da História. A nossa escrita, neste texto, contudo, é a identificação de propostas que fizeram críticas a essa concepção. Nos próximos parágrafos, buscaremos identificar como, ao longo do século XX, novas propostas e estudos historiográficos foram se formando.

Shorske (1988), em *Viena fin-de-siècle*, estudou aspectos da sociedade austríaca no período em que foi cunhada a expressão *Béllé Époque*<sup>18</sup>, período que podemos colocar de 1870 a 1914. Bela Époque, percepção otimista de setores da burguesia europeia sobre o período. Expressão dos que acreditaram no progresso contínuo e na condução racional das sociedades. Crença na vitória dos postulados iluministas. Shorske parte da construção da parte nova de Viena – Ringtrasse, biografias de Freud, Gustav Klint, Gustav Mahler e Arnold Schonberg – correlacionando economia, política e a construção do novo universo simbólico. Historiza a organização da sociedade capitalista na Áustria e a importância do conhecimento deste “estudo de caso” para o entendimento das contradições, que se tornaram explícitas com o conflito de 1914-1918.

O Liberalismo na Áustria, como em outras nações europeias, caracterizou-se pela luta contra a aristocracia e o absolutismo barroco. Os liberais chegaram ao poder em 1848 e estabeleceram um regime constitucional nos anos 1860. A sustentação liberal, no período, estava restrita a alemães e judeus – alemães de classe média urbana. Na década de 1880, em oposição aos liberais, camponeses, artesãos e povos eslavos, foram formados partidos de massas para enfrentar a hegemonia liberal. Foram organizados os partidos de orientação social-cristã, pangermânica e antisemita.

---

<sup>18</sup> SHORSKE, C. *Viena fin-de-siècle*: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Shorske, sobre o assunto, assim se expressa:

Nos últimos anos do século XIX, a Áustria-Hungria parecia servir, como observou um de seus poetas de “pequeno mundo onde o grande faz seus testes” – testes para a desintegração social e política da Europa. O Império Habsburgo estava se desfazendo em suas costuras internas, como a Europa se desfazia internacionalmente: nas linhas verticais da nacionalidade e nas linhas horizontais da classe e ideologia. Até os anos de 1890, as forças políticas em confronto tinham sido as classes liberais versus conservadoras. Mas agora estratos sociais inferiores geravam forças para contestar o poder das elites mais antigas. Dos operários surgiu o socialismo, da classe média baixa surgiram o nacionalismo e o socialismo cristão virulentos.

(...) as forças do preconceito racial e do ódio nacional, que se julgavam dissolvidas pela luz da razão e domínio da lei, ressurgiram com um ímpeto avassalador, enquanto “o século do progresso” soltava seu último suspiro<sup>19</sup>.

O livro de Shorske correlaciona a criação cultural com as questões socioeconômicas. Trata da *Belle Époque* em Viena. Esses dois aspectos levam-nos a considerá-lo como inspirador desta pesquisa, pela escolha de nossa temática e período estudado. Também, no período das Memórias, surgiram crises do Liberalismo e houve a ascensão de novos grupos sociais no Brasil. Os cenários mais importantes da obra de Nava são Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Na história desses centros urbanos, são observados aspectos sócio-históricos da *Belle Époque* brasileira. A história de Juiz de Fora, codinominada “Manchester Mineira” no período de 1880 a 1930, é exemplar das questões que envolveram o capitalismo monopolista na América Latina<sup>20</sup>. Em Juiz de Fora, capitais excedentes do café foram investidos na instalação de indústrias de bens de consumo, no processo denominado “industrialização tardia da América Latina” por João Manuel Cardoso de Mello<sup>21</sup>. Pedro Nava, em *Baú de ossos: memórias*, *Balão cativo: memórias 2* e *Galo das trevas: memórias 5*, registrou o cotidiano da cidade em seus diversos aspectos. Nos dois primeiros volumes, encontramos a Juiz de Fora das últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX e, em *Galo das trevas*, temos o testemunho do jovem médico Pedro Nava e suas experiências na cidade, no ano de 1928.

<sup>19</sup> SHORSKE, C. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 182-183.

<sup>20</sup> ANDRADE, Sílvia Maria Belfot Vilela. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1914)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1984.

<sup>21</sup> MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Belo Horizonte está presente em inúmeras páginas dos textos de Pedro Nava. Em 1913, com dez anos, o memorialista acompanha a família em mudança para a capital mineira. Páginas de *Balão cativo* são mostras do final da *Belle Époque* da capital mineira – cidade que é um ícone do período, onde se buscou pôr abaixo os resquícios coloniais que adentraram pelo Império. A presença das propostas do urbanismo da segunda metade do século XIX, que teve como focos irradiadores Paris e Viena, fez-se presente nos projetos de Aarão Reis, na construção da cidade. As construções e o cotidiano de Belo Horizonte são os cenários das Memórias de Nava evocados nesse volume. Nava deixou Belo Horizonte em 1915, rumando para o Rio de Janeiro a fim de estudar no Colégio D. Pedro II. *Beira-mar: memórias 4* trata da capital mineira na década de 1920 e mostra as contradições da *Belle Époque* nas questões nacionais.

*Chão de ferro: memórias 3* tem como palco o Rio de Janeiro, local em que Nava conviveu com os parentes paternos ligados à intelectualidade local e estudou no Colégio D. Pedro II. Os textos naveanos traçam um painel da então capital federal de meados e final da década de 1910. A historiografia europeia põe o final do período em 1914, eclosão da Primeira Guerra Mundial. No Brasil, a visibilidade da crise do Liberalismo se fez com mais nitidez na década seguinte. Nava trata da questão em *Beira-mar: memórias 4*. Na reconstituição do Modernismo em sua vertente mineira e no ensino da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, estão setas que apontam para a necessidade da construção de uma nova sociedade. As contradições visíveis, após 1914, eram prenunciadas desde meados do século XIX.

O Romantismo e o Realismo, movimentos culturais e artísticos, nasceram das questões mencionadas e tiveram consciência disso. Nas palavras de Ernest Fischer: “O romantismo foi um movimento de protesto apaixonado e contraditório contra o mundo das “ilusões perdidas”, contra a prosa inóspita dos negócios e dos lucros”<sup>22</sup>. Segundo o autor, desde os Discursos de Rousseau até a publicação do Manifesto Comunista (1848), o Romantismo foi o pensamento dominante nas artes e literatura europeias. Os nacionalismos, aspecto marcante do Romantismo, exercerão papel fundamental na crise do Liberalismo. Colocamos como Realismo o aprofundamento em questões já levantadas por alguns românticos, tais como questões sociais e do comportamento humano, que foram aprofundadas após a segunda metade do século XIX. No próximo parágrafo, desenvolveremos observações sobre o assunto.

---

<sup>22</sup> FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

As contradições do Capitalismo, forjado nas propostas do Liberalismo, ficaram explicitadas nas Revoluções de 1848. Delineou-se, no momento, o Socialismo como ideologia do proletariado urbano. Ocorreu, na França, não uma luta política, mas uma luta de classes. As propostas nacionalistas românticas da unificação da Itália (1861) e da Alemanha (1871) se concretizaram. No período que se convencionou chamar Realismo, três grandes linhas materialistas se impuseram: Positivismo, Materialismo Histórico e Dialético e Materialismo Científico e Evolucionista. Propostas, visões de mundo e realizações que se fizeram presentes nas décadas finais do século XIX e adentraram pelo século XX. A seguir, destacaremos alguns aspectos sobre o Materialismo Histórico e Dialético e questões que essa proposta trouxe para os estudos de História.

Karl Marx (1818-1883), seguindo Hegel, fez da História objeto de suas reflexões. Enquanto Hegel viu a Revolução Francesa com entusiasmo, a expressão máxima da racionalidade, Marx se choca com a miséria decorrente da industrialização e do Liberalismo. Observa que a ideologia burguesa justifica a ordem econômica criada por ela e para ela e que toda filosofia é um instrumento ideológico do estado<sup>23</sup>.

Marx afirmou que a História é o resultado das ações do homem concreto. Relações humanas (sociais) tecem a História e são materiais (relações de produção). Nascem da maneira concreta do “produzir”, denominam-se forças produtivas. A estrutura social é formada pelas forças produtivas e relações de produção. As demais relações são superestruturais e determinadas pelas estruturas. A vida, nas sociedades capitalistas, é plena de contradições. A principal e mais evidente é a contradição entre trabalho e capital, isto é, entre burguesia e o proletariado<sup>24</sup>. A superação dessa contradição seria a revolução proletária: “As circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que estes fazem as circunstâncias”<sup>25</sup>. Ainda afirma que o pensamento não é autônomo; a teoria nasce na observação de uma “práxis”. Resumidamente, estes são os eixos temáticos do pensamento marxista que estiveram presentes no século XX como que em fluxos e refluxos.

Em fins do século XIX, as influências do pensamento de Karl Marx se fizeram sentir, notadamente após sua morte. Após 1890, o marxismo já era estudado em algumas universidades

---

<sup>23</sup> LARA, Tiago Adão. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia do Renascimento aos nossos dias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 86.

<sup>24</sup> KONDER, Leandro. *Marx: vida e obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

<sup>25</sup> *Ibid.* p. 66.

européias. Houve, no período, a consolidação do marxismo como teoria social debatida no movimento socialista e o início de sua influência nas diversas áreas das Ciências Humanas<sup>26</sup>.

Segundo Marx:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada. Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789/1814 vestiu-se alternadamente como a República Romana e como o Império Romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor do que parodiar ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793/1795. De maneira idêntica, o principiante que aprende um novo idioma traduz sempre as palavras deste idioma para sua língua natal; mas, só quando puder manejá-lo sem apelar para o passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova, terá assimilado o espírito desta última e poderá produzir livremente nela<sup>27</sup>.

A transcrição apresentada é como uma síntese do pensamento de Marx e, talvez, por isso seja um dos textos mais conhecidos do autor. Recorremos ao texto por reconhecermos a necessidade de contextualizar o objeto de estudo deste trabalho e também por acreditarmos que nosso olhar e nossa escrita são comprometidos com nossa trajetória como seres sociais. A proposta de realizar o estudo seguindo os postulados da linha de pesquisa Ciência e Cultura na História está inserida em toda uma movimentação que tem sido presente na historiografia contemporânea. Nos próximos parágrafos, faremos considerações sobre a questão.

*História Social? História da Cultura? História Social da Cultura?* Os cadernos de resumos dos Congressos da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) são amostragens da quantidade de pesquisas em andamento e de diversidades temáticas. Parece-nos que a história brasileira está sendo vasculhada pela quantidade de estudos

<sup>26</sup> CASANOVA, Julián. *La historia social y los historiadores*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990. p. 20.

<sup>27</sup> MARX, Karl. *O 18 de brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003.

que priorizam questões locais e temáticas diversas. São dezenas de Simpósios Temáticos. Os números identificam as subdivisões do assunto reconhecidas pela instituição organizadora dos eventos.

Inúmeros Simpósios Temáticos mostram a intensa movimentação que está acontecendo na área de História. Encontramos, no meio acadêmico, observações sobre esses aspectos. Críticas afirmam que a quantidade de trabalhos não tem sido acompanhada da necessária qualidade. Também se fala da existência de um paroquialismo na escolha temática, da mera descrição das fontes, da ausência de análises, do ecletismo metodológico, etc. Olhamos, com otimismo, a volumosa produção na área, espectadores e atores que somos. Formamo-nos em História e iniciamos nossas atividades como docente na década de 1970. Em razão de nossa trajetória, podemos afirmar que houve uma revolução na área. Currículos dos cursos de Graduação foram alterados, e a pesquisa foi incorporada ao ensino. A expansão da Pós-Graduação deslocou o monopólio da produção historiográfica do eixo Rio-São Paulo. Dissertações e Teses de doutorados têm renovado e ampliado a História no Brasil. Cremos que os ganhos para a área foram maiores do que a existência de alguns trabalhos que podem ser questionados pela qualidade.

A produção sistemática dos estudos da História do Brasil inicia-se com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, parte do aparato institucional que se estava organizando do estado nacional<sup>28</sup>. A ação e influência da produção dos historiadores ligados ao IHGB foram predominantes até os anos de 1930. A organização desse Instituto é contemporânea das inúmeras instituições que se estavam organizando em diversos países com o avanço do capitalismo. Destacam-se, no Brasil, a Academia Imperial de Belas Artes – Escola Nacional de Belas Artes, as Escolas de Direito de Recife e São Paulo, as Escolas de Medicina do Rio e Bahia e o Museu Nacional. Essas instituições discutiram modelos e propostas para a construção de um estado nacional brasileiro. Discussões perpassadas por propostas racistas. Essas instituições foram criadas ou reorganizadas como parte do aparato urbano que se estava implantando e são contemporâneas à preocupação da intelectualidade com o reconhecimento de uma identidade nacional.

---

<sup>28</sup> GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

Na década de 1890, a intelectualidade brasileira dividiu-se na adesão ao Positivismo de Comte, ao Darwinismo Social e ao Evolucionismo de Spencer. A abordagem racista marcou o pensamento dos precursores das Ciências Sociais no Brasil, como os escritos de Sílvio Romero e Nina Rodrigues. Esse ideário é presente na formação de José Nava, pai de Pedro Nava, trajetória reconstituída em *Bau de ossos*. Quando Adolfo Varnhagem (1819-1878), em carta a D. Pedro II, explicou suas preocupações ao escrever a História do Brasil, estava identificando a proposta e a função do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838. O IHGB serviu de modelo aos similares instalados no país. Guimarães, citando Varnhagem, afirma:

Em geral busquei inspirações de patriotismo sem ser no ódio a portugueses, ou à estrangeira Europa, que nos beneficia com ilustração; tratei de pôr um dique a tanta declamação de servilismo à democracia; e procurei ir disciplinando produtivamente certas ideias soltas de nacionalidade<sup>29</sup>.

Até 1890, a produção do IHGB era laudatória. Preocupou-se com biografias das elites e com a descrição das riquezas do país. Na década de 1990, começaram a aparecer discussões sobre o negro e o índio, vistos como “problemas”. Podemos identificar as ideias dominantes nos estudos da instituição como: a herança do pensamento iluminista de civilização e progresso; o Brasil posto como um desdobramento da Europa nos trópicos; a nação brasileira tratada como branca, ficando excluídos negros e índios por não serem civilizados. A solução do grupo ligado ao Evolucionismo Positivista era a instrução escolar; a vertente religiosa propunha a redenção civilizatória-catequética; os românticos queriam o indígena como símbolo nacional e os ideólogos do branqueamento, como Sílvio Romero, defendiam a mestiçagem. João Ribeiro, mencionado anteriormente, foi expoente da instituição. Objetivou-se, no IHGB, no Rio, em Recife e em São Paulo, a montagem da identificação nacional e a elaboração de uma tradição da elite brasileira<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Op. cit., p. 7.

<sup>30</sup> SHWARCZ, Lillian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 39.



Queremos observar que, nas últimas décadas do século XIX e nas iniciais do XX, apareceram estudos que não são pertencentes à linha laudatória e descritiva predominante no IHGB. Destacam-se com propostas diferentes: Euclides da Cunha – *Os sertões*; Alcântara Machado – *Vida e morte do bandeirante* e Paulo Prado com *Retrato do Brasil* – ensaio sobre a tristeza brasileira. Devem-se destacar os estudos de Capistrano de Abreu (1853-1927) que, em 1876, publicou *O caráter e as origens do povo brasileiro* e, em 1899, *Os caminhos e o povoamento do Brasil*. Rompe com os paradigmas erigidos por Varnhagem em sua *História Geral do Brasil*. Abreu, citado por Arruda e Tengarrinha, traça um quadro original da história brasileira. Partiu de documentos inéditos. Identificou o Brasil pela vida cotidiana de comunidades interioranas, nos caminhos, nas fronteiras, e ainda foi precursor da moderna historiografia brasileira dos anos 30<sup>31</sup>.

Vale lembrar que 1922 é um marco na História do Brasil. Nesse ano, foi fundado o Partido Comunista Brasileiro e o Centro de Estudos D. Vital. Também houve a Semana de Arte Moderna, a Rebelião dos Tenentes e as Comemorações do Centenário da Independência. Esses episódios identificam rachaduras na organização sócio-política brasileira que, advinda do Império, adentrara pela República. A intelectualidade brasileira, na década de 1920, discutiu novas propostas para a construção de um novo Brasil e de uma nova nacionalidade brasileira<sup>32</sup>. Ainda nessa década, estiveram visíveis questões que identificaram outras crises do capitalismo e a gestação de formas autoritárias de governo. A Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, a organização dos partidos nacionais-socialistas, na Alemanha e Itália, e a Crise da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, foram sinais no universo internacional de questões não resolvidas após o conflito de 1914-1918. É no "entre-guerras" que historiadores trazem novas questões para estudos de História. Período em que as observações feitas por Shorske em sua obra *Viena de fin-de-siècle*, transcritas anteriormente, ficaram mais visíveis e se expandiram.

Para os historiadores, novas questões se colocaram no universo que foi denominado por Hobsbawm “Era dos extremos”. Identificamos, nos estudos sobre a historiografia produzida ao longo século XX, destaques à influência dos *Annales* – denominação dada a historiadores franceses que publicaram suas propostas e pesquisas na *Revue des Annales*, por exemplo: Marc

<sup>31</sup> ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 39.

<sup>32</sup> São diversos os estudos sobre a questão, destacamos os textos organizados por LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: EDUNESP/FAPESP, 1997.

Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Jacques Le Goff, entre outros. Não sendo nosso objetivo o aprofundamento em historiografia, pontuaremos apenas aspectos que consideramos relevantes para o esclarecimento sobre o trabalho do historiador.

José Carlos Reis, em *A Escola dos Annales: a inovação em História, sobre as bases teóricas dos Annales*, afirma:

A iniciativa de uma *Nouvelle Histoire* não partiu de historiadores mas de filósofos durkheimianos. A *Nouvelle Histoire* representou, portanto, uma ruptura com a influência da filosofia sobre os estudos históricos e a opção pelo apoio teórico das novas ciências sociais: o homem deixou de ser considerado como "sujeito", "consciência" e "produtor da história" para tornar-se "objeto", "inconsciência", "produto da história", embora essa sua condição de "objeto" nunca se radicalize entre os historiadores dos Annales, sendo apenas uma orientação geral da pesquisa<sup>33</sup>.

A citação de Reis mostra que nossa proposta de trabalho só se tornou possível com o rompimento do Positivismo do século XIX e que adentrou no século XX. Como marco das inovações em Ciências Sociais, deparamo-nos com os escritos de Émile Durkheim, *As regras do método sociológico*, em 1895, e de Max Weber, *A objetividade do conhecimento nas Ciências e Políticas Sociais*, em 1904. A Europa que emergiu do conflito de 1914-1918 era um continente que deixara de ser o centro do mundo. Segundo Reis, nesse período, "(...) a instituição histórica, controlada pela história metódica, ficou sem sustentação. Ela sobrevivia sem sua base efetiva, falava de um mundo que já não existia mais". Foi nesse contexto que surgiu a expressão *Nouvelle Histoire* que significou a aceitação de alguns historiadores, das críticas dos sociólogos durkheimianos e da *Revue de Synthèse Historique*<sup>34</sup>.

Reis assim resumiu as linhas gerais que caracterizaram a *Nouvelle Histoire*:

Em linhas gerais, esse rompimento com a tradição pode ser descrito assim: abandonou o pressuposto da história produzida pelo sujeito consciente através do Estado-Nação, recusando a história política, radicalizando excessivamente o

<sup>33</sup> REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 37-38.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 61.

projeto de Simiand; abandonou o pressuposto do estudo do singular, do específico, do irrepitível, recusando o "evento"; abandonou o pressuposto do fim que justifica todo o passado, o presente e o futuro, recusando a forma narrativa do discurso histórico; abandonou o pressuposto do sujeito consciência cívica, de si ou de classe, recusando a ação social prescrita por essas consciências; abandonou o pressuposto da história partidária, parcial, a serviço de poderes religiosos e políticos, recusando a ideologização do discurso histórico; abandonou o pressuposto do tempo cronológico, linear e irreversível, recusando o evolucionismo progressista; abandonou o pressuposto da história conhecimento do passado, recusando a "história-museu". O rol das recusas é, portanto, extenso. Quais seriam as novas propostas?<sup>35</sup>

Observamos que essas propostas foram contrárias às abordagens de João Ribeiro, mencionado anteriormente. No Brasil, três livros na década de 1930 são identificadores de novas questões colocadas pela História e Ciências Sociais. Nos anos 1930, Gilberto Freyre (1933) publicou *Casa Grande & Senzala*; Caio Prado Júnior (1933) publicou *Evolução política do Brasil* e Sérgio Buarque de Holanda (1936) publicou *Raízes do Brasil*. São obras fundadoras do Modernismo em História e Sociologia no Brasil, na década em que se buscava entender o país para a construção de uma nova identidade nacional. Sérgio Buarque de Holanda busca, nas Ciências Sociais, notadamente nos estudos de Max Weber e na influência dos *Annales*, suportes para a construção de um entendimento da sociedade brasileira. Em Holanda, deparamo-nos com observações e posturas que, posteriormente, receberam as denominações de História Cultural, Mentalidades, Cotidiano, etc. Gilberto Freyre, influenciado pela Antropologia norte-americana, usa novas fontes na busca de uma compreensão da sociedade brasileira. Caio Prado Júnior parte do materialismo histórico para a escrita de uma História do Brasil<sup>36</sup>.

Essas obras são identificadoras de linhas de estudos da sociedade brasileira nas décadas seguintes. A década de 1930, no Brasil (Era Vargas, 1930-1945), foi palco de modernização da sociedade conduzida pelo Estado, período marcante nas relações Medicina e sociedade. Nos Estados Unidos e Europa, o período justifica o epíteto de Hobsbawm (1995) na obra *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Destaca-se que dois grupos de intelectuais são marcantes, no período, em estudos de História. Na Inglaterra, encontramos os historiadores que ficaram conhecidos como historiadores marxistas e, ao final do século, neomarxistas. O estudo de

<sup>35</sup> REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 67.

<sup>36</sup> Dentre os estudos sobre os autores mencionados, destacamos: VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Ciências Humanas e Letras no Brasil, desde o século XIX, sofreu influência francesa. Se a historiografia do IHGB foi norteadada pelo Positivismo do francês Augusto Comte, a produzida pelas universidades será influenciada por questões e propostas dos *Annales* e dos neomarxistas ingleses. Nos próximos parágrafos, exporemos algumas das ideias norteadoras dos *Annales* e de Hobsbawm. Esta exposição objetiva o reconhecimento de ideias que influenciaram a historiografia brasileira. Enfatizaremos, contudo, os aspectos que tratam de História Social da Cultura.

Neste momento, iniciaremos a exposição de temas que são os pilares de nossa proposta metodológica para a condução de pesquisas em Ciência e Cultura na História. Vale lembrar que 1929 foi o ano da queda da Bolsa de Valores de Nova York, início da "Depressão" e visibilidade das contradições do Liberalismo. A fundação da revista dos *Annales* na França, no mesmo ano, por Marc Bloch e Lucien Febvre, é a visibilidade, o reconhecimento da inadequação de concepções sobre os estudos em História formuladas no século XIX. Os dois eventos são marcos identificadores de questões que, oriundas do século XIX, adentraram pelo XX. Nos próximos parágrafos, pontuaremos aspectos das propostas dos *Annales*<sup>37</sup>. Contudo, não nos estenderemos sobre o assunto. Destacaremos, posteriormente, os estudos de Hobsbawm.

A revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* difundiu os trabalhos de seus membros que possuem diversidade. Podemos distinguir três orientações nos *Annales*. A primeira fase tem como destaque a difusão das pesquisas de Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da publicação. Bloch (1974), em *Apologie pour l'Histoire*, propugna pela aliança com as Ciências Sociais para a escrita de uma História-problema. Nessa proposta, o historiador deve formular perguntas e questionar o passado para a escrita da História total ou global. A segunda fase é marcada pela influência de Fernand Braudel (decênio 1950/60), que, a partir de 1968, cerca-se de Jacques Le Goff, Le Roi Ladurie, Robert Mandrou e Jacques Revel. A terceira fase tem como destaque os estudos de Le Goff e Duby. São identificáveis dois eixos centrais nas propostas dos *Annales*: reivindicação de uma história experimental científica e a unidade em construção entre História e Ciências Sociais.

A História, na década de 1930, por influência dos *Annales*, deixa o foco político e volta-se para as questões do social, dialogando com as Ciências Sociais. Após a Segunda Guerra Mundial

---

<sup>37</sup> Diversos livros e textos estudam a História dos *Annales*. Destacamos: REIS, José Carlos. *Annales: a renovação da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

(1939-1945), chama a atenção dos membros dos *Annales* o livro de Lévi Strauss (1949) intitulado *Estruturas elementares do parentesco*. Os estudos em torno da obra de Strauss, caracterizados por forte historicismo, ficaram conhecidos como Estruturalismo. Braudel (1958) foi o membro dos *Annales* que mais se aproximou do Estruturalismo, como mostra o seu artigo sobre a "longa duração". Carlos Antônio Aguirre Rojas (2000) é autor do livro *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch e Michel Foucault*<sup>38</sup>. Em ensaios escritos no período de 1985 a 1994, identificam um quarto momento nos *Annales*. Discutem as reflexões teórico-historiográficas com atenção nas diversas propostas marxistas e dos historiadores dos *Annales*.

Arruda e Tengarrinha (1999), em *Historiografia luso-brasileira contemporânea*, ao estudarem a produção historiográfica brasileira e portuguesa nas quatro últimas décadas, destacam como aspectos principais, nas décadas de 1960 e 1970, as influências dos *Annales*, do marxismo e da linguística. Nos anos 1980, é visível a influência da vertente marxista da História Social Inglesa, da Escola de Frankfurt e da segunda geração dos *Annales*. No período, diversos trabalhos foram feitos sob as observações de Foucault ao tema da micro-história. Na década de 1990, diversas pesquisas caracterizam-se pela renovação de temas e enfoques sob a orientação de propostas de História das Mentalidades e da História Cultural. A orientação marxista na escrita de historiadores brasileiros se fez com a influência dos ingleses Eric Hobsbawm, E. P. Thompson, Christopher Hill e Perry Andersen. Interessa-nos os estudos de Hobsbawm, sobretudo as observações feitas sobre História Social<sup>39</sup>.

Diversas conferências proferidas por Hobsbawm foram publicadas no livro intitulado *Sobre História*. Destacamos as observações que o historiador fez no Capítulo intitulado "Da História Social à história das sociedades". O ensaio foi escrito em 1972. Hobsbawm inicia a exposição de suas ideias afirmando que, até aquele momento, três acepções seriam dominantes no entendimento de História Social. A primeira acepção de História Social seria identificada pelos estudos que trabalham com as classes inferiores e seus movimentos; a segunda é identificada pelos trabalhos sobre a diversidade de atividades humanas, e a terceira é identificada por tratar como "social" os aspectos econômicos<sup>40</sup>.

<sup>38</sup> ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch e Michel Foucault*. Trad. Jurandir Mallerba. Maringá, PR: EDUEM, 2000.

<sup>39</sup> ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

<sup>40</sup> HOBBSAWM, Eric. Da História Social à história das sociedades. In:\_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 83-105.

A História Social nas acepções identificadas se queriam opostas à leitura de Ranke. O interesse dos trabalhos estiveram centrados nas questões econômicas, notadamente entre classes e grupos sociais<sup>41</sup>. Contudo, seguindo as observações do autor, nenhuma dessas abordagens produziu um campo acadêmico em História Social até 1950. Em 1958, na Inglaterra, foi fundado o periódico *Comparative Studies in Society and History*. Hobsbawm reconhece o desenvolvimento da História Social nos últimos 20 anos. Identifica como aspectos visíveis, nos estudos com essa abordagem, a especialização crescente da História Econômica e o crescimento da Sociologia que demandou ramos históricos. Destacamos uma observação do historiador sobre a questão:

(...) Muitos historiadores (como os marxistas), que anteriormente haviam se rotulado como econômicos porque as questões em que estavam interessados simplesmente não eram incentivadas ou sequer consideradas pela história geral ortodoxa, viram-se expulsos de uma história econômica que rapidamente se estreitava e aceitaram ou acolheram de bom grado o título de "historiadores sociais", principalmente se eram deficientes em matemática<sup>42</sup>.

Continuando, no mesmo texto, assinala que, no período, revoluções e lutas de emancipação políticas dos países coloniais ou semicoloniais levaram ao alargamento do interesse pela História. Segundo Hobsbawm, a História Social não pode ser uma especialização, pois seu tema não pode ser isolado. Nas palavras do autor:

(...) Mas os aspectos sociais ou sociais da essência do homem não podem ser separados de outros aspectos do seu ser, exceto à custa da tautologia ou da extrema banalização. Não podem ser separados, mais que por um momento, dos modos pelos quais os homens obtêm seu sustento e seu ambiente material<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> HOBBSAWM, Eric. Da História Social à história das sociedades. In: \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 84.

<sup>42</sup> Ibid., p. 143.

<sup>43</sup> Ibid., p. 84.

Na segunda parte do ensaio, o autor trata das relações da História com as Ciências Sociais. Reafirma a importância de Marx para os estudos históricos:

(...) claro que Marx sabia que os modelos econômicos, para serem úteis à análise histórica, não podem ser separados das realidades sociais e institucionais que incluem certos tipos básicos de organização comunal ou familiar, para não falar das estruturas e premissas específicas a formações socioeconômicas particulares enquanto culturas. No entanto, embora não seja à toa que Marx seja um dos principais fundadores do pensamento sociológico moderno (sem reservas e por seus seguidores e críticos), fica o fato de que seu principal projeto intelectual assumiu a forma de análise econômica. Não somos obrigados a concordar nem com suas conclusões, nem com sua metodologia. Mas seríamos imprudentes em negligenciar a prática do pensador que, mais do que nenhum outro, definiu ou sugeriu o conjunto de perguntas históricas para os quais hoje são atraídos os cientistas sociais<sup>44</sup>.

A terceira parte do ensaio se inicia com a pergunta: Como devemos escrever a história da sociedade? Hobsbawm faz a proposta de apontar algumas direções. Em suas palavras: "(...) pode ser útil apresentar um pequeno e diversificado sortimento de placas de direção ou advertência para o trânsito futuro"<sup>45</sup>. São placas apontadoras de uma direção às observações do autor: a) A história da sociedade é História. Uma de suas dimensões é o tempo real. O historiador não está preocupado somente com estruturas e seus mecanismos de persistência e mudança, mas também com o que de fato aconteceu. Conclui: "A história da sociedade é, portanto, uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e modelo social e o conjunto de fenômenos que de fato aconteceram"<sup>46</sup>; b) Inicia com a afirmativa: "A história da sociedade é entre outras coisas, a história de unidades específicas de pessoas que vivem juntas, unidades que são definíveis em termos sociológicos"<sup>47</sup>. Não se trata de bichos, mas de seres humanos.

---

<sup>44</sup> HOBBSAWM, Eric. Da História Social à história das sociedades. In:\_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 89.

<sup>45</sup> Ibid., p. 91.

<sup>46</sup> Ibid., p. 92.

<sup>47</sup> Ibid.

Desse modo, o consenso entre os historiadores no estabelecimento de um modelo operacional seria:

Parte-se do ambiente material e histórico, passa-se para as forças e técnicas produtivas (entrando a demografia em algum ponto intermediário), a estrutura da economia resultante: divisão do trabalho, troca, acumulação, distribuição do excedente, assim sucessivamente e as relações daí derivadas. Essas poderiam ser seguidas pelas instituições e a imagem da sociedade que lhe são subjacentes. A forma da estrutura social é assim estabelecida, suas características específicas e detalhes, na medida em que derivam de outras fontes, podem ser então determinados, na maioria das vezes por estudo comparativo<sup>48</sup>.

As observações de Hobsbawm serão por nós seguidas na condução da pesquisa. Acrescentamos que nossas preocupações são como os sujeitos se formam, sobrevivem e se organizam em determinados contextos históricos. A História Social tem-se agrupado nos últimos 10 ou 15 anos em torno dos seguintes temas: a) demografia e parentesco; b) estudos urbanos; c) classes e grupos sociais; d) história das "mentalidades" ou "consciência coletiva" ou da "cultura" na acepção dos antropólogos; e) a transformação das sociedades (por exemplo, modernização ou industrialização); f) movimentos sociais e fenômenos de protesto social<sup>49</sup>. Alinhamo-nos com o terceiro grupo. Hobsbawm destaca, como pesquisas que tratam de classes e grupos sociais, os estudos de Emmanuel Le Roy Ladurie, *Camponeses de Languedoc*; Edward Thompson, *A formação da classe operária inglesa* e Adeliene Daumard, *Les bourgeois et la bourgeoisie en France depuis 1815*. Na opinião de Hobsbawm, a maior dificuldade em se trabalhar com grupos sociais seria:

Surge do fato de que classe não define um grupo de pessoas em isolamento, mas um sistema de relações, tanto verticais quanto horizontais. Assim, é uma relação de diferença (ou semelhança) e de distância, mas também uma relação qualitativamente diferente da função social, da exploração, da dominação do sujeito<sup>50</sup>.

<sup>48</sup> HOBSBAWM, Eric. Da História Social à história das sociedades. In: \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 93-94.

<sup>49</sup> Ibid., p. 95.

<sup>50</sup> Ibid., p. 99



As observações de Hobsbawm sintetizam os aspectos que devem ser observados nesta pesquisa em Ciência e Cultura na História. Ele expôs, no ensaio, os aspectos mais importantes que são caracterizadores dos estudos em História Social. O autor tem grande contato com pesquisadores brasileiros em diversas universidades do país e exerce influência nos estudos deles. A aproximação com a Antropologia (desde 1960), no estudo das construções das identidades sociais e das relações que engendraram, trouxe contribuições à historiografia. Essa aproximação levou a História Social a privilegiar as abordagens socioculturais. A aproximação com a Antropologia Histórica, na França, fez-se presente nos estudos da vida cotidiana. Na Inglaterra, tal aproximação ocorreu a partir dos estudos de E. P. Thompson com a "História vista de baixo"<sup>51</sup>.

No intercâmbio Antropologia – História, destaca-se a influência da Antropologia Interpretativa, proposta de Geertz: "Toda ação humana (e não apenas o hábito ou o costume) é culturalmente informada para que possa fazer sentido num determinado contexto social"<sup>52</sup>. Destaca-se, ainda, a influência de Foucault em pesquisas que se debruçam sobre aspectos culturais de práticas científicas. Ainda, no período, tem-se a identificação das propostas da micro-história, uma reivindicação dos italianos. Destacam-se os trabalhos de Ginzburg, que parte do micro para o macro, juntando os eixos estrutura e experiência.

Hebe de Castro, na identificação de estudos em História Social, no Brasil, afirma que nessa área predominou a influência dos *Annales* (1950-1960), notadamente na Universidade de São Paulo (USP). Destaca a importância da liderança de Florestan Fernandes para o grupo que ficou conhecido como Escola Sociológica Paulista nos estudos de História Social dos negros e da escravidão. Aconteceu, no país, nas décadas de 1970 e 1980, a consolidação e profissionalização do historiador, junto da crise de referenciais teóricos. Três eixos são dominantes nos estudos de História Social do Brasil: História Social da Família; História Social do Trabalho, História do Brasil Colonial e da Escravidão<sup>53</sup>.

Nossa proposta, ao nos debruçarmos sobre as Memórias de Pedro Nava, é a escrita de um texto que se insira em Ciência e Cultura na História. Cultura entendida no sentido antropológico,

---

<sup>51</sup> HOBBSAWM, Eric. Da História Social à história das sociedades. In:\_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 51.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>53</sup> CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-60.

ações vivenciadas: valores, instituições, objetos que identificam e perpassam uma sociedade<sup>54</sup>. Como já visto anteriormente, cremos que a Literatura pode ser estudada em seu contexto historicamente determinado. Buscamos, nos textos naveanos, a identificação com aspectos da Medicina em suas relações com a sociedade. Concordamos com Marilena Chauí, que parafraseia o texto de Marx, citado anteriormente neste trabalho: “A cultura se torna, portanto, a captura mais perfeita do tempo e da história, na medida em que submete o fluxo temporal das coisas à ação temporal dos homens, que fazem sua própria História ainda que não saibam e em condições que não escolheram”<sup>55</sup>.

As propostas metodológicas de Hobsbawm e de outros estudiosos em História Social fundamentam esta pesquisa; consideramos, entretanto, que outros estudos contribuem para o trabalho. Dentre a vasta produção historiográfica e suas vertentes, destacamos a História Social da Cultura. Com essa denominação, deparamo-nos com “estudos sobre artes, ciências, cotidiano, festas e tantos outros”. José D’Assunção Barros (2004) afirma: “Qualquer objeto produzido pelo homem faz parte da cultura”, em *O campo da História: especificidades e abordagens*<sup>56</sup>. As observações de Barros na obra citada e de Sandra Jatahy Pesavento (2004), na obra *História e História Cultural*, norteiam nossas observações, juntamente com as de Hobsbawm sobre o assunto que será desenvolvido nos próximos parágrafos<sup>57</sup>. Os autores identificam, na década de 1970, o surgimento de novas questões para os historiadores. Nessa década, são criticados o marxismo e os *Annales*, o que não significou rupturas com os mesmos. Nesse contexto, surgiram as propostas denominadas História Cultural ou Nova História Cultural.

Destacamos como marcos, nos estudos em História Cultural, as contribuições dos marxistas ingleses (neomarxistas), sobretudo Thompson, Hobsbawm, já mencionados como historiadores sociais, e Christopher Hill. Esse grupo enriqueceu os estudos marxistas ao repensarem o Materialismo Histórico, notadamente os conceitos de estrutura e superestrutura. Perceberam a cultura como parte integrante do modo de produção e não como seu mero reflexo. Com essa perspectiva, identificam uma interação e retroalimentação entre a cultura e as estruturas

---

<sup>54</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

<sup>55</sup> CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1982. p. 58.

<sup>56</sup> BARROS, José D’Assunção. *O campo da História: especificidades e abordagens*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 61.

<sup>57</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 10.

econômicas da sociedade<sup>58</sup>. Nossa pesquisa trabalha com duas expressões culturais – Literatura e Medicina. As bases de nossas observações sobre História, Literatura e Medicina são perpassadas por essas vertentes, somando-se as contribuições de Canclini, Fleck e Bourdieu. Segundo Alfredo Bosi: “Uma das conquistas teóricas do marxismo foi ter descoberto que é nas práticas sociais e culturais, fundamente enraizadas no tempo e no espaço que se formam as ideologias e as expressões simbólicas em geral”<sup>59</sup>.

Creemos que Bosi, nessa transcrição, sintetizou a grande contribuição dos textos marxistas. Entendemos que o desafio, para os pesquisadores em Ciências Humanas e Sociais é o de acrescentar contribuições a partir dos textos marxistas. Estudando as Memórias de Pedro Nava e buscando correlacioná-las com a sociedade, nosso interesse maior é o desvelamento autor-obra-sociedade. Novamente, recorremos a Bosi quando afirma:

As práticas, tomando-se a palavra no seu sentido mais lato, são o fermento das ideias na medida em que estas visam a racionalizar aspirações difusas nos seus produtores e veiculadores. A ideologia compõe retoricamente (isto é, em registros de persuasão) certas motivações particulares e as dá como necessidades gerais<sup>60</sup>.

O livro de Ludwick Fleck (1986), intitulado *La genesis y el desarrollo de un hecho científico: introducción a la teoria de pensamiento e del colectivo de pensamiento [A organização e o desenvolvimento do fato científico]*, auxilia-nos na compreensão da formação das Ciências, aspecto fundamental na leitura do texto naveano. Também, diversos textos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, bem como dos estudiosos de sua obra e do antropólogo Nestor Garcia Canclini sobre questões culturais, alargam nossa leitura da obra naveana. Esses autores fundamentam esta pesquisa e terão suas propostas desenvolvidas nos próximos parágrafos.

Ludwick Fleck foi médico, judeu polonês, dedicado a pesquisas de laboratório e pioneiro no reconhecimento da importância do contexto histórico no estudo das Ciências. O livro que

---

<sup>58</sup> BARROS, J. D. Op. cit., p. 62.

<sup>59</sup> BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 4., set./dez. 1988.

<sup>60</sup> Ibid.

divulgou Fleck (1979) junto ao público, no Ocidente, foi *A organização e o desenvolvimento de um fato científico*, mas o autor já havia sido reconhecido anteriormente no meio científico polonês. O texto de Fleck teve expressiva repercussão junto aos estudiosos de Epistemologia, História e Sociologia das Ciências. Fleck nasceu em 1896, em Lwow, cidade pertencente ao Império Austro-Húngaro, posteriormente inserida na Polônia pós-unificação e hoje pertencente à Ucrânia. Viveu pouco tempo na Polônia como país independente, fato ocorrido em 1918. A Polônia sofreu o domínio soviético e nazista no conflito de 1939-1945. Após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, Fleck retomou as atividades de pesquisador, publicou 87 artigos e emigrou para Israel em 1956, onde morreu, em 1961.

Fleck foi pesquisador dedicado aos estudos em laboratório. Interessado por aspectos históricos e sociológicos de sua profissão, dedicou-se ao estudo sobre o assunto. Ficou conhecido nos países ocidentais, na década de 1970, com a reedição de *A organização e desenvolvimento de um fato científico*, em alemão, e com a edição, em inglês, em 1979. Em 1986, o texto foi traduzido para o espanhol<sup>61</sup>. É conhecida a influência do texto de Fleck na obra de Thomas Kuhn (2003) intitulada *Estrutura das revoluções científicas*, texto muito lido no Ocidente. Nos próximos parágrafos, desenvolveremos observações do autor que aclaram a proposta de identificação da obra de Nava, como documento para os estudos das relações Medicina e sociedade brasileira (1890-1940).

Fleck toma, como exemplo de fato científico, as questões que envolveram a Reação de Wassermann. Trata-se de procedimento de análise do sangue sífilítico, levado a público em 1906. Fleck inicia o Prólogo com uma pergunta: “Que é um fato!?” e, ao respondê-la, expõe o propósito do livro: “Considera-se o fato o fixo, o permanente e o independente da opinião subjetiva do pesquisador, o oposto da transitoriedade das teorias. É a meta de todas as ciências. A crítica para estabelecê-los constitui o objeto da teoria do conhecimento”<sup>62</sup>. Esta é a proposta de Fleck, identificação da organização e do desenvolvimento que envolvem os fatos científicos.

A proposta de Fleck é o estudo social e histórico das atividades científicas. Sobre o método desse autor, para esta proposta, destacaremos alguns aspectos. Observa que o conhecimento pré-científico tem similaridades com o científico. Contextualiza a pesquisa científica em seu momento histórico. O autor foi contemporâneo e opositor dos intelectuais que

---

<sup>61</sup> FLECK, Ludwick. *La genesis y el desarrollo de un hecho científico*: introducción a la teoría de pensamiento e del colectivo de pensamiento. Prólogo de Lothar Shafer & Thomas Schnelle. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

<sup>62</sup> Ibid., p. 43.

ficaram conhecidos como integrantes do “Círculo de Viena”, propositores de uma nova leitura do Positivismo. As observações fleckianas vão em direção oposta às posturas dos pertencentes ao mencionado grupo que veem a ciência como autônoma e se limitam à descrição de sua formulação.

Fleck considera que o conceito científico está imbricado ao desenvolvimento histórico do pensamento. Atenta-se para o fato de que, em ciências, não há erros absolutos e tampouco verdades absolutas<sup>63</sup>. Entende as abordagens científicas como parte de um processo evolutivo: “queiramos ou não, não podemos livrarmo-nos do passado (...) não existe geração espontânea dos conceitos (...). O passado é muito mais perigoso – ou melhor dizendo, só é perigoso – quando nossos contatos com ele se mantêm inconscientes e desconhecidos”<sup>64</sup>. cremos que Demétrio Delizoicov et al. bem sintetizam o pensamento fleckiano:

(...) Valoriza o contexto histórico-psicocultural ao analisar como se processa a introdução de um cientista numa nova forma de pensar, ou, como ele denomina, num novo “estilo de pensamento”. Integra na sua análise, portanto, aspectos relativos à determinação social da investigação científica envolvidos no processo de produção do conhecimento, usando e caracterizando suas principais categorias epistemológicas em franca oposição ao positivismo lógico do Círculo de Viena<sup>65</sup>.

Ainda, destacaremos os seguintes conceitos formulados por Fleck – coletivo de pensamento, estilo de pensamento, círculos esotérico e exotérico, sobre os quais faremos breves comentários. *Coletivo de pensamento* – grupo ou comunidade de pessoas que estão em sintonia e interação de pensamento. *Estilo de pensamento* – aspectos do pensamento que lhe são próprios ou característicos.

---

<sup>63</sup> FLECK, Ludwick. *La genesis y el desarrollo de un hecho científico*: introducción a la teoría de pensamiento e del colectivo de pensamiento. Prólogo de Lothar Shafer & Thomas Schnelle. Madrid: Alianza Editorial, 1986. p. 43.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> DELIZOICOV, Demétrio et al. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. In: II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – II ENPEC, 1999, Valinhos, SP. *Anais...* Valinhos, SP, 1999.

Segundo Shafer e Schnelle, falando sobre estilo de pensamento em Fleck, no prólogo do livro em estudo:

O estilo de pensamento estrutura-se em círculos esotéricos concêntricos onde mantêm coerção mais intensa e a partir dos quais interage com os círculos que lhe são exotéricos. É no processo de desenvolvimento dos estilos de pensamento que surgem matizes nesses estilos. Os diferentes coletivos de pensamento se relacionam e se articulam entre si através dos círculos esotérico e exotérico: “A delimitação pelos especialistas de um campo de problemas dentro da generalidade científica”<sup>66</sup>.

Buscamos destacar os aspectos desenvolvidos por Fleck por acreditarmos que são relevantes para o entendimento da obra naveana. Em *Bau de ossos: memórias*, no Capítulo I, intitulado “Setentrião”, Nava reconstitui a trajetória de seu pai, o médico José Nava (1876-1911). Na reconstituição feita pelo memorialista, temos um exemplo de como se formou um médico do período. José Nava foi formado profissionalmente dentro dos princípios do Sanitarismo. Nas Memórias naveanas, temos informações de manuais adotados, posturas e discussões de professores sobre a profissão. As questões nacionais, bem como as soluções apontadas para as mesmas, desvelam os estilos de pensamento que estiveram envolvidos na formação desses profissionais. A geração de José Nava formou-se no período em que a Medicina Científica buscava conquistar sua hegemonia junto à sociedade brasileira. Estratégias adotadas, tais como contato com o Estado, criação de uma conduta, organização de associações profissionais e difusão interna (publicações especializadas) e externas (imprensa), são exemplares dos círculos esotéricos e exotéricos destacados por Fleck.

Na formação acadêmica de Pedro Nava e em sua trajetória profissional, temos exemplos dos conceitos propostos por Fleck. Na leitura das Memórias e nos escritos naveanos, estão explícitos o contexto histórico e a formação da geração modernista. Assim denominamos a geração de intelectuais, nascida nas décadas de 1890 e 1910, atuantes nos anos 1920 e construtores de espaços políticos nas décadas subsequentes. Nava, em *Chão de ferro e Beiramar*, reconstitui a trajetória dessa geração, em suas preocupações estéticas, políticas e do ensino médico. Constrói documentos sobre o ensino, a formação dos professores, manuais adotados,

---

<sup>66</sup> Op. cit., p. 33.

procedimentos didáticos, etc. Acreditamos que esses aspectos são os elementos formadores de um “estilo de pensamento”. A relação entre os círculos médicos está presente em diversos textos das Memórias.

O aspecto mais importante na obra de Fleck é o seu pioneirismo. Em 1935, questionou a neutralidade científica. Antecipou-se a análises que só foram possíveis na década de 1960. Fez a proposta de construção de uma Epistemologia social e histórica. Aspectos vistos na divulgação de sua obra epistemológica são exemplares para os estudos sobre circulação do conhecimento. Detemo-nos na exposição de aspectos biográficos de Fleck e seus conceitos pelo fato de a bibliografia sobre o mesmo ainda ser pequena e pouco difundida. Estudos posteriores, como os de Canclini, Bourdieu e outros da área de História Social da Cultura, aprofundam aspectos levantados por Fleck.

Pierre Bourdieu (2005) contribui para o alargamento das observações de Fleck; na obra intitulada *Esboço de autoanálise*, expõe sua trajetória acadêmica. Busca expô-la usando as propostas que ele desenvolveu em suas pesquisas. Justifica as posições que tomou ao longo de sua carreira, debruçando-se sobre o mundo acadêmico francês da década de 1950. Destaca sua origem humilde, o sucesso escolar como forma de inserção social e os jogos de força entre os pensadores franceses, por exemplo, Ayron, Foucault e Sartre<sup>67</sup>. A obra do filósofo francês, diferente do texto fleckniano, é extensa, com numerosos textos traduzidos para o português e tem sido norteadora na construção de textos acadêmicos de diversas áreas.

O sociólogo francês teve formação filosófica, atuou como antropólogo e teve ligações e contatos com o estruturalismo, marxismo e aproximações com Althusser, Habermas e Foucault. Rejeitou a redução objetivista do estruturalismo, o descritivismo da fenomenologia e tomou do marxismo as ideias da luta pela dominação e da “consciência de classe”, integrado no conceito de “*Habitus*”. Afasta-se das categorias marxistas ligadas à luta de classes (falsa consciência, alienação, mistificação), defende que toda dominação é igual à violência, bruta ou simbólica. Opõe-se ao Positivismo, que, no seu entender, obscurece o fato social. Considera que o fenômeno social é produto das ações sociais individuais. Este aspecto, para nós, é o de maior relevância, pois o consideramos como aprofundamento das propostas de Hobsbawm.

Bourdieu marcou o retorno do sujeito. Buscamos, na leitura dos textos naveanos, o desvelamento das relações Medicina e sociedade brasileira (1890-1940). Na trajetória de Pedro

---

<sup>67</sup> BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Nava, são perceptíveis as observações de Bourdieu, observando-se que as questões naveanas são perpassadas por visões de mundo do grupo social onde o memorialista viveu. Bourdieu tratou de variados aspectos que envolvem a vida nos diversos setores das sociedades do século XX. No texto “O campo científico”, retoma e desenvolve conceitos expostos em outros trabalhos. Destaca que o “universo ‘puro’ da mais ‘pura’ ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde essas inavariantes revestem de formas específicas”<sup>68</sup>.

Acreditamos que conceitos desenvolvidos por Bourdieu aprofundam os estudos de Hobsbawm, ao tratar da importância do contexto social, e de Fleck, ao destacar a importância dos estudos da sociedade para o entendimento da Ciência. A identificação das Memórias como documentos para o estudo da história da Medicina torna-se mais esclarecedor, quando se busca correlacionar a biografia de Nava com as observações de Bourdieu. O memorialista reconstituiu a trajetória médica de seu pai em *Baú de ossos* e também a sua nessa obra e nas outras.

Pedro Nava foi alfabetizado em Juiz de Fora, estudou no Colégio Anglo-Mineiro em Belo Horizonte, Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, e cursou Medicina em Belo Horizonte. Exerceu a atividade médica em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Monte Aprazível e Rio de Janeiro. As informações sobre suas atividades médicas são documentais sobre a Medicina do período. cremos que os escritos de Bourdieu sobre Educação e Sociologia aprofundam as questões destacadas por Hobsbawm e Fleck. Bourdieu, no mencionado livro, retoma conceitos desenvolvidos em outras pesquisas. Para nossa pesquisa, são grandes contribuições – *Habitus*, Campo, Capital, Capital Social e Capital Científico – que aclaram o entendimento de como Nava, filho de família pobre, construiu sua carreira em meio a uma elite profissional.

Nava estudou em colégios formadores da elite política e social, vivenciou humilhações por sua pobreza, mas, nesses locais, adquiriu o que Bourdieu denomina *Habitus*, domínio de códigos culturais que são incorporados ao indivíduo: fluência em língua estrangeira, hábito de leitura e interesse pela Literatura e Artes Plásticas. A internalização desses elementos culturais foram reforçados pelo contato com Salles, tio do memorialista, jornalista e escritor, marcando sua trajetória e formando sua distinção social. Na formação secundária de Pedro Nava, o mesmo travou relações de amizade com colegas ligados à elite brasileira, Afonso de Mello Franco, por

---

<sup>68</sup> BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.



exemplo. Esses contatos sempre lhe asseguraram indicações para empregos públicos, associações profissionais e contatos pessoais com o mundo político.

Lendo as Memórias, identificamos, na vida profissional de Nava, questões que Bourdieu conceitua como “campo”: “Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”<sup>69</sup>. A vida social é constituída por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas que possuem uma lógica própria. Resultam do processo de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo. A posição, em um campo, determina a forma não só como consumimos objetos, mas também como assimilamos o ensino, a política, as artes. Desse modo, os agentes precisam de um montante de “capital” para ingressarem no campo.

A trajetória naveana corrobora os diversos conceitos propostos por Bourdieu em seus numerosos textos. Bourdieu entende as relações entre as condições de vida, a consciência, as práticas e as ideologias como constituintes da matriz determinante do indivíduo<sup>70</sup>. A dinâmica social se dá no interior de um campo/um segmento social, cujos agentes/indivíduos e grupos têm disposições/específicas que o autor francês denomina “*Habitus*”, ou seja, um sistema de disposições – modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada<sup>71</sup>.

Nas Memórias, estão as informações de como Nava interiorizou as estruturas sociais. O convívio com a família paterna, os estudos no Colégio D. Pedro II no Rio, a interação com professores e colegas no Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte, formam o “*Habitus*” deste “pobre homem do Caminho Novo”. A maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo, a conformação da forma de agir, corporal e materialmente. No “*Habitus*”, Bourdieu estuda o processo pelo qual o social se interioriza nos indivíduos e consegue que as estruturas objetivas concordem com as subjetivas. Segundo Micelli: “*Habitus*” é uma “recuperação “controlada” do conceito de classe<sup>72</sup>. É produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências.

---

<sup>69</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

<sup>70</sup> THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, p. 27-56, 2006. Disponível em: <www.ebape.fgv.br>. Acesso em: 20 out. 2008.

<sup>71</sup> Op. cit., p. 5.

<sup>72</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Destacamos, ainda, o conceito de Capital (cultural, social e simbólico) em Bourdieu (1998), desenvolvido em *Escritos de Educação*. A aquisição desses capitais é complexa e não se limita ao dinheiro<sup>73</sup>. Na inserção social de Nava, família e escolaridade, deparamo-nos com os elementos que formaram seu Capital Cultural, bens simbólicos, gosto por Literatura, Artes e domínio de línguas estrangeiras. O capital social é visível na trajetória do memorialista pela valorização da educação por parte da família e pelos contatos sociais estabelecidos nessas atividades. O capital simbólico está ligado a rituais de reconhecimento social e que compreendem o prestígio e a honra. Como veremos, Nava foi “ácido crítico” das instituições, notadamente as médicas, mas inseriu-se nas mesmas, talvez por conhecê-las por dentro, e foi referendado (prêmios, homenagens) por várias delas.

Terminamos os destaques a Bourdieu recorrendo ao texto de Canclini (2008) intitulado *La sociologia de la cultura de Pierre Bourdieu*<sup>74</sup>. Concordamos com Canclini, o qual identifica três momentos em que Bourdieu prolonga o marxismo: a) Marx busca explicar o social por suas bases materiais. Ao estudar temas da Ciência e Educação, Bourdieu confere ao marxismo uma coerência mais exaustiva; b) Bourdieu aprofunda o marxismo quando estuda as modalidades concretas de determinação: a autonomia relativa, a pluralidade e a interdependência de funções; c) o sujeito em Bourdieu tem peso muito diverso do identificado por Marx, rechaça a concepção de aparato ideológico e, no conceito de “*Habitus*”, recorre à História Social e do indivíduo:

La historia de cada hombre puede ser leída como una especificación de la historia de su grupo o su clase y como la historia de la participación en las luchas del campo. El significado de los comportamientos personales surge complejamente de esa lucha, no fluye en forma directa de la condición de clase<sup>75</sup>.

Esses aspectos aprofundam nosso ponto de partida – textos de Hobsbawm e Fleck. Continuando com as observações de Canclini, agora tratando do que separa Bourdieu do marxismo: a) não há, em Bourdieu, a Utopia de outra sociedade; b) Bourdieu busca “uma explicação simultaneamente econômica e simbólica dos processos sociais”. Segundo Canclini, o

<sup>73</sup> BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>74</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *La sociologia de la cultura de Pierre Bourdieu*. Disponível em: <[www.catedras.fsoc.uba.ar/rubinich/biblioteca/web/canclini1](http://www.catedras.fsoc.uba.ar/rubinich/biblioteca/web/canclini1)>. Acesso em: 12 jun. 2008.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p.16-17.

mérito de Bourdieu é recordar Marx por seus esquecimentos. As Memórias do modernista Pedro Nava são como pontas de *icebergs* para o estudo das relações Medicina e sociedade brasileira (1890-1940). Cremos que os textos de Bourdieu, Fleck e Hobsbawm, em muito, ajudam na identificação de nossa proposta de estudo. Vale lembrar, o aspecto que julgamos relevante para esta pesquisa é a questão da Memória.

O livro de Ecléa Bosi (1983), intitulado *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, é pioneiro no Brasil nos estudos sobre envelhecimento, memórias e história oral. A autora recorreu a oito entrevistados sobre fatos sociais e políticos acontecidos em São Paulo, na década de 1920. São atores sociais de gêneros e segmentos sociais distintos, que deixam testemunhos e versões diversas sobre os mesmos. As observações da autora são norteadas pelos estudos de Henri Bérghson (1999), em *Matéria e memória*, e de Maurice Halbwacs (2006), na obra *A memória coletiva*<sup>76</sup>. Posteriormente, desenvolveremos observações sobre o segundo autor. Antes de debruçarmos sobre os textos de Halbwacs, recorreremos ao livro de Ecléa Bosi – Capítulo II, intitulado “Tempo de lembrar”. Transcreveremos, a seguir, dois longos parágrafos e, posteriormente, faremos comentários sobre os mesmos:

Heródoto conta uma pequena história da qual se pode aprender muito. Quando o rei egípcio Psamênito foi vencido e caiu prisioneiro do rei dos persas, Cambises, este resolveu humilhá-lo. Ordenou que colocassem Psamênito na rua por onde passaria o triunfo persa e fez com que o prisioneiro visse passar a filha em vestes de escrava enquanto se dirigia ao poço com um balde na mão. Enquanto todos os egípcios elevaram prantos e gritos àquela visão, só Psamênito permaneceu mudo e imóvel com os olhos no chão; e, quando viu o filho conduzido à morte no cortejo, permaneceu igualmente impassível. Mas, quando viu passar entre os prisioneiros um dos seus servos, um homem velho e empobrecido, então golpeou a cabeça com as mãos e mostrou todos os sinais da mais profunda dor. A situação fica aberta à nossa interpretação. Por que teria chorado o rei Psamênito? Penso em possíveis respostas. Psamênito chorou porque a visão do velho servo foi a gota d'água que fez transbordar seu cálice, depois de ter assistido impassível ao aprisionamento de seus entes mais caros. Psamênito chorou porque o velho servidor, testemunha de sua infância e da existência de seus pais e avós, era um elo que unia e confirmava a geração real. Seu arrastamento e prisão simbolizavam o esfacelamento da dinastia. Psamênito chorou porque a princesa poderia tramar nos bastidores a seu favor; o príncipe poderia articular uma revolta e libertar sua mãe e irmãs, mas ao velho servidor já não restavam forças, sendo, portanto, inútil e cruel sua humilhação<sup>77</sup>.

<sup>76</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda., 1983.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 44-45.

Tanscrevemos os parágrafos por considerá-los como sínteses para as questões que envolvem um estudo sobre Memórias. Subjetividades. Por que o memorialista destaca aspectos de sua trajetória? Por que oculta outros? Por que nos detemos sobre determinados trechos? Subjetividades nossas e do memorialista – em comum – formadas socialmente. Em Halbwacs, temos observações que nos auxiliam no estudo sobre a questão<sup>78</sup>. Possibilidades e não certezas, como bem assinalou Bosi sobre o pranto de Psamênito. Halbwacs publicou o livro *A memória coletiva* em 1925, e seus textos adentraram nas décadas posteriores. O autor é sempre mencionado, principalmente após a década de 1970, nas discussões e pesquisas de diversos estudiosos sobre Memória, Patrimônio Cultural, História Oral, etc. que sempre recorrem ao autor. O aspecto principal destacado por Halbwacs, no estudo sobre Memórias, é seu caráter coletivo. A história individual é formada dentro de um grupo. Interessam-nos as observações do autor sobre aspectos formadores desse assunto. As observações de Halbwacs, certamente, auxiliam no desvelamento das Memórias de Pedro Nava, pois:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais somente nós vimos. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós uma certa quantidade de pessoas que não se confundem<sup>79</sup>.

Canclini (1974), na obra *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte*, propõe um modelo de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais<sup>80</sup>. Traça etapas a serem seguidas em pesquisas que buscam correlacionar o objeto estudado com seu contexto social. Buscaremos seguir o roteiro proposto por Canclini. Nos próximos parágrafos, destacaremos as propostas do autor e o que estudaremos em cada uma delas. No modelo de pesquisa proposto por Canclini, o item 1 – “Situação do objeto pesquisado na estrutura social” – abrange os seguintes aspectos: a) análise da estrutura geral e sua localização – relações de dependência – dentro do

---

<sup>78</sup> HALBWACS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>79</sup> Op. cit., p. 30.

<sup>80</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 75-76.

sistema capitalista (modo de produção, formação socioeconômica e conjuntura; b) lugar atribuído ao objeto no conjunto da estrutura social, suas relações com as demais partes (economia, tecnologia, política, religião, etc.) e a vinculação com a estrutura de classes. Destacamos, nas Memórias de Pedro Nava, a organização capitalista, sustentada pelo ideário do Liberalismo e as questões de saúde e doenças no período. Enfatizamos as questões do capitalismo monopolista para o Brasil e a importância da Medicina neste contexto.

No item 2 proposto por Canclini – “A estrutura do campo” –, há os seguintes aspectos: a) *meios de produção* (os recursos tecnológicos e modificações ocorridas pela introdução de novos recursos; b) relações de produção (entre a Medicina, intermediários e público: relações institucionais, comerciais, publicitárias; interação dentro do país e com a medicina estrangeira. Destacamos como os avanços da Microbiologia foram marcantes no Sanitarismo, bem como as diversas estratégias dos grupos de médicos na luta pela hegemonia científica.

Finalmente, Canclini destaca dois aspectos: a) *elaboração no exercício profissional dos condicionamentos socioeconômicos*; b) *elaboração ideológica realizada por outros profissionais, difusores e público* (manifestos, entrevistas, ensaios, críticas, jornalísticas, autobiografias, inquéritos, etc.). Apontamos as ideias formadoras das duas gerações abordadas por Nava, as questões das relações dos profissionais com o Estado, com os pares e com o público. Cumpre ressaltar que as observações de Canclini permeiam nossa pesquisa, mas esta não está rigidamente apresentada na ordem proposta pelo autor. Canclini é o condutor deste estudo, e a recorrência a outros autores ocorrerá com base nos conceitos apresentados por esse autor.

### 3 MEMÓRIAS E INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS DE PEDRO NAVA

A caracterização da arte essencialmente por meio de seu peso ideológico esquece este fato histórico capital: que as ideologias de classe vêm e vão, ao passo que a verdadeira arte permanece. (...) Mas, ao mesmo tempo, não se pode esquecer de que a obra artística é um produto historicamente condicionado, e de que o universal humano que ela realiza não é o universal abstrato de que falam as estéticas idealistas após estabelecerem um abismo entre arte e ideologia, ou entre arte e sociedade, mas sim o universal humano que surge no e pelo particular<sup>81</sup>.

O texto escolhido para epígrafe do capítulo sintetiza nossa proposta de estudo. Buscamos demonstrar que a obra naveana é historicamente determinada. Contudo, por captar momentos humanos que são universais, ultrapassa e sobrevive aos mesmos. Apresentaremos informações biográficas de Pedro Nava obedecendo a uma ordem cronológica. Julgamos esse procedimento necessário para melhor entendimento das observações posteriores. As informações sobre o assunto foram recolhidas nas Memórias e nos diversos documentos de seu arquivo que se encontram no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Valorizamos as informações factuais por considerá-las necessárias à nossa proposta de trabalho, todavia não nos prenderemos às mesmas. Nos próximos capítulos, buscaremos fazer as correlações entre Medicina e sociedade brasileira, que constituem um recorte dentro das Memórias, sendo que a cronologia biográfica ajuda no entendimento de nossa proposta.

Ressaltamos que traçar uma cronologia biográfica de Pedro Nava, modernista e médico, seria impossível sem correlacioná-la com sua obra literária. Sua biografia está inserida nos diversos aspectos da modernização da sociedade brasileira (1880-1930), das propostas do movimento modernista e da organização da Medicina (1880-1930). Em longa entrevista a Jorge de Aquino Filho, no encarte Manchete Especial da Revista *Manchete*, com o título “Pedro Nava: autorretrato do artista aos 80 anos”, o memorialista também deixou suas observações sobre as questões História e Memórias.

---

<sup>81</sup> VASQUEZ, Adolfo Sanchez. *As ideias estéticas de Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 29-30.

A seguir, transcreveremos fragmento da entrevista:

Pedro Dantas disse que você colocou nas suas memórias dois séculos de história social. Você teve realmente essa intenção?

–Tive, porque descendo de uma família de classe média antiga, que conhece a sua história e suas tradições. No princípio, não tinha a ideia de publicar essas memórias. Queria tão-somente escrever minha experiência sobre a tradição familiar, para deixá-la para meus parentes e para quem quisesse entender um pouco do que eu entendia e saber um pouco do que só eu entendia e saber um pouco do que só eu estava sabendo, uma vez que os velhos da família estavam morrendo. Daí por que, para mim, não foi uma surpresa o Pedro Dantas constatar tal circunstância na minha obra. Eu comecei a escrever com esta intenção, porque minha família é muito antiga não só no norte do Brasil – já que descendo de nortista pelo lado paterno – como também no Sul – pelo lado materno<sup>82</sup>.

A *Revista de Enfermagem* da Escola Ana Nery recentemente publicou entrevista concedida, em 2003, pela Professora Anna Nava, irmã do memorialista, que ministrou aulas na instituição por um longo período. Anna Nava confere às origens familiares a mesma importância de seu irmão:

Eu sou de uma família que sofreu para libertar o país: uns eram republicanos, outros eram monarquistas. Meu trisavô era irmão de d. Bárbara, a heroína da Confederação do Equador, ele foi trucidado, o filho dele morto com revólver no coração, minha bisavó nasceu no mato. De modo que eu sou descendente de um mártir. Minha família mudou até de nome por causa do nacionalismo. Jaguaribe é nome inventado, o rio Jaguaribe era aquela corrente que ia salvar o nordeste da seca. A avó do historiador Hélio Jaguaribe era irmã do meu avô<sup>83</sup>.

Explicando a inserção da família na capital mineira, Anna Nava informa: “(...) nós não fomos pioneiros de BH, mas ainda encontramos gente chorando porque a capital tinha mudado de

---

<sup>82</sup> AQUINO FILHO, Jorge de. Pedro Nava: autorretrato do artista aos oitenta anos. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 1-7, jun. 1983.

<sup>83</sup> BARREIRA, Ieda de Alencar. Anna Nava, baluarte da Escola Ana Nery. *Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 543-550, jul./set. 2009. Disponível em: <[www.cean.ufrj.br/revista\\_enf/20093/artigo%2011.pdf](http://www.cean.ufrj.br/revista_enf/20093/artigo%2011.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2009.

Ouro Preto. Fizemos muito boas relações lá, muito boas amizades. Foi fantástica nossa vida em BH”<sup>84</sup>.

A obra literária de Pedro Nava seria: “Um destes monumentos que se erguem a cada cem anos” no dizer de Francisco de Assis Barbosa e “mais importante para a cultura brasileira do que Proust para a França”, segundo Otto Maria Carpeaux, citados por Witkowski<sup>85</sup>. As experiências pessoais do autor aparecem no primeiro volume e vão até 1937 em *O círio perfeito*: memórias 6. Escrevia os capítulos iniciais do sétimo volume de suas Memórias – *Cera das almas*, quando, aos 81 anos, suicidou-se na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, as informações biográficas contidas nas Memórias terminam quando o autor tinha 34 anos. As informações posteriores foram organizadas a partir de consulta a seu arquivo.

Pedro da Silva Nava nasceu em 1903, na cidade de Juiz de Fora, MG, Brasil. Filho do médico cearense José Nava e de Diva Jaguaribe Nava. Em 1908, a família se transferiu para o Rio de Janeiro, então capital federal, onde José Nava foi admitido no Serviço Público, como médico legista e sanitarista. Ele morreu em decorrência de doença contraída no exercício da Medicina, em 1911. A mãe ficou viúva com quatro filhos menores, e Pedro era o mais velho. Estaria grávida da quinta filha que nasceria dias depois. Então, diante desse quadro, voltou para Juiz de Fora. A família passou a residir na casa da avó materna e, com a morte desta, mudou-se para Belo Horizonte, em 1913. Nos anos de 1913-1914, Pedro Nava estudou no Colégio Anglo-Mineiro, na capital do estado de Minas Gerais. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou e concluiu o curso secundário (1916-1920) no Colégio D. Pedro II. Retornou a Belo Horizonte, local em que cursou Medicina (1921-1927) e, para custear os estudos, empregou-se no Serviço Público – Diretoria da Higiene do Estado, cargo que ocupou no período de 1921 a 1926.

Como médico, funcionário da Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (1928-1930), trabalhou em Belo Horizonte e Juiz de Fora. Atuou como médico, em Monte Aprazível, cidade do interior do Estado de São Paulo (1931-1933), mudando-se, em 1933, para o Rio de Janeiro, onde residiu até sua morte. Foi médico do Serviço Público, professor universitário e, na década de 1940, foi pioneiro na especialidade de Reumatologia. Em 1943, assinou o Manifesto dos Mineiros, o que significou a demissão dos cargos públicos para os 92 signatários. Foi aposentado

---

<sup>84</sup> BARREIRA, Ieda de Alencar. Anna Nava, baluarte da Escola Anna Nery. *Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 543-550, jul./set. 2009. Disponível em: <[www.cean.ufrj.br/revista\\_enf/20093/artigo%2011.pdf](http://www.cean.ufrj.br/revista_enf/20093/artigo%2011.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2009.

<sup>85</sup> WITKOWSKI, Ariane. Pedro Nava ou a renovação da autobiografia. *Leitura*, São Paulo, v. 18, n. 9, p. 15, set. 2000.



de suas atividades no Serviço Público pelo Art. 177 e reintegrado em 1946. Em 1949, foi Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Reumatologia. Escreveu, aproximadamente, 350 artigos sobre questões pertinentes à Medicina, apresentados em Congressos Médicos ou publicados em revistas científicas. Aposentando-se em 1968, começou a redigir suas Memórias no mesmo ano; o primeiro livro, *Baú de ossos: memórias*, foi publicado em 1972.

Quando adolescente e estudante no Colégio Pedro II, colaborou na publicação do jornal estudantil – *A Tocha* – fazendo ilustrações para o mesmo. Em 1921, ilustrou, em Belo Horizonte, *Folhas que caem*, livro de poesias de Batista Santiago. Participou do Movimento Modernista em sua vertente mineira, convivendo com intelectuais que tiveram atuação marcante na vida brasileira do século XX. Em 1922, com Carlos Drummond de Andrade e outros, fundou *A Revista*, publicação difusora das propostas da década que foi palco do nascimento de correntes de pensamento e propostas norteadoras do Brasil no século XX.

Ilustrou, em 1926, o livro de Austen Amaro intitulado *Juiz de Fora*, e, em 1928, ilustrou, a cores, o exemplar da primeira edição de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, com quem manteve, por longos anos, correspondência e laços de amizade. Em 1937, ilustrou *Roteiro lírico de Ouro Preto*, autoria de Afonso Arinos de Melo Franco. Em 1938, publicou o poema “O defunto”, que, em 1946, apareceu na *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, organizada por Manoel Bandeira. Ainda, atuando como médico, publicou, em 1947, *Território de Epidauro* e, em 1949, *Capítulos da história da Medicina no Brasil*.

Entre os anos de 1972 e 1984, foi reconhecido pela crítica e pelo meio intelectual, como comprovam os prêmios recebidos: em 1973 – *Personalidade Global* e *Prêmio Luísa Cláudio de Sousa*; 1974 – *Prêmio Jabuti* – Câmara Brasileira do Livro e *Prêmio Fernando Chinaglia* – *Prêmio de Literatura da Associação Paulista dos Críticos de Arte*; 1975 – *Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal – Brasília* e *Personalidade Global Literária* (TV Globo e Jornal *O Globo*); 1983 – *Diploma de Homenagem Especial*, conferido pela *União Brasileira de Escritores*. Vale lembrar que, em 1985, esse prêmio passou a ser denominado Pedro Nava e, em 1984, *Prêmio José Olympio* – Sindicato Nacional de Editores de Livros. Apresentaremos os temas abordados em cada livro de memórias, buscando demonstrar os aspectos enciclopédicos das Memórias naveanas.

*Baú de ossos: memórias* (1972) reconstitui as raízes familiares; trajeto da família materna, que se desloca das regiões auríferas de Minas Gerais para Juiz de Fora, cidade em processo de

industrialização; trajetória e deslocamentos da família paterna pelo Maranhão, Ceará e Rio de Janeiro; reconstituição biográfica do pai, José Nava (1876-1911), nascido no Ceará, estudante por um ano na Bahia, onde iniciou os cursos de Farmácia e Medicina concluídos, respectivamente, em 1898 e 1901, no Rio de Janeiro; exercício da Medicina, e atuação do médico José Nava em Juiz de Fora (1903-1908), mudança da família para o Rio e admissão, como médico, no Serviço Público; falecimento e retorno da viúva com quatro filhos e grávida da quinta para Juiz de Fora, em 1911. O primeiro parágrafo de *Baú de ossos*: memórias, livro lançado em 1972, transcrito no início de nossa pesquisa, será aqui repetido, pois fornece indícios biográficos da trajetória naveana:

EU SOU um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava a minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos<sup>86</sup>.

A Avenida Rio Branco, em Juiz de Fora, aponta para as direções das antigas cidades mineradoras e do Rio de Janeiro. A vida de Nava e a história de Juiz de Fora hesitam nessas duas direções. Cidade mais próxima do Rio de Janeiro do que de Ouro Preto (antiga capital) e Belo Horizonte. Centro urbano formado às margens do Caminho Novo, aberto no século XVIII, ligando Borda do Campo ao Rio de Janeiro. Cidade onde os excedentes do café foram investidos na industrialização (1870-1930) de bens de consumo. Organizou-se Juiz de Fora, especialmente e institucionalmente, com a industrialização. O Ecletismo de seus palacetes, a arquitetura de suas fábricas e vilas operárias fizeram com que a cidade recebesse o epíteto de “Manchester Mineira”. Cidade que se quis oposta aos centros urbanos coloniais<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 13.

<sup>87</sup> Diversos estudos acadêmicos tratam desses aspectos. Destacamos os seguintes autores: ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela. *Classe operária em Juiz de Fora*: uma história de lutas (1912-1914). Juiz de Fora: EDUFJF, 1984. CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “*Europa dos pobres*”: a *belle époque* mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

A história de Juiz de Fora é uma síntese das questões que envolveram a sociedade brasileira no período. Os palacetes ecléticos e hábitos urbanos evocavam as conquistas da *Belle Époque*, e os conflitos sociais eram o avesso desse período. Pedro Nava, aos 10 anos, em Juiz de Fora, testemunhou fato exemplar das questões que perpassaram pela sociedade brasileira no período – greve operária. A história de Juiz de Fora é uma amostragem do que estava ocorrendo nacionalmente. Nava, nas observações sobre o procedimento de seus parentes diante do acontecimento, deixou um testemunho sobre as contradições da Manchester Mineira:

Foi dali e do lado do Largo do Riachuelo que vi, um dia, bando escuro vir desfilar desajeitadamente na Rua Direita, com estandartes, cantos e bandeiras (tão lento que parecia uma procissão!) e ser dispersado a espalheiradas diante da casa de minha avó, que aplaudia da janela a destreza dos policiais. Ouvi pela primeira vez a palavra greve – dita por uma de minhas tias, tão baixo e com um ar de tal escândalo, que pensei que fosse uma indecência igual às que tinha aprendido no Machado Sobrinho, e corei até as orelhas<sup>88</sup>.

As vidas de *Baú de ossos* são de atores sociais que, em Fortaleza (família paterna), no Rio (família paterna) e em Juiz de Fora (família materna, os pais e o autor), viveram as questões socioeconômicas de seu tempo. *Baú de ossos*, *Balão cativo* e parte de *Chão de ferro* estão inseridos no período conhecido como *Belle Époque*, expressão identificadora do período que vai das últimas décadas do século XIX ao início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Nessa época, o Brasil se inseriu no mundo capitalista monopolista, e as questões envolvidas com esse momento estão presentes na obra de Nava. Nos próximos parágrafos, apresentaremos informações sobre os temas abordados nos seis livros de Memórias de Pedro Nava.

*Baú de ossos*: memórias foi lançado em 1972. Capítulo I – “Setentrião” – reconstitui a trajetória da família paterna no Ceará, estabelecida em Fortaleza e participante da vida intelectual da cidade; o Capítulo II – “Caminho Novo” – trata da trajetória da família materna oriunda de Santa Bárbara, região mineradora, e seu deslocamento para Juiz de Fora, cidade que, no período, tem sua população adensada com oriundos de centros mineiros e imigrantes. No Capítulo III – “Paraibuna” – há uma reconstituição da vida estudantil de José Nava em Salvador e no Rio de Janeiro, exercício profissional em Juiz de Fora, o cotidiano da cidade, organização da Sociedade

---

<sup>88</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 15.

de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) e participação de José Nava na mesma, testemunhos do memorialista sobre práticas de cura, etc. Pedro Nava afirma: “Foi quando mudamos para cá. (...) meu Pai resolveu afinal vir para o Rio com mulher grávida e três filhos. Para a Rua Aristides Lobo, nº. 106. Vinha fazer concurso para legista e sanitarista”<sup>89</sup>. O Capítulo IV – “Rio Comprido” – retrata o convívio com parentes paternos na capital federal, as atividades médicas do pai, a morte deste e o retorno da família para Juiz de Fora, em 1911.

*Balão cativo*: memórias 2 foi lançado em 1973. Capítulo I – “Morro do Imperador” – denominação dada ao ponto mais alto da cidade de Juiz de Fora. Nava trata da permanência na cidade, no período de 1911 a 1913, na casa da avó materna; experiência escolar; resquícios escravocratas nas relações domésticas; hábitos urbanos e conflitos sociais, doença e morte da avó: “Nossa mudança para Belo Horizonte ficou marcada para o dia 25 de dezembro de 1913. Natal. Uma família acabava na Rua Direita. Uma família recomeçava em Belo Horizonte. Natal”<sup>90</sup>. Capítulo II – “Serra do Curral” – trata do estabelecimento da família em Belo Horizonte: “Com dez anos subi o nosso Caminho Novo, mudado para Belo Horizonte”<sup>91</sup>. A capital de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XX – urbanismo, povoamento, hábitos, etc.; término do ensino primário no Colégio Anglo-Mineiro: “DESTINADO a abrir-se em princípios de março de 1914, o Ginásio Anglo-Mineiro, com sua piscina, seus recreios e pavilhões luxuosos, devia vir se construindo desde 1912”<sup>92</sup>. As primeiras amizades; dificuldades e preconceitos enfrentados no colégio por causa da pobreza de sua família; Capítulo III – “Engenho Velho”: “A DATA BISSEXTA está num caderno do meu tio Antônio Salles: ‘29 de fevereiro de 1916 – Pedro veio para nossa companhia’”<sup>93</sup>. Ida para o Rio, em 1916, a fim de estudar no Colégio D. Pedro II –; contato com o meio intelectual da capital federal; o cinema; livrarias; contato com a literatura portuguesa e brasileira do período; costumes alimentares e ingresso no internato do Colégio D. Pedro II.

*Chão de ferro*: memórias 3 foi publicado em 1976<sup>94</sup>. O Capítulo I – “Campo de São Cristóvão” – trata da rotina do internato D. Pedro II no período de 1916-1920, convívio com os colegas e facetas do ensino.

<sup>89</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 296-297.

<sup>90</sup> \_\_\_\_\_. *Balão cativo*: memórias 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 81.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 85.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 183.

<sup>94</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Nava apresenta os seguintes relatos sobre o assunto:

ESSA DECLARAÇÃO de amor à França pode ser subscrita por toda a minha geração, salvo, está claro, poucas e aberrantes exceções. Em mim, esse estado de espírito, melhor, esse modo de ser, derivam de Antônio Sales, de Floriano de Brito. Mais tarde seria completado pelas companhias e pela influência literária de Aníbal Machado, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade. Além deles, trabalhou no mesmo sentido o espírito da época em que me integrei nas humanidades: em tudo se sentia a presença da França. Não foi só pela gramática de Jean-François Halbout e pelos outros livros adotados pelo Floriano de Brito que eu e meus colegas vivíamos naquele país admirável. Mesmo nas outras disciplinas estudávamos textos franceses, em livros franceses. Nas matemáticas figurava outro Jean François, o Callet, com suas *Tables de Logarithmes (On y trouve, avec sept décimales, les logarithmes des nombres jusqu'à 108.000)*. Que grande chato! Quel emmerdeur! Dava-se o mesmo com a Geografia, a Física, a Química – com as páginas de Crosselin-Delamarche, Ganot e Manouvrier, Troust e Péchard, Remy Perrier, Pizon e Aubert. A maioria dos meninos do meu tempo, se não dominava a língua, pelo menos a arranhava o bastante para entender esses tratadistas<sup>95</sup>.

No Capítulo II, intitulado “Rua Major Ávila”, encontram-se observações sobre o período em que os parentes paternos, no Rio, residiram em rua com esse nome; férias escolares e leituras na Biblioteca Municipal de Belo Horizonte; observações sobre a cidade, novos conhecimentos e reencontros:

(...) Nessa minha frequência à Biblioteca é que prestei atenção num moço um pouco mais velho do que eu, que lá passava o dia estudando. Aquilo me humilhava, de ficar a tarde naquela literatura de segunda ordem enquanto ele lia, estudava, tomava notas e escrevia o tempo todo. Era um jovem moreno, traços finos, ar muito abstrato. Conhecê-lo-ia mais tarde. Também o Brasil conhecê-lo-ia mais tarde. Era Pedro Aleixo<sup>96</sup>.

(...) Outra recordação dessas férias – essa amável – a do primeiro carnaval que brinquei em Belo Horizonte. Claro que com a roda de amigos que mencionei e a que só me referia chamando seus componentes: os meus *distintos*. Lembro como se o estivesse vendo o grupo dos apaches e gigoletes<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 25.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 109-110.

Retornando ao Pedro II e ao contato com a família paterna, nos finais de semana, apresentamos observações sobre formas de convívio social do memorialista:

Disse que as reuniões familiares promovidas por tia Candoca eram, além de musicais, literárias. Porque, como era moda então, o recitativo era coisa obrigatória. Dele se encarregava Alpha Rabelo Albano, esposa de Ildefonso Abreu Albano, primo-irmão do Joaquim Antônio. O casal aparecia sempre e geralmente acompanhado por Mercedes, ou Maria Júlia, ou Carminha – uma das irmãs solteiras do Ildefonso. Este era moço e tinha nessa época exatamente trinta e dois anos. Era alto, elegante, moreno, cabelos e bigodes muito pretos, olhar sereno e firme. Parecia um belo árabe. Conversava admiravelmente, ria pouco e jamais perdia sua linha cerimoniosa de homem perfeitamente bem educado. Tinha sido Prefeito de Fortaleza e o futuro reservava-lhe ocupar novamente esse cargo, representar seu Estado na Câmara Federal e, como seu vice-presidente, terminar o mandato de Justiniano de Serpa. Publicista e escritor, sua obra de mais voga seria *Jeca Tatu* e *Mané Chique-Chique* – ensaio polêmico e otimista respondendo ao pessimismo de Lobato nos *Urupês*. Sua esposa Alpha, filha do coronel-Presidente Marcos Franco Rabelo, era clara, alourada, olhos enormes, vivos, muito escuros, dentes muito brancos – fisionomia agradável e expressiva. Era comunicativa, inteligente, dotada de magnífica voz e de grande talento cênico. Isto fazia-a *dizer* (era a expressão da época) notavelmente os versos e trechos de prosa que recitava. Lembro da minha emoção de quatorze anos ouvindo-a na dramaticidade de *O Cura Santa Cruz* – o conto de Daudet posto em poema vernáculo por Gonçalves Crespo. Conhecem a história? Era coisa espanhola e bárbara, revelando as façanhas de

*O implacável carlista, o Cura Santa Cruz,  
Que em nome do seu rei, e em nome de Jesus,  
Da Navarra febril leva do sul ao norte  
O ódio, a perseguição, o incêndio, o estrago, a morte.*

Um dia cai nas mãos do fanático um jovem republicano. Impõe-se-lhe o fuzilamento ou o viva ao rei. O moço escolhe a morte mas quer se confessar e quer a absolvição. Decerto. E o cura senta-se para ouvi-lo. Perdoa seus pecados.

*E em meio da febril convulsão da batalha,  
Enquanto rompe e rasga os ares a metralha,  
Viu-se o Cura depois de abençoar, ligeiro,  
A fronte juvenil do heroico prisioneiro,  
Pegar de uma clavina, e dando um passo, ao lado,  
Varar tranquilamente o crânio do soldado.*

Era sinistro. Palmas das mãos suando frio, eu armazenava os versos, juntava-os aos de Guerra Junqueiro ouvidos ao Chagas, no Anglo e começava a socar tudo junto nos alicerces de meu anticlericalismo<sup>98</sup>.

<sup>98</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias* 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 124-125.

Ainda no Capítulo II, encontra-se o testemunho de Pedro Nava sobre a gripe Espanhola, transcrevendo um de seus aspectos:

(...) Dizia-se de famílias inteiras desamparadas – uns com febre outros com fome; da criança varada, sugando o seio da mãe morta e podre; dos jacás de galinha reservados para os privilegiados, para a gente da alta e do Governo, passando sob a guarda de praças embaladas aos olhos de uma população que aguava. Seria verdade? Era. Posso testemunhar contando o que passei, o que passamos, na casa em que estava – pura e simplesmente fome. Conheci essa companheira pardacenta. Lembro que depois de um dia de pirão de farinha, de outro engabelado com restos de cerveja, vinhos, licores e azeite – do alvorecer do terceiro, sem café da manhã nem nada e da saída de um Nestico recém-curado, pálido e barba grande, de um Ennes de Souza cara fechada, chapelão desabado, sem gravata. Ambos dispostos a tudo. Sobraçavam cestas de vime, iam armados de bengalório e ao fim de uma campanha de horas, voltaram. O Ernesto trazia um saco de biscoitos Maria, um pedaço de toucinho e uma latinha de caviar; seu tio, uma dezena de latas de leite condensado. Durante três dias essa foi a alimentação de sãos e doentes – severamente racionada pela *tia* Eugênia, como num naufrágio e como se a casa de Major Ávila fosse a jangada dos escapados do *Méduse*<sup>99</sup>.

O memorialista contraiu a gripe e, quando se sentiu melhor, tomou conhecimento que sua prima Nair, na mesma casa, estava agonizando:

(...) Era a Nair que caíra e estava piorando sempre. Mais um dia, o Paulo levantou-se. Mais dois e subi me arrastando. Estava bom: só que muito fraco, tão fraco que no primeiro dia tive uma espécie de desmaio. Fui para a janela da frente, sentei, em uma hora vi descerem três enterros malacompanhados por Barão de Mesquita e entrei para fugir da visita triste da rua vazia, só animada de vez em quando pela passagem dum funeral. Vim devagar pelo corredor, a porta da Nair estava aberta, parei, olhei e fiquei aterrado. Não era a moça radiosa que eu conhecia. Aquela pessoa discreta que não gargalhava e que apenas sorria; que não alteava a voz, que cochichava, tão baixo falava como um canto *bocca chiusa*; a pele de camélia, os lábios de pétala vermelha, os cabelos prodigiosos – tudo mudara e era como se eu a visse outra, como se outro ente, outra coisa, uma espécie de demônio estivesse entaipado dentro dela. Envultada pelo sínoco, tomada da *influência*, seus cabelos tinham perdido o brilho e o suor colava-os às têmperas escavadas; os olhos brilhavam, mas como brasa, da vermelhidão do

---

<sup>99</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 202.

que fora o seu branco e estavam estranhamente desviados, como num estrabismo; tinha as pálperas inchadas, as narinas inchadas, as maçãs do rosto carmesins e contrastando com a palidez da testa, do contorno da boca e dos lábios gretados e de cor azulada<sup>100</sup>.

No Capítulo III, intitulado “Avenida Pedro Ivo”, o memorialista deixa a casa dos parentes da Rua Major Ávila e muda-se para a casa dos parentes. À noite, dorme em casa de pessoa aparentada fazendo companhia: “A pobre senhora, só com as filhas menores, não dormindo, todas amontoadas numa cama e tiritando de medo até que chegasse o dia”<sup>101</sup>. Este arranjo foi após as mortes e os acontecimentos relacionados com a gripe Espanhola. Os efeitos sobre o memorialista estão na primeira página do capítulo:

(...) Foi nessa estada em casa da Clara que comecei as faltas de sono e insônias de que já dei alguma notícia contando minhas noites no internato. Isso se iniciou mesmo, para valer, depois da morte da Nair – devido à morte da Nair. Eu sentia dela uma falta obscura, como se tivesse sido amputado dum pé, dum pé, dum braço, falta tanto mais pungente quanto seria despropositado chorar como os outros choravam já que ela não era minha filha, nem sobrinha, nem irmã, nem prima, nem noiva bem-amada. Mas por não ser nada disso não poderia ser outra coisa? Um pouco mais?<sup>102</sup>

A insônia, que acompanhou o memorialista por toda a vida, aprofundou o seu gosto pela leitura. Ainda nas noites que passava insone, na casa de Clara, Nava deixou observações sobre livros e leitura:

Sem sono, no claro, procurava o que fazer ler. Foi assim que ergui devagar a tampa da escrivaninha e descobri aqueles volumes grandes e encadernados de escuro. Pardo? Cor de vinho? Abri um corri as capas de todos. Tinham a designação genérica de *O Romance de Fon-Fon*. Eram dum sujeito chamado Miguel Zévaco. Tinham capas berrantes e títulos sugestivos. *Os Pardaillan, Uma Epopeia de Amor, Fausta, Fausta Vencida, O Capitán, Triboulet, O Pátio dos Milagres, Buridan, A Ponte dos Suspiros. Os Amantes de Veneza*. Decidi-

<sup>100</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias* 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 207-208.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p. 211.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 211-212.



me por este, pensando que havia de ser uma história de sacanagem, figurações em cima de gôndolas com banhos surubáticos nos canais. Não era e vi que aquele era a continuação de *A Ponte dos Suspiros*. Fui a ela, interessei-me profundamente e fiquei devendo a essa orgia de capa e espada a nota 10 que me daria mais tarde o Delpech no exame de História Universal. (...) Nunca sob tio Sales eu me teria dado a essa qualidade de literatura. Mas faz mal não. Ela foi tão útil. Me ensinou muita história. A mim e a tantos outros. Não é que ela aparece? numa reminiscência de Vinícius e num poema de Carlos Drummond de Andrade? Está justificada... Assim enchi minhas noites em casa da Clara<sup>103</sup>.

O hábito de leitura de Nava foi sendo forjado desde a infância. Juliana Ferreira de Melo<sup>104</sup>, no texto “A construção de si como herdeiro: Pedro Nava e os episódios de *Bau de ossos*”, aborda alguns aspectos dessa questão. A autora destaca o papel da família paterna na formação intelectual de Nava, o que é perceptível nas obras do memorialista. Estes parentes são diferentes dos ancestrais de Juiz de Fora que, na Manchester Mineira, mantinham hábitos escravocratas. Segundo a autora:

É interessante notar, assim, os modos pelos quais os parentes paternos incentivavam Pedro Nava, quando menino, a ir ganhando gosto pelo mundo da escrita. Eles o presenteavam com livros, revistas e cadernos para desenhar: permitiam que ele circulasse nos espaços da casa destinados às atividades de leitura e escrita, e também, muitas vezes, destinados aos encontros de familiares e amigos para conversar; deixavam que ele, efetivamente, utilizasse esses espaços e manipulasse os objetos que lá se encontravam. Além disso, sua mãe e os familiares paternos apresentavam uma atitude muito positiva em relação a ele, destacando-se os momentos em que o menino estava às voltas com o mundo da cultura escrita: “Eu sentado à escrivaninha de tio Salles, desenhando e enchendo de admiração meus pais e a roda deslumbrada das tias e tios. Esse menino é um gênio”. Desse modo, observam-se os modos e as condições que possibilitaram a Pedro Nava transformar-se em um herdeiro; mais do que isso, na perspectiva da Análise do Discurso, é possível verificar as estratégias utilizadas pelo memorialista para se (re) construir, por meio da escrita, como um herdeiro<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias* 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 213.

<sup>104</sup> MELO, Juliana Ferreira. *A construção de si como herdeiro: Pedro Nava e os episódios de Bau de ossos*. Disponível em: <[www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss08\\_06.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss08_06.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2009.

<sup>105</sup> Ibid.

Ao longo dos textos memorialísticos, encontramos informações sobre a formação intelectual do autor. Melo percebe Nava como um herdeiro: “Assim é possível identificar o que Pedro Nava escolheu herdar, tendo em vista o que revela sua escrita, bem como sua trajetória, documentada em estudos sobre o escritor, em pistas que se encontram fora de sua obra”<sup>106</sup>. *Chão de ferro*: memórias 3 finda com o retorno de Nava a Belo Horizonte, onde ingressa no curso de Medicina e no emprego público para manter os estudos.

*Beira-mar*: memórias 4 (1978) – Pedro Nava dividiu o livro em quatro capítulos: Capítulo I – “Bar do Ponto”; Capítulo II – “Rua da Bahia”; Capítulo III – “Avenida Mantiqueira” e Capítulo IV – “Rua Niquelina”. Trata-se de um testemunho sobre o Modernismo em Belo Horizonte e a vida estudantil. Numerosos estudos acadêmicos têm sido dedicados ao Modernismo em sua vertente mineira. Destacamos o estudo de Fernando Dias (1971) na obra *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica* e em textos de Júlio de Souza Valle Neto: “O nacional e o universal n’A Revista modernista mineira” (2009); “O modernismo e as memórias de Pedro Nava” (2008); “Identidade pessoal e coletiva em Pedro Nava” (2008) e *O universo particular de Pedro Nava*. Dias faz uma leitura sociológica da produção literária do grupo mineiro em revistas, periódicos, livros e sua repercussão na sociedade mineira. É pioneiro nos estudos das relações da produção modernista e sociedade do período. Valle Neto, doutor em Teoria Literária, tem-se dedicado especificamente à obra de Nava.

Nossas observações sobre as relações Modernismo em Minas e sociedade muito devem aos estudos de Dias. Contudo os textos de Valle Neto, em muito, alargam o entendimento sobre a questão. A obra de Nava é um texto de um modernista escrito na pós-modernidade. Escrita de um septuagenário sobre sua juventude. Geração pertencente a um movimento político e literário que propunha a ruptura com o passado. Entretanto, na proposta de construção de uma nova nacionalidade brasileira, essa geração resgatou a arte colonial mineira<sup>107</sup>. Nava esteve entre os intelectuais defensores do colonial mineiro como a raiz da cultura brasileira.

<sup>106</sup> MELO, Juliana Ferreira. *A construção de si como herdeiro: Pedro Nava e os episódios de Baú de ossos*. Disponível em: <[www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss08\\_06.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss08_06.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2009.

<sup>107</sup> CHUVA, Márcia. *Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*. *TOPOI – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Geral da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 313-331, jul./dez. 2003.

Consideramos relevante a seguinte observação de Valle Neto sobre o assunto:

Como fica claro, a maior parte dos argumentos destinados a repensar o grau de afinidade entre Nava e o modernismo original reside precisamente nesse pressuposto: o movimento é hostil ao passado. De todo modo, é bom lembrar que mesmo esse pressuposto tão difundido, quase banalizado, comporta ressalvas. Sobre a caravana modernista dos paulistas a Minas histórica – recepcionada por Nava, como lemos em *Beira-Mar* –, Brito Broca já tentava desfazer a contradição verificada nessa viagem dos estetas do futuro pelo barroco mineiro. Para ele, “o divórcio em que a maior parte dos nossos escritores sempre viveu da realidade brasileira fazia com que a paisagem de Minas barroca surgisse aos olhos dos modernistas como qualquer coisa de novo e original, dentro, portanto, do quadro de novidade e originalidade que eles procuravam” (Broca apud Santiago, 2002:121). Além disso, a volta às origens da nacionalidade integraria o universo modernista<sup>108</sup>.

Temos, no testemunho de Nava, o interesse dos modernistas pelas vanguardas europeias. O autor faz uma minuciosa reconstituição das obras lidas em Belo Horizonte, no período. A participação no movimento artístico, o curso de Medicina e o emprego público são correlatos. Em momento posterior, destacaremos as observações de Nava sobre o ensino.

*Galo das trevas*: memórias 5 (1981) – foi dividido em duas partes: Primeira Parte “Negro”, Capítulo Único: “Jardim da Glória à beira-mar plantado”, e Segunda Parte “O Branco e o Marrom”, Capítulo I: “Santo Antônio do Desterro” e Capítulo II: “Belorizonte Belo” – há comentários e evocações em sua residência no Rio: morte do sobrinho José Hipólito; codinomes Zegão e Egon; considerações sobre a história da Medicina; reflexões sobre a profissão médica; confronto com o Professor Werneck; amizade com a família Andrada; trabalho para eliminação da epidemia de tifo em Sabará, Brumadinho e Santo Antônio do Monte; trabalho em Juiz de Fora (codinome de Santo Antônio do Desterro); indisposição na cidade com o grupo de médicos da Santa Casa; episódios que envolvem os contatos desastrosos com a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e alguns parentes da cidade; retorno a Belo Horizonte; início da clínica particular; reencontro com a prostituta Biluca e fatos que assinalam a proximidade da Revolução de 1930. Resumimos, anteriormente, os temas tratados nesse volume. Inicia-se com numerosas e

---

<sup>108</sup> VALLE NETO, Júlio Souza. *O Modernismo e as Memórias de Pedro Nava*. Disponível em: <[www.iel.unicamp.br/revista/index.php/set/article/view/298/260](http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/set/article/view/298/260)>. Acesso em: 20 fev. 2008.

amargas páginas sobre a solidão e a velhice. Nava relata os primeiros anos como profissional em Juiz de Fora e Belo Horizonte. Os temas relacionados com a vida profissional serão destacados em momento posterior desta pesquisa.

*O círio perfeito*: memórias 6 (1983) é apresentado com o subtítulo “O Branco e o Marron” e subdividido em: I – “Belorizonte Belo”, II – “Oeste Paulista e Campo de Santana”. Nava escreveu sobre sua atuação como médico nos acontecimentos relacionados com a Revolução de 1930 em Belo Horizonte; impressões sobre Antônio Carlos Andrada; trabalho na Santa Casa; episódios que envolvem o confronto do Reitor da Universidade de Minas Gerais com estudantes; romance com Lenora; suicídio de Lenora; ida para Monte Aprazível no oeste paulista; transferência para o Rio de Janeiro em 1933; reencontro com amigos de Juiz de Fora e Belo Horizonte; Ismael Neri e Murilo Mendes; entrada para o Serviço Público do Rio de Janeiro na Reforma Pedro Ernesto; introdução das sulfamidas; atividades médicas na enfermaria Genival Londres; amizade com Afonso Arinos de Mello Franco; Academia Nacional de Medicina; itinerários do Rio de Janeiro; comentários da Reforma Pedro Ernesto; início da influência da Medicina norte-americana, por exemplo, a hidratação; perfis médicos e reencontro com o amigo que recebe o codinome de Comendador. Os temas relacionados com a prática médica serão destacados em momentos posteriores deste texto.

Temos afirmado que as Memórias de Nava são documentos para o estudo da História da Medicina no Brasil. Ao reconstituir a vida acadêmica e profissional de seu pai, igualmente, médico, José Nava (1876-1911), em *Bau de ossos*, bem como sua trajetória como acadêmico e médico em *Chão de ferro*, *Beira-mar*, *Galo das trevas* e *O círio perfeito*, Pedro Nava contribui para os estudos da história da Medicina Ocidental e seus aspectos visíveis na sociedade brasileira. Em *Chão de ferro* e *Beira-mar*, escreveu textos documentais sobre o ensino médico do período, costumes e inquietações intelectuais de sua geração. Nava reconstituiu e testemunhou os diversos aspectos que envolveram a Medicina no período de 1890-1940. Em *Balão cativo*. Memórias 2, relata que, aos dez anos, testemunhou o episódio relacionado com doença que levaria sua avó à morte: “Assombrou-me o desvio do rosto e a expressão distante do olhar – pasmo, vidrado, fixo nos aléns. Surpreendi, depois, muitas vezes, essa expressão terrível que resulta do golpe de clava da congestão cerebral”<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> Op. cit., p. 74.

Nava descreve o tratamento feito por sangrias com sanguessugas. Mostra, ainda, como sua postura diante da profissão foi modificada em fato ocorrido na década de 1950:

(...) Prefiro então referir-me a um caso que me marcou a vida profissional e deu-me o que me faltava no momento da formatura: otimismo e crença nas nossas possibilidades de salvar o próximo. Mas efetivamente SALVAR empregando recursos sem os quais, e sem a nossa presença, a morte. (...) Esse sentimento me governou até que pude ver, produzido por minhas mãos, um milagre terapêutico. Foi quando chefei o Serviço Almeida Magalhães do nosso velho Hospital do Pronto Socorro. Uma manhã encontrei num dos leitos um rapaz de cerca de 20 anos. Estado semicomatoso. Rigidez de nuca. Sinal de Kerning. Feita a punção, vem o resultado do laboratório: meningite pneumocócica. Transmiti a meus assistentes a sentença. Sentença de morte. Mas resolvi fazer – acreditando fazer por fazer – penicilina a LA DESESPERADA: pelo músculo, pela raque em dose máxima. Ao fim de três dias tinha nas mãos um homem consciente, sem febre, sentando-se na cama e salvo da morte. Salvo por mim. Mas eu também estava daí por diante salvo, salvo pelo meu doente, salvo do pessimismo. Passei a acreditar que me era possível, a nós médicos, viver na esperança de ser útil e livre do cepticismo<sup>110</sup>.

Nava foi um “modernista”, como outros intelectuais de sua geração. Na década de 1920, questionou o sentido de “ser moderno, construir uma nação e a inserção do Brasil no mundo”. Essas questões tiveram várias respostas que se conciliaram ou se hostilizaram no governo de Getúlio Vargas (1930-1945). As propostas modernistas de crença na Ciência e consciência de uma missão salvadora e educadora são visíveis na Medicina do período e perpassaram pelas observações de Nava em *Galo das trevas* e *O círio perfeito*. A biografia do médico Pedro Nava é um texto em que podemos identificar as questões que estiveram presentes na sociedade brasileira de fins do século XIX aos anos 1980 do século XX.

Nos diversos textos de Bourdieu e Canclini, existem destaques sobre a circulação da obra de arte ou literária em sua referendação pela sociedade. Temos mencionado os prêmios recebidos por Nava e alguns comentários da crítica especializada. Carlos Drummond de Andrade prefaciou o primeiro livro de Pedro Nava – *Baú de ossos*: memórias.

---

<sup>110</sup> MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PNDV) – Recorte de *o Pulso* – junho de 1962. “Conte a melhor história de sua carreira”.

Destacamos, a seguir, algumas observações do poeta que intitulou a apresentação de “Baú de surpresas”:

*PEDRO NAVA surpreende, assusta, diverte, comove, embala, inebria, fascina o leitor, com suas memórias da infância, a que deu o título de Baú de Ossos. Seus guardados nada têm de fúnebre. Do baú salta a multidão antiga de vivos, pois este médico tem o dom estético de, pela escrita, ressuscitar os mortos.*

*E não só eles, mas também o espaço e o tempo em que suas vidas se situaram são restituídos por um criador poderoso, que se vale da memória como serve da arte. Pessoas, lugares, dias, fatos e objetos começam a delinear-se, a desvendar-nos sua fisionomia e correlação, sua profunda unidade cultural e humana, em torno de um menino que tem dimensão normal de menino, e não a de monstro incumbido de fazer menção de tudo. Dois passados se justapõem e formam um tecido contínuo com o presente do narrador: o seu próprio passado de criança, e o de seus ascendentes, que vem desaguar no dele, impregnando-o de memórias de memórias, de pré ou pós-vivências concentradas num ser profundamente integrado no complexo familiar. (Integração que não estorva o senso crítico de um analista ao mesmo tempo carinhoso e acerbo – acima de tudo, perspicaz.)*

*Então, a crônica individual de Pedro Nava se converte em panorama social de várias regiões brasileiras, pois o itinerário do sangue o faz remontar a raízes de clã no Nordeste, e deter-se em terra carioca, antes de aflorar em Minas como produto do entrelaçamento de famílias que são forças em movimentos no Brasil do século 19<sup>111</sup>.*

Drummond corrobora os estudos de Halbwacs quando afirma: “(...) a crônica individual de Pedro Nava se converte em panorama social de várias regiões brasileiras”<sup>112</sup>. O fragmento transcrito pertence a texto de duas páginas que bastaram para Drummond sintetizar o livro *Baú de ossos*. Andréas Huyssen (2000), na obra intitulada *Seduzidos pela memória*, considera o apreço pela escrita e leitura de Biografias e Memórias como um dos elementos caracterizadores do Pós-Modernismo<sup>113</sup>. Identifica a proliferação desse tipo de literatura com os acontecimentos que marcaram o Ocidente após a década de 1970. Destaca como marcos políticos o ocaso das ditaduras latino-americanas, nos anos 1980, e a queda do Muro de Berlim, em 1989. Identifica, no Modernismo, a proposta de ruptura com o passado e a crença no futuro. São propostas

<sup>111</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Baú de surpresas. In: NAVA, Pedro. *Baú de ossos: memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 6.

<sup>112</sup> Ibid.

<sup>113</sup> HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio: Aeroplano, 2000. p. 6.

políticas do Modernismo: Comunismo, Fascismo e Nazismo. Desejos de construção de novas sociedades para novos homens. Segundo Huyssen:

Desde os mitos apocalípticos de ruptura radical do começo do século XX e a emergência do “homem novo” na Europa, através das fantasmagorias assassinas de purificação racial ou de classe, no Nacional Socialismo e no stalinismo, ao paradigma de modernização norte-americano, a cultura modernista foi energizada por aquilo que poderia ser chamado de “futuros presentes”<sup>114</sup>.

De acordo com as considerações do autor citado anteriormente, o Pós-Modernismo não acredita em utopias e no futuro, sendo que a arquitetura do mundo globalizado é um bom exemplo da afirmativa. Por não acreditar no futuro, volta-se para o passado. A explosão da publicação de Memórias e Biografias seria decorrência dessa postura. Buscando periodizar os termos empregados, situaríamos o Modernismo no período de 1900 a 1950 e o Pós-Modernismo, nas décadas subsequentes. Essa divisão é tão-somente uma busca para facilitar a contextualização histórica. Aspectos e características desses movimentos se fazem em épocas diferentes nos diversos lugares. Pedro Nava lançou seu primeiro livro de Memórias, *Baú de ossos*, em 1972. Pelo gênero literário escolhido e data de lançamento, Nava é um pós-moderno. Ele pertenceu, contudo, a uma geração que esteve ligada ao Modernismo Brasileiro em seus diversos aspectos. Ao reconstituir sua trajetória e a de seus antepassados nas Memórias, traça um painel enciclopédico do Modernismo Brasileiro. Pelos motivos expostos, consideramos que as Memórias de Pedro Nava são textos documentais sobre o Modernismo Brasileiro em seus diversos aspectos. A trajetória do médico e literato é uma amostragem das propostas de uma geração.

Brasília, uma cidade inaugurada em 1960, no governo de Juscelino Kubitschek (JK), é o ápice do Modernismo, em arquitetura e urbanismo, no Brasil. JK formou-se pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais em 1927 e, nessa época, foi colega de turma de Pedro Nava. O presidente ocupa poucas páginas nas Memórias. É testemunhada a amizade entre o Presidente e o memorialista em poucos parágrafos. JK, quando Governador de Minas Gerais, construiu o Conjunto da Pampulha. Nesse conjunto arquitetônico e paisagístico, estão os germes da

---

<sup>114</sup> HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio: Aeroplano, 2000. p. 9.

construção de Brasília, ícone do Modernismo. Nava, nas Memórias, também construiu um monumento do período. O memorialista inicia a redação de suas Memórias no ano de 1969. O Ato Institucional Nº. 5 (AI-5), em 1968, cassou os direitos políticos de JK, de diversos políticos, simbolicamente cassando diversas propostas de uma geração que buscou, no Modernismo, a construção de um novo Brasil<sup>115</sup>.

Nava passou parte de sua juventude em Belo Horizonte. A arquitetura da capital mineira é marco da formação do imaginário dos sujeitos das Memórias naveanas. Esta foi uma cidade construída dentro dos princípios do urbanismo de Hausmann, em Paris, e de sua influência, em Viena. Proposta de se substituir a Colonial Ouro Preto com seus símbolos do Padroado, resquício colonial que adentrou pelo Império. Nessa cidade republicana, valorizou-se a Higiene e a Racionalidade. A arquitetura dos prédios públicos e residenciais – Ecletismo – valorizou formas do passado, usando os materiais da industrialização. Cidade onde segmentos das oligarquias locais tiveram expressiva participação na Revolução de 1930 e na construção da Era Vargas (1930-1945). Em Belo Horizonte, os “futuristas”, epíteto dado genericamente aos modernistas, questionaram a ordem vigente e propuseram a centralização para a construção de uma nova nacionalidade. Não temos notícias da participação de JK nas discussões intelectuais com seus colegas de curso e amigos. Contudo, foi a Pampulha, depois do Ministério da Educação e Saúde, o marco arquitetônico de ruptura com o Ecletismo.

Desde fins dos anos 1960, tornam-se presentes, no Ocidente, sinais e percepções de desmoronamento. O mundo sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, polarizado em Capitalismo X Comunismo, mostrou fissuras em ambos os lados. Negros norte-americanos, em *A Marcha para Washington*, em 1963, tornam visíveis as contradições da democracia norte-americana. Jovens atletas negros – *Panteras Negras* – nas Olimpíadas do México, erguem os punhos em protesto contra questões raciais norte-americanas, denunciando-as. Em 1967, o Estado de Israel invade terras de Gaza e aumenta seu território na Guerra dos Seis Dias. Desconstrói-se todo um olhar sobre o Sionismo. Em 1968, Dubeck busca conciliar, na Checoslováquia, a economia planejada com liberdades democráticas. A União Soviética, através do Pacto de Varsóvia, invade o país e abafa as tentativas de desestalinização. O episódio que ficou conhecido

---

<sup>115</sup> Dentre os numerosos estudos sobre as correntes de pensamento do Modernismo Brasileiro, destacamos: CHUVA, Márcia. *Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*. *TOPOI – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Geral da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 313-331, jul./dez. 2003.



como “Primavera de Praga” aprofundou o descontentamento com o “Socialismo Real”, nas discussões dos marxistas ocidentais.

Ficou conhecida como “Maio de 1968” a série de acontecimentos que se iniciaram nas universidades de Nanterre e Paris. Protestos estudantis contra o sistema educacional e o estabelecido. Protestos que se estendem aos trabalhadores e se alastram pela Europa e Estados Unidos. Caracterizam-se os protestos e seus desdobramentos pela ampliação dos conceitos de “política” e de “liberdade”. *Eros e a civilização*, de Herbert Marcuse (1981), é a radiografia identificadora de liberdades que devem ser buscadas. Liberdade dos corpos, dos gêneros e convívio com as diferenças. O movimento *hippie*, os Beatles e os protestos contra a Guerra do Vietnã assinalam aspectos da contracultura e do questionamento ao estabelecido.

Para a América Latina, a década de 1960 foi a de esperanças e destroçamentos das mesmas. A vitória da Revolução Cubana, de caráter comunista, em 1959, revitaliza o pensamento de esquerda no continente. A década é palco de surgimento de organizações populares, movimentos estudantis, propostas de reformas políticas, sociais e culturais. Pelo continente, jovens se engajam em protestos e propostas de construção de novas sociedades. Esses movimentos foram derrotados por forças de direita. Ditaduras militares apoiadas pelos Estados Unidos se apoderaram do continente e construíram sociedades que se caracterizaram pela violência e exclusão social.

Em 1960, foi inaugurada Brasília. Apogeu e início do declínio do Modernismo em arquitetura. Em 1964, militares depõem o presidente eleito e instalam o governo militar. Em 1968, as contradições entre os que tomaram o poder e segmentos da sociedade se tornam evidentes. O AI-5 suspende direitos civis e instala-se a ditadura militar, que sobreviverá até os anos 1980. Em 1969, o médico Pedro Nava, colega de turma de JK, aposenta-se do Serviço Público e começa a redação de suas Memórias. Costuma-se identificar o período como “Anos de Chumbo”. Intelectuais foram banidos da cena pública, políticos foram cassados, a censura tornou-se onipresente nos meios de comunicação e nas universidades. Nesse contexto, deu-se a escrita e a divulgação das Memórias. Nava morreu em 1984, ano de visibilidade das “Diretas Já”, movimento identificador da organização de forças da oposição.

Nas três últimas décadas do século XX, buscou-se a desconstrução da Modernidade. Globalização, flexibilização de leis trabalhistas, direitos das minorias, estudos culturais, etc. são palavras que marcam o período. Discutem-se as preocupações com o sujeito na História. Na

impossibilidade de se construírem novas sociedades com revoluções, buscou-se a luta por segmentos segregados, maiorias minorizadas economicamente. A “atenção” dada ao sujeito tornou o período receptivo às Biografias, Autobiografias e Memórias. Entendemos a obra naveana como uma “escrita de si”, que se constitui como uma amostragem de um grupo de intelectuais e profissionais que tiveram ativa participação na sociedade brasileira, ao longo do século XX. Reconhecemos, como “escrita de si”, diversos tipos de correspondências, biografias, autobiografias, entrevistas e memórias. O assunto tem merecido atenção no mundo acadêmico em diversas áreas. Consideramos textos marcantes sobre o assunto: Jacques Lee Goff (1988) – *História e memória*; Maurice Halbwacs (1950) – *A memória coletiva*; Philippe Lejeune (1975) – *O pacto autobiográfico*; Pierre Nora (1984) – *Entre memória e história: a problemática dos lugares* e o de Pierre Bourdieu (1996) – *A ilusão biográfica*. Os autores estudam os diversos aspectos que envolvem a memória e as escritas de Memórias. Ocorrem, nessa atividade, aspectos mencionados por Lillian Hellman (1980), em seu livro de memórias intitulado *Pentimento: um livro de retratos*:

À medida que o tempo passa, a tinta velha em uma tela muitas vezes se torna transparente, quando isto acontece, é possível ver, em alguns quadros, as linhas originais: através de um vestido de mulher surge uma árvore, uma criança dá lugar a um cachorro e um grande barco não está mais em mar aberto. Isto se chama pentimento, porque o pintor se arrependeu, mudou de ideia. Talvez se pudesse dizer que a antiga concepção, substituída por uma imagem ulterior, é uma forma de ver, e ver de novo, mais tarde.

Essa é a minha única intenção a respeito das pessoas neste livro. A tinta ficou velha, e quis ver como me pareciam antigamente, e como me parecem agora<sup>116</sup>.

Os estudos acima mencionados tratam de questões que envolvem a escrita de Memórias. Partindo dos trabalhos desses autores, historiadores brasileiros escreveram obras relevantes sobre o assunto. A temática tem sido abordada na leitura de textos literários e estudos sobre História Oral. Cumpre ressaltar que não pretendemos discutir a bibliografia sobre o assunto “memória”. Pontuaremos aspectos relacionados com a memória que se fazem relevantes e são destaques em

---

<sup>116</sup> HELLMAN, Lillian. *Pentimento: um livro de retratos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. v.

nossa pesquisa. O primeiro destaque a ser feito é o que se volta ao passado com o olhar do presente. As observações feitas são baseadas no texto de Halbwachs, mencionado anteriormente.

Pedro Nava começou a redação de suas Memórias em 1969, aos 66 anos. Partindo de recortes, anotações e pesquisando em jornais, iniciou seu trabalho literário. Escrita de um velho, amargurado com a aposentadoria, a velhice, e sujeito a crises depressivas que o acompanharam por toda a vida, aspectos encontrados ao longo da obra. Sim. Olha-se para o passado com o olhar do presente. A pergunta feita pelo historiador é a seguinte: como se forma este olhar? Olhar de Pedro Nava. Achamos relevante o destaque dado à questão das Memórias nas palavras do memorialista.

Nava deixou reflexões sobre a memória em entrevistas e ao longo de sua escrita literária. Buscamos, assim, fazer uma apresentação de como a questão da memória e as observações memorialísticas foram abordadas por Nava, cujos escritos consideramos de igual importância para os estudos da sociedade brasileira, como os textos de Gilberto Freyre (1933) – *Casa Grande & Senzala*, Sérgio Buarque de Holanda (1936) – *Raízes do Brasil* e Caio Prado Júnior (1942) – *A formação do Brasil contemporâneo*. O sucesso de público e crítica fez com que o autor concedesse numerosas entrevistas à imprensa falada e escrita. As perguntas referentes à memória foram comuns nesses momentos. Recortamos trechos sobre o assunto nos livros de Memórias de Pedro Nava e observações sobre a memória apresentadas pelo memorialista. Ainda, destacamos alguns textos buscando exemplificar o aspecto enciclopédico das Memórias.

Pedro Nava foi médico (1927-1968). Na juventude, participou ativamente do Movimento Modernista, em sua vertente mineira, em Belo Horizonte, como já visto anteriormente. Foi considerado promissor talento em artes plásticas. Contudo, após a formatura, dedicou-se ativamente à Medicina, escrevendo textos de caráter científico, apresentados em congressos ou publicados em órgãos especializados, discursos em eventos da área. Também incursionou em história da Medicina por meio da escrita dos livros *Território de Epidauró* (1947) e *Capítulos da história da Medicina* (1949), também já mencionados. Em vida, doou seus papéis, anotações, rascunhos, documentos, etc. ao Arquivo do Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Nava aposentou-se em 1968, momento em que começou a redação das Memórias, que pretendia ser tão-somente um livro que ficaria no âmbito familiar. Incentivado por amigos, em 1972, publicou *Baú de ossos: memórias*. Seguiram-se a publicação de mais cinco livros. Escrevia

os capítulos iniciais do sétimo, *Cera das almas*: memórias 7, quando, em 1984, suicidou-se na cidade do Rio de Janeiro<sup>117</sup>. As experiências pessoais do autor aparecem no primeiro volume – *Baú de ossos*: memórias – e vão até 1937, em *O círio perfeito*: memórias 6. Portanto, as informações biográficas contidas nas Memórias terminam quando o autor tinha 34 anos. As informações posteriores foram organizadas a partir de consulta a seu arquivo.

Nava, em entrevista, explicou os motivos que o levaram à escrita de suas Memórias:

Eu comecei a escrever as memórias para mim. Para guardar recordações familiares, para não deixar que fossem esquecidas, já que eu tinha boa memória. Mas a coisa foi se desenvolvendo e foi aparecendo um certo espírito literário dentro daquilo. Eu sempre procuro escrever com muito cuidado, de modo que o livro foi nascendo, mais ou menos aos poucos. Do desconchavado inicial foi tomando mais forma e de um volume para outro, mais ainda. Inicialmente, fiz aqui em casa leituras para minha família. Espalhou-se a notícia de que eu estava escrevendo. E alguns amigos quiseram ler. Entre esses, o Fernando Sabino, o Carlos Drummond. E eles deram a ler ao Oto Lara Rezende, ao Hélio Pelegrino, a várias pessoas. E todos então me inventaram na pessoa do homem de letras, dizendo que eu tinha de publicar, que aquilo não era uma coisa para ficar apenas como um arquivo particular, um arquivo secreto. Novamente foram os amigos que me empurraram<sup>118</sup>.

Os amigos mencionados eram pessoas de destaque no meio intelectual e editorial no Rio de Janeiro. Nas palavras de Nava: “E todos então me inventaram como homem de letras”, destacam-se aspectos presentes na obra de Bourdieu. O capital social de Nava, conceito desenvolvido pelo autor francês, no caso, amizades com os intelectuais citados que tiveram acesso a seus escritos. Essas pessoas eram influentes no mercado editorial e estimularam a publicação das Memórias. Aparentemente, o projeto de Nava era a escrita de um só livro – *Baú de ossos*: memórias (1972), não enumerado. Supomos que o sucesso junto ao público e crítica estimulou o autor a trilhar o caminho do memorialismo. Vale lembrar que os livros posteriores

<sup>117</sup> O suicídio, em pleno sucesso, foi divulgado pela imprensa, que não falou sobre a causa do mesmo. Quando lançado o livro de VENTURA, Zuenir. *Minha história dos outros*. São Paulo: Planeta, 2004, uma luz se fez sobre a questão. A parte intitulada “O suicídio mal contado” (p. 153-155) tratou da morte de Nava. Esclareceu que o suicídio foi causado pela pressão que o memorialista vinha sofrendo por parte de um jovem homossexual com quem mantinha relacionamento. Este teria ameaçado Nava com uma foto comprometedora. Após receber um telefonema, Nava saiu de casa, sentou-se em um banco de jardim e desferiu um tiro no ouvido. Intelectuais ligados ao memorialista pediram para que a Imprensa não publicasse a notícia e as fotos. Eles foram atendidos.

<sup>118</sup> MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PNDU-53).

são enumerados. Os títulos são significativos e remetem ao conteúdo e ao desespero do autor, que culminou com o suicídio. *Baú de ossos* é referência a esse objeto, feito em madeira, onde uma tia guardava os ossos de uma filha falecida na adolescência. *Balão cativo* remete ao balonismo em Juiz de Fora, no início do século XX. *Chão de ferro* trata da mudança da família para a região produtora desse minério – Belo Horizonte. *Beira-mar* relata experiências no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, e o curso de Medicina, em Belo Horizonte. *Galo das trevas* refere-se ao *Ofício das trevas* nas cerimônias noturnas dos três dias da Semana Santa que antecedem ao sábado. A igreja fica iluminada apenas por um candelabro de 13 pontas (Galo das trevas) que não se apagando. *O círio perfeito*: memórias 6 – o círio é o símbolo mais importante da Vigília Pascal. Em meio à escuridão, acende-se um grande círio em uma fogueira previamente preparada. A vela tem uma inscrição em forma de cruz, acompanhada da data do ano e das letras Alfa e Ômega, o princípio e o fim. Tem incrustados cinco cravos de incenso, simbolizando as cinco chagas de Cristo. Fica aceso em todas as celebrações durante as sete semanas do tempo pascal, até à tarde do domingo de Pentecostes. Nava escrevia os capítulos iniciais de *Cera das almas*: memórias 7, quando ocorreu o suicídio. *Cera das almas* é a dominação popular dada aos restos das velas que foram acesas durante a Semana Santa. É costume os sacristãos venderem para os fiéis as ceras restantes das cerimônias litúrgicas.

Ainda na entrevista anteriormente transcrita, Nava explica a razão de ter iniciado a escrita de Memórias: "Pelo fato de a progressão de nossa vida nos levar a um confinamento, a uma redução de atividades, a uma redução de amizades. E esse vácuo que vai-se fazendo nos traz para uma vida mais interior. E eu aproveitei e comecei a conviver mais comigo mesmo"<sup>119</sup>.

Em entrevista à Revista *Veja* (Páginas Amarelas), fala da longa e inconsciente preparação para a escrita e a importância da profissão na elaboração das Memórias:

(...) Mas tenho a sensação de que inconscientemente já tinha a ideia há mais tempo. Mesmo para mim, meu trabalho, quando relido, dá a impressão de uma preparação muito maior. E, de fato, há trinta ou quarenta anos eu registro coisas e sou incansável guardador de papéis<sup>120</sup>.

<sup>119</sup> MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PNDU-53).

<sup>120</sup> VEJA. São Paulo: Abril Cultural, 17 abr. 1974. p. 4.

As menções ao confinamento, solidão, desespero e forças inconscientes são constantes nas observações do autor. Lendo Pedro Nava, bem como as considerações de Ecléa Bosi e de Halbwachs sobre a memória, podemos observar que, nos momentos de maior introspecção e solidão, o memorialista está acompanhado pelos que partilharam de sua trajetória. A escrita de Memórias é resultado de um olhar para o passado e sua retomada. Olhar estimulado pelas questões do presente e selecionado pelo mesmo. Nava conheceu os princípios da Psicanálise quando estudante e testemunha a influência desse conhecimento em sua trajetória pessoal. Em momento posterior deste capítulo, desenvolveremos aspectos concernentes a essa questão.

Como último texto desta amostragem de entrevistas sobre o tema “memória” nas Memórias de Pedro Nava, transcreveremos um fragmento da entrevista que o autor concedeu a José Mariano Pereira Filho. Nava fala das Memórias e da influência de Proust na observação desse assunto:

– Fala-se muito da influência de Proust em sua obra. O que pensa a respeito?  
 – Minha primeira leitura não foi entusiástica. O Martins de Almeida dizia que ele deveria ser tomado às colheradas, e não de uma vez, como em chope duplo. Gosto muito do Proust. Até hoje não dispenso a velha edição na qual o li. Fiz um índice que me é valioso. Tenho um amigo médico, Hélio de Lima Castro, que é um conhecedor admirável do autor francês. Sempre que descobrimos alguma coisa nova na Recherche nos escrevemos. Comparo o estilo de Marcel Proust a uma orquestra. Só o passar dos anos, o estudo, a intimidade, nos dão a capacidade de distinguir os instrumentos. Existem dois tipos de memória: a voluntária e a involuntária. A primeira é quando decidimos reconstruir um período da existência por vontade própria. A segunda ocorre por associações. Quando visitei a casa de minha infância, na rua Aristides Lobo, ela estava tão diferente que não pude me lembrar de quase nada. De repente acendeu-se uma luz, e apareceu o desenho no vidro da janela. Isso só bastou para me restituir a casa antiga, o meu pai, a vida dele, de maneira proustiana<sup>121</sup>.

Marcel Proust (1871-1922) é referência em diversas Vanguardas (1890-1930). A escrita proustiana dos sete volumes que compõem a principal obra do autor intitulada *Em busca do tempo perdido* (2006) marcou profundamente a geração. Pela primeira vez, a homossexualidade foi abordada em obra literária perpassada por conflitos e solidão. A influência da cultura francesa

---

<sup>121</sup> MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PNO-24).

foi determinante na geração de Pedro Nava. O memorialista, atuante no movimento literário e artístico modernista, em especial, foi admirador e influenciado por essa cultura. Em artes plásticas, pelas Vanguardas parisienses, e, na Medicina, pelas propostas clínicas francesas. Nava conheceu a Psicanálise por tradução francesa. Se Halbwachs identifica os fatores sociais que conformam a memória individual, Freud estudou aspectos na ocorrência da mesma. Vale lembrar que Pedro Nava conheceu também os textos freudianos. Nas palavras do memorialista, eles tiveram importância em sua vida profissional. Diríamos que, igualmente, tiveram influência em sua escrita que é a “escrita de um médico”, em suas palavras. As observações com referências à Psicanálise são constantes nos escritos de Nava. Em *O círio perfeito*: memórias 6, relata como conheceu a Psicanálise:

(...) E como a conversa dos doentes é reveladora! Como todos, mesmo os chatos, se tornam interessantes quando falam de seus males. O Egon sabia dessa necessidade de conversar com o paciente, aprendera isto do Ari e não só do Ari mas de seus outros mestres e amigos – Galba Moss Veloso e Iago Pimentel – que primeiro tinham lhe falado em Freud. Ele tinha lido alguma coisa do bruxo de Viena – *La psychopathologie de la vie quotidienne, Totem et tabou, Introduction à la psychanalyse* – e vira que sem conversa não se chega a nada e que é conversando que a gente se entende... Lera os livros nas traduções de Payot. Não sabia bem por que, mas destas pessoas e destes livros é que viera sua mania de conversar com os doentes, de pesar as palavras deles e depois as suas<sup>122</sup>.

Em *Beira-mar*: memórias 4, o memorialista refere a si como Egon, codinome que Nava adotou nos três últimos livros de Memórias. A afirmativa acima identifica as fontes em que Nava teve contato com a Psicanálise. Procurando informações sobre os mestres de Nava, na questão do contato com a Psicanálise.

---

<sup>122</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*: memórias 6. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 213-214.

Fomos informados que Iago Pimentel e Galba Moss Veloso foram atuantes como psiquiatras, e Ari Ferreira foi clínico e fisiologista em Belo Horizonte<sup>123</sup>. Em outro momento, comentando sobre o conteúdo de *A Revista*, Nava disse: “Com relação ao estrangeiro aparecem os primeiros conceitos, emitidos em Minas, sobre Proust, divulga-se o movimento *dada*, o suprarrealismo, Erick Satie, Cocteau. Iago Pimentel difunde inauguralmente no nosso Estado ensinamentos sobre a Psicanálise e Freud”<sup>124</sup>. Suprarrealismo, mencionado por Nava, é mais conhecido como Surrealismo e, como os outros nomes citados, é perpassado pelo conhecimento de textos freudianos.

Em *Chão de ferro: memórias 3* e *Beira-mar: memórias 4*, encontramos uma minuciosa reconstituição do curso de Medicina e da vida social de Belo Horizonte nos anos 1920. Entre os anos de 1921 e 1923, Nava, com amigos, envolveu-se com atividades intelectuais que são parte da história do Modernismo em Minas Gerais. Reuniam-se no Café Estrela, na Rua da Bahia, daí o epíteto de *Grupo Estrela* a esses jovens. Destacam-se: Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, Aníbal Machado, João Alphonsus, Milton Campos, João Pinheiro Filho, Gabriel Passos, Pedro Aleixo, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, Francisco Martins de Almeida, Gustavo Capanema, João Guimarães Alves, Alberto e Mário Álvares da Silva Campos e Mário Casasanta. Posteriormente, juntaram-se ao grupo: Dario de Almeida Magalhães, Ciro dos Anjos, Guilhermino César, Ascânio Lopes, Luis Camilo de Oliveira Neto e outros<sup>125</sup>. Esses nomes foram atuantes nas diversas esferas da sociedade brasileira.

---

<sup>123</sup> Iago Pimentel nasceu em São João del Rei, foi diretor do Instituto de Educação de Belo Horizonte e professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Filho de Aureliano Pereira Corrêa Pimentel, também médico psiquiatra de São João del Rei. Informação prestada pela Prof<sup>a</sup>. Rita de Cássia Marques – pesquisadora do Centro de Memória da Medicina – UFMG.

Galba Moss Veloso nasceu em Cataguases, em 1889. Formou-se em 1915. Clinicou em Itaguara, Cláudio e Pará de Minas. Professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte em 1927. Fez parte do corpo clínico do Raul Soares, assumindo a direção em 1934. Sob sua liderança, o Instituto Raul Soares e toda a psiquiatria mineira atingem grande prestígio nacional. Foi membro da redação da *Revista Arquivos da Assistência Hospitalar*. Em setembro de 1938, funda os Arquivos de Neurologia e Psiquiatria. Defendeu tese de doutoramento intitulada *Em torno do sinal de Babinski*. Em 1945, em consequência de seu envolvimento com o Manifesto dos Mineiros, foi demitido do cargo do Raul Soares. Faleceu em 10 de março de 1952. In: GUSMÃO, S. N. S.; CORREA, E. J. *85 anos da Faculdade de Medicina da UFMG*. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina da UFMG/COOPMED, 1997. p. 98.

Ari Ferreira, fisiologista, filho do fundador da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte – Ari Ferreira.

<sup>124</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias 4*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 220.

<sup>125</sup> VALE, Vanda A. *Literatura e História da Medicina na obra de Pedro Nava (1903-1984)*. Curso ministrado no XIII Congresso da ANPUHMG. Belo Horizonte, 2002.



Drummond e Nava tiveram ativa participação na edição de *A Revista* (três números) que, em seu lançamento, em 1925, trouxe artigo de Iago Pimentel, do qual transcreveremos um fragmento:

*Sobre a Psycho-analyse.*

Sobre a doutrina de Freud ou psycho-analyse, tão divulgada, tão mal conhecida e tão mal interpretada, procuraremos dar aqui, em ligeiros traços, um rápido apanhado, remetendo o leitor que tiver interesse em melhor conhecê-la, à leitura de uma série de conferências, feita pelo próprio Freud, em 1909, na Universidade de Clark, nos Estados Unidos, cuja publicação iniciaremos no próximo número desta revista e onde se acham succintamente expostos todo o histórico e evolução da doutrina.

Freud tem uma concepção dinamica da vida psychica, que elle considera como um systema em evolução de forças antagonistas ou componentes; só uma pequena parte dessas forças constitue o consciente do indivíduo, em opposição a outra parte, o inconsciente, composto de elementos muito mais numerosos e, sobretudo, muito mais activos no determinismo da actividade mental. Estes ultimos elementos em geral de conteudo erotico, estando muito frequentemente, em opposição com as tendências da personalidade consciente do individuo, educado e submetido às coersões moraes, ethicas e sociais da civilização, ficam como que rejeitados no inconsciente e ahi são mantidos por uma força de resistencia. Mas por estarem reprimidos, esses elementos, não perdem o seu dynamismo e continuam permanentemente a influenciar os phenomenos psychicos, esforçando-se constantemente por virem à tona da consciencia, que não os podendo tolerar na brutalidade e sua nudez, só os recebe disfarçados e desfigurados e os exteioriza, simbolicamente, por meio de varios phenomenos: no homem são, por tendencias artisticas, literarias, particularidades do character, sonhos, etc., no doente, por obsessões, hallucinações, delírios, dissociações da consciencia da personalidade, em uma palavra, por symptomas de nevrose e psycho-nevrose. Tal é, em resumo, a doutrina de Freud ou psycho-analyse.

Como muito bem diz E. Regis, a doutrina de Freud não deixa de ter grandeza, e a grandeza não só de uma doutrina psychologica, mas também, como já o fizeram observar de uma doutrina religiosa. Assim se explica a sua repercussão e a vehemencia apaixonada com que tem sido, quer defendida, quer combatida.

Freud não é o que se possa chamar propriamente um philosopho. Sua theoria surgiu simplesmente da observação de um medico que, preocupado com dar allivio a seus doentes, procurava, para tentar removê-los, interpretar os symtomas estranhos, e até então mysteriosos, das nevroses e psycho-nevroses. “Antes de tudo, impelliu-me a necessidade pratica”, diz o proprio Freud.

E foi assim que, explorando minuciosamente, analisando com paciente curiosidade a alma de seus doentes, ao espirito obs...<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> BRASIL, Psicanálise e Modernismo. São Paulo: MASP, 2001. Esta transcrição encontra-se, também, na Internet, na seguinte página sobre o alcoolismo: Disponível em: <<http://zpp.com.br/html/comentario90.htm>> Acesso em: 5 jun. 2008.

As informações biográficas sobre Iago Pimentel, conseguidas por nós, são fragmentadas. Sabemos que foi psiquiatra do Hospital Raul Soares e diretor do Instituto de Educação de Belo Horizonte. Encontramos um livro de sua autoria – *Noções de Psychologia applicadas à educação* – e, na primeira página, há informação de que o autor é professor de Psicologia Educacional na Escola Normal de Belo Horizonte. O livro, provavelmente, foi escrito como um manual na formação de professores, espaço social pioneiro nos estudos da Psicologia. No capítulo I – “Os methodos de estudo da Psychologia” – destaca:

O acervo de conhecimentos psychologicos colhidos com o auxílio do methodo pathologico é hoje relativamente avultado. Inestimaveis dados sobre a linguagem, a memoria, a attenção, a vontade, a affectividade, conseguidos por meio da observação de individuos que, por qualquer motivo, apresentam uma anormalidade do espirito são quasi incontaveis. Basta lembrar que, de estudos feitos em nevropathas, sobretudo em hystericos, é que tanto Janet como Freud partiram, para poder explicar muitos dos mais misteriosos phenomenos que se passam na alma humana<sup>127</sup>.

Nava estudou Psiquiatria no sexto ano (1927) do curso de Medicina, disciplina ministrada por Galba Moss Veloso. Sobre a disciplina e o contato com o professor, comentou:

O Docente Galba Moss Veloso era apenas um pouco mais velho que seus alunos e vários dentre nós tínhamos a prerrogativa de sermos seus amigos de fora da Faculdade. (...) Ele frequentava muito o nosso Grupo do Estrela, sempre com seu inseparável Iago Pimentel. Eram ambos particularmente amigos de Alberto e Mário Campos e por intermédio desses dois é que vim conhecer aqueles jovens médicos. Eles se distinguiam pelo fino humanismo e pela cultura geral que eram sua marca. Para mim foi um prazer encontrar entre meus mestres do sexto ano o Galba, como eu o chamava, já que nossa convivência e simpatia tinham permitido que eu lhe tirasse o “doutor” e não precisasse lhe dar agora o “Professor”. A ele devo essa admirável experiência do mestre próximo e acessível e as vantagens que disso advêm para o aproveitamento de seus alunos. Muito atualizado, o Galba procurou nos dar um conhecimento aproximado da importância da Psiquiatria, da classificação das doenças mentais, detendo-se sempre, na prática, quando os pacientes do *Raul Soares* lhe permitiam mostrar quadros ao vivo. Mais do que isto, foi do Galba que ouvimos os primeiros ensinamentos sobre o valor da Psicanálise como recurso de indagação

---

<sup>127</sup> PIMENTEL, Iago. *Noções de Psychologia applicadas à educação*. São Paulo: Melhoramentos, [s. d.]. p . 19.

psicológica e a profunda revolução que Freud e seus seguidores representavam para a Psiquiatria<sup>128</sup>.

Até este momento, nossa busca foi a identificação das possíveis fontes de conhecimento da Psicanálise por Nava, procurando esclarecer como isso se fez presente em seus escritos e como o autor determinou suas observações sobre as relações médico-paciente. Encontramos diversas observações sobre essa questão. Por problemas de espaço, escolhemos um fragmento de um texto da obra memorialística e outro dos estudos de história da Medicina. Encontramos, no último livro de Memórias intitulado *O círio perfeito: memórias 6*, as seguintes observações:

O médico precisa duma grande curiosidade de si mesmo e de suas reações diante dos fatos, das doenças e dos doentes para saber se está agindo bem e dentro do interesse primacial do seu paciente. Em outras palavras, deve se analisar em todas as circunstâncias procedendo a um verdadeiro exame de consciência (no sentido católico) ou a uma severa autocrítica (no sentido marxista-leninista). (...) Pois bem, grande número de erros vem do estado de punição que o prático quer cominar ao seu doente por motivo qualquer – principalmente pelos motivos de rejeição pessoal, marginalização e discriminação que qualquer coisa no paciente torna-o passível aos olhos do seu médico. Uma simples antipatia dele pelo caso é o bastante. E como são antipáticos os antipáticos mesmo, os chatos, os pegajosos, os gliscroides, os maníacos, os incuráveis, os repugnantes, os grandes doentes sem mais nenhuma defesa ou remédio e para os quais os canalhas aventam a necessidade da eutanásia. Mas são todos criaturas humanas da importância imensa que cada indivíduo se dá – com todo direito. Cada um pode cantar a letra daquele velho fox – *I'm sitting on the top of the world...* Cada doente deve ser julgado pelo como ele se julga e não pelo julgamento que faz dele o seu curão. (...) O outro polo disto são o diagnóstico a que não se chegou e a terapêutica errada ou dolorosa – tudo dado ou feito com caráter não mais curativo, mas punitivo<sup>129</sup>.

Nos arquivos de Pedro Nava e em seus escritos, não encontramos informações sobre experiência de Nava como paciente da Psicanálise, mas as questões dessa disciplina e referências à mesma são constantes. Em *Território de Epidauro*, publicado em 1947, Nava dedicou-se a observações de vários aspectos históricos da Medicina, a exemplo: *Algumas origens da Medicina*

<sup>128</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias 4*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 381.

<sup>129</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito: memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 227.

*brasileira; Apontamentos sobre as origens da Medicina espanhola; Apontamentos para o estudo dos primórdios da cirurgia vascular no Brasil; As origens francesas da Medicina brasileira, etc.* Destacamos *Revivescências* – escrito dividido em duas partes. Em *Revivescência I* (Esboço histórico e interpretativo da posição do espírito do doente diante do tratamento), apresentou um sumário no qual sintetiza os assuntos tratados: posição do espírito do doente em relação ao tratamento, determinado pelo psiquismo profundo. Nava citou a pesquisa de Mário de Andrade (1980) – *Namoros com a Medicina*, trabalho antropológico. Percebemos, então, que Nava, ao pretender escrever sobre a história da Medicina, fez observações de caráter interdisciplinar, postura valorizada na década de 1990.

Na obra *Território de Epidauro*, destacamos a influência freudiana no seguinte comentário de Nava:

É sempre muito interessante, para o médico observador, verificar a posição e as reações obscuras do psiquismo dos doentes, com relação aos remédios e tratamentos que lhes são impostos. E a análise dessas simpatias e antipatias, aparentemente sem explicação, vai mostrá-las radicanando nessas dobras da personalidade, onde vivem sua vida profunda, as ideias mágicas, os complexos de culpa com as necessidades correlatas de punição, os conceitos de inviolabilidade de todo individual, os instintos de comunhão com a energia universal<sup>130</sup>.

Nava tratou, no texto, da postura dos pacientes diante de determinados tratamentos e como estes podem estar vinculados a aspectos mágicos. Destacamos duas das diversas observações feitas pelo autor: a) correlação do uso das cataplasmas, emplastros, sinapismos, ventosas, etc., como agentes que castigam e aliviam; b) posturas do paciente diante da cirurgia em que é percebida a necessidade de conservação colocada ao lado da cerimônia de purificação das possíveis culpas responsáveis pelas moléstias.

Em *Revivescências II*, resumizou os temas com o subtítulo: “Complexo de vísceras e hormonioterapia”. Nava observou como o interesse do homem por seu corpo identifica a influência das vísceras sobre o comportamento humano nas expressões “maus bofes”, “atrabiliário”, “fígado podre”, etc.

---

<sup>130</sup> NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*. Rio de Janeiro: C. Mendes Júnior, 1947. p. 17-18.

Destacamos de Revivescências II o seguinte fragmento:

(...) As transfusões de sangue atendem ao psiquismo profundo dos doentes, pelo seu coeficiente de prodígio e, mais ainda, pelo que elas representam de conteúdo real e simbólico de incorporação da vida alheia. A anuência jubilosa do paciente que deseja, pede e consente nesses tratamentos é, ainda, tênue lembrança antropofágica. Cada um de nós possui adormecido no subconsciente o papão, o ogre, o vampiro<sup>131</sup>.

Pedro Nava foi um modernista brasileiro. Homem que viveu por 80 anos no século XX. Testemunha que observou e relatou aspectos da sociedade brasileira no período de 1890-1940. Seus escritos sobre a Medicina alargam o conhecimento sobre o Modernismo. O movimento tem merecido estudos, predominando os centrados no Rio e em São Paulo. Entretanto, a vertente do Movimento Modernista em Belo Horizonte foi ativa e marcou a sociedade brasileira, como pudemos ver nos nomes transcritos anteriormente. Estudos acadêmicos têm-se debruçado sobre o período, em Minas, como mencionamos anteriormente<sup>132</sup>. São estudos que se preocupam com a política, sociedade e cultura. Na leitura da obra de Nava, percebemos que a Psicanálise foi um importante aspecto do Modernismo em sua vertente mineira. Sociedade “dissecada” por Nava. Propositadamente, adotamos vocábulo que diz respeito aos estudos de Anatomia, disciplina que sempre encantou o autor. Destacamos o texto que se encontra em *Beira-mar: memórias* 4, obra em que Nava falou das possíveis razões de seu apreço aos estudos anatômicos:

DOTADO de *espírito visual*, dono de uma memória óptica que poucas vezes falha, ao ponto de saber, até hoje, se na página da direita ou na da esquerda de um livro que li muitas vezes (o Testut, por exemplo, Descritiva e Topográfica) e na dita página, se no alto, meio ou embaixo, está a figura ou o trecho que procuro – essa prenda concorreria para fazer de mim o grande estudioso de Anatomia que sempre fui. Se eu tivesse tido conselheiros vocacionais a orientar-me no curso

<sup>131</sup> NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*. Rio de Janeiro: C. Mendes Júnior, 1947. p. 26.

<sup>132</sup> Destacamos: BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: EDFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994. BUENO, Antônio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982. DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971. CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. DULCI, Otávio Soares. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

médico – não teria hesitado entre a clínica externa e a interna, tampouco entre as especializações, para escolher finalmente a Reumatologia. Teria ficado com minha primeira namorada do curso superior – a morfologia do corpo humano. Para isto teria concorrido minha curiosidade profunda pela nossa estrutura, curiosidade jamais saciada e que em mim, mesmo no erotismo, se junta a uma espécie de *animus dissecandi* – se se permite esse macarronismo latino<sup>133</sup>.

Separar com um instrumento cortante e analisar, minuciosamente, as partes que formam um corpo são procedimentos nos estudos de Anatomia. Vimos como Nava e os modernistas tiveram contato como a Psicanálise em Belo Horizonte, na década de 1920. Recepção similar houve em São Paulo e no Rio, por psiquiatras e intelectuais<sup>134</sup>, período que mostra as fissuras da sociedade que fez da Abolição (1888) e da República (1889) apenas ajustes institucionais, preservando as estruturas que adentraram pelo Império. Observações anatômicas e referências à Psicanálise perpassam pela escrita naveana. Percebemos essas posturas no memorialista, no trato com os diversos aspectos abordados em seus escritos.

Em entrevista, na qual fala sobre a importância da Medicina em sua obra literária, Nava afirma: “(...) Por outro lado minha obra literária não deixa de ser obra de médico. Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano”<sup>135</sup>. cremos que a postura de anatomista em Nava o fez receptivo aos princípios da Psicanálise. Não seria a Psicanálise a dissecação do comportamento humano? Contudo, Nava e obra estão inseridos em seu contexto histórico. A recepção da Psicanálise por Ari Ferreira, Galba Veloso, Iago Pimentel e Pedro Nava foi contemporânea a fatos que assinalaram a inadequação da sociedade brasileira do pós-guerra. O ano de 1922 foi o da Fundação do Partido Comunista, do Movimento dos Tenentes e da Semana de Arte Moderna, eventos que mostram as fissuras da sociedade brasileira.

A Era Vargas (1930-1945) institucionalizou e realizou propostas de algumas das vertentes modernistas na organização das relações trabalhistas pelo Estado, atrelando os sindicatos ao poder. Além disso, houve adoção de reformas educacionais, quando foram aplicadas propostas da Psicologia; criação de universidades; organização da burocracia estatal; instalação de indústria de

<sup>133</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar*: memórias 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 72.

<sup>134</sup> PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a Psicanálise – os precursores no Brasil (1889-1937). In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). *Efeito psi*: a influência da Psicanálise. Rio: Campus, 1988. p. 151-181.

<sup>135</sup> MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PN11-53).

base, etc. A Psicanálise, no período, foi assimilada como mais uma nova ferramenta científica. Desvelando aspectos do comportamento humano, poderia contribuir para melhor inserir os indivíduos na sociedade. A leitura da Psicanálise, a exemplo daquela feita por Nava, orientada pelos professores, é perpassada pela visão positivista, em que se identificam questões, descrevendo-as minuciosamente, estabelecendo-se padrões de normalidade e anormalidade e prescrevendo-se soluções. Segundo Christian Ingo Lenz Dunker:

A assimilação disciplinar da psicanálise, atestada pela sua associação posterior ao “movimento higienista” combina-se, portanto, com uma assimilação liberal, atestada pela sua associação às vanguardas intelectuais e artísticas. Esta dupla filiação estende-se até a década de 50. Por um lado a serviço do projeto desenvolvimentista, a psicanálise era um útil instrumento ideológico para subsidiar a política de saúde mental, educação e progresso, assim como servia para os que viam com distanciamento e crítica os efeitos assistencialistas e patriarcalistas de tal proposta<sup>136</sup>.

No trabalho de busca da influência da Psicanálise nos escritos naveanos, trilhamos pelos livros de sua autoria. Constatamos que a influência da Psicanálise, na obra de Pedro Nava, não foi apenas um instrumento para as considerações do autor sobre sexualidade, atos falhos, associações, alucinações, ideias suicidas, etc. Essa influência, principalmente, foi determinante em sua conduta nas relações médico-paciente e, a partir disso, Nava criou textos literários que são documentos para os estudos sobre o assunto.

O médico Pedro Nava, escrevendo suas Memórias, dissecou a sociedade brasileira e mostrou suas entranhas. Nos escritos naveanos, está à mostra o material estudado por Holanda, Freyre e Prado Júnior. Quando menino, observou a permanência de práticas galênicas em tratamento de pessoas de sua família. Jovem, estudou em uma instituição que foi ícone das propostas da organização da Medicina científica brasileira. Contemporaneamente ao curso de Medicina, foi participante do Modernismo, um movimento que apresentou propostas diversas para a construção de um novo Brasil. Filho de família pobre, pôde, com o “capital social” de suas

---

<sup>136</sup> DUNKER, Christian Ingo Lenz. Inscricões da Psicanálise na cultura brasileira: modelos de tratamento e modos de subjetivação. *Revista de Psicoanálisis y Cultura*. Disponível em: <[www.acheronta.org](http://www.acheronta.org)>. Acesso em: 13 jun. 2002.

relações pessoais, inserir-se na elite intelectual e médica do país. Podemos observar, na obra de Nava, o caráter antropofágico da sociedade brasileira, notada por Oswald de Andrade, em 1928 – uma sociedade que digeriu a Psicanálise e a transformou em um dos elementos da cultura nacional nas décadas posteriores.

Como já visto anteriormente, Pedro Nava nasceu em Juiz de Fora no ano de 1903. Repetindo o final do primeiro parágrafo que inicia a obra *Bau de ossos*: “(...) nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio”<sup>137</sup>, observa-se que a Avenida Rio Branco é a principal artéria de Juiz de Fora – cidade mineira, mais próxima do Rio de Janeiro do que da capital Belo Horizonte. Centro urbano onde capitais excedentes do café possibilitaram a industrialização de bens de consumo. Nasceu, assim, a “Manchester Mineira”. Na obra *Bau de ossos*: memórias, encontram-se questões que perpassaram pela sociedade brasileira no período: transição do trabalho escravo para o assalariado, imigração, sanitarismo, industrialização, a alteração desses fatos no cotidiano e resquícios escravocratas que adentraram pela República. Destacamos do primeiro livro de Memórias a reconstituição que Nava faz da trajetória de seu pai, exemplar formação de um sanitarista. Marina Maluf, em *Ruídos da memória*, afirma:

A memória pessoal não é tábula rasa capaz de sozinha, com suas próprias forças, perceber traços e contornos que trariam de volta às imagens do passado. A reconstituição individual não é um fato isolado e fechado em si mesmo, uma vez que, para se atingir uma lembrança, não basta reconstituí-la em suas infinitas partes. Para que uma lembrança possa ser recuperada e reconhecida, é preciso que essa reconstituição “se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros”, escreveu Halbwacs<sup>138</sup>.

Na transcrição apresentada, encontramos observações pertinentes a esta parte de nossa pesquisa. Pedro Nava, em entrevista concedida a Helena Bomeny, afirmou: “Inconscientemente quis continuar com a história de meu pai”<sup>139</sup>. O pai do autor, que também era médico, José Nava (1876-1911), morreu aos 35 anos. Na escrita sobre a curta vida do pai, Nava desvela aspectos da

<sup>137</sup> Op. cit., p. 13.

<sup>138</sup> MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 36.

<sup>139</sup> Entrevista concedida a Helena Bomeny e René Batista em 3 de abril de 1983. Este material é inédito, e a entrevistadora, generosamente, forneceu-nos uma cópia.



sociedade brasileira do período e aponta como essa trajetória marcou sua existência. Na reconstituição da trajetória familiar paterna, encontramos aspectos que irão marcar a formação da personalidade do autor.

Em *Baú de ossos*: memórias, como já visto anteriormente, Nava reconstituiu o percurso da família paterna no Maranhão, Ceará e Rio de Janeiro. No primeiro livro de Memórias, trata da trajetória de seus antepassados que confluíram para Juiz de Fora no período de 1860 a 1903. A avó materna, Maria Luísa, bem como os familiares oriundos de Santa Bárbara, região aurífera, estabeleceram-se em Juiz de Fora, na década de 1860 do século XIX. Nesse centro urbano, casou-se com o germânico Halfeld, um dos pioneiros da cidade e, ao enviudar-se, contraiu matrimônio com Joaquim Jaguaribe, natural do Ceará. A avó e a família materna, na escrita naveana, são apresentadas como pessoas que possuíam hábitos escravocratas em plena República. São oriundos do centro mineiro, antiga família mineradora, origem comum de muitos pioneiros de Juiz de Fora. Vale lembrar que hábitos escravocratas eram comuns na Manchester Mineira. A mãe do autor, Diva Jaguaribe, casou-se com o médico José Nava, nascido no Ceará e formado no Rio.

Em *Baú de ossos*, primeiro livro de Memórias, há reconstituições e testemunhos. O livro termina quando o autor tinha oito anos. Dois centros urbanos são destaques nesse volume: Fortaleza e Juiz de Fora. As revivescências naveanas sobre essas cidades constituem-se em crônicas sobre a *Belle Époque* no Brasil e suas especificidades locais. Nos centros urbanos mencionados, ocorreram questões que estiveram presentes na sociedade ocidental, no período de 1870-1914. A trajetória de José Nava se deu em Fortaleza, Salvador, Rio e Juiz de Fora. As origens da família paterna estão no Capítulo 1 – “Setentrião”. Informa a trajetória dos antepassados de José Nava no Maranhão e Ceará. Pedro Nava, contudo, costuma refletir, elocubrar e se adiantar na abordagem dos fatos. José Nava nasceu em Fortaleza, em 1876, filho do comerciante abastado Pedro da Silva Nava, proprietário de Casa Importadora. Na reconstituição naveana da trajetória do avô paterno, encontramos informações sobre aspectos de questões ligadas às transformações da sociedade brasileira no período. Nava pergunta e comenta:

Teria meu avô vindo para o Ceará por iniciativa própria ou mandado por alguma casa do Maranhão? Quando teria chegado na Fortaleza? Levando em conta a data do casamento e sua idade, provavelmente pelos 1868, 69 ou 70. Justamente

na época em que a cidade principiava a modificar-se e a adquirir certas características menos primitivas devido ao desabrochar da vida social e, principalmente, da vida intelectual com o aparecimento da folha maçom de Pompeu Filho, Capistrano de Abreu, João Lopes e Rocha Lima. Esse jornal, sequência de uma tradição de imprensa que vinha de longe, teve importância maior que seus antecessores, não só pela qualidade intelectual dos que nela militavam, como por ser o porta-voz da luta entre os pedreiros livres liberais e progressistas contra o clero conservador e reacionário. O próprio aspecto material de Fortaleza começava a renovar-se, pois caía o preconceito de que suas areias não aguentavam construções pesadas e a ideia otomana de que particular não podia morar em casa mais alta que a do sultão-presidente. Construía-se melhor, mais amplamente, assobradava-se, requintava-se nos móveis e nos ornatos externos e a casa passava a desempenhar o papel de elemento de convivência social além do de simples moradia. São desse período os sobrados cheios de dignidade das ruas José de Alencar, Formosa, Sena Madureira, do Major Facundo – que se elevaram entre as casas baixas de “beira e bica”. As lindas bicas de metal, longas como as trombetas do Juízo e que, quando vinham as grandes chuvas, atiravam a água fora das calçadas para o banho público da meninada<sup>140</sup>.

Em diversos momentos, Nava menciona o anticlericalismo do período. O processo católico conhecido como Ultramontanismo ou Romanização atravessa os textos naveanos<sup>141</sup>. Esses dois aspectos levam-nos a perceber tensões e conflitos entre os diversos setores do Brasil que se iam urbanizando. Pedro Nava, avô paterno – na escrita do memorialista – era homem de hábitos urbanos, dominava o francês e excursionou pela Europa. As transformações urbanas de Fortaleza – ícones da modernização – foram contemporâneas a graves questões sociais e econômicas. Nava supõe que o contato com a Europa e com a epidemia de varíola, que assolou Fortaleza em 1878, tenha sido marcante na família paterna: “Não é difícil conjecturar os motivos que trouxeram meus avós para a capital do Império. Primeiro, as viagens à Europa, requintando a mentalidade dos dois e dando-lhes ambição de vida mais alta, em meio maior e mais elegante”<sup>142</sup>. Nava conjectura que outros fatos podem ter motivado a família a deixar Fortaleza. A região foi assolada por violenta seca, em 1877, e epidemias de varíola no mesmo ano e em 1878. Nava consultou textos e recorreu às memórias familiares para escrever sobre o assunto.

---

<sup>140</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá. p. 27.

<sup>141</sup> Ibid.

<sup>142</sup> Ibid., p. 62.

O tema voltado para a desgraça que se abateu sobre Fortaleza, cuja região fora assolada pela seca e epidemias de varíola, atingindo também a família de Nava – sua tia Marout foi acometida pela doença – está inserido no seguinte parágrafo:

Depois a tremenda desgraça que se abateu sobre a província com a seca de 77 e o seu cortejo de horrores. A desorganização coletiva acarretada pelas migrações dos retirantes, a desgraça de cada um encarando a fome e as fúnebres companheiras do flagelo: epidemias de cólera e de bexigas. Segundo Pedro Sampaio, a varíola tinha entrado no Ceará com o tráfico africano e desde 1804 começam as notícias de suas devastações. Mas nunca ela se abateu em parte alguma do Brasil com a violência com que pesou sobre as populações – agora debilitadas pelas caminhadas, ressecadas pela sede e exauridas pela fome. Nos anos terríveis de 77 e 78, levando em conta a população de Fortaleza, o morticínio acarretado pela pustulenta foi muito maior que o de calamidades clássicas como a peste de Atenas e a peste-negra da Idade Média. Basta dizer que, em dois meses, a capital cearense viu morrerem 27.378 vítimas da doença e o Barão de Studart conta que houve um dia em que foram dar ao Cemitério de Lagoa Funda 1.008 cadáveres. O esalfamento dos coveiros deixava-os por enterrar. Num enxame de moscas e num voejar de urubus, eles cresciam dos caixões, das redes e dos sudários-roxos, da “hemorrágica”; esfolados, da “confluente”; dourados da crosta simples – as barrigas imensas papocando ao sol incorruptível. Além de testemunharem essas cenas incomportáveis de passarem o dia, à porta, socorrendo famintos, de verem nas ruas da cidade a dança macabra dos esqueletos ainda vivos de uma população em agonia – meus avós tiveram o toque da doença em pessoa muito cara. Minha tia Marout foi atingida e, ao levantar-se, era um espectro do que tinha sido. Seus imensos olhos escuros reduziram-se, apertaram-se e ficaram piscos de receberem a luminosidade que os cílios perdidos não amorteciam; suas tranças, grossas como cordas e escuras como a noite, grisalharam e ficaram ralas; sua pele mais lisa que a dos jambos ficou toda áspera e lembrando casca de goiaba branca. Cuspiu, um por um, trinta e dois dentes perfeitos que foram substituídos pela fosforecente dentadura dupla que, anos depois, eu a via lavar e escovar, tomado, ao mesmo tempo, de sentimento de pejo e de ideias mágicas e ancestrais<sup>143</sup>.

O quadro ocorrido no Ceará foi comum em diversas cidades brasileiras. Após meados do século XIX, encontramos sinais de atenção do Governo Imperial à questão, germens da centralização administrativa. Estabeleceu-se a Junta Central de Higiene Pública (1850), que passou a coordenar as atividades de polícia sanitária, vacina antivariólica e fiscalização do

---

<sup>143</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá. p. 62-63.

exercício da Medicina<sup>144</sup>. A ação do órgão era restrita devido às distâncias, à escassez populacional, etc. A atuação do Estado se limitava à internação de doentes graves em lazaretos e enfermarias improvisadas e à internação de doentes mentais fundados no Rio e em São Paulo (1852), Recife (1861), Salvador (1874) e Porto Alegre (1889)<sup>145</sup>. A família Nava, instalada no Rio, continuou bem sucedida financeiramente, construiu novos laços sociais e continuou com antigos de Fortaleza, igualmente migrados para o Rio. Ao convívio da família foi acrescentado um sócio na Casa Comissária que trouxe consequências futuras. O escritor reconstituiu possíveis trajetos de seu antepassado e de cenários urbanos cariocas. O avô de Nava, conforme informações do memorialista, teve dificuldades de adaptação ao clima do Rio.

O memorialista, sobre o assunto, assim se expressa:

(...) Desde o nascimento de sua filha mais nova, em dezembro de 1879, meu avô, que trabalhava mais que nunca, tinha começado a tossir. Só um pouco. E parecia que o verão, que entrara rijo, era mais violento que o anterior e fazia-o sofrer mais que dantes. Ele sufocava e queimava ao sol duro da manhã, às labaredas do meio-dia, ao bochorno da tarde e ao forno insuportável e molhado das noites. Só refrescava um pouco estirado hora inteira, na banheira de mármore, imensa como sarcófago etrusco, cheia até a borda da água fria que se amornava ao calor de seu corpo febril. Num dia particularmente quente falhou o seu juízo e ele chegou em casa mais cedo, ar deliberado, acompanhado de galego portador de uma barra de gelo. (...) O Lequinho indo, afinal, buscar o Doutor Torres Homem que entrou arfando – olhou, perguntou, palpou, percutiu, auscultou, jurou ao doente que não era nada e levou a família para a sala de visitas onde, com a franqueza grave que lhe era habitual, pronunciou a sentença de morte: “Tísica de forma aguda – a que eu chamo galopante. Pobre moço!”. (...) E foi assim por uns sessenta dias – vai, vem, afina, engrossa – e a 31 de maio de 1880, aos trinta e cinco anos, sete meses e doze dias de existência, Pedro da Silva Nava pesou nos braços da amada com a violência e a densidade marmóreas do Cristo da *Pietá* e rolou no tempo que não conta – recuando de repente às distâncias fabulosas e cicloidais onde estavam seu pai, seu avô imigrante, seus antepassados milaneses, genoveses, lombardos, germanos orientais, o primeiro homem e o último antropeide<sup>146</sup>.

<sup>144</sup> Alguns autores tratam da questão. Destacamos: TEIXEIRA, Luiz Antônio; ESCOREL, Sarah. História das Políticas de Saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimento populista. In: GIOVANELLA, L. et al. (Org.). *Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 333-384.

<sup>145</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo*: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 29.

<sup>146</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 75-77.

Tísica galopante era o nome dado a uma forma de tuberculose – enfermidade contagiosa e ameaçadora até o advento de medicação específica no século XX. Nava menciona a doença em vários momentos das Memórias, pois, como médico, teve momentos marcantes de experiência com essa enfermidade. A viúva empobrecida, Dona Nanoca, por ter sido lesada pelo sócio do marido, Vaz Junior, retorna para Fortaleza: “Assim ela embarcou no Largo do Paço, carregando nos braços sua filha Maria Euquéria, de seis meses e em cacho nas suas saias, Cândida, de sete anos; Dinorá, de seis; Alice, de cinco; José de quatro”<sup>147</sup>. Em 1881, morreu Adelaide Cândida, irmã de Nanoca. “Uns dois ou três anos depois, seu viúvo casa-se com minha avó”<sup>148</sup>. José Nava nasceu e viveu em Fortaleza até os 20 anos (1876-1896) quando se dirigiu para Salvador, onde estudou por um ano. Depois se transferiu para o Rio de Janeiro, onde se formou em Farmácia, em 1898, e em Medicina, em 1901. José Nava era enteado do tabelião Joaquim Feijó de Melo. As revivências do memorialista sobre a família paterna são pertinentes a um grupo da média burguesia que viveu na capital da Província do Ceará no período conhecido como a *Belle Époque* (1870-1914). A seguir, Nava comenta sobre o padrasto de seu pai e outros familiares:

Convivente, cavalheiro, gostando de receber e fazendo-o como um fidalgo, o velho Feijó influiu poderosamente na maneira gentil e na boa educação de meu Pai. Militante histórico da imprensa da terra e homem de espírito, foi também a primeira impressão intelectual sentida pelo enteado. A segunda foi a de José Carlos da Costa Ribeiro Junior, que entrou para a família em 1884, por seu casamento com Maria Feijó da Costa Ribeiro. José Carlos – que meu Pai considerava como cunhado e tinha por “mestre e amigo”, era um tipo de letrado provinciano, dos mais admiráveis do seu tempo. Filósofo, crítico, contista, poeta, jornalista, foi o Bruno Jacy da Padaria Espiritual. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1882, sequaz das ideias de Tobias Barreto, foi Promotor Público na capital pernambucana e mais tarde Procurador dos Feitos e Secretário de Estado da Fazenda, Juiz, Chefe de Polícia e Advogado na Fortaleza. Sua mais notável atividade foi, entretanto, a de professor, tendo sido diretor do Liceu do Ceará, onde regia a cátedra de Alemão<sup>149</sup>.

Na observação de Nava “na boa educação de meu Pai” e na continuação do texto, temos um bom exemplo dos estudos de Bourdieu mencionados no capítulo anterior. Em outro

<sup>147</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos: memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 79.

<sup>148</sup> *Ibid.*, p. 80.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 82.

fragmento de texto, Nava amplia a informação. José Nava, no convívio com familiares e intelectuais locais, teve acesso às discussões que estiveram presentes no final do século, diríamos internacionalmente. Como veremos nas informações sobre as leituras do pai do memorialista, ideias positivistas, darwinistas, evolucionistas fazem parte do ideário do capitalismo monopolista que se estava expandindo em caráter global. Nos textos naveanos sobre Fortaleza, deparamo-nos com diversos aspectos que perpassaram pela sociedade brasileira após a década de 1870. A intensificação da urbanização e a adoção de hábitos burgueses foram visíveis na *Belle Époque* nacional. Em Fortaleza, como em outras cidades brasileiras, houve adequação urbana aos novos tempos. Setores dessa sociedade estiveram envolvidos em questões como a Abolição, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889. Nas Memórias, estão as contradições que estiveram presentes no Ceará, nesse período.

Nava reproduz a visão tradicional sobre os problemas acarretados pelas secas nordestinas. Nessa abordagem, tem-se uma Fortaleza de intensa vida intelectual e que, por fatalidades de fenômenos naturais, está sempre sob a ameaça destes. Esta postura leva à explicação das desigualdades sociais no Nordeste devido às secas. Ana Maria Matos Araújo tem abordado a questão, seguindo as propostas de Lefebvre e identificado políticas econômicas voltadas a práticas exclusivas, como um elemento permanente na história do Ceará<sup>150</sup>. A Fortaleza reconstituída por Nava é a cidade que foi remodelada em fins do século XIX e princípios do XX. Cidade que foi elevada a Vila, em 1726, e capital da província, em fins do século XVIII, quando a mesma se separou de Pernambuco.

Após a Independência, a exportação de algodão enriqueceu setores da sociedade em Fortaleza. Ampliou-se a exportação desse produto para a Inglaterra, sobretudo no período da Guerra de Secessão, ocorrida nos Estados Unidos (1860-1865). As construções da ferrovia Fortaleza – Baturité, em 1850, do Lazareto da Lagoa Funda (1856), da Santa Casa (1861), da Alfândega Nova (1891), a redefinição do espaço urbano por Adolfo Hertbster (década de 1870), a elaboração do Código de Posturas (1893), a criação do Mercado de Ferro (1902), da Fênix Central – Associação Comercial (1905) e do Teatro de José Alencar (1912) são marcos identificadores das propostas arquitetônicas do período. Essas propostas traduziram os anseios, em Fortaleza, de uma burguesia preocupada em estabelecer novas formas de relação com o

---

<sup>150</sup> ARAÚJO, A. M. M. O êxodo dos trabalhadores rurais para a cidade à luz de Lefebvre. *Scripta – Nova Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 6, n. 119, ago. 2002. Disponível em: <[www.ub.es/geocrit/sn/sn119121.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119121.htm)>. Acesso em: 3 mar. 2006.

mundo rural. Esse grupo, na capital cearense, foi constituído por comerciantes ligados à importação e exportação, a técnicos e profissionais europeus e seus descendentes.

A arquitetura eclética, tomando formas do passado com materiais da industrialização, tais como ferro, estrutura metálica, vidros, encanamento, etc., compunha o cenário urbano criado por Haussmann (1809-1891), em Paris, entre 1853 e 1870. Esse modelo, que marcou o urbanismo do século XIX, foi exportado pelo mundo. Em Fortaleza, os ecos de Haussmann estão nas avenidas que foram construídas e que demandavam ao centro da cidade, ligando a praia ao Palácio do Governo e à Assembleia Legislativa, passando pela Alfândega, armazéns de exportação, Secretaria da Fazenda e Sé<sup>151</sup>. Nesse espaço, não houve lugar para os pobres, que foram para as periferias, comportamento que atendia aos princípios do Sanitarismo e Higienismo os quais viam, na pobreza e em seus hábitos, uma ameaça constante à saúde da cidade.

José Nava pertencia aos segmentos sociais acima mencionados, e seu pai, Pedro Nava (1843-1878), foi próspero proprietário de Casa Comissária em Fortaleza e Rio de Janeiro, como já visto anteriormente. Mas, com sua morte, a família ficou empobrecida. O casamento da viúva com o intelectual e Tabelião Feijó, pertencente aos segmentos médios, possibilitou o contato de José Nava com a intelectualidade da terra. Diversos aspectos têm sido estudados sobre Fortaleza. Consultando estes autores, podemos conhecer o contexto histórico da cidade reconstituída por Nava<sup>152</sup>. Em Fortaleza (1870-1914), estiveram presentes as questões e propostas colocadas em

<sup>151</sup> As informações sobre a arquitetura de Fortaleza no período de 1870-1914 estão em: CASTRO, J. L. Arquitetura eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: EDUDP, 1973. p. 208-255.

<sup>152</sup> Dentre os trabalhos acadêmicos que tratam desta questão, destacamos: ALBUQUERQUE, A. M.; SAMPAIO NETO, A. *O discurso urbano acadêmico sobre Fortaleza em fins do século XIX e início do XX*. Disponível em: <[www.igea.uerj.br/VIVBG-2004/Eixo1%20.425.htm](http://www.igea.uerj.br/VIVBG-2004/Eixo1%20.425.htm)>. Acesso em: 5 abr. 2006. ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela imigração. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. Barcelona: Universidad de Barcelona. Disponível em: <[www.ub.es/geocrit/sn-94-73.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn-94-73.htm)>. Acesso em: 3 abr. 2006. BARREIRA, I. A. *A cidade no fluxo do tempo: a invenção do passado e patrimônio*. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid)>. Acesso em: 5 abr. 2006. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUHMG, 2004, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, 2004. 1 CD-ROM. COSTA, M. C. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. *Mercator* -. Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <[www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/File/181/147](http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/File/181/147)>. Acesso em: 10 jun. 2006. ORIÁ, R. *A história em praça pública – os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1924)*. Disponível em: <[www.historia.uff.br/labhoi/primeiros\\_escritos/pe7-3pdf](http://www.historia.uff.br/labhoi/primeiros_escritos/pe7-3pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2006. PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. SILVA, A. A. Félix Marques; PEREIRA, L. A. S.; DOMINGUES, V. K. Modernização e desigualdades sociais em Fortaleza na segunda metade do século XIX. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, Caxambu, 2004. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_94.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_94.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2006. SOUZA, S. *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

discussão nacionalmente. Nava, em numerosas páginas, reconstitui a trajetória desse grupo urbano<sup>153</sup>. A família paterna do autor esteve ligada ao grupo de comerciantes e exportadores de algodão, que, em Fortaleza, foram responsáveis pela organização espacial e intelectual no figurino da *Belle Époque* de setores da cidade.

Destacamos como emblemas da organização sociocultural, no período de 1870 a 1920, em Fortaleza: Atheneu Cearense (1863), Academia Francesa do Ceará (1872) – locais em que as teorias científicas – darwinismo e evolucionismo – foram divulgadas, Gabinete Cearense de Leitura (1875), Clube Literário (1886), Instituto do Ceará (1887); Academia de Letras do Ceará (1894) e Faculdade de Direito (1903). Chamou-se Padaria Espiritual o grêmio literário organizado em Fortaleza, com o objetivo de reunir intelectuais da cidade. Nava, partindo de livros, memórias familiares e escritos dos membros desse grupo, diversos aparentados com o memorialista, assim conclui sobre o ideário da Padaria Espiritual, em que atuou no período de 1892 a 1898:

(...) Não é difícil descobrir quais eram, diante dos laivos de positivismo e de *fraternidade* que transparecem na sua história e no seu modo de ser. Esses aspectos vinham de *vogas* da época. Contismo. Maçonaria. É muito tênue o que se encontra como influência do primeiro e tudo talvez nem fosse intencional e tivesse tocado os *padeiros* como espírito do século<sup>154</sup>.

(...) QUASE NÃO é hipótese, mas certeza. A Padaria era extremista, socializante, levemente anarquista. Num país verde e amarelo basta lembrar a escolha da cor do lábaro da associação: pena e espiga de trigo bordados em campo de sangue, do vermelho da revolução e da anarquia, do vermelho da luta da

*gente vulgar pobre, que vive de pada, e água, ou pouco mais; e habita pobrememente, e assim se veste: o vulgo*<sup>155</sup>.

O ideário comentado por Nava é o referido por nós em momento anterior que perpassou pelas instituições brasileiras. José Nava, adolescente, participou desse grupo e, quando o memorialista reconstituiu os elementos formadores do pensamento paterno, sintetizou a formação de um intelectual do período. Na transcrição, também temos a exposição do método usado por

<sup>153</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Memórias. Rio de Janeiro: Sabiá. p. 26-27.

<sup>154</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 96.



Nava, para conhecer a formação intelectual de seu pai, que se fez no Liceu do Ceará, fundado em 1887:

(...) O conhecimento que já prepararia nele um médico diferente do comum e mais puxado para o gênero do seu futuro amigo Aloysio de Castro – o conhecimento, dizia eu, de Raimundo Correia, Augusto de Lima, Artur Azevedo, Rodrigo Otávio, Araripe Junior, Bilac, Gonçalves Crespo, Machado de Assis, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Luis Murat, Sílvio Romero, Francisco Otaviano e Tobias Barreto. Conhecimento de Camões, Eugênio de Castro, Antero de Quental, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, João de Deus e Antônio Feliciano de Castilho. No estrangeiro, o de Racine, Zola, Musset, Hugo, Lamennais, Théophile Gauthier, Lamartine, Alphonse Daudet, Théodore de Banville, Loti, Catulle Mendès, Comte, Shakespeare, Tennyson, Byron, Cowper, Longfellow, Heine e Schopenhauer. Tudo isto intimidade que está comprovada na curiosa coleção de recortes e de retratos de meu Pai – uma daquelas *miscelâneas* bem do seu tempo e das quais possuo a sua, a de minha Mãe, as de meu tio Antônio Salles. Curiosos repositórios para estudo de uma personalidade, onde ainda surpreendo, por parte de meu Pai, a preferência, entre os pintores, por Rubens, Rafael e Van Dick. Admiração musical por Mendelssohn e pela virtuosidade de Battistini e da divina Malibran. Gozação do lado grotesco do físico de Lopes Trovão – “O Arara” – e da vaidade imensa de Campos Sales – “O Pavão do Catete” – e preocupações políticas com Benjamin, Deodoro e Floriano. Foi isto tudo que ele aprendeu no Ceará. E mais a valsar, amar, polcar e sonhar. Aprendeu também o dom de ser amigo e o de dedicar-se. O de usar a prenda de fazer o próximo estourar de rir e rir, ele próprio, a bandeiras despregadas. E foi assim que em princípios de 1896 ele foi para a Bahia, onde se matriculou nos cursos de Farmácia e de Medicina da nossa mais velha faculdade. Era o ano em que o Belo Horizonte alvorecente batia o pleno das suas construções, em que surgiam no sertão os primeiros incidentes com Antônio Conselheiro, em que tomava posse no Governo do Ceará o Doutor Antônio Pinto Nogueira Accioly e em que Prudente de Moraes moderava a República a rédea leve. Meu Pai tinha 20 anos<sup>156</sup>.

Na transcrição apresentada, temos informações mais completas sobre a formação de José Nava e os relacionamentos (Capital Social) que o colocam congênere à intelectualidade do período (*Habitus*), e Nava reconhece que é uma educação diferenciada (Distinção Social). No Capítulo III, intitulado “Paraibuna”, de *Baú de ossos*, Nava reconstitui a trajetória de seu pai como aluno dos cursos de Farmácia e Medicina em Salvador e no Rio de Janeiro. Na formação de

<sup>156</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Memórias. Rio de Janeiro: Sabiá. p. 98-99.

José Nava, encontramos questões que envolveram a intelectualidade no período de 1870 a 1920. A expressão *Belle Époque* identifica o período correspondente ao Capitalismo Monopolista (1850-1914), quando o mesmo se estendeu mundialmente. A vida urbana e as conquistas da industrialização fizeram com que as pessoas do período tivessem a consciência de que viviam tempos novos, a Bela Époque. cremos que, para o entendimento dos diversos aspectos que estiveram ligados à formação de José Nava – nascido, educado e profissional da *Belle Époque* –, devam ser destacados aspectos da sociedade brasileira no período de 1870 a 1930.

José Nava, em 1896, matriculou-se nos cursos de Farmácia e Medicina de Salvador, transferindo-se, em 1897, para o Rio de Janeiro, onde se formou em Farmácia (1898) e em Medicina (1901). Radicou-se em Juiz de Fora, aí permanecendo até 1909, quando se transferiu para o Rio, onde faleceu, em 1911, aos 35 anos.

Pedro Nava, ao comentar o período em longo parágrafo, característica de sua escrita, falou sobre esse momento:

E aqui? Também tivemos a nossa *belle époque*, por sinal que feia como sete dias de chuva. Começou com a República. Basta comparar a iconografia imperial com a posterior, para ver a coisa inestética que veio depois de D. Pedro II. Gravuras de Debret e Rugendas, pintores régios, figuras de Angelo Agostini – cheias dos nossos usos, costumes, tipos, ruas, casas, campos, estradas, árvores, céus e alegorias – tudo é substituído pelo duro documento fotográfico e pelas pinturas sebatas de Gustav Hastoy, de Manuel Santiago, de Almeida Junior, de Batista da Costa e Giuseppe Boscagli, representando marechais anacrônicos em fardas do tempo da Guerra da Crimeia, ou Presidentes soturnos nas suas sobrecasacas de *croque-morts*. Uma densa e má tristeza desprende-se da história da República. Vêm, de saída, o despudor do Encilhamento e Floriano deglutindo o Deodoro – que ainda digeria a coroa do benfeitor. A Revolução Federalista ensanguenta o Sul. Degolamentos simples e *de volta*. Conhecem a variedade? Não se corta de fora para dentro, como às galinhas. Mete-se longa e afiada faca embaixo da orelha, entre o maxilar e o esterno cleido. Ela sai do outro lado do pescoço e então puxa-se de dentro para fora: *de volta*. Saldanha da Gama é lanceado e seus companheiros, sangrados. Eleição e posse de Prudente. Canudos e mais mortes. A cabeça do Conselheiro chega ao litoral da China, "onde deliravam multidões em festa..." O Marechal Bittencourt morre salvando o Presidente. Sem nenhuma convicção. O magnicida Marcelino Bispo foi reabilitado pelos que o executaram na calada da noite. Mais sangue: o de Gentil de Castro. Encerra-se a década, encerra-se o Século deixando como lembranças amáveis a fundação de Belo Horizonte, a instalação da Academia de Letras, a risada de Artur Azevedo. Abrem-se os novecentos com as festas do Quarto Centenário e o retrato da bem amada de um Ministro nas notas de cinquenta mil-réis. O prestidigitador Chapot-Prevost, num golpe circense, corta um monstro

em duas meninas. Santos Dumont contorna a Torre Eiffel num balão e voa em aeroplanos virados às avessas. Rocca e Carleto escrevem meu primeiro romance policial e Oswaldo Cruz sai das páginas de *Monsieur de Phocas* para acabar com a febre amarela. Acabou também com a peste, comprando ratos; com a varíola, comprando os ódios que explodiram na rebelião de Lauro Sodré. Passos, Frontin, Lauro Müller – Cais do Porto, Avenida Central, Flamengo. Pinheiro Machado discursa no Palácio da Liberdade e suas palavras começam a forjar o ferro que serviria mais tarde a Manso de Paiva. Carlos Chagas se iguala a Oswaldo Cruz e os dois fazem pelo Brasil o que os charlatães da política nunca tinham feito. Não contando os burros – acatados por trazerem dentro do ventre-caldeirão o "senso grave da ordem" – dizem que nela, política, havia gênios também. David Campista, Carlos Peixoto, João Pinheiro, Gastão da Cunha. Em terra de cego quem tem um olho é rei. Em terra de rei quem tem um olho é cego. Em terra de olho quem tem um cego é rei... Afonso Pena morreu traído e dizem que os trinta dinheiros foram para Itajubá. "Toma, cachorro!" – são as últimas palavras ouvidas por Euclides da Cunha caindo no chão que ele engrandeceu. O "almirante" João Cândido – vestido de ouro e prata – acabou com a chibata, escapou da cal viva da Ilha das Cobras e dos fuzilamentos do Satélite para dar, depois, entrevistas de negro velho. Águia de Haia ou Papagaio de Haia? "Fala, fala, fala, meu bem..." Ganhando, mas não levando. Urucubaca era a dele. O outro foi para o Catete, onde se dançou o corta-jaca na era da *jupe-culotte*. Mil novecentos e doze vem com a morte do Barão de Quintino e novamente sangue na burrice do Contestado. Mais um ano, dois anos e ouviu-se aqui ribombo que ninguém entendeu – o eco do tiro de Prinzip. Que foi? Que foi? Foi nada, não. Um maluco matou um arquiduque e não temos nada com essa opereta. O diabo é que tínhamos. Pois foi nessa *belle époque* que doenças, necessidades, obrigações, compromissos, acaso, destino – o *fatum* – fizeram convergir para o Rio de Janeiro gente da família de meu Pai, da de minha Mãe<sup>157</sup>.

Ao contrário do que afirma Nava na transcrição apresentada, as grandes transformações superestruturais ocorridas no Brasil não se deram com a República, mas nas duas últimas décadas do Império. Na transcrição, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas aparecem com Euclides da Cunha, Canudos, Contestado, Encilhamento e Chapot-Prevost (cirurgião). Desenvolveremos, em parágrafos posteriores, a importância do Sanitarismo no momento. Quanto à "fealdade" do período, mencionando a criação artística do mesmo, é visão comum dos "modernistas". A extinção do tráfico de escravos, em 1850, o início da imigração e as discussões sobre o assunto, entre 1870-1900, o interesse pelo Darwinismo Social, Evolucionismo e Comtismo, nas décadas de 1870 e 1880, são mostras de emergência de valores urbanos. Esse ideário esteve presente na formação de José Nava, como podemos observar nas informações sobre a adolescência do mesmo e nas experiências enquanto estudante e profissional de Medicina, assunto que será

<sup>157</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá. p. 208-209.

abordado nos parágrafos a seguir. Sívlio Romero (1851-1914), citado por Leite (1983), contemporâneo das transformações mencionadas, assim percebeu o seu tempo:

De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofismo do Império apareceu em toda a sua nudez. A Guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnanemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discurso: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições políticas e das magistraturas e inúmeros problemas econômicos; o partido liberal expelido do poder comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia um programa que nada faria apagar. Na política, é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o tratamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso<sup>158</sup>.

Nas considerações apresentadas por Sívlio Romero, deparamo-nos com inúmeras setas (Hobsbawm), as quais apontam para questões que formaram o arcabouço cultural da sociedade brasileira do período. Destacaremos alguns desses aspectos, sobretudo os que julgamos mais pertinentes a esta pesquisa, a qual, no momento, está tratando da trajetória de José Nava. Como mencionamos anteriormente, a imigração e as discussões sobre as questões envolvidas com a mesma estiveram presentes no período. Dois aspectos são de nosso especial interesse nas discussões que envolveram a imigração: racismo e Higiene.

O mundo que se organizou norteador pelo Capitalismo Industrial (1782-1914) tem como um de seus postulados a laicização. A Razão Científica, postulada como neutra, descobriu, nas características e peculiaridades étnicas, justificativas para as políticas expansionistas e nacionalistas de países europeus, além de explicações para as contradições sociais em países como o Brasil, apontado, na época, como caso único de miscigenação.

---

<sup>158</sup> Transcrição em: LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Fundação Bienal, 1983. p. 195.

Homens de Ciência, como assim se consideravam, formularam teorias que, na prática, referendavam a dominação econômica e as desigualdades sociais<sup>159</sup>. Thomas Buckle (1821-1862) viu, no determinismo climático, a impossibilidade de se ter uma civilização no Brasil. E. Renan (1823-1892) concluiu que negros, amarelos e mestiços são povos inferiores.

Os estudos de Charles Darwin (1809-1882), publicados em 1859, com o título *A origem das espécies* (2005), concluíram que, na vida natural, os vencedores são os mais fortes e aptos na luta pela sobrevivência. O Darwinismo Social aplicou os mesmos princípios na vida social, quando defendeu que as nações e raças mais fortes, brancos civilizados, predominam sobre as inferiores e atrasadas, como as amarelas, negras e mestiças. Herbert Spencer (1820-1903), cujas ideias ficaram conhecidas como “Evolucionismo Social”, viu a evolução como lei universal, parte de um ciclo, associada ao progresso. Por último, citamos Joseph Arthur Gobineu (1816-1842), mais conhecido como Conde de Gobineau, cuja amizade com Richard Wagner assegurou a popularidade, nos estados germânicos, de seu livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1967). Quando embaixador da França no Brasil, de 1869 a 1870, assim Gobineau descreveu os brasileiros:

(...) É preciso reconhecer que a maioria do que chamamos de brasileiros compõe-se de sangue mestiço, sendo mulatos e filhos de caboclos distintos. Eles estão em todos os escalões sociais. O Senhor Barão de Cotegipe, atual Ministro das Relações Exteriores, é mulato; no Senado há homens desta categoria; em uma palavra, quem diz brasileiro diz com raras exceções, homem de cor. Sem entrar no mérito das qualidades físicas ou morais destas variedades, é impossível desconhecer que elas não são laboriosas, ativas ou fecundas. As famílias mestiças destroem-se tão rapidamente que certas categorias existentes há apenas vinte anos já não mais existem, como por exemplo, os mamelucos. E, por outro lado, a grande maioria dos fazendeiros, cuja desagradável situação econômica expus-lhe ainda agora, vive um aspecto muito próximo da barbárie, no meio de escravos, e deles não diferenciam nem por gostos nem por gestos mais sofisticados, nem por tendências morais elevadas<sup>160</sup>.

<sup>159</sup> Dois textos norteiam nossas observações sobre o assunto: SARAIVA, José Flávio Sombra; IONGE, Klaas. África e América: o tráfico negreiro e a gestação do racismo. *Humanidades* 28, Brasília, v. 8, n. 2, p. 197-202, 1992. SCHWARCZ, Lílían Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>160</sup> RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil*. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 117.

A discussão racial envolveu instituições brasileiras de 1870 a 1930. O assunto foi abordado nos estudos de Frenologia dos Museus Etnográficos, na leitura dos germânicos pela Escola de Recife, na análise liberal da Escola de Direito de São Paulo, no meio católico evolucionista dos Institutos Históricos e Geográficos, nas questões eugênicas das Faculdades de Medicina e no ensino da Academia Imperial de Belas Artes e Escola Nacional de Belas Artes. Essas instituições foram criadas ou reorganizadas como parte do aparato urbano que se estava implantando, e foram contemporâneas à preocupação da intelectualidade com o reconhecimento de uma identidade nacional. Na década de 1880, a intelectualidade brasileira dividiu-se na adesão ao Positivismo de Comte, ao Darwinismo Social e ao Evolucionismo de Spencer. Segundo Ortiz, o contorno racista marcou o pensamento dos precursores das Ciências Sociais no Brasil, como os escritos de Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues. As propostas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro estudadas por Guimarães já foram destacadas no Capítulo I deste trabalho.

A criação, em 1828, das Faculdades de Direito de Recife e São Paulo teve a finalidade de formar uma elite intelectual apta a ocupar os cargos burocráticos do país. Na Faculdade de Recife, o evolucionismo foi presente na leitura que Tobias Barreto fez de Haeckel e Buckle, na difusão de Spencer, Darwin, Littré, Le Bon e Gobineau. Sílvio Romero representou o apego ao evolucionismo, quando propôs a mestiçagem como solução para a homogeneidade nacional. A Faculdade de Direito de São Paulo, cidade que, após a década de 1970, despontou como centro político e financeiro, impôs-se como instituição formadora da elite político-administrativa nacional até 1930. Defendendo a ação de um estado liberal acima das desigualdades raciais, embebida por postulados positivistas, essa elite evidenciou sua adesão ao evolucionismo, por exemplo, quanto à imigração.

Schwarcz exemplifica como a Sociedade Central de Imigração (1883-1891), influenciada por políticos paulistas, referiu-se ao caráter "atrofiado, corrupto, bastardo, depravado e em uma palavra detestável da raça chinesa". Continua a autora, chamando a atenção para o Decreto n°. 528, de 1890, que abria o Brasil a imigrantes que tivessem boa conduta em seus países, com exceção de africanos e asiáticos<sup>161</sup>.

---

<sup>161</sup> SCHWARCZ, LÍLIAN, MORITZ. *O espetáculo das raças: cientistas e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 184-185.

Transcrevendo o jornal *Correio Paulistano*, de 19 de julho de 1892:

[...] O que são os chineses... os escravos com todos os horrores e vícios não foram tão perniciosos como a contratação dos chineses... O negro só sabia ser sensual idiota, sem a menor ideia de religião... Já os chineses são gente lasciva ao ultimo grao, escoria acumulada de países de relachadíssimos costumes... São todos ladrões, jogadores a um grao incompreensível... e de introduzir estes leprosos de alma e corpo quanto custará ao Estado de São Paulo em cárceres com o aumento da criminalidade<sup>162</sup>.

Concluindo as observações sobre as Faculdades de Direito de Recife e São Paulo, Schwarcz assinala que:

Guardadas as diferenças o que se pode dizer, no entanto, é que para ambas as faculdades "O Brasil tinha saída". Por meio de uma mestiçagem modeladora e uniformizadora, apregoada por Recife. Por meio da ação de um Estado liberal, como tanto desejavam os acadêmicos paulistanos. A figura do purista permanecia, em meio a toda essa batalha, como que intocada. Confiantes em sua posição de "missionários", buscavam os puristas brasileiros cunhar para si próprios uma representação que os distinguisse dos demais cientistas nacionais. Eram eles "os eleitos" para dirigir os destinos da nação e lidar com os dados levantados pelos demais profissionais de ciência. Na sua visão, encontravam-se distanciados do trabalho empírico dos médicos, das pesquisas teóricas dos naturalistas dos museus, da visão eclética e oficial dos intelectuais dos institutos históricos e geográficos. Entendiam-se como mestres nesse processo de civilização, guardiães do caminho certo<sup>163</sup>.

Dando continuidade às observações sobre o aparato institucional montado no Brasil, ao longo do século XIX, passaremos ao estudo do exercício e ensino médico. A Medicina no Brasil colonial, exercida por barbeiros, práticos e parteiros, também teve sua adequação ao século XIX. Como outras instituições, as primeiras tentativas de organização do ensino médico estão entre as medidas do Príncipe Regente D. João, na tentativa de se montar o funcionamento da Corte no

---

<sup>162</sup> SCHWARCZ, Lílian, Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.185-186.

<sup>163</sup>Ibid., p. 187.

Brasil. As Escolas de Medicina do Rio e Bahia foram fundadas em 1813 e 1815<sup>164</sup>. Em 1829, criou-se a Sociedade de Medicina, com a incumbência de se analisar o ensino médico. As sugestões da Sociedade foram acatadas na reforma de 1838, quando as Escolas Médico-Cirúrgicas transformaram-se em Faculdades. O ideário desses estabelecimentos de ensino médico foram as Revistas Médicas da Bahia e do Rio, cujas publicações fundamentam-se no Evolucionismo e no Positivismo. Com Nina Rodrigues (1894-1957) e outros da faculdade baiana, dá-se destaque à preocupação de análise racial e, após os anos 1920, aos estudos de Medicina Legal – análise frenológica. No Rio, os estudos voltaram-se mais ao Saneamento e à Higiene. Tanto na Bahia quanto no Rio, o negro era visto como um problema. As questões sociais teriam causas e tratamentos médicos, como observou a *Gazeta Médica da Bahia*, em 1923:

A mestiçagem deve ser até certo ponto encarada psy-chologicamente como factor de degeneração. Entre nós, é constituída de elementos de várias procedências portadores de caracteres étnicos diversos e condições especiais que sob as influências mesológicas devem trazer uma perturbação do equilíbrio inobstável. A mestiçagem extremada aqui encontrada... retarda ou dificulta a unificação dos typos, ora perturbando traços essenciais, ora fazendo reviver, nas populações, caracteres atavicos de indivíduos mergulhados na noite dos tempos. É preciso mudar as raças...<sup>165</sup>

---

<sup>164</sup> Dentre a expressiva bibliografia, destacamos trabalhos de amadores e historiadores: CAVALINO, Daniela Buono. *Jesuítas e Medicina no Brasil colonial*. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 10 fev. 2009. LOPES, Rodrigues. *Anchieta e a Medicina no Brasil colonial*. Belo Horizonte: Apolo, 1934. MARQUES, Vera Beltrão. *Natureza em boiões e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Unicamp, 1999. MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A prática da Medicina no Brasil colonial: espaços e limites da cura*. Disponível em: <www.bases.bireme.br>. Acesso em: 22 maio 2009. SANTOS FILHO, Licurgo. *História Geral da Medicina*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991. SILVA, Lenina Lopes. As “misturas do humano com o divino” na Medicina popular do Brasil colonial. *Mneme – Revista Humanidades*, Caicó, RN, v. 9, n. 24, set/out. 2008. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>. Acesso em: 22 maio 2009.

<sup>165</sup> Jornal *Gazeta Médica da Bahia*, 1923, p. 256.



A revista *Brasil Médico* do Rio de Janeiro conclui que a demência é um caráter racial negro. Vejamos:

Claro está que um branco imbecil será inferior a um preto inteligente. Não é porém, com exceções que se argumenta. Quando nós referimos a uma raça, não individualizamos typos dela, tomamo-la em sua acepção mais lata. E assim procedendo vemos que a casta negra é o atraso; a branca o progresso a evolução... A demência é a forma em que mais avulta os negros. Pode-se dizer que tornam-se elles dementes com muito mais frequência, por sua constituição, que os brancos...<sup>166</sup>

A bibliografia sobre a organização da Medicina no período é expressiva e tem desvelado diversos aspectos que envolvem essa atividade. Destacamos os estudos de Dominichi Miranda Sá (2006) na obra *A Ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil*; Flávio Coelho Edler (1992) – *As reformas do ensino médico e a profissionalização da Medicina na corte do Rio de Janeiro*, dissertação defendida em 1992; Madel Luz (1982) – *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde*; Michel Herschmann, Simone Kropf e Clarice Nunes (1996) – *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro*. Os textos mencionados e outros com os aspectos estudados por Sidney Chalhoub (1996) – *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial* – e por Nicolau Sevcenko (1999) – *Literatura como missão* – analisam as tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Os textos nomeados são perpassados pela identificação do ideário comentado anteriormente e identificam como as questões de saúde e doença ocupavam espaços entre a intelectualidade.

Não podemos deixar de mencionar o Positivismo nestes comentários sobre as ideias dominantes, em algumas instituições brasileiras, de 1870 a 1930. O Positivismo de Augusto Comte (1798-1857) ocupou importante posição no pensamento do século XIX, como método e como doutrina. Como método, graças à certeza rigorosa de experimentação, a partir da qual se podem elaborar teorias; como doutrina, apresentou-se como revelação da própria Ciência. Essas características do Positivismo mostram a confiança da burguesia em sua capacidade de dominar o mundo em todos os seus aspectos. Ao lado do Evolucionismo de Spencer, o Positivismo ganhou a adesão de grande parte da intelectualidade brasileira. Ideias positivistas foram discutidas e

---

<sup>166</sup> Revista *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, 1904, p. 178.

assumidas por grupos ligados à Proclamação da República. Entre os focos de difusão das ideias comtistas, destacam-se a Escola Militar e a Sociedade Positivista, no Rio, e a Faculdade de Direito de São Paulo. O pensamento de que a sociedade pode ser entendida como um organismo vivo, onde se detectam questões e aspectos que podem ser resolvidos com raciocínio científico, garantiu a organização da República apenas como um ajuste institucional, sem alteração das estruturas sociais.

Concluimos nossas observações no âmbito nacional (1870-1930), afirmando que as Faculdades de Direito e Medicina, o IHGB, os Museus Etnográficos, a Academia de Letras, a Academia Imperial de Belas Artes – Escola Nacional de Belas Artes, bem como outras instituições que foram criadas ou reformuladas no período, funcionaram como instrumento ideológico para a inserção do Brasil na ordem capitalista. A Abolição, em 1888, e a República, em 1889, foram modernizações institucionais que garantiram a permanência no poder das oligarquias do Império até 1930. As fraturas dessa organização se fizeram visíveis com o movimento dos Tenentes em 1922, 1924 e 1926, a fundação do Partido Comunista e a Semana de Arte Moderna em 1922.

Retornando ao *Baú de ossos*: memórias – Capítulo III – “Paraibuna” – podemos observar que a família nuclear de Pedro Nava permaneceu na cidade até 1913, quando a avó materna “Nhá Luísa” faleceu. Acompanhando o pai, Joaquim Jaguaribe, a mãe de Nava mudou-se com os filhos para Belo Horizonte. Pedro Nava retornou à cidade como médico, permanecendo na mesma no ano de 1928. Destacaremos dois aspectos nas Memórias que consideramos marcantes no processo de urbanização de Juiz de Fora (1880-1892): a transição para o trabalho livre junto com a permanência de hábitos escravocratas e a atuação de José Nava como médico:

Descendente de uma família citadina, filho de um comerciante liberal, meu Pai assim que conheceu melhor a sogra rural, escravocrata, dominadora e violenta, tomou-lhe horror. Protestou logo contra a pancadaria, a palmatória e marmeleiro a que Inhá Luísa submetia as numerosas crias que tinha dentro de casa e achou ruim esse *ersatz* da escravidão. Abolida esta e não se podendo mais comprar o negro, as senhoras de Minas tomavam para criar negrinhas e mulatinhas sem pai e sem mãe ou dadas pelos pais e pelas mães. Começava para as desgraçadas o dormir vestidas em esteiras postas em qualquer canto da casa, as noites de frio, a roupa velha, o nenhum direito, o pixaim rapado, o pé descalço, o tapa na boca, o bolo, a férula, o correão, a vara, a solidão<sup>167</sup>.

<sup>167</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 259.

Em Juiz de Fora, capitais excedentes do café possibilitaram o investimento em indústrias de bens de consumo no período de 1880-1930. Estes aproximadamente 50 anos foram o período em que a burguesia e a intelectualidade da cidade denominaram o local de “Manchester Mineira” e “Atenas Mineira”, criando, com tais epítetos, a ideia de modernismo e progresso. Na transcrição de Nava, estão observações de fatos ocorridos em Juiz de Fora, na primeira década do século XX, testemunhas da permanência de práticas escravocratas que adentraram pela República. Estas posturas são contemporâneas do surgimento de novas forças e grupos sociais, por exemplo, o operariado. Ocorreram, em Juiz de Fora, pioneiras greves operárias no período de 1912-1924.

Inúmeros estudos acadêmicos têm-se ocupado da história de Juiz de Fora<sup>168</sup>. *Baú de ossos* e parte de *Balão cativo* são documentais para os que estudam os diversos aspectos da cidade. Recortaremos as observações naveanas sobre a atuação de seu pai na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Essa instituição foi fundada em 1889 e, em sua organização e discussões, estão presentes questões que foram discutidas nacionalmente. Seleccionamos alguns textos de Nava sobre a instituição e, posteriormente, faremos observações sobre as questões tratadas. A Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora foi fundada pelos médicos João Nogueira Penido e Romualdo César Monteiro de Miranda. Trata-se de um local onde José Nava teve ativa atuação. Foi a segunda entidade médica fundada no país. A seguir, Nava fala sobre o discurso de João Nogueira Penido na reunião inaugural da instituição:

Seu discurso de abertura é uma ode às últimas conquistas da Arte, que ele enumera entusiasmado: a anestesia pelo clorofórmio; a aplicação dos medicamentos por via hipodérmica, segundo a técnica de Pravaz; o achado da medicação antitérmica; o advento das ideias de Pasteur sobre a fermentação, os proto-organismos e suas consequências – a antissepsia pelos corpos da série

---

<sup>168</sup> Destacamos os livros publicados: ANDRADE, S. M. B. V. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987. CHRISTO, Moraliz de Castro Vieira. “*Europa dos pobres*”: a *belle époque* mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. GIROLETTI, D. *O processo de industrialização em Juiz de Fora: 1850-1950*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988. Pesquisas em andamento cujos resultados parciais foram apresentados no 1º SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL DA ZONA DA MATA MINEIRA e os *Anais* publicados em CD-ROM: BARROSO, E. L. *Medicina social (1889-1920): locus para a intervenção do Estado frente aos subalternos*. LANA, V. *Uma associação científica no “interior das Gerais!”: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF)*; PINTO, J. A. A. *A caridade e a ordem: ação e contribuição da cristandade na organização do espaço público da cidade de Juiz de Fora na passagem à modernidade oitocentista 1890/1924*; SCOTON, R. M. S. *Médicos acadêmicos e curandeiros na Manchester Mineira (Juiz de Fora, MG, 1890-1940)*.

aromática, ácido carbólico à frente e as inoculações pelos vírus atenuados. Depois dele, falou o Dr. Eduardo de Menezes, sabichão, citando, além de Hipócrates e Bichat, os moderníssimos Orfila, Brown-Séquard, Claude Bernard, Lépine, Charcot e Bouchard<sup>169</sup>.

As menções dos fundadores remetem a nomes que identificam etapas do percurso da Medicina ao longo do século XIX. As preocupações da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora com a Higiene e o Saneamento mostram o alinhamento de seus membros à orientação de Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. Dentre as várias lutas da Sociedade junto à municipalidade, Nava destaca:

A esses beneméritos, ao seu trabalho na Sociedade e a sua ação social, Juiz de Fora ficou devendo a luta contra o pó, pelo calçamento; a elevação dos planos das Ruas Santa Rita, Conde d'Eu e do Sapo, para as mesmas poderem receber os tubos de esgoto e de abastecimento d'água; a secagem e aterro do *pântano da cadeia*, resultante do corte feito no Paraibuna pela Estrada de Ferro D. Pedro II; o aterro das ruas cujo declive favorecia o acúmulo de imundícies e lama podre; a remoção e a cremação do lixo; a crítica e as sugestões ao sistema de esgotos a ser adotado; a análise da água a ser fornecida à população; o saneamento do Paraibuna e do córrego da Independência, onde eram atiradas as fezes, os restolhos, as porcarias e os bichos mortos (...)<sup>170</sup>.

José Nava, junto com o farmacêutico José Rangel, foi secretário da SMCJF de 1904 a 1907. Em Juiz de Fora, no breve período de 5 anos, José Nava, segundo Pedro Nava, exerceu diversas atividades:

Meu Pai foi Diretor da Higiene Municipal em Juiz de Fora, nos períodos de administração dos Drs. João d'Ávila e Duarte de Abreu: princípios de 1903 até dezembro de 1907. Coube-lhe, nesse cargo, apoiar e fiscalizar as feiras rurais que se realizavam nos arredores da cidade e socorrê-la durante o verdadeiro flagelo que foram as enchentes de 1906. O Paraibuna furioso invadiu a parte baixa da zona urbana, transformando-a numa espécie de Veneza, em que se andava de barco quase até a Rua de Santo Antônio.

<sup>169</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, p. 288-289.

<sup>170</sup> *Ibid.*, p. 289.

(...) Mas o principal serviço prestado por meu Pai a Juiz de Fora foi ter erradicado dali a febre amarela, introduzindo as medidas preconizadas pela Teoria Havanesa, como ele próprio disse em correspondência enviada ao *Brasil-Médico*, a 14 de abril de 1903:

*De acordo com os processos seguidos pela higiene moderna, tenho tomado todas as medidas de precaução, fazendo queimar piretro nos aposentos, aconselhando o uso de cortinados, promovendo a destruição das larvas do Stegomyia nos sifões das ruas e nos pântanos...*

Além de Diretor da Higiene, meu Pai foi, em Juiz de Fora, Presidente do Liceu de Artes e Ofícios; Professor de Terapêutica e Matéria Médica da Escola de Odontologia do Granbery – o que o coloca entre os pioneiros do ensino paramédico e de que resultou o médico, na cidade; e Diretor do Hospital de Isolamento Santa Helena, que ele refundiu e de que varreu tudo o que ficara do antigo lazareto<sup>171</sup>.

A organização da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora está inserida na organização da profissão médica na sociedade capitalista. A luta pela hegemonia da Medicina com bases científicas, na Europa, estendeu-se ao longo do século XIX. No Brasil, a Reforma Saboia, posta em prática após 1882, assinala, na história da Medicina no Brasil, a inserção dessa atividade no universo capitalista. Sistematizou-se o combate a práticas médicas que sobreviveram da colônia e organizou-se todo um aparato institucional para se fazer da Medicina Científica o único modelo no tratamento de doentes. José Nava foi médico por dez anos (1901-1911) e, em sua atuação em Juiz de Fora, temos o exemplo de como os médicos organizaram todo um discurso institucional que lhes autorizava, como única voz, opinar sobre saúde. Segundo Madel Luz, foram os profissionais da Medicina os primeiros intelectuais orgânicos brasileiros, utilizando concepção de Gramsci<sup>172</sup>.

Luz (1982) estuda a questão em *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde* e juntamente com Pedro Sales (1971) na obra *História da Medicina no Brasil*<sup>173</sup>. Apresentam a cronologia da organização institucional dessa profissão no país. Médicos e Medicina discutiram e propuseram soluções para as questões de saúde da população brasileira. Segundo Hochman, o Sanitarismo foi a estratégia utilizada para a elaboração de um projeto de

<sup>171</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos: memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, p. 292-294.

<sup>172</sup> LUZ, Madel. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 4.

<sup>173</sup> \_\_\_\_\_; SALES, Pedro. *História da Medicina no Brasil*. Belo Horizonte: G. Holman, 1971.

nação. A Ciência possibilitaria o resgate de uma população doente e sua inserção na nação<sup>174</sup>. Caracterizou-se o período (1889-1930) pela organização de instituições voltadas ao saneamento e preocupadas com epidemias. Não desconhecemos resistências a esses modelos, entretanto queremos identificar as propostas de um segmento médico.

A assistência individual, no período anteriormente mencionado, tinha o caráter liberal para os que podiam pagar e era inacessível para a maioria da população. Essas diretrizes foram orientadoras na organização em: 1890 – Diretoria Geral de Higiene – atuando, nos Estados, o Inspetor de Higiene, em cada capital, e Delegado de Higiene, em cada município; 1891 – A Constituição estabeleceu o regime federativo e os estados ficaram responsáveis pelos Serviços de Higiene; 1893 – Diretoria Geral de Higiene e Assistência Pública; 1904 – Decreto Legislativo 1151 – Diretoria Geral de Saúde Pública com os estados englobados em 10 Delegacias de Saúde; 1919 – Serviço de Profilaxia Rural; 1920 – Departamento Nacional de Saúde Pública – vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1923 – o Decreto nº. 16.300 descentralizou funções e enfatizou medidas preventivas como a obrigatoriedade de carteira de saúde para empregados e ainda intensificou medidas de saneamento. A criação desses órgãos, destinados aos cuidados da saúde, mostram que, mesmo a República tendo caráter descentralizador no período, o Estado se fez presente na organização do Sanitarismo. Em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde no Governo Vargas, e nova abordagem foi dada à questão<sup>175</sup>.

Se, na atuação de José Nava, em Juiz de Fora (1903-1909), temos um exemplo das questões médicas e suas ligações com o processo da urbanização, na formação médica de Pedro Nava, em Belo Horizonte (1921-1927), temos a presença de questões das relações do Modernismo e suas implicações na Medicina. As Memórias naveanas, em Belo Horizonte, abrangem os anos de 1913-1914, 1921-1927 e 1929-1931.

Retomando o livro *Balão cativo*, deparamo-nos com mais observações de Nava sobre a questão da Memória:

NA EVOCAÇÃO que venho fazendo de minhas andanças com tio Salles não posso separar o que pertence a 1916 ou a 1917. Aliás é impossível restaurar o passado em estado de pureza. Basta que ele tenha existido para que a memória o

---

<sup>174</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da Saúde Pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998. p. 76.

<sup>175</sup> SALES, Pedro. *História da Medicina no Brasil*. Belo Horizonte: G. Holman Ltda, 1971.

corrompa com lembranças superpostas. Mesmo pensando diariamente no mesmo fato, sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia – o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se grudam as camadas e as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca dos nossos eus. Levamos conosco uma experiência tão inarrancável que ela é elemento de deformação que nos obriga a agir com as nossas recordações como os primitivos que pintavam a Natividade, o Pretório e a Ressurreição, dando à Virgem, a São José, a Nosso Senhor, a Pilatos e aos centuriões, roupas medievais em ambientes italianos, flamengos e espanhóis<sup>176</sup>.

Nava reconhece as interferências ocorridas nos aspectos que envolvem a memória, então, cabe ao historiador os desvelamentos desses fatores. Podemos afirmar que o universo naveano tratado em *Baú de ossos: memórias* e *Balão cativo: memórias 2* abrange, preponderantemente, os anos de 1890-1917, ou seja, um período de visíveis transformações na sociedade brasileira, pois aceleraram-se a urbanização e as questões dela decorrentes. Dentre o enciclopedismo das Memórias, temos destacado a contribuição da obra naveana para os estudos das relações Medicina e sociedade. Em *Baú de ossos: memórias*, Nava reconstituiu a vida estudantil e profissional de seu pai, o médico José Nava (1876-1911). Em *Chão de ferro: memórias 3*, iniciou o relato de seu ingresso na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (1921). As atividades médicas ocupam importante espaço em sua obra literária e constituem importante contribuição aos estudos sobre o assunto. As obras *Baú de ossos: memórias* e *Balão cativo: memórias 2* abrangem o período de 1890-1916. Assim, Nava, ao escrever sobre seu percurso nesse período, em Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, traçou um painel do cotidiano dessas cidades que são contribuições aos estudos da sociedade brasileira do período. Greve operária, inovações tecnológicas (luz elétrica, telefone, gramofone, bondes, etc.), adoção de esportes ingleses, modificações no comportamento feminino, convivência com imigrantes, livrarias, grupos intelectuais, atividades na imprensa, cinemas e crescimento das cidades, além de questões que envolvem o urbanismo, mereceram a atenção do autor. Por isso podemos afirmar que esses dois livros são fundamentais àqueles que estudam a sociedade brasileira no período. O autor, em *Baú de ossos*, deixou páginas com considerações sobre a *Belle Époque*. Trata da questão internacionalmente e nacionalmente. Reconstituição estética de período estudado por

---

<sup>176</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 221.

profissionais de Ciências Sociais e Humanas. Transcreveremos um longo parágrafo, em que o memorialista trata do entrudo em Juiz de Fora – comemoração carnavalesca que, nos anos 1920, foi perdendo as influências portuguesas; um *Pierrot* prenunciava a transformação:

Água não era só de chuva e de enchente. Mais abundante era a dos entrudos. Carnaval. Passavam uns escassos mascarados, dominós de voz fina, diabinhos com que o Benjamin Rezende se divertia arrancando os rabos e quebrando os chifres. O Paulo Figueiredo, encantando minha avó com seu Pierrot recamado de lantejoulas. Os primeiros lança-perfumes – *Vlan e o Rodo*. Mas o bom mesmo era o entrudo. Havia instrumentos aperfeiçoados para jogar água, como os *relógios*, assim chamados porque esses recipientes imitavam a forma de um relógio fechado, com dois tampos metálicos flexíveis que, quando apertados, deixavam sair um delicado esguicho de água perfumada. Havia de todos os tamanhos, desde os pequeninos, que vinham no bolso, aos enormes, que ficavam no chão e eram acionados com o pé. Havia os *revólveres* – seringas que imitavam a forma da arma – cano metálico e o cabo de borracha que se apertava, apontando quem se queria molhar. Os *limões* de todos os tamanhos e de todas as cores que eram preparados com semanas de antecedência e em enorme quantidade. Continham água de cheiro, água pura, água colorida, mas os que caíam da sacada do Barão vinham cheios de água suja, de tinta, de mijo podre. Desciam ao mesmo tempo que as cusparadas das moças. Além dos *relógios*, dos *revólveres*, dos *limões*, eram mobilizadas todas as seringas de clister e improvisados seringões com gomos de bambu. Todos os pontos estratégicos das casas eram ocupados com jarras, baldes, latas e bacias para esperar os atacantes. Porque havia os assaltos de porta a porta. Éramos investidos pelos Pinto de Moura e depois do combate, já encharcados, confraternizávamos, para atacar a casa das Gonçalves. Logo depois já era um grupo maior que avançava sobre as fortalezas fronteiras dos Couto e Silva e do tio *Chiquinhorta*, onde nos esperavam valorosamente o Antonico e o Mário Horta. Meu Pai comandava a refrega protegido nas dobras de um vasto *macfarlane*, cujas asas davam-lhe gestos de pássaro gigante. Acabava tudo numa inundação de vinho-do-porto, para rebater e cortar o frio. À noite meu Pai penava com asma...<sup>177</sup>

Depois de reconstituir o Carnaval, o memorialista trata de festa familiar, na qual ocorre episódio que aponta para práticas escravocratas que adentraram pelo Império:

Em 1908, logo depois do Carnaval, no mês seguinte, a 7 de março, foram as Bodas de Ouro de meus tios-avós Regina Virgilina e Francisco Alves da Cunha Horta. Nunca Juiz de Fora assistiu a folguedos iguais. Foram sete dias de bródio,

<sup>177</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 261-262.



uma semana, com as manhãs ocupadas em missas, bênçãos e ações de graças. Os dias, em piqueniques na Borboleta, no Morro do Imperador, no Parque Halfeld; em caçadas para os aléns de São Mateus ou pescarias e banhos de rio nas águas do Paraibuna. As tardes, em jantares pantagruélicos com peru e porco. As noites, em bailes que iam até o raiar do dia. (...) Desta cidade vieram a prima Marianinha, tia Joaninha e o tio Júlio – todo carrancudo, disparatando com os sobrinhos e os moleques de servir, mas todo terno com as sobrinhas e com as crias. Sempre que ele via uma, com menino no colo, vinha acarinhar a criança para, na confusão, pegar nos peitos da ama-seca. Fungando e de cara amarrada. Reclamar, quem podia? contra aquela fera. Além dos filhos, todos os netos e netas, entre os quais – Laura. Teria a minha idade, cinco anos. Não a deixei um minuto. (...) Essa festa de Bodas de Ouro virou legenda de família. Fala-se nela até hoje. Serve nossa cronologia. Nas bodas. No tempo das bodas. Antes das bodas. Depois das bodas. O retrato das bodas. Contemplo o grupo familiar onde estão quarenta e sete parentes. Vivos só seis, porque quarenta e um já se passaram desta<sup>178</sup>.

Em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, Nava testemunhou, em Juiz de Fora, questões presentes na sociedade brasileira. Vimos, na transcrição, a permanência de prática escravocrata, assédio sexual, mas, também nas páginas iniciais de *Baú de ossos*, deparamo-nos com novas forças sociais e políticas, tal como uma greve operária mencionada anteriormente.

Em *Chão de ferro*, destacamos um fragmento de texto em que o autor faz referência a questões que envolvem o Memorialismo e a História:

É COM ESSA PERGUNTA que entro nesta fase de minhas memórias, fase tão irreal e mágica e adolescente como se tivesse sido inventada e não vivida. Se eu fosse historiador, tudo se resolveria. Se ficcionista, também. A questão é que o memorialista é forma anfíbia dos dois e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação. E como interpretar? o acontecido, o vivido, o FATO – já que ele, verdadeiro ou falso, visão palpável ou só boato tem importância igual – seja um, seja outro. Porque sua relevância é extrínseca e depende do impacto psicológico que provoca. Essa emoção, desprezível para o historiador, é tudo para o memorialista cujo material criador pode, pois, sair do zero. Mentira? Ilusão? Nada disso – verdade. Minha verdade, diferente de todas as verdades<sup>179</sup>.

<sup>178</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. 262-263.

<sup>179</sup> \_\_\_\_\_. *Chão de ferro*: memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 166.

A concepção de Nava sobre a objetividade necessária ao historiador é dominante em sua geração. Vale lembrar que deixou páginas sobre o ensino de História no Colégio Pedro II, onde foi aluno de João Ribeiro, historiador positivista. Nava, em *Chão de ferro*, faz uma extensa crônica dos anos 1910 do século XX, no Rio de Janeiro. Destacamos a reconstituição que faz do ensino, colegas e professores do Colégio D. Pedro II.

A seguir, apresentamos um episódio (1919) envolvendo o memorialista e o professor de inglês Guilherme Afonso de Carvalho (Pissilão), conhecido pelo rigor nas avaliações:

(...) Parecia uma bruxa de Goya, um Daumier dos mais duros, ou o evadido duma *masquerade* de William Hogarth. Devíamos ter pena, entretanto não o poupávamos. Nem ele a nós. Suas notas iam do 0 (frequente) ao 6 (raríssimo). Acima disto nunca marcara valores mais altos em toda sua vida de professor. Nos exames reprovava sessenta; simplificava trinta e nove; dava plenamente seis no restante de cada lote de cem. Caberia a mim romper esse tabu com o Inglês que eu trouxera do Jones, do Sadler e que ia se tornando lendário no Internato. Foi logo nos nossos primeiros contatos com o *Pissilão*. Ele surpreendeu-me passando adiante uma *chulipa*, deu logo zero em comportamento e quis agravá-lo com o de aplicação. Chamou-me à pedra. Eu pedi dispensa, que a aula, Professor, está quase no fim. Não tem importância não, *nhonhô*, faltam dez minutos e temos tempo de sobra para uma versãozinha. Vamos a ela, tomando como ponto de partida a sua alegação. Escreva na pedra: a aula está quase no fim mas meu mestre ainda tem tempo de me dar o duplo zero que é a ordem de minha privação sábado próximo. Aquilo era o cúmulo da má fé. Início de aulas e jamais ele tinha ensinado a passar uma só palavra, a menor sentença para o Inglês. Inda mais de improviso! Era mesmo para me achatar. Sob seu olhar maldoso peguei o giz. Rindo, o *Pissilão* encostou-se na cátedra para gozar melhor. Escrevi *The lesson is nearly over* (olhei, vi o suspense dos colegas e o homem começando a recolher o riso) *but my master has still time* (tornei a olhar e bati nuns bogalhos arregalados e numa bocaberta de estupor) *to give me the double 0 that will be a writ to arrest me next saturday* (remirei e para completar o pasmo do homem, para puxar-lhe bem o saco, voltei à pedra, apaguei o M minúsculo e substituí-o por um maiúsculo na palavra *Master*). Tiniram as campainhas, a aula terminara, mas o *Pissilão*, subjugado, bateu com a mão na mesa, restabeleceu o silêncio, pediu-me explicações daquele inglês, sobretudo daquele *writ to arrest* que o empolgara. Modesto, mandou-me restabelecer a minúscula do *master*, anulou meu zero em comportamento e pela primeira vez na vida deu um grau dez em lição de aluno. Fiquei logo favorito e abusei disso fazendo do mestre o que queria e o que queriam os colegas<sup>180</sup>.

<sup>180</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 156-157.

Em *Beira-mar*, Nava apresenta relatos sobre o período de estudos e formatura em Belo Horizonte:

Ali vivi de meus dezessete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos Vinte. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que viveria depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só, existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete trezentos e quarenta e três ferros pungindo em brasa<sup>181</sup>.

Nessa obra, encontramos textos que são documentais sobre o Modernismo (Literatura, Artes Plásticas, Política, etc.) em Minas Gerais e outros que tratam do ensino médico. Nava comenta sobre o tratamento dado a essas atividades do seguinte modo:

Os caprichos de minha narrativa, certas analogias, algumas associações, muita estória puxa estória vieram me trazendo até aos albores de 1924 antes que eu desse por findo tudo que teria de dizer sobre 1922 e 1923. Tinha de ser assim, para narrar meus estudos e a formação do Grupo do Estrela. Para fazer um relato absolutamente cronológico teria de cair no que tenho evitado, que é o diário. Prefiro deixar a memória vogar, ir, vir, parar, voltar. Para *contar* um baralho de cartas a única coisa a fazer seria arrumá-lo diante do interlocutor, naipe por naipe e destes, colocar a seriação que vai do dois ao ás, ao curinga. Mas para explicar um jogo, um simples basto, para dizer duma dama é preciso falar no cinco, no seis, no valete, no rei; é necessário mostrar a barafunda das cartas e depois como elas vão saindo ao acaso e organizando-se em pares, trincas, sequências. Assim os fatos da memória. Para apresentá-los, cumpre dar sua raiz no passado, sua projeção no futuro. Seu desenrolar não é o de estória única mas o de várias e é por isto que vim separando os paus de meus estudos, as espadas de minha formação médica, os ouros de minhas convivências literárias e os corações do Movimento Modernista em Minas<sup>182</sup>.

As obras *Chão de ferro* e *Beira-mar* trazem as Memórias dos 13 aos 25 anos de Pedro Nava. Destacam-se, nesses dois livros, as observações naveanas sobre o Modernismo em Minas Gerais. Longos parágrafos são escritos sobre seu conhecimento e amizade com Carlos

<sup>181</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar*: memórias 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 12-13.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 176.

Drummond de Andrade. O poeta, formado em Farmácia, em 1925, nunca exerceu essa profissão. Foi funcionário público, jornalista e participante ativo da vida intelectual brasileira. Poucos intelectuais, como Drummond, foram reconhecidos pela crítica e tiveram tanto sucesso junto ao público. Nava, que abandonara a Literatura em sua juventude, foi marco nessa atividade quando se dedicou à escrita das Memórias. Caminhadas diferentes que convergiram para um ponto em comum: ambos são destaque na Poesia e no Memorialismo brasileiros.

Caracterizou-se o período de 1870-1920, na América Latina, pela industrialização, como já visto anteriormente, e pelos reajustes institucionais necessários à nova realidade<sup>183</sup>. Políticas nacionais de saneamento foram implantadas. Iniciaram-se discussões sobre sistemas nacionais de saúde e educação. Houve crescimento de setores médios urbanos e também surgiram questões operárias nos centros industriais. No Brasil, a Abolição (1888) e a Proclamação da República (1889) foram ajustes institucionais que permitiram às oligarquias do Império permanecer no poder até 1930. Na década de 1920, novas questões foram postas em discussão. Destacamos as questões relacionadas com o Modernismo e o Nacionalismo. Os efeitos da Primeira Guerra Mundial trouxeram questionamentos às democracias e ao Liberalismo. A Revolução Russa de 1917 incentivou estudos sobre o assunto e a organização de partidos políticos com orientação marxista. Os nacionalismos italiano e alemão, igualmente, trouxeram novas propostas para as discussões de questões nacionais.

As propostas e discussões sobre o que seria Modernismo, no Brasil, estiveram presentes no pensamento dos intelectuais brasileiros em diversos pontos do país. Discutiram-se questões como a dependência brasileira e concepções de nacionalismo e Estado em seus diversos aspectos. Intelectuais, no período, identificaram questões e se viam como os únicos capazes de apresentar soluções para os problemas sociais. A Era Getúlio Vargas (1930-1945) colocou em prática algumas dessas propostas que nortearam a sociedade brasileira até a década de 1980. Belo Horizonte fora ícone da modernidade na década de 1990 da República. Cidade planejada por Aarão Reis com traçado seguidor dos postulados positivistas de racionalidade do espaço. Oposta à barroca – colonial Ouro Preto, então, capital da província. Engenheiros e arquitetos planejaram uma cidade com propostas do Ecletismo que se queria diferenciar e se opor ao universo cultural e simbólico da Colônia que adentrara pelo Império. Helena Bomeny (1994), em *Guardiães da*

---

<sup>183</sup> SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EDUSP/FAPESP/Iluminura, 1995.

*razão*: modernistas mineiros, identifica, nas propostas dos modernistas mineiros, questões que remetem à organização de Belo Horizonte como capital de Minas Gerais.

Nava reconhece o papel de liderança de Drummond para a geração de modernistas mineiros. Sobre o grupo, assim se expressa:

Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou. Era composto do próprio poeta, de dois moços da casa da *Madame* – Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula e mais de Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, dos irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, de Emílio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus Guimaraens e Milton Campos. O tempo traria ainda para nossa convivência Dario Magalhães, Guilhermino César, Ciro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre. Dele sairia, já nos anos vinte, a contribuição mais importante de Minas para o Movimento Modernista. Tínhamos o hábito de nos reunir na *Livraria Alves* e principalmente no *Café e Confeitaria Estrela*. Daí, além do pejorativo *futuristas* que nos davam os infensos, a designação de *Grupo do Estrela* – como nos chamavam os indiferentes. Mas tudo isto é uma longa história...<sup>184</sup>

Repetindo uma frase do parágrafo transcrito: “Escrevendo o nome desses amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre.” Comentando sobre *A Revista*:

O ano de 1925 foi da maior importância para “aqueles rapazes de Belo Horizonte”. Marcou o aparecimento de *A Revista*, o da série de artigos de *A Noite do Mês Modernista* e foi o ano em que Austen Amaro escreveu seu livro *Juiz de Fora/Poema lyrico*. (...) Seus verdadeiros criadores foram os dois primeiros diretores – Francisco Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade e os dois primeiros redatores – Emílio Moura e Gregoriano Canedo. (...) Tomei conhecimento de *A Revista*, como coisa decidida, certa tarde de *Café Estrela*, ouvindo os planos de seus fundadores. (...) Assim como houve no Rio a adesão ao Modernismo de Graça Aranha, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho e outros – nossa *A Revista* foi a oportunidade mineira para a adesão de Milton Campos, Mário Casassanta e Abgar Renault<sup>185</sup>.

<sup>184</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar*: memórias 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 91-92.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 210-211.

Em capítulo posterior, voltaremos aos textos naveanos que tratam do grupo mencionado. Esses jovens ocuparam espaços políticos na década subsequente. A escrita do quinto livro de Memórias – *Galo das trevas* – foi iniciada quando Nava tinha 75 anos. Novamente, apresenta relatos sobre a escrita das Memórias:

A elaboração de minhas memórias foi decorrendo da minha necessidade de isolamento – porque nosso encontro mais importante é noscos mesmos. Conversando comigo, nessa espécie de falar sozinho é que no dia 1º de fevereiro de 1968 comecei a redigir minhas lembranças. Por elas reduzi ao mínimo minha convivência até com amigos, até com os que mais quero, para não fragmentar e destruir meu tempo, o tempo de que preciso para mim. E essa fase foi a da punção como num poço, a penetração a fundo de outro homem como eu, outro misantropo e eterno esnobado, vivendo vida de exílio dentro do nosso próprio país. Refiro-me ao que tem sido meu companheiro cada vez mais chegado, meu sócia, primo, amigo de infância, colégio, faculdade, vida, profissão afora. Falei dele no *Chão de Ferro* e no *Beira-Mar*. É o que no Pedro II e Faculdade de Medicina de Belo Horizonte era conhecido como Zegão e que depois de formado passou a ser o Doutor José Egon Barros da Cunha...<sup>186</sup>

Quando do lançamento das Memórias, parte do público ficou estarecido com a linguagem desabridada do escritor e o erotismo de muitos trechos. O erotismo é uma marca forte nos escritos de Nava. Na Exposição Navalha do Tempo, organizada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em comemoração ao centenário de nascimento do autor, deparamo-nos com desenhos e anotações que foram gênese das Memórias. Essa mostra foi organizada com papéis e objetos cedidos pelo Arquivo Museu de Literatura Brasileira – Fundação Casa Rui Barbosa e por familiares do escritor. Uma sala da exposição foi dedicada ao erotismo e à pornografia. Seleccionamos um texto erótico, encontro do médico com uma prostituta em Juiz de Fora, como amostra dessa face de Pedro Nava:

(...) Só com a morena, o Egon olhou mais que não cansava de olhar aquele trem divino. Ela encostou bem as costas na parede, firmou-se, esticou as duas pernas e pegou com os pés as panturrilhas do médico que apertou num movimento de tesoura. Ele, calado, segurou os tornozelos secos, bem ossos-do-vintém assim mocotós quentes à sua mão e que se deixaram levantar até ele descansá-los em

<sup>186</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 85.

cima dos seus próprios joelhos, sentindo calor de sola calcanhar atravessando as pernas das calças. Então se inclinou para estudar aqueles pés com gravidade de anatomista, seriedade de topógrafo, atenção de geômetra para tal conjunto de linhas volumes perfeitos. Eram pés recurvos, altos, cavos, elegantes. Tinham uma suscetibilidade de mãos e pareciam preênsos, talvez devido à agilidade do antepé hipermóvel que dava impressão de que todas as articulações tarso-metatarsianas tinham a propriedade de ir até posições só consentidas pela luxação. Ele experimentou as juntas engates encaixes um por um como se estivesse fazendo um exame clínico. Acompanhou esfregando com o dorso dos seus dedos a órbita daquela sola uma, duas, dez, vinte vezes – como se fosse o escultor criando, esculpindo e inventando aquela curva sideral. A manipulação que fazia era mais detalhada que manobra médica: era extra-sutil porque tateio erótico. Os pododáctilos perfeitos da estátua de bronze. O contraste do róseo melancia da planta com o moreno do dorso. Inventariava cada saliência óssea dos artelhos e a ligeira penugem acima deles mais perceptível como simples sombra. E a pele lustrosa esticada pelas cristas das tíbias. Um acinzentado mais espesso dos joelhos que ele descamou de leve com a unha, soprando as películas. Mas ele pôs-lhe as solas no chão levantou-se e deu-lhe as duas mãos para ajudá-la a emergir e se pôr de pé. Ficavam quase da mesmatura. Ela continuava a sorrir de Gioconda, de Nefertiti – estupenda e estúpida sem pensar em nada. Os dois, tímidos, estavam como que inchados pelo desejo que os catapultava um para o outro.

– Cumé cocê chama? bem.

– Iracema.

– Ai! então vem, talhe de palmeira, abelha, favo de jati.

Ela não entendeu a sugestão alencariana da frase mas foi sensível ao tom sussurrado dentes cerrados – e com o mesmo riso incrustado à face chegou a boca-aberta ampla e úmida dando uma língua que vivia e vibratremia chama duma vela<sup>187</sup>.

Em *O círio perfeito*: memórias 6, estão os fatos da vida de Nava que ocorreram até 1937. Nesse livro e em outros, contudo, o memorialista, ao mergulhar no passado, faz referências e correlações com fatos posteriores; observando isso, Nava comentou: "As associações de ideias, o encadeamento dos fatos e sua narrativa quebram constantemente o tempo. O narrador é arrastado, muitas vezes, para trás, mergulha no passado; doutras, é puxado para a frente – e invade o futuro dos acontecidos"<sup>188</sup>.

Até então, temos nos preocupado em mostrar e exemplificar a diversidade de temas que estiveram nas Memórias de Nava. Cumpre ressaltar que, da obra *O círio perfeito*: memórias 6 – último livro naveano – selecionamos um trecho de seu tumultuado romance com a jovem a quem deu o codinome de Lenora. Nava escreveu numerosas páginas sobre o assunto: o comportamento

<sup>187</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 220-221.

<sup>188</sup> \_\_\_\_\_. *O círio perfeito*: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 283.

transgressor da jovem, a relutância em se comprometer, os trajés, os passeios, os diálogos, etc. A jovem suicida-se no Rio. Transcrevemos fragmento do texto em que o jovem médico narra seu sofrimento em razão dessa perda:

O médico numa tonteira ouvia toda aquela história. Tomou a mão que a prima da noiva (noiva?) lhe estendia, beijou-a, quis falar qualquer coisa mas estava literalmente mudo, goelas engasgadas por garrote de ferro. Saiu aos trancos-e-barrancos como um bêbado. E nunca mais reencontrar-se-ia com os Bleuer. Correu pra casa e fechou-se no quarto. Os primos respeitaram seu isolamento. Só a prima Diva entrava para levar-lhe os alimentos e mudar a moringa d'água fresca. Começou para ele um período de vida miserável. Não queria ver ninguém, tinha horror de conversar com quem quer que fosse e para poder ficar nessa solidão, trocava seus dias pela noite. Quando dormia era ao clarear do dia, hora em que entrava em casa com todos ainda deitados. Fazia seu café, comia com ele um pedaço de pão de véspera, trancava-se, ia para a cama. Se podia, dormia; se não, ia trabalhar numa longa carta que vinha preparando laboriosamente para seu amigo irmão Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti que lá andava na sua luta de médico, operador e parteiro do interior paulista no distrito de Engenheiro Schmidt, em São José do Rio Preto. Às vezes dormia profundamente, de outras cochilava mal que mal, entremeando sono e pesadelos que o acordavam. Andava pelas ruas noite inteira e tinha mais ou menos sempre o mesmo itinerário. (...) Ninguém. Só ele e seu inseparável fantasma. Fechava os olhos para rever uma por uma suas perfeições, chorava e rangia os dentes ou esmurrava a pedra fria do seu assento até fazer-se mal às mãos diante do inelutável, do inexplicável e do absurdo daquele trespassse. (...) Parava para procurar o lugar possível onde eles tinham tocado. Tinha vontade de baixar-se e beijar aquelas pedras com o mesmo ímpeto com que um dia faria em Jerusalém sobre a vera pedra onde tinham estado os pés de seu Salvador à hora dos ultrajes e dos escárnios. E quando ele fizera isto anos e anos depois, a imagem da Lenora passara-lhe pela mente – de raspão. É que ele estava se lembrando das paixões e das mortes que sofrera naquele fim de maio e princípio de junho nas pedras duma João Pinheiro transformada na sua Via Dolorosa de Belo Horizonte.<sup>189</sup> (...) Os fatos narrados aqui passaram-se em 1930 e 1931. Só em 1977 por intermédio de um primo de Lenora o Egon foi informado de que quando ela tinha se matado já estava condenada. Ia viver só mais uns poucos meses pois fora-lhe diagnosticada uma leucemia. Essa revelação renovou a velha ferida do Egon e ele ressofreu a morte da pobre moça como se ela tivesse sido cominada mais uma vez. Sua família e ela sabiam da doença e do prognóstico e o médico padeceu de novo e padece ainda quando se lembra da rainha: *Infandum regina...* Tudo que ele achara estranho na família sempre sumida, nas bizarrices do comportamento da moça – era a consciência de que havia ali uma condenada à morte que levou sua vida aos limites da conservação de sua imagem de juventude poderosa. Quando viu que a moléstia ia desfigurá-la, aviltar-lhe o

<sup>189</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 97-99.



corpo maravilhoso e a cabeça divina – retirou-se em beleza e foi ao encontro dos deuses seus irmãos<sup>190</sup>.

Nas páginas dedicadas a Lenora, codinome de Zilah Pinheiro Chagas, Nava compara os sofrimentos resultantes da paixão pela jovem e a dor de sua perda com episódios da Via-sacra. A referência a temas religiosos como metáforas é presente nas páginas naveanas. São inúmeras as entrevistas dadas pelo memorialista em que ele trata da questão sobre suas Memórias. Fizemos recortes em que Nava trata desse assunto. O que aqui destacamos sobre a memória, nas Memórias, é apenas uma amostragem do que se pode fazer em um estudo mais aprofundado sobre o assunto nos escritos de Nava. Observações e escrita de um médico, perceptíveis nas posturas de observação, diagnóstico e prognóstico. Nava pertenceu a uma geração de jovens nascidos na primeira década do século XX, em Minas Gerais, e que tiveram ativa participação nacional nas décadas posteriores, como pode ser verificado nos nomes transcritos anteriormente. Estudos acadêmicos têm-se debruçado sobre esse período, em Minas<sup>191</sup>. São estudos voltados para a política, sociedade e cultura. Após a leitura da obra de Nava, vemos que a Medicina foi um dos mais importantes aspectos do Modernismo mineiro.

O tema central de nossa pesquisa é a identificação das relações Medicina e sociedade. Na busca da contextualização dessa atividade, procuramos inserir as observações de Hosbawm sobre o assunto, destacadas no Capítulo I. A obra de Nava está inserida na etapa do capitalismo monopolista e de suas crises. Em *Bau de ossos* e *Balão cativo*, temos os ecos dessa expansão, visíveis no ensino médico recebido por José Nava, na industrialização de Juiz de Fora e na organização do Ginásio Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte. São feitos e propostas de uma geração a qual considerava que “Moderno” e “Modernização” estariam ligados à adoção de hábitos europeus, laicização e valorização das ciências. Na organização ou reorganização de instituições do período, vemos propostas e discursos que referendam essa etapa do capitalismo. Não queremos reduzir a organização institucional como mero reflexo.

<sup>190</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito: memórias* 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 102-103.

<sup>191</sup> Destacamos: BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994. BUENO, Antônio Sérgio. *O Modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982. DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971. CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. DULCI, Otávio Soares. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Os textos de Bourdieu mostram como os “Campos” são mais complexos. São campos de antagonismo e de lutas por hegemonia. A grande contribuição do sociólogo francês é a identificação dos meandros e das especificidades sociais. O capitalismo, para a sociedade brasileira, significou a urbanização, aumento populacional com a imigração, transição do trabalho escravo para o assalariado e abertura para novas áreas de povoamento, por exemplo, Juiz de Fora. Podemos identificar na formação de José Nava, sob a égide da Reforma Saboia de 1882, início de mudanças nas questões de saúde, no aspecto da formação profissional. O ensino do período buscou inserir a pesquisa experimental no campo educacional. Segundo Edler e Fonseca, na Reforma Saboia, foram construídos 11 laboratórios e inovações curriculares de orientação germânica que enfatizava a prática<sup>192</sup>. Os autores refutam publicações as quais consideram que a experimentação só se fez presente, no Brasil, após a geração de Oswaldo Cruz. José Nava é exemplo de sanitarista formado, no período, pelo ensino recebido e atuação profissional. Pedro Nava reconstituiu a trajetória do ensino profissional de seu pai no Capítulo III – “Paraibuna” – da obra *Baú de ossos*.

Nava consultou textos, buscou informações sobre currículos para a reconstituição. Destaca as disciplinas, os livros adotados, os nomes de professores, etc. José Nava iniciou os cursos de Farmácia e Medicina em Salvador, no ano de 1895. Em 1896, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos, formando-se em Farmácia, no ano de 1898 e, em Medicina, em 1901.

Como proprietário da Farmácia Nava, na reconstituição de Pedro Nava, seu pai teria trabalhado e vivido questões como:

Estavam no primeiro caso os remédios que curavam as anemias, as tosses, os vapores, as asma, os esgotamentos, as descompensações, as pontadas, as dispepsias, as sífilis e as gonorreias da *belle époque*, como os cacodilatos, os metarsinatos e as lecitinas de Clin; os mercúrios simples da solução de Panas e os iodados de Pro-khrow; a papaína do Dr. Niobey, o Gonosan Riedel, os pós de Legras, o sândalo Midy, as soluções de Trunecek, Picot e Barbosa Romeu. (...) No segundo, os óvulos, os percolatos, os xaropes, os elixires, os electuários, os supositórios, as velas, os comprimidos, as pílulas, as cápsulas e os papéis – todo o estadear triunfante da era do *julepo gomoso* – que meu Pai edulcorava, tamisava, pulverisava, fervia, destilava, decantava, coava, secava, espoava ou

---

<sup>192</sup> EDLER, Flávio; FONSECA, Rachel Fróes. O surgimento da medicina experimental e reforma curricular. *Cadernos ABEM*, v. 2, p. 17, jun. 2006.

moldava – com os requisitos da farmácia galênica. Ele manteve a botica e por ela foi mantido até formar-se e só a passou adiante quando se atirou à clínica do interior<sup>193</sup>.

O memorialista afirma: “No curso médico meu Pai encontrou-se com Ernesto de Freitas Crissiuma, que dava Anatomia Descritiva pelos passos de Cruveilhier, cujo tratado antecedeu o de Testut na preferência dos nossos mestres”<sup>194</sup>. Assim fez com outras disciplinas, identificou programas e manuais. Transcreveremos a reconstituição naveana de cirurgia pioneira assistida por seu pai:

Entretanto, quem deixaria mais profundas lembranças no seu espírito, dentre os mestres do segundo ano, seria Eduardo Chapot-Prevost. Não como histologista, mas como cirurgião e figura humana. Chapot ligou definitivamente seu nome ao da moderna Cirurgia Brasileira, cuja história ele inaugura simbolicamente com a famosa operação de Maria-Rosalina. Para realizá-la, ele preparou-se experimentalmente, criou e treinou um sistema pessoal de ligadura hepática, inventou uma mesa cirúrgica destinada ao xifópago e que, separados os mesmos, dividia-se também, indo cada metade para um lado da sala, servida pela respectiva equipe operatória que não interrompia, assim, um instante, o ato cruento tornado duplo. Essa contradança foi repetida e ensaiada, até ficar impecável, pelos atores do autoestrelado por Chapot (cujo elenco compunha-se de canastrões como os doutores Pinheiro Junior, Paulino Werneck, João Lopes (quem não se lembra do *Lopão* egrégio?) e o mano José Chapot; de vedetes como Sílvio Muniz, Ernâni Pinto, Dias de Barros, Paula Rodrigues, Figueiredo Rodrigues e Chardinal d’Arpenans; de comparsas como Azevedo Monteiro, Amaro e Jonatas Campelo). Digo bem auto, drama, teatro – pois o estardalhaço que Chapot armou em torno do caso não tinha precedentes e escandalizou a compostura de nossa Medicina Oficial<sup>195</sup>.

José Nava teve contato com a Cirurgia, contudo, a geração à qual pertenceu teve como preocupação central o Sanitarismo. Como já visto, na atuação de José Nava, na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, os temas centrais das discussões eram as epidemias. Esse médico pertenceu a uma geração que, em sua formação, acreditou que a solução para os

<sup>193</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 217-218.

<sup>194</sup> *Ibid.*, p. 212-213.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 213-214.

problemas brasileiros seria a imigração. Morreu aos 35 anos quando o olhar médico sobre o país começou a mudar. O problema brasileiro não seria a mestiçagem, mas a doença, questão vivida pela geração de seu filho Pedro Nava.

O tempo delimitado para nossa pesquisa (1890-1940) e a temática da mesma é palco para a formação da geração de dois médicos – José Nava e Pedro Nava. Buscando correlacionar a Medicina como parte do universo institucional da República Velha, apresentaremos outras instituições organizadas no período. Com isso, queremos chamar a atenção para esforços anteriores à Era Vargas de inovações e de preocupações científicas. A geração de José Nava foi contemporânea do Positivismo e influenciada por essa corrente, que ocupou espaço nas questões ligadas à organização da República. O período é marcado pela criação, notadamente em São Paulo e Rio, de várias instituições: em São Paulo: Instituto Agrônomo de Campinas (1887), Instituto Vacionogênico para o desenvolvimento das vacinas (1892), Instituto Bacteriológico (1893) e o Instituto Butantan (1901); no Rio: Instituto Manguinhos (1900). Segundo Simon Schwartzman (2001), na obra intitulada *Um espaço para a Ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*, “essas instituições foram responsáveis pela ciência brasileira até a década de 1930<sup>196</sup>. A organização de estabelecimentos de ensino em São Paulo, Rio, Porto Alegre e Belo Horizonte mostram a expansão do campo educacional com novas preocupações e objetivos. Por haver uma correlação com nosso interesse de estudo, destacamos Minas Gerais. Segundo Schwartzman:

Além disso, Belo Horizonte atraía os cariocas por uma razão aparentemente pouco plausível: o tratamento da tuberculose. Marques Lisboa, Borges da Costa, Almeida Cunha, Hugo Werneck, Ezequiel Dias – todos eles médicos e graduados de Manguinhos – eram tuberculosos, e trocaram o clima úmido e pouco saudável do Rio pelas montanhas de Minas Gerais, levando consigo seu acervo de educação, sua experiência de trabalho e os contatos pessoais. Ezequiel Dias, por exemplo, era aparentado com Oswaldo Cruz, e a abertura de uma filial de Manguinhos em Minas Gerais parece ter sido principalmente uma forma de prolongar a vida do pesquisador. A Faculdade de Medicina de Belo Horizonte se beneficiaria com a experiência trazida do Rio por esse grupo, que a fazia funcionar com a colaboração de José Baeta Viana, conhecido por seus estudos sobre o bócio e fundador de uma atividade local de pesquisa no campo da química fisiológica<sup>197</sup>.

<sup>196</sup> SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a Ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília: MCT, 2001. p. 99.

<sup>197</sup> Op. cit., p. 133.

Os nomes mencionados ocupam uma grande fração nas Memórias naveanas. Foram professores da instituição onde Nava fez sua formação profissional. Esperamos ter sintetizado, neste capítulo, os diversos aspectos que se fizeram presentes na formação e nas Memórias de Pedro Nava. O memorialista identifica os parentes maternos, em Juiz de Fora, como pessoas rudes e com práticas escravocratas; enquanto a família paterna é apresentada como portadora de hábitos refinados urbanos e com preocupações intelectuais. No desenvolvimento da obra, percebe-se que Nava optou pela herança do lado paterno.

#### 4 FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DE PEDRO NAVA

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no *presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista<sup>198</sup>.

Na transcrição de Ecléa Bosi (1983), encontram-se referências pertinentes ao último capítulo da obra *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. Trataremos, aqui, de observações e olhares retrospectivos de uma vida profissional. Em 1920, Pedro Nava, aos 17 anos, respondeu a um “questionário” no Colégio Pedro II, no Rio. Esse tipo de enquete era comum entre colegas de turmas. Elaborado por Carlos Paiva Gonçalves, destacamos três perguntas e respostas:

– 4. Que pensas da vida?

A vida é como um anfiteatro anatômico: aí estudamos as chagas sempre abertas, vemos a podridão, o mal, o horror, o cancro e o pior de tudo a “hipocrisia do otimismo”, tudo num montão de lama – a sociedade.

– 6. Que carreira pretendes seguir?

A medicina.

– 7. Por que a escolheste?

Porque, é a que me oferece mais encantos, porque por intermédio dela, estudarei este emaranhado de vasos, esta reunião de músculos, esta teia de nervos, que compõem este monte de elementos apodrecidos<sup>199</sup>.

Nas três respostas de Nava, encontramos as setas que indicam sua trajetória. Compara a vida a um anfiteatro anatômico e, na escrita das Memórias, fala de seu encantamento com a

<sup>198</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. Rio: Paz e Terra, 1983.

<sup>199</sup> MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PN-422).

disciplina. A comparação dos materiais deteriorados com a sociedade é a visão de mundo que o escritor deixou em sua obra literária. Nava realizou o seu projeto e anteviu sua trajetória. Observou atores e a sociedade brasileira como se estes estivessem colocados em um anfiteatro de estudos anatômicos. Esta postura de busca de desvelar o oculto é presente nos textos do memorialista. A primeira menção de Nava à Medicina trata de episódio ocorrido em Juiz de Fora, por volta de 1908 ou 1909. Rememoração de um parente e de doença em um amigo:

Além de genealogista, o tio Itriclío era um hábil curião. Vivia sugerindo tratamento, receitando mezinhas e aconselhando as pílulas de Matos (invenção milagrosa do boticário cearense Antônio José de Matos). Não estou longe de imaginar que a vocação médica de meu Pai – filho de comerciante, enteado de notário – tivesse vindo do contato com seu tio. Hábil carimbamba, eu ainda o vi tratando do Chiquinho, filho do bravo Major Mendes, que era nosso vizinho e aparentado do Dr. Duarte de Abreu – este, comensal, amigo e mentor político de meu Pai. Retrospectivamente, faço o diagnóstico do menino que regulava idade comigo: *reliquats benignos* de paralisia infantil. Porque eu fosse companheiro do garoto, o velho Itriclío vinha me buscar, diariamente, para ir com ele até o largo do Bispo, onde era a casa do major. (...) O digno militar, velho aluno de Benjamin Constant, tinha ideias próprias onde se combinavam perfeitamente postulados positivistas, revelações da teosofia e prescrições místico-sanitárias da *Christian Science*. Era admirador do Padre Kneipp, devoto de Raspail, sequaz das teorias de Hahnemann e infenso à alopatia. Saindo destas bases, era inevitável sua crença numa panaceia. Esta, para o velho Itriclío, era a banha da cobra cascavel, que ele recebia diretamente do Ceará – porque só servia a boa, a verdadeira, a do Aracati. Essa banha curava os reumatismos, depurava os humores, fortalecia os músculos, limpava a vista, desanuviava as ideias, dissipava a melancolia, levantava os corações, descarregava os rins, desopilava o fígado e era um porrete nas perclusões. Segundo meu tio-avô, nem era preciso dá-la internamente. Bastava a aplicação externa porque ela entrava pelo tegumento graças a uma finura superior à do azogue. “Tão fina” – dizia ele – “que posta na palma, dentro de minutos atravessa pele, nervos, ossos e começa a pingar pelas costas da mão...” (...) Mas acontece que o Major Mendes aceitou avidamente as teorias terapêuticas do velho cearense, despachou o falante Dr. Austregésilo, mandou passear o taciturno Dr. Pinto Portela e entregou-lhe o tratamento do filho. Como disse, assisti a várias dessas sessões terapêuticas. Eram longas massagens feitas com a banha de cobra no pé e perna doentes e depois sua contenção corretiva dentro de um sistema de talas, invenção também do algebrista amador. Eram fabricadas por ele: com folhas de papel endurecido a goma arábica. Pois apesar da chacota de meu Pai, do tédio do Dr. Duarte e da indignação do João Abreu, o Chiquinho melhorou, cresceu, andou, botou corpo e virou num mocetão do meu tamanho – como eu o reencontrei anos depois, acompanhando sua irmã Amelita, numa viagem a Belo Horizonte<sup>200</sup>.

<sup>200</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 48-49.

Para melhor entendimento do significado do episódio, apresentamos uma pequena explicação sobre o vocabulário usado na transcrição. “Carimbamba” é a designação dada a curandeiros. “Aluno de Benjamin Constant”, militar identificado por sua adesão ao Positivismo. Encontramos adeptos de duas correntes médicas entre os positivistas: a) Positivistas e adeptos de Hahnemann (1755-1834) – homeopatia; b) Positivistas, adeptos e defensores da alopatia. Posturas opostas e de difícil explicação. Segundo Rizzoto, a introdução e aceitação de postulados positivistas na Medicina, método que seus seguidores defendiam como capaz de uma produção “objetiva e neutra” do conhecimento, reforçou a posição dominante dessa profissão e profissionais no campo da saúde<sup>201</sup>. Cumpre ressaltar que não encontramos informações que justifiquem a adesão de numerosos positivistas brasileiros à homeopatia.

*Christian Science*, proposta de uma Medicina feita pelo pregador norte-americano Sylvester Grahan, que preconizava dietas vegetarianas para o restabelecimento da saúde. Raspail – adepto do uso da cânfora para diferentes doenças. Padre Kneipp foi o criador da hidroterapia, que tem grande número de adeptos até nossos dias. Finalmente, “algebrista” identifica pessoas em Portugal, no período colonial, que se dedicavam a tratar de fraturas ósseas. No texto transcrito, observamos o conflito de opiniões de discursos médicos em confronto com as propostas terapêuticas de um “prático”. O episódio poderia ter ocorrido em qualquer cidade da Europa e Américas, no período. A Medicina e os serviços médicos, como hoje os entendemos, foram sendo elaborados no Brasil, ao longo do século XIX, e buscam sua hegemonia ao longo do século XX. O convívio de práticas de curas advindas da Colônia e que adentraram pelo Império, com diversas propostas de medicina e a organização da Medicina Científica, foi comum no período de 1880-1910. Betânia Figueiredo estuda o assunto em questão em sua obra intitulada *A arte de curar: cirurgiões, barbeiros, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*<sup>202</sup>.

As questões estudadas por Figueiredo são encontradas na escrita de Nava. Além do episódio mencionado, seu avô materno também era um “prático”, que, no interior de Minas, socorria a população. No episódio narrado por Nava, ocorrido em cidade apontada pelo pioneirismo da recepção à Medicina Científica, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de

---

<sup>201</sup> RIZZOTTO, Maria Lúcia F. *História da Enfermagem e sua relação com a Saúde Pública*. Goiânia: AB, 1999. p. 27.

<sup>202</sup> FIGUEIREDO, Betânia. *A arte de curar: cirurgiões, barbeiros, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Argvmentvm, 2002.



Fora foi fundada em 1898, a primeira fora da capital federal. O embate ocorreu entre membros da SMCJF e um curandeiro, parente de um deles. Em *Baú de ossos*: memórias, Nava reconstitui a criação dessa Sociedade e a atuação de seu pai na mesma. Vale lembrar, essa questão foi estudada em capítulo anterior. Vanessa Lana estudou a questão em *Uma associação científica no “interior das gerais”*: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) – 1889-1908<sup>203</sup>. Abordaremos a questão no próximo parágrafo.

Lana destaca a preocupação da SMCJF no sentido de organizar um espaço para legitimação da categoria profissional. Identifica os contatos dos associados com revistas médicas europeias, reuniões para discussão de casos, busca de intervenção no espaço urbano, contato com a imprensa e atuação junto à administração pública. Dentre as inúmeras referências a aspectos da Medicina em Juiz de Fora, Nava reconstituiu relato familiar sobre episódio ocorrido em 1905:

(...) Alice. Doce e branca. Era filha de meus tios Luna Freire. Estava passando tempos em Minas. Uma tarde veio coxeando do colégio. Não é nada não, Mamãe, só uma dorzinha fina aqui em baixo... Vai passar. Passou nada. Foi é engrossando, a febre subindo e a barriga endurecendo. Era tempo de *nó na tripa* e logo o Dr. Dutra chegou querendo dar um *clister elétrico*. O Dr. Beauclair sugeria, antes, um gole de azougue de quatro em quatro horas para o peso, empurrando, forçar a massa a descer e assim desentupir. O Dr. Vilaça preferiu abrir. A operação foi na nossa sala de jantar, a menina deitada numa escrivaninha anestesiada a cloretila por meu Pai. Pus, em torrente, da fossa ilíaca direita. Hoje chama-se apendicite supurada e no caso de minha prima, apesar das injeções de electrargol, a coisa terminou em septicemia e morte. Não tenho disso senão o conhecimento do que contava minha Mãe, que ajudara no ato fervendo guardanapos na cozinha. Cirurgia de 1905<sup>204</sup>.

Após alguns anos da morte de Alice, a mãe da menina leva os ossos para o Rio e os conserva em uma caixa, origem do título do livro *Baú de ossos*. A organização de hospitais como locais de tratamento de enfermos, na Europa, ocorreu nas primeiras décadas do século XIX, influência do Iluminismo. As Santas Casas, no mundo luso-brasileiro, foram locais de assistência aos desvalidos nos períodos do Brasil colonial e Império. Essas instituições passaram pela

<sup>203</sup> LANA, Vanessa. *Uma associação científica no “interior das gerais”*: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) – 1889-1908. 109 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 12 jun. 2007.

<sup>204</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 234.

organização como locais de tratamentos de doentes, em Minas Gerais, Belo Horizonte (1905) e Juiz de Fora (1907).

Em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, deparamo-nos com outras observações naveanas sobre a Medicina realizada em Juiz de Fora, nas primeiras décadas do século XX. Destacamos em *Baú de ossos*: a da tia materna Matilde Luísa por tifo<sup>205</sup>, atuação da parteira Senhorinha<sup>206</sup>, a apresentação do sanitarista Belizário Pena na cidade<sup>207</sup>, asma e tratamento de José Nava<sup>208</sup>, atividades de José Nava como sanitarista e luta para defender a teoria havanesa na SMCJF<sup>209</sup>. Transcrevemos o contato de Nava com Belizário Pena:

Belisário era o próprio Dr. Belizário Pena, ainda não genial, nem sanitarista, nem discípulo de Oswaldo Cruz, nem o homem do famoso *slogan* das três necessidades do Brasil: “Botina, Necatorina e latrina!”. Ele aparecera em Juiz de Fora pela mão de seu parente, o Dr. Feliciano Augusto de Oliveira Pena, na fase modesta em que o último era diretor da Academia de Comércio. Depois, quando o Conselheiro Pena foi Presidente do Estado e Presidente da República, é que o bi-cunhado Feliciano começou a intervir na política municipal e a dar audiência nos seus paços dos altos da Rua Halfeld... Temperamento inquieto e arrebatado e taquipsíquico, querendo ir logo ao fim das coisas e estripar a galinha dos ovos de ouro – o Dr. Belizário Pena não teve, apesar de bom médico, as qualidades que fazem o bom clínico e cedo arrepiou carreira. Atirou-se à indústria dos laticínios, depois de falir nos secos e molhados – não em pequena escala, mas à grandalhona – planejando fartar de leite, queijo e manteiga Juiz de Fora, Minas; o Brasil, as Américas, o Mundo... Dotado de notável inteligência, de palavra fácil e fluente, de uma prodigiosa chalaça, de uma simpatia irradiante e da personalidade de líder que o Brasil conheceria um dia – não foi difícil transmitir suas ilusões aos que se lhe associaram na empresa. Entre estes, o nosso Dr. Andrès, com as economias granjeadas nos suores da análise gramatical, da análise lógica, das declinações latinas, das tabuadas, das equações, do eixo da terra, da inclinação eclíptica, da história pátria e da história universal... Foi-se tudo na quebra geral e o pão que sobrou à razão Belisário & Cia. foi duro e sem manteiga. Magnífico! porque perdeu-se um industrial desastrado, mas lucrou-se o fabuloso sanitarista que se envoltou no seu papel com a mesma originalidade e potencial histriônico que garantiam o sucesso invariável de suas sortes e pantomimas no Clube Juiz de Fora. Não se sabia onde acabava o apóstolo e começava o charlatão; onde terminava o higienista e principiava o caixeiro-viajante do vermífugo, naquela bolinha humana de largura igual à altura que percorreu o Brasil como uma espécie de pregador, de mestre, de camelô, de messias, de orador popular, de empresário e redentor – gozado e sublime! –

<sup>205</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 199.

<sup>206</sup> *Ibid.*, p. 252.

<sup>207</sup> *Ibid.*, p. 266.

<sup>208</sup> *Ibid.*, p. 274.

<sup>209</sup> *Ibid.*, p. 266.

falando a crianças, a adultos, a velhos; discursando nos grupos escolares, nos ginásios, nas faculdades, nas ruas, nos cinemas (como assisti em Belo Horizonte, aí pelos vinte, no Odeon, onde ele urrava: “Dizem que sou caixeiro- viajante! Sou! Sou o caixeiro-viajante da higiene! Caixeiro-viajante da saúde! Sou e sou!”); orando a analfabetos e a homens cultos; ao povo e aos políticos; a governados e governantes; nas fazendas, nas cidades; no Norte e no Sul – ensinando seu Evangelho: “Botina, Necatorina e latrina!” Nada de pés descalços por cujas solas penetra a larva filariforme depois da terceira muda... “Botina, meus senhores! Abaixo os remédios caseiros, as receitas de comadres, as garrafadas, as coajingivas, os cozimentos e as pévides de abóbora... Necatorina, meus amigos! Necatorina e só Necatorina... Necatorina Merck, cápsulas gelatinosas de tetracloreto de carbono puríssimo, fabricadas por Merck, nos laboratórios de Darmstadt, na Alemanha, representados no Brasil, exclusivamente por Daudt, Oliveira & Cia. E sobretudo nada das cagadas ao vento dos campos, à margem dos rios, em touceira de banana... Buraco no chão, fossa sanitária, latrina, sempre latrina, só latrina, minhas excelentíssimas senhoras!”<sup>210</sup>

O longo parágrafo trata de pessoa que marcou o Sanitarismo brasileiro na década de 1920. Na atuação de Belizário Pena, perceberam-se propostas diferentes dos profissionais da geração de Oswaldo Cruz focados no saneamento urbano. Belizário foi do grupo de sanitaristas voltados para o saneamento dos “sertões”, instrumento ideológico de construção nacional<sup>211</sup>. A atuação desse grupo e conquistas políticas foram resultado da criação da Liga Pró-Saneamento em 1918. Abandonou-se o diagnóstico dos problemas brasileiros causados pelas “raças” indígenas e africanas. O diagnóstico da década é a necessidade de resgatar os sertões da doença, abandono e atraso. Na década, deparamo-nos com políticas públicas que marcam a crescente intervenção do Estado. Belizário Pena, nas décadas de 1910 e 1920, lutou pela centralização administrativa e, na organização federal de órgão de saúde, percebemos o encaminhamento nessa direção. Exemplos do encaminhamento na direção centralizadora são: 1919 – criação do Departamento Nacional de Saúde Pública com maior complexidade e implementação dos Serviços de Profilaxia Rural. Em fins de 1920, os serviços profiláticos se faziam presentes em quase todas as regiões. Belizário Pena foi chefe do Departamento Nacional de Saúde e Ministro

<sup>210</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 266-267.

<sup>211</sup> SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados* – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.

do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), mas, ao incompatibilizar-se com Getúlio Vargas, deixa o cargo e ingressa no Integralismo<sup>212</sup>.

Destacamos aspectos do Sanitarismo porque estes serão marcantes nas questões de saúde, nas décadas posteriores. Retomando as práticas populares referentes à saúde, apresentamos outro episódio acontecido em Juiz de Fora, em 1913. Em *Balão cativo*, há observações sobre o conhecimento da Medicina popular pela criada Justina e a morte da avó, decorrência do “feitiço” feito por Justina, após ser espancada pela patroa. Nava relata o episódio em que diversos aspectos são destacados:

(...) Ninguém entendeu aquela queda do objeto e ainda mais num quarto fechado. Só tia Iaiá adiantava uma explicação. Era feitiçaria da Justina, porque ela estava contando o caso da negra à Ernestina do Hilário Tucano e quando dissera “aquela cachorrona da Justina!, a essa palavra “Justina”, ouvira o estouro. E logo espelho quebrado. Que agouro! Mas ela ia pegar-se com São Francisco do Canindé e não havia de ser nada. (...) Olhou e viu a Inhá Luísa como que abestalhada, derramando tudo, a cara puxada para um lado, metade do corpo se firmando e metade, de pedra, resvalando. Cortada ao meio. Correu com a Rosa, impediram a queda e vieram trazendo a velha, trôpega, para a sala de jantar. Eu vi sua entrada, lembro! arrastando as pernas. Assombrou-me o desvio do rosto e a expressão distanciada do olhar – pasmo, vidrado, fixo nos aléns. Surpreendi, depois, muitas vezes, essa expressão terrível que resulta do golpe de clava da congestão cerebral. O Almada chegou correndo. Examinou minha avó na cadeira de balanço em que a tinham colocado. Sangrou, logo, generosamente. Levar para cima? Nem por nada. Armem uma cama aqui mesmo, nesse quarto de baixo e mandem já chamar o Elias. E que ele venha com as sanguessugas. Mandem também no Altivo, comprar um capacete de gelo. As crioulas saíram voando. Espero, espero. Está visto que espero, gente! Uai! Vocês tratem de parar de gritar porque eu só saí daqui deixando a prima Maria Luísa muito bem medicada. Sentou e ficou segredando com o tio Meton – que arriara os bigodes que nem cortina – nele, sinal de raiva, de preocupação, de tristeza. O Seu Elias era talvez o último representante de uma raça extinta – a do cirurgião-barbeiro. Cortava os cabelos, fazia os cavanhaques, peras, andós dos cavalheiros de Juiz de Fora<sup>213</sup>.

No episódio apresentado, temos a sobrevivência de uma atividade colonial – a dos barbeiros – que adentrou pelo Império e, nas primeiras décadas do século XX, esteve em

<sup>212</sup> HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina. O que há de novo? Políticas de Saúde Pública e Previdência, 1937-1945. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 73-94.

<sup>213</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973. p. 73-74.

cooperação com a Medicina Científica. Preocupamo-nos em destacar os contatos do memorialista com esses episódios, pois serão questões da futura profissão do mesmo. Estes, se rememorados, foram destaque e reconhecida sua importância. Com a morte da avó materna, em 1913, Diva Jaguaribe Nava, a mãe do memorialista, com os filhos, acompanha o pai na mudança para Belo Horizonte. Nava, que fez os primeiros estudos no Colégio Andrès em Juiz de Fora, aos 11 anos foi matriculado no Ginásio Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte.

No período de 1860 a 1890, houve visível expansão do ensino particular no país, notadamente o confessional católico, “consagrado o caráter religioso, literário e retórico do ensino secundário”<sup>214</sup>. No Capítulo II – “Serra do Curral” –, da obra *Balão cativo*, Nava inicia uma crônica sobre os primórdios de Belo Horizonte. Para ilustrar, destacamos seu ingresso no Ginásio Anglo-Mineiro:

DESTINADO a abrir-se em princípios de março de 1914, o Ginásio Anglo-Mineiro, com sua piscina, seus recreios e pavilhões luxuosos, devia vir se construindo desde 1912. Foi possivelmente nessa época, por iniciativa de Mendes Pimentel, que os “homens bons” de Belo Horizonte se reuniram para criarem uma instituição que fosse, em Minas, e Seu Eton e o anti-Caraça<sup>215</sup>.

Setores dos grupos dominantes, no Brasil, adeptos do Liberalismo, viram, nos princípios da educação inglesa e norte-americana, o atendimento ao desejo de progresso e dinamismo proposto pelos republicanos. Durante dois anos, Nava permaneceu no estabelecimento, onde as disciplinas eram dadas em inglês, incentivava-se o esporte e o trabalho. A pobreza das roupas, em comparação com as de seus colegas, deixaram profundas marcas no memorialista. Nava, por não ter roupas adequadas, refugia-se na leitura. Rapidamente, aprende a se comunicar em inglês, a ler os clássicos do idioma e se destaca como bom aluno nos anos de 1914 e 1915. Estabelece amizade com colegas, filhos de pessoas dos segmentos privilegiados da sociedade, que serão encontrados em outros momentos de sua vida.

Com o fechamento do Anglo-Mineiro, Nava transfere-se para o Rio de Janeiro, onde faz exame de admissão, tendo sido aprovado no Colégio D. Pedro II, local em que estudou como

---

<sup>214</sup> YASBECK, Lola. *As origens da universidade de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999. p. 32.

<sup>215</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 116.

interno. Trata-se de um estabelecimento público destinado a preparar setores privilegiados para o ingresso nos cursos superiores. Nos finais de semana, ia para casa dos parentes paternos, intelectuais e funcionários públicos. O adolescente se espanta com o que vê: “Nunca eu tinha visto tanto livro como na biblioteca de meu tio”<sup>216</sup>. Outra observação sobre a residência dos tios: “As reuniões noturnas da Pensão Moss adquiriram caráter nitidamente literário com a mudança para a mesma do poeta Heitor de Lima”<sup>217</sup>.

O adolescente teve gratificante acolhida dos parentes e estímulo para dedicação aos estudos e leitura. As experiências do período adentram pelo terceiro livro – *Beira-mar*. No Colégio Pedro II, entre os colegas, destacou-se pelo domínio do inglês e talento com o Desenho. Permaneceu na instituição de 1916 a 1921. No período, testemunhou a epidemia de gripe que ficou conhecida como “Espanhola” e o cotidiano da intelectualidade carioca. Nava ampliou seu capital cultural (francês, literatura), social (contatos com filhos dos grupos dominantes) que formaram o capital simbólico (boas maneiras, domínios de código da “boa educação”), que lhe permitiram ascender socialmente, mesmo sendo de família pobre. Para atingir o objetivo deste capítulo, ou seja, a identificação das questões ligadas à Medicina, destacamos o texto relativo à História Natural:

(...) Quando principiou o ano letivo encontramos o Lafayette tinindo e pronto para começar suas aulas. A primeira que ele nos deu foi também a de sua estreia como professor do Colégio Pedro II. (...) Ele acrescentou então que os livros adotados seriam o Paula Lopes, o Pizon, o Aubert e o Remy Perrier. Mas que o livro principal seria ele mesmo, ele, Lafayette, que ia dar um curso, e não ficar nessa de marcar lição, tomar lições. (...) Explicou que aos reinos de Linneu, Collerson acrescentara mais um – o planetário, cujo exemplo típico estava no Sol, como para o animal, no Homem, para o vegetal, na Vinha, para o mineral, no Ouro. Mostrou Geofroy de Saint-Hilaire, orgulhosamente, querendo separar essa imundície humana num quinto reino onde tronaria sozinho o *Homo sapiens*. Ele, Lafayette, era contra isso e propunha que dividíssemos os seres da natureza num primeiro grupo de inérticos, ou inorganizados, ou brutos; e num segundo, comportando os seres vivos ou orgânicos. Nesse estávamos nós, os homens, em comum com as serpentes, os morcegos, os sapos, as lesmas, as zebras, as hienas. Mostrou o homem feito de células, falou de sua continuidade, quase eternidade – *omnis cellula ex cellula*. Disse destas se dispondo em tecidos; das funções e propriedades desses tecidos; das localizações do encéfalo. E a alma? doutor, onde? fica nossa alma. Ele riu largamente. Que alma? Foi uma bomba. Ouvimos pela primeira vez os nomes de Claude-Bernard, Berthelot, Cuvier, Huxley,

<sup>216</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo*: memórias 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 191.

<sup>217</sup> *Ibid.*, p. 115.

Hooke, Malpighi, Mirbell e Fontana. Ouvimos palavras prodigiosamente novas e sonantes como cariocinese, mitose, nucléolo, cromossômio, mitocôndrio. O verbete cromatina cintilou, como faísca acesa de repente.

Dentro de nosso ensino vagamente antiquado e cheio de preconceitos quase escolásticos, as aulas do Lafayette foram como a abertura de largas janelas aos ventos da natureza e do mundo, tudo junto, num largo sopro de vida orgânica<sup>218</sup>.

A abordagem do professor marcou a concepção de Nava sobre a vida. Na abordagem de Fleck, “denominada estilo de pensamento”, uma questão que deve ser aprofundada é a veiculação, na educação, de uma concepção de Ciência. Os autores citados no texto são materialistas, corrente que se tornou vitoriosa ao final do século XIX. Ensino possível a uma minoria, o que nos aponta questões a serem formuladas. No período, em que uma minoria tinha acesso ao ensino, qual seria a concepção de Ciência predominante? Cremos que a concepção mencionada na transcrição foi veiculada a um pequeno número de jovens, matriculados em uma escola laica. O ambiente republicano possibilitou a veiculação desses valores. Concepção que acompanhará Nava. Nos próximos parágrafos, buscaremos identificar as concepções que o memorialista desenvolveu sobre o assunto.

Nava, em vários momentos, refletiu sobre o sentido da profissão. Temos buscado identificar como se formou esse pensamento. Até então, procurando informações sobre o contexto social e as especificidades de sua biografia, acreditamos poder afirmar que o autor, ao lado de uma formação de valorização da Ciência, teve um suporte de bases humanísticas, como podemos identificar na reflexão sobre o significado de sua atividade:

(...) Que a Medicina é, assim, instável – a construção duma cidade sobre solo em terremoto permanente. Que disso nascem a insegurança íntima do médico e uma espécie de angústia ruim que o habita – e altera sua alma. (...) E o Egon pensava no desamparo que seria o da humanidade no dia em que ela soubesse do nosso segredo e que alguém tivesse bastante coragem para dizer também – O SEGREDO DA MEDICINA É QUE TODAS AS DOENÇAS SÃO INCURÁVEIS. A cura, a cicatriz já pode ser outra doença. Uma válvula cardíaca inflama, cura, cicatriza e se retrai e é nessa cura paradoxal que vai se entaipar a morte paciente esperando os efeitos a longo prazo da insuficiência e da estenose (...) Um amputado das pernas, das duas pernas, escapa, cicatriza. Tem a dita alta curado. Mas já não é um homem. É uma variedade d’homem – é um mutilado. O Egon infiltrava com seus ensinamentos, essas pastilhas de

<sup>218</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias* 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 236-239.

veneno. Mas dava também o antídoto. Ensinava, honestamente, que as doenças não têm cura, mas que todas têm tratamento. Este é outro segredo do médico. Auxiliar o equilíbrio somático acompanhando a natureza na sua reconstrução provisória. Nunca remando contra a maré. Sabendo desde o princípio que toda a Medicina é o ato gratuito de saber diagnosticar. Depois medicar pouco e na hora, não ser ativista terapêutico. Entender o doente. Conversar o doente. Saber ouvi-lo com paciência. Amparar com o remédio sintomático. Consolar com a presença, a palavra oportuna, a bendita mentira, o santo perjúrio. Ser bom e simples. Guardar e repetir a cada instante a melhor coisa que ensinou Miguel Couto em frase um pouco rebuscada: “*Se toda a Medicina não está na bondade, menos vale dela separada*”<sup>219</sup>.

Nava foi profissional voltado para a Clínica e, em 1949, esteve entre os fundadores da Reumatologia no país. Buscando evitar equívocos na leitura das transcrições, lembramos que já foi visto, em capítulo anterior, que, nos três últimos volumes, Nava usa para si os codinomes de Zegão e Egon. Neste capítulo, nosso interesse é a Medicina e, nessa atividade, fizemos o recorte – “doença”. Procuraremos destacar os aspectos que envolvem essa questão nos escritos de Pedro Nava. Dilene Raimundo Nascimento (2005), em *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*, faz observações sobre a doença como objeto da História. Destaca questões que envolvem os estudos sobre o tema e discute a bibliografia existente. Consideramos relevante para esta pesquisa a seguinte observação: “(...) Pois a doença não é tão-somente um conjunto de sintomas que nos leva a procurar um médico, mas também um acontecimento que ameaça e modifica nossa existência, seja individual ou coletivamente, muitas vezes com graves consequências”<sup>220</sup>. Essas considerações nortearão nosso texto. Perceberemos que Pedro Nava, ao se referir ao doente, está falando de um ser que está existencialmente ameaçado.

Nosso interesse é recortar os textos que dizem respeito às doenças e, portanto, à formação médica do autor, às suas atividades profissionais e ao contexto social que foram palco dessas questões e o significado das mesmas naqueles momentos. Segundo Ana Lúcia Rissoni Santos, no artigo intitulado “O conceito de doença: uma interlocução entre Medicina e Filosofia”: “A Medicina, por ter o patológico como objeto de estudo, encerra uma reflexão sobre a vida”. A autora discute, nesse texto, as posições defendidas por Claude Bernard e Georges Canguilhem. Cumpre ressaltar que a leitura desse artigo em muito nos ajudou no entendimento de várias

<sup>219</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas: memórias* 5. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 403-404.

<sup>220</sup> NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.



observações feitas por Pedro Nava<sup>221</sup>. Destacaremos, ainda, Jean-Charles Sournia, autor do artigo “O homem e a doença”, o qual afirma:

“(...) as doenças têm apenas a história que lhes é atribuída pelo homem”. “(...) entidade abstrata ao qual o homem dá um nome”. (...) A partir das indisposições sentidas por uma pessoa, os médicos criam uma noção intelectual que agrupa os sintomas de que sofre o “doente”, os sinais que um observador pode constatar, as lesões anatômicas, por vezes, uma causa ou um grande causal, e a este conjunto aplicamos uma etiqueta chamada diagnóstico, do qual decorre um tratamento destinado a agir sobre os sintomas e, se possível, sobre a causa<sup>222</sup>.

*Baú de ossos* tem muito de reconstituição e de testemunho. Ao final dessa obra, encontramos o episódio da doença e morte do pai do memorialista aos 35 anos. Este fato é determinante na escolha da profissão do escritor, que tinha oito anos quando do ocorrido. Nava afirmou em entrevista: “inconscientemente quis continuar com a história de meu pai”<sup>223</sup>. Na reconstituição da trajetória de José Nava, temos informações sobre o ensino secundário, preparatório para o ingresso em um curso superior, o ensino médico (currículos e manuais), estratégias de sobrevivência do profissional e questões que envolveram a profissão no período, aspectos destacados em capítulos anteriores. José Nava ingressou no Serviço Público, por concurso, na cidade do Rio de Janeiro, em 1909. Como foi mencionado anteriormente, ele era asmático. A seguir, serão transcritos fragmentos que retratam a doença e morte de José Nava:

(...) Na Delegacia de Saúde do Meier, o trabalho era, principalmente, o das visitas domiciliares para verificar as notificações compulsórias. Icterícia febril na Rua Dias da Cruz. Caso suspeito de cólera em Capitão Rezende. Tifo em Arquias Cordeiro. Peste em São Brás. Lá ia o moço doutor no calhambeque da Saúde, tirado por magras pilecas, pelas ruas do subúrbio. Ia com alegria e boa

<sup>221</sup> SANTOS, Ana Lúcia Rissoni. *O conceito de doença: uma interlocução entre Medicina e Filosofia*. Disponível em: <[http://fafich.ufmg.br/~scientia/art\\_ana.htm](http://fafich.ufmg.br/~scientia/art_ana.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2006.

<sup>222</sup> SOURNIA, Jean-Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1995. p. 359-361. O memorialista foi um compulsivo “guardador de papéis”, anotou observações do cotidiano e de narrativas familiares. No próximo episódio que transcreveremos, encontra-se uma das inúmeras reconstituições. O fato ocorreu em Juiz de Fora em 1905 e mostra que a Santa Casa local, não tinha, ainda, a função de tratamento de doentes.

<sup>223</sup> Entrevista concedida a Helena Bomeny e René Batista em 3 de abril de 1983. Este material é inédito, e a entrevistadora, generosamente, forneceu-nos uma cópia.

vontade. Bem consigo e com a vida, bem remunerado e cheio de esperança vendo no horizonte a clínica que não podia falhar, a Academia com que já lhe acenara o Aloysio e quem sabe? a Faculdade, com que todos sonhavam. Coragem! porque essa vida de plantão suburbano, entre febricitantes, e de plantão no necrotério, entre defuntos, é apenas o primeiro passo. E lá ia o doutor: ao sol, ao vento, à chuva, constatar os disentéricos, os varilosos, os tetânicos, os esporádicos e últimos casos de febre amarela. Assim é que naquele 30 de junho ele foi ver, na Rua Honório, uma criança com difteria.

(...) No quarto ele tomou o clássico leite pelando, com conhaque, mas quem disse que aquela chapueraba evitava gripe? Veio primeiro o esperado acesso de asma e às onze da noite o termômetro já tinha subido, como um foguete, para 40 graus centígrados. (...) No terceiro dia as coisas se definiram e o Dr. Duarte de Abreu enunciou o diagnóstico. Augusto e solene como um verso. Broncopneumonia gripal infecciosa. E nem ele nem o Adolfo estavam satisfeitos. Ainda se fosse num homem forte, vá lá... Mas numa criatura fraca, esgotada por dois concursos, pelo excesso de trabalho, num asmático que sufocava cada noite, que entrava em crise a cada três dias... Com aquele enfisema...

(...) As poções, os xaropes, os electuários cintilavam, de todas as cores, dentro de vidros cujas rolhas e gargalos se revestiam da chapeleta pregueada de papel impermeável. *Agite antes de usar*. Misturavam-se às caixas cheias das pílulas rolando no licopódio, às das cápsulas, às dos papéis parafinados, às das empolas brancas da cafeína, da esparteína e das azuis do óleo canforado, cuja entrada em cena foi recebida como augúrio nefasto. Era considerado remédio extremo para males extremos. Minha mãe aprendera a fazer as injeções e aplicava-as sem parar, na hora dos delíquios. O doente já não podia mais. O electrargol fracassou fragorosamente. Começaram as rezas, as promessas, as velas acesas, os projetos de subida da Penha de Joelhos. Os conhecidos mandavam bentinhas, medalhas milagrosas, *agnus-dei*. A Dona Leonídia Teixeira chegou um dia brandindo uma saia branca da *santa* Zélia Pedreira. (...) Afinal rebentou o vaso da ira e depois da vômica a febre moderou seu incêndio, estabilizou-se entre 37 e 38, meu Pai parou de divagar, emergiu do delírio, passou a reconhecer as pessoas e a agradecer as xícaras de mingau que tomava confortado. Os médicos entusiasmados, já falavam em convalescença e autorizavam o champanha quatro vezes ao dia. A 30 de julho de 1911, um mês depois de doente, meu Pai pasmou de repente, derramou a vasilha de leite que bebia sentado e caiu sobre os travesseiros. Todos acorreram aos gritos da tia Candoca chamando – o José está morrendo! – minha Mãe quebrou a agulha da última injeção, e o Crucifixo arrancado da parede passou para as mãos do agonizante. A vela do trânsito era um absurdo na luminosidade daquelas nove horas da manhã e um clamor atroou, rebentou contra as paredes como uma onda que sobe, submerge, estoura, baixa e recua fervendo. Quando a casa silenciou, todos foram cambaleando e abraçados para o quarto de trás, enquanto o Lafaiete e o Heitor Modesto trancavam-se no da frente carregando a casaca, botinas de verniz, roupas engomadas, a gravata imaculada, um vidro de álcool, o pacote de algodão e os apetrechos de barbear. Seria a última vez...<sup>224</sup>

<sup>224</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 385-389.

José Nava foi de uma geração de médicos formada pelos princípios do Sanitarismo, como já visto anteriormente neste estudo. Formado dentro das propostas de ensino médico sob a Reforma Saboia (1881-1882). Com a Reforma, deu-se maior ênfase à prática, permitiu-se o ingresso de mulheres e o ensino médico por perpassado por discussões, estabelecendo maior contato com a Microbiologia. A profissão já se fazia visível na sociedade e se tornou mais prestigiosa socialmente<sup>225</sup>. Desde fins do século XVIII, segundo Sayd: “A doença produto da magia ou possessão perdeu seu estatuto e volta a ser um evento natural”<sup>226</sup>. Objeto de estudo como os outros, a ser classificado e ordenado em seu reino. Diversas questões foram levantadas e discutidas, como concepções de vida, doença, saúde, relações das mesmas com o Estado, modificações no ensino, organização de instituições profissionais, etc. O período de 1880 a 1930 foi de intensas transformações na sociedade brasileira. As questões que envolveram a Medicina naquele momento foram pontas de *icebergs* da organização social e econômica do Brasil. A historiografia sobre esse período já foi apontada em outro momento do texto.

Os anos de 1890 a 1930 caracterizaram-se pela organização de instituições voltadas ao saneamento cujos membros estavam preocupados com epidemias. Na transcrição apresentada, vimos que, como Servidor Público, a função de José Nava era a de identificar casos epidêmicos notificados. A assistência individual, no período anteriormente mencionado, tinha o caráter liberal para os que podiam pagar, sendo inacessível para a maioria da população. O memorialista elocubra sobre os possíveis projetos do pai: consultório particular, entrada para a Academia e o ensino. Esses projetos eram possíveis a profissionais de grandes centros e inseridos em determinados grupos. A aprovação no concurso público seria a aquisição do primeiro capital simbólico para a realização desses projetos. A morte de José Nava significou o retorno da família para Juiz de Fora. A mãe de Nava conheceu grandes dificuldades financeiras, sobreviveu, por largo período, trabalhando como autônoma em atividades diversas, recebendo uma mesada da família do marido, finalmente, ingressando no Serviço Público, na década de 1920. Contudo, possivelmente influenciada pela convivência com a família do marido, percebeu que a solução financeira para seus filhos estava na aquisição de instrução escolar. Ela conseguiu realizar esse projeto.

---

<sup>225</sup> Dentre outros estudos, destacamos: COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>226</sup> SAYD, Jane Dutra. *Mediar, medicar, remediar: aspectos da terapêutica na Medicina Ocidental*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 45.

*Chão de ferro*: memórias 3 – termina quando o memorialista volta para Belo Horizonte e ingressa na Faculdade de Medicina, em 1921. Viu-se frente à penosa situação financeira de sua mãe e sentiu necessidade de conseguir um emprego que auxiliasse na manutenção do curso. O tio materno, Antônio Salles, conseguiu uma carta de recomendação para ser apresentada ao Secretário Afonso Pena Júnior, autoridade administrativa de Minas Gerais. Já havia conhecido a negativa de duas cartas dirigidas para autoridades, em que pedia a indicação para um emprego público. Segundo Nava:

(...) Numa tonteira ali cá sentado diante do Secretário Afonso Pena Júnior. Notei que ele tinha as sobrancelhas muito levantadas no centro o que lhe dava a expressão tristonha e aplicada que vemos nos flautistas durante a execução. Fiquei olhando para ele bestificado, trêmulo, ofegante, esperando ser escorraçado como das outras vezes. Ele percebeu minha perturbação e imediatamente sorriu e teve a delicadeza dos grandes que é a de pôr à vontade os menores. Fez-me repetir meu nome, disse que conhecera meu Pai no Juiz de Fora – era bem seu pai, não era? em casa de seu tio Feliciano. Que mocinho – assim da sua idade, fui várias vezes à casa de sua avó para as partidas que o Dr. Jaguaribe gostava de dar. E como vai ele? Agora, doutor, está no Jequitinhonha. Então você quer trabalhar para estudar? Vendo que eu estava ainda meio no ar, Afonso Pena Júnior com a maior paciência voltou à minha família, por ele e ali, soube que minha avó Maria Luísa e o Conselheiro pai dele tinham se batizado no mesmo dia, na mesma igreja, um depois do outro, em Santa Bárbara. Porque vocês são como nós de Santa Bárbara do Mato Dentro. Mostrou-se conhecedor do folclore de minha gente. Parece que foi com parenta sua, morrendo, uma que não ensinava receita de seus quindins a ninguém, nem dos seus bolos e pudins que aconteceu aquele caso. Ria agora de gosto, contando. As velhas vizinhas chegando fofas mandando dizer Jesus! irmã, e fazendo perguntas. D. Florência, quantas colheres de açúcar? no seu quindim. Duas e meia – arquejava a alma sem defesa. Diz Jesus! irmã, e no bolo Santa Cecília mistura a calda com o leite de coco ou o leite de coco com a calda. Mistura sim mas, depois de frio e aí é que se torna a esquentar. Passou macete por macete. Eu ria ainda quando o Secretário voltou ao assunto. Pois então, se você precisa trabalhar para estudar, o emprego tá garantido<sup>227</sup>.

Este é um aspecto que perpassa pela a sociedade brasileira, ou seja, troca de favores, valorização a parentescos, relações sociais, e que também estava presente na vida de Pedro Nava. Em *O círio perfeito*: memórias 6, o autor narra seu ingresso no Serviço de Saúde, no Rio de

---

<sup>227</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 345-346.

Janeiro, em 1932 (Reforma Pedro Ernesto). Foi indicado por Virgílio de Mello Franco, membro de família de políticos influentes, com a qual Nava sempre manteve laços de amizade, feitos no Anglo-Mineiro e fortalecidos no Colégio D. Pedro II. Nava não participou da vida pública como político, contudo, ocupou “cargos de confiança” por indicações políticas.

Em *Beira-mar*: memórias 4, Nava escreveu textos documentais sobre o ensino médico do período, vida social e preocupações intelectuais de sua geração. Matéria escolar por matéria escolar, reflexões sobre os conteúdos e comentários sobre os professores caracterizam esse volume, que é também fonte documental sobre o Modernismo em sua vertente mineira. Temos procurado nos textos de Nava, como aluno e professor, elementos que formaram seu pensamento e posturas enquanto médico. Percebemos, nas observações que Nava faz sobre seus professores, diversidades de posturas e de adesão a propostas nas questões médicas.

Em páginas de grande admiração pelo professor Henrique Marques Lisboa (1876-1967), Nava fala sobre a formação desse profissional (1897-1903):

(...) A turma de Marques Lisboa presenciou um profundo movimento de renovação de ideias no nosso ensino médico e na nossa Medicina. Assistiu ao desvanecer de seu aspecto puramente acadêmico e oratório e ao configurar de sua fisionomia científica e experimental. Recebeu a influência internística de Azevedo Sodré, Benício de Abreu, Nuno de Andrade e de Francisco de Castro; a externística de Lima e Castro, Domingo de Góis e Brant Paes Leme. E, principalmente, viu a criação de nossa Cirurgia moderna, com a operação tática e experimentalmente planejada de um monstro teratópago-xifópago por Chapot-Prevost e, com o ensino de João Paulo de Carvalho, a consolidação da nossa fisiologia experimental, cujas bases tinham sido lançadas por Kossuth Vinelli. Coube ainda a essa turma testemunhar a inauguração, em 1901, do ensino oficial de Bacteriologia, com Rodolfo Galvão. Toda a didática dessa época foi influenciada pela transformação introduzida na Arte por Claude Bernard, Pasteur, Koch, Villemin, Langhans, Panum, Roser, Metchnikoff, Buchner, von Behring, Kitasato, Bordet, Wassermann, Finlay, Patrik Mason, Carter Kilbone, Laveran – os fisiologistas, os bacteriologistas, os veterinários, os médicos militares, os tropicalistas, que com a descoberta de bactérias e protozoários patogênicos, dos fenômenos imunitários e alérgicos, dos soros, das vacinas, dos vetores – apontavam, então, à mocidade interessada no estudo do homem, perspectivas tão vertiginosas como as abertas à investigação atual pela desintegração atômica e pelos aparelhos interplanetários. É esse ambiente que explica a qualidade dos experimentadores da turma de 1902: Marques Lisboa, Ezequiel Dias, Carlos Chagas, Cardoso Fontes, Artur Neiva<sup>228</sup>.

---

<sup>228</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 325-326.

Lisboa foi contemporâneo de José Nava. O grupo de médicos com essa formação foi predominante no ensino médico da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Instituição criada em 1913, momento de ampliação do número de Faculdades de Medicina no país e aumento da interferência do Estado nas questões de Saúde<sup>229</sup>. Esses profissionais, formados, em sua maioria, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tiveram formação em princípios voltados para o Sanitarismo. Belo Horizonte foi fundada dentro dos ideais de salubridade do período. A escolha do local para a nova capital obedeceu à orientação de engenheiros, desenhistas e médicos sanitaristas<sup>230</sup>.

A organização do ensino médico da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi feita por professores, em sua maioria, com formação sanitarista. Eles organizaram o ensino médico, buscando a formação de clínicos sob a orientação francesa. O currículo cursado por Nava compreendia: 1º ano: Química Médica, Física Médica e História Natural Médica; 2º ano: Anatomia Descritiva, Histologia, Fisiologia; 3º ano: Anatomia (2ª parte), Microbiologia e Fisiologia (2ª parte), Propedêutica Cirúrgica e Propedêutica Médica; 4º ano: Anatomia Patológica, Patologia Geral e Farmacologia, Dermatologia, Oftalmologia; 5º ano: Anatomia Topográfica, Clínica Cirúrgica, Clínica Médica, Terapêutica Clínica; 6º ano: Medicina Legal, Higiene, Clínica Médica e Clínica Obstétrica, Pediatria, Pediatria Cirúrgica e Ortopedia, Ginecologia, Neurologia e Psiquiatria.

Esse currículo foi contemporâneo da expansão do ensino médico e, até finais do século XIX, circunscrevia-se às Faculdades da Bahia e Rio de Janeiro, organizadas desde 1813 e 1815, respectivamente. A fundação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi contemporânea das Faculdades de Medicina de Porto Alegre (1911) e de São Paulo (1912). O alargamento da formação de profissionais médicos estava em meio às questões que envolviam as relações da profissão com o Estado e o papel social deste.

Lendo *Beira-mar*, podemos observar que Nava faz uma minuciosa reconstituição de disciplinas que estavam ligadas diretamente à formação do clínico, bem como dos programas das disciplinas, livros adotados, informações profissionais dos professores e observações sobre as

---

<sup>229</sup> CARVALHO, Maria Celeste da Silva. *Medicina e ensino médico: “vertentes” de um processo de desenvolvimento econômico e social: uma história da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte*. 1987. 278 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987..

<sup>230</sup> JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários de uma cidade moderna (1891-1920)*. 1992. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

mesmas. Reconstituindo o contato com a disciplina Patologia Geral, mostrou diversos aspectos que envolvem as concepções de doença, saúde e Medicina:

A PATOLOGIA GERAL é, em suma, toda a filosofia médica. Ela estuda as regras, os princípios, as leis da ciência e da arte hipocráticas; ensina nossa linguagem especial, a nomenclatura dos sintomas, dos sinais, das entidades; mostra sua divisão, sistematização e classificação; cuida dos princípios da vida e da morte e estuda o que constitui o estado de moléstia e aqueles comuns a todas ou a quase todas as doenças. Assim esclarece não o contágio da febre tifoide mas o Contágio tomado como situação abstrata traçando a fisionomia e o aspecto de como ele aparece nas outras infecções. Assim com a Febre, a Dor, a Convalescença, a Cura, a Agonia, o Coma. Recapitula ou entreabre as portas de toda a Medicina – é a própria concepção da Medicina. (...) Na nossa era de tecnicismo foi suprimida como coisa inútil e este fato é um dos responsáveis pelo que assistimos atualmente – a Babel de internistas que esquecem que lhes compete apenas OBSERVAR e que se metem a EXPERIMENTAR<sup>231</sup>.

Essa abordagem da Medicina marcou profundamente a vida profissional de Pedro Nava. A valorização da clínica, do contato médico/paciente e da observação pode levar, em um primeiro momento, a se acreditar que o memorialista tenha sido um opositor ferrenho às pesquisas e à tecnologia. Pela leitura das Memórias, pode-se chegar a essa conclusão. As observações de Nava sobre o Prof. José Baeta Vianna, organizador da Biblioteca da Faculdade de Medicina, são de hostilidade:

(...) Vi suas primeiras estantes, os primeiros livros que por donativo foram começar a enchê-las. Muitos exemplares do Testut, do Gley, do Branca, do Mathias Duval, do Chantemesse e Podwysotsky – descarregados de suas casas por médicos e professores que queriam se ver livres desses cartapácios veneráveis. Também as primeiras revistas e livros americanos que iam auxiliar o Baeta a trabalhar em favor do pragmatismo que ele conseguiu implantar na mentalidade de seus sequazes. Seus alunos passavam por verdadeira *boufrage de crâne* nas aulas de Química, onde se aprendia exemplarmente a matéria e também a execrar a Europa e sua decadência, a admirar superlativamente os Estados Unidos e sua onisciência. Também ele fazia um trabalho de cupim ou de coral às avessas para desmontar nossas concepções sobre a parte prática da Medicina – a Clínica – que ele mostrava como amontoado de erros para só dar valor ao que podíamos ter da Química, da Física, da Microbiologia e da

---

<sup>231</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar*: memórias 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 239.

Anatomia Patológica. Sob sua orientação se formaram vários cientistas. Ele tentou aliciar-me no princípio e conquistar-me para a Pesquisa e a Experimentação. Era difícil, pois a essa época eu já era interno de Ari Ferreira e estava moldado definitivamente para a Observação e para o exercício da Clínica. Além disso eu via com olhos suspicazes o apostolado dum homem que dizia horrores da Europa, que achava a latinidade decadente, que não entendia patavina de literatura ou de arte. (...) Caso perdido, continuei a admirar a Europa e a fazer o diagnóstico das doenças do estômago sem exame químico do suco gástrico e a julgar perfeitamente das do fígado e da vesícula sem fazer os doentes passarem pelo suplício das tubagens duodenais<sup>232</sup>.

Ao ouvirmos a entrevista concedida a Helena Bomeny e René Batista, em 3 de abril de 1983, percebemos que Nava priorizou o contato médico/paciente, mas não negou a grande contribuição da tecnologia para o tratamento das doenças. Transcrevendo fragmentos da entrevista:

(...) Mas em certo terreno, vamos dizer no terreno cardiológico. O exame clínico pode se tornar absolutamente desnecessário. Você toma a pressão arterial automaticamente, com eletrocardiograma e ecografia, com essa coisa toda... Você registra os sons do coração com uma precisão que o ouvido humano é incapaz de registrar. Antigamente ficava aquela discussão, “mas esse sopro é sistólico, não é bem sistólico”. Hoje não, hoje sai escrito, sai junto com o eletrocardiograma, ao mesmo tempo. De modo que você tem aquilo no tempo, na intensidade, na qualidade, no som, tudo aquilo é registrado. (...) De modo que, aliás, essa ânsia do médico de penetrar o doente com poucos meios levava a um apuro de sentido melhor do que hoje e esse apuro de sentido deve ter influência psicológica. Não sei se você sabe, que tem de demorar mais junto do doente. E o doente, o que ele prefere, o que ele deseja principalmente é conversar. E conversar com o médico. Ele se tranquiliza mais<sup>233</sup>.

Voltando às observações sobre o contato com a Patologia Geral, aí encontramos as ideias norteadoras do pensamento médico do período. Quando mencionamos a influência francesa na organização da Medicina brasileira, temos de assinalar a diversidade de propostas que foram elaboradas na França. As Escolas de Montpellier e Paris têm propostas de distintos matizes, que

<sup>232</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias* 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 317-318.

<sup>233</sup> Entrevista concedida a Helena Bomeny e René Batista em 3 de abril de 1983. Este material é inédito, e a entrevistadora, generosamente, forneceu-nos uma cópia.



foram se organizando desde os finais do século XVIII aos fins do XIX. Essas propostas foram discutidas pelos médicos brasileiros, aqui rechaçadas ou aceitas, e determinam suas concepções de doença. No texto transcrito da obra *Beira-mar*, podemos observar duas concepções de doença e vida, presentes no exercício da Medicina:

Vi com Lisboa que a vida e a morte são amálgama inseparável, condição uma da outra e que não podem existir isoladamente. Entrei com o mestre na patologia comparada e compreendi pela moléstia nossa essência de animais submetidos pela lei da natureza à condição de tudo que é vivo, inclusive os vegetais que nascem, crescem, reproduzem-se, caem doentes, morrem como todos nesse baixo mundo. Estudei a compreensível Etiologia e a hermética Patogenia de que apenas conseguimos abarcar parte do mistério e de que sabemos tanto quanto o ignoraram os médicos de todos os tempos. Aprofundi o que pude a primeira, seguindo Lisboa nas causas determinantes específicas das moléstias com a Teoria Microbiana de Pasteur, as bactérias, os fungos, os filtráveis, os parasitismos. As infecções e a febre. A alergia, a imunidade, a defesa. A constituição mórbida individual, as predisposições, a hereditariedade. O sexo. A idade. O meio ambiente. As causas determinantes comuns para que Lisboa gostava da velha nomenclatura latina. (...) Os processos gerais das doenças e toda a síntese da anatomia patológica com as degenerações, atrofias, hipertrofias, hiperplasias, aplasias, displasias. A inflamação. A demência celular dos cânceres e a festividade do fogo de artifício das metástases. Crise. Convalescença. Cicatrização. Cura. Hesitações do Período de Estado. Piora. Desorganização. MORTE<sup>234</sup>.

A adoção ao Vitalismo é percebida na obra de Nava. Em inúmeras vezes, ao longo das Memórias e de seus escritos, ele condenou o aborto e a eutanásia, com base nessa proposta. Também, a valorização da observação que, tantas vezes, é enfatizada por Nava, igualmente foi defendida pelos vitalistas. Em 1926, cursando o quinto ano do curso de Medicina, Nava conseguiu, como interno voluntário, trabalhar na enfermaria onde funcionava a Cadeira de Clínica Propedêutica Médica, dirigida por Samuel Libânio. O convívio com o assistente Ari Ferreira foi significativo para a formação do médico. Segundo Nava, por influência de Ari Ferreira, ingressou numa corrente de pensamento internístico que o fez pertencer a uma linhagem espiritual de grandes clínicos. A comparação da atividade médica com a de um sacerdócio e o caráter sacro da profissão estão presentes nos escritos de Nava.

---

<sup>234</sup> Op. cit., p. 245.

No livro *Território de Epidauro e Capítulos da história da Medicina* e na conferência intitulada *A Medicina de Os Lusíadas*, Nava tratou da mescla de práticas de cura que se fizeram dominantes no período colonial e são sobreviventes em nossos dias. Tratamos da questão na comunicação “Medicina portuguesa nos escritos de Pedro Nava – uma introdução”<sup>235</sup>. Nesse texto, destacamos a postura de Nava frente às práticas populares e de outras abordagens de cura. Ele considerou esse material apenas como curiosidade para o entendimento de costumes entre a população. Entendeu que, somente com as propostas iluministas, as luzes da razão começaram a aclarar a obscuridade das práticas de cura no mundo luso-brasileiro. Em *Beira-mar*, com curiosidade e humor, observou que, na enfermaria, os doentes expressavam-se em linguagem própria:

(...) Naquelas manhãs do Libânio aprendi nova língua – a interpretativa e pitoresca das pacientes, que eu tinha de traduzir para as papeletas. Ai! doutor, senti como se eu fosse um monte de gelo derretendo, não vi mais nada e caí. A coisa em linguagem médica queria dizer: suores e lipotímia. Assim era feito com a série de figurações verbais que cada um usava para exprimir suas dores, agonias, aflições. Lembro as que guardei para sempre. Tenho o tornozelo cheio de vidro moído. Uma dor como se as carnes estivessem despregando dos meus ossos. Sinto um rebolado no joelho. Meu Deus, doutor! tenho sensação de formigamento que vai da papada à ponta do pé e ao mesmo tempo parece que estão enchendo minha perna e minhas *cadeira* que nem pneumático de automóvel. Meu sangue tem pimenta. Tenho uma canga no pescoço e a cabeça feito mingau. Uma correria dentro de mim. Sofro de fisgadas ardidias. Meu corpo fica feito bacia de saboada quando as bolhas tão rebentando – aí ele arde e chia, bate todo por dentro, e com perdão da má palavra, treme até na via da vagina. Tem estrelinhas de metal debaixo de minha pele. Uma corrente de ar nos ossos da perna afora. Me deu um ronco na cabeça. Isto tudo era preciso fazer repetir, perguntar como era, captar e afinal transcrever na linguagem técnica com que se classificam as dores, as aflições, as sensações falsas do ptiatismo, as parestesias revestidas de comparações fantasistas<sup>236</sup>.

O último texto que recortaremos, o qual contém elementos sobre as experiências de Nava como acadêmico, em *Beira-mar*, trata da visão que o memorialista aprendeu a ter sobre o corpo

<sup>235</sup> VALE, Vanda Arantes. Medicina portuguesa nos escritos de Pedro Nava – uma introdução. In: 2º COLÓQUIO DO POLO DE PESQUISA DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2004. Disponível em: <<http://realgabinete.com.br/coloquio/autor.asp?indice=73>>. Acesso em: 20 ago. 2006.

<sup>236</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar*: memórias 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 330-331.

humano e os aspectos que o ameaçam constantemente. Vida, doença e morte. Vemos, nessas observações, a influência do Vitalismo de Bichat, popularizada nos manuais escolares para quem a “vida é um conjunto de funções que evita a morte”:

Mas fantástico na vida do futuro médico é o que vai tirando da experiência adquirida dia a dia na exploração dessa coisa prodigiosa que é o corpo humano. Ele é sempre admirável. Admirável no crescimento, no milagre da adolescência, na saúde plena e na euritmia da idade madura, da vida em sua pujança, seu transbordamento na reprodução. Igualmente admirável na impotência, nos desequilíbrios da velhice, na senectude, na cacoquimia, na doença, na desagregação e na morte. Tudo isto tem harmonias correlatas e depende de trabalho tão complexo para criar, como para destruir, para fazer a vida e fabricar a morte. Temos de reconhecer essas forças da natureza e delas tirar nossa filosofia médica e nossa lição de modéstia. Cedo compreendi que nós, doutores, podemos, quando muito, alterar e modificar a vida pelo ferro cirúrgico e pelo veneno remédio, procurando que a alteração introduzida esteja no caminho da *vis medicatrix naturae*. Nesse sentido ajudamos e só ajudamos quando remamos a favor da maré. *Je pense, Dieu guérit* – dizia humildemente Ambroise Paré – o Pai da Cirurgia. O grande equívoco de todos – doentes e médicos – é julgar que prolongando a vida por alteração de condições, estamos combatendo a Morte. Jamais. Tanto quanto imbatível ela é incombatível. Prova: só ampliamos vida que existe. Em seu lugar não temos o poder de colocar mais nada porque na medida que ela se retrai, diminui e bate em retirada, cada milímetro é conquistado implacavelmente pela Morte Triunfante<sup>237</sup>.

Nava terminou o curso de Medicina em 1927, colando grau em janeiro de 1928. Ingressou como médico na Secretaria de Segurança Pública e, como tal, foi designado para trabalhar no Centro de Saúde de Juiz de Fora. Conforme destacamos em momentos anteriores, Nava foi apaixonado pelos estudos de Anatomia. Sempre que fez referências às pessoas presentes em suas Memórias, fez isso com a descrição de um anatomista ao olhar os aspectos externos do corpo. Ainda com a postura anatômica, tratou dos elementos que formam a vida interior dos sujeitos. Por sua formação, desenvolveu o hábito de observar os “sinais” do corpo que apontam enfermidade e morte. Escreveu longos textos sobre o assunto.

---

<sup>237</sup> NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias* 4. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 332-333.

A seguir, apresentamos uma síntese de algumas observações de Nava sobre os sinais do corpo que apontam enfermidade e morte:

(...) Gosto de estudar estas duas maneiras da indesejada trabalhar sempre que estou no meio de velhos: nas festas da Academia Nacional de Medicina quando, ludicamente, procuro nos fâcies quem dará a vaga vindoura. E geralmente – acerto... Pensando nisto durante as caladas da noite de insônia assalta-me o desejo de me estudar também. Mas não! Fujamos desse grande medo com a leitura<sup>238</sup>.

(...) Médico, não posso enganar a mim mesmo e sei que já estou contado, pesado e medido. Mas consola-me pensar que nós só somos em função do nosso princípio vital. Só somos enquanto vivos. NÃO TEMOS ABSOLUTAMENTE NADA COM NOSSO CORPO MORTO. Nosso? Nem nosso porque já não somos nem existimos. Nós acabamos no último instante de vida. E sofreremos tanto, à ideia da morte, porque emprestamos ao cadáver que continua nossa forma as ideias que temos sobre a morte, o enterro, a decomposição. Nada disso é nós<sup>239</sup>.

(...) Cogitação não só das horas de insônia como de todas as horas, cogitação que à medida que envelheço se torna obsessão é a de prever quando? e a de saber como? por onde? Trazemos estas respostas mais ou menos nítidas no recado genético de que somos portadores. Nascemos com a vida animal traçada e destino biológico marcado. Os últimos capítulos são os do encontro do *terreno* com a causa determinante específica – encarada pelos etiologistas do século passado. Essa agirá na hora certa e entrará pela porta sempre aberta que vamos escancarando física e psiquicamente existência afora. Essa porta é o *point d'appel* dos clínicos e patologistas franceses, é o *locus minoris resistentiae* cujo conhecimento nos vem dos antigos. Sabemos de sua existência, sua força, mas ignoramos tudo sobre o gênero de eletividade de que depende a fragilidade dum sistema, dum aparelho, dum órgão, dum tecido – misteriosamente mais vulnerável que o resto da economia e por onde entrará ou onde se instalará a Moléstia onipotente e de muitos ardis<sup>240</sup>.

Nava, nas Memórias, descreveu inúmeras doenças e as terapêuticas usadas no período. Vimos destacando algumas reflexões feitas sobre essas questões. O Câncer é a doença que mais diretamente está associada à morte, para a maioria das pessoas. cremos que é a doença que mais mostra a fragilidade da vida e que apresenta aspectos identificadores como uma crueldade. Nava tratou essa questão como médico e, como literato, construiu metáforas sobre essa doença:

<sup>238</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 55.

<sup>239</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>240</sup> *Ibid.*, p. 76-77.

(...) Seu nome é contornado mesmo por eles, que o guilhotinam, suprimindo o resto do corpo da palavra e reduzindo-o à primeira sílaba – NEO, CE-A – para não conjurar, não invocar, para que ele fique longe, lá nele, no Trópico para onde o desterrou o poeta. Sai... O polvo feroz e chupaz, gerado fora do útero, quintessência das molas hidatiformes susceptível de deitar raízes em qualquer tecido, de ser a um templo placenta e feto que se protraí, que nasce só para necrosar e feder, exaurindo a fonte de onde tira força adquirida para morrer – o aranhol, a tarântula, a medusa, o caranguejão de pesadelo – que vem a ser? Doença mesmo? individualizável? e dependente de causalidade coerente? Ou nem isto e só conjunto reacional das causas mais diversas e assim devendo ser considerado muitas doenças – um *n* de doença. É um ladrão que ninguém sabe se está – porque bate às portas pelo lado de dentro. Uma célula se dementa, não é rejeitada, fica e começa a se dividir fora de qualquer regra biológica. Quando se dá pelo fenômeno, ela já foi elevada ao quadrado, ao cubo, a várias potências, já tem raízes mais fortes que o solo, já passou a matriz, deu filiais e manda metástases para todos os lados como um fogo de artifício, uma explosão atômica, um vulcão. Cessam as incertezas e as perguntas que todo homem ou mulher acima dos quarenta se faz quando é de espírito prevenido. Já estará? em mim. Onde? ai de mim! que assim me interrogo nas noites longas. Onde? Estará? no pulmão a que dei tanto fumo. No fígado? a que dei os espíritos e as especiarias e a cuja neutralização atirei a toxicidade das vitualhas engolidas rabelaisianamente. *Mea culpa*. Na pequena curvatura? Na bexiga? Próstata? partes cansadas do baixo ventre? Nos fatigados ossos? armação, estrutura, vigamento que sustentou meu corpo no bem e no mal... Bato na madeira, rezo, faço figa, passa-fora, fica lá-nele, fica na galáxia – SAI, CÂNCER. Quando se sabe que já é, que está e onde está – é a hora da pugna inglória em que a casual vitória só acontece uma vez em cem. Tanto? assim ou uma vez em mil, dez mil. Valerá a pena? então, lutar. Vale porque a luta no caso é a protelação e, na porca da vida, um instante mais que se ganhe, é vitória. Adiar. Protelar. Procrastinar. O positivo é que um dia derrotaremos o monstro – como já o fizemos à tísica, às epidemias, às endemias. Temos obrigação de combater. Cirurgia e a luta palmo a palmo, a depeçagem em que se tenta erradicar a morte pedaço por pedaço. Mais um pouco. Mais um lóbulo de pulmão, mais um metro de tripa, mais um fragmento de circunvolução uma fatia de fígado, um pulmão inteiro, um rim todo. O simétrico, o par, o suplente que trabalhe, o vigário que entre em cena. Até não se poder tirar mais nem um pouco sem penetrar nos arcanos da vida. Então vem a vez da irradiação que depila e queima e esteriliza. Terceira etapa, os imunossupressores que também arrancam os cabelos, amolecem os dentes, suprimem a libido e tiram os sobejos que ficaram da potencinha que garantia uma triste meia-bomba. Finalmente a sobremesa de água com açúcar da imunoterapia. O quê? O bicho que esgueirou-se às foiçadas da cirurgia, que resistiu ao lança-chamas da bomba de cobalto, que não sucumbiu à suprema poluição dos imunossupressores será? que vai ceder agora, ao velho BCG. Também não mas tentou-se de tudo e a família exausta faz, por fim, um enterrinho barato do defunto caro com o pouco que sobrou da ganância terapêutica<sup>241</sup>.

<sup>241</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 79-81.

Nas observações naveanas sobre o Câncer, percebemos a afirmação de Bichat já mencionada: a vida resistindo à morte. Também corrobora a concepção de Dilene Nascimento sobre a questão. A segunda Parte da obra *Galo das trevas* – “O Branco e o Marron” – é dividida em Capítulo I: “Santo Antônio do Desterro” e Capítulo II: “Belorizonte Belo”. O nome “Santo Antônio do Desterro” é codinome dado por Nava a Juiz de Fora, cidade que teve como primeiro nome Santo Antônio do Paraibuna. O memorialista, que se mudara da cidade aos 10 anos, a ela retornou, como médico, aos 26 anos, funcionário do Serviço Público na área da Saúde. Nomeado pelo Governo estadual, que tinha o tio de Nava Constantino Paleta como opositor na cidade, o jovem médico viveu aborrecidas e dolorosas experiências em Juiz de Fora. Antes de se mudar para essa cidade, trabalhou como médico em epidemias de tifo em cidades circundantes de Belo Horizonte. Em Juiz de Fora, teve experiências desagradáveis com os parentes maternos e com o meio médico local. Importa ressaltar, o aspecto que mais marcou o memorialista foi não ter conseguido ser admitido na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, único hospital da cidade, no momento. Nava lamenta o fato do seguinte modo:

Cada dia que passava o Egon sentia mais agudamente a verdade de certas opiniões do seu chefe Ari Ferreira, com relação ao médico e à atividade hospitalar.

– O hospital é indispensável ao médico. Médico sem vivência nas enfermarias não é médico. A clínica de consultório é cheia de limitações ao arbítrio do profissional em pedir exames, repeti-los, fazer o máximo indispensável para evitar sua inexorável tendência ao erro e servir os pobres-coitados compulsoriamente postos sob sua responsabilidade. Além de melhorar e esmerar-se na prática, o médico, dentro do hospital e da enfermaria, vive ensinando e aprendendo e mais do que isto – exercendo uma função moral. É por natureza de ofício o amigo dos sem- amigos, família dos sem-família. Vincula-se e compromissa-se com a coletividade de que faz parte. Serve-a servindo justamente os menos protegidos, os mais indigentes, os mais explorados. Tem de dedicar-se completamente para ressarcir um pouco de sua própria culpa – a de ser também um chupim do pobre na sua doença e sua morte<sup>242</sup>.

---

<sup>242</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 274-275.

A valorização da Clínica e a “função moral” do médico, um sacerdote, são constantes na escrita naveana. Ele que, em *Baú de ossos*, escrevera sobre a rudeza e a mesquinha dos parentes maternos, opostos aos paternos, em *Galo das trevas*, acrescentou os atritos com médicos ligados à Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e à Santa Casa local. Caricaturizou o grupo médico dominante como um bando de beatos católicos, reprimidos e repressores. Nessa época, estava sendo implantado, na cidade, o projeto católico, conhecido como Romanização. Em resumo, poderíamos afirmar que esse movimento foi a busca de se inserir o catolicismo no mundo moderno, hierarquizar a estrutura religiosa e atuar junto aos grupos dirigentes. O grupo de médicos juiz-foranos, em sua maioria, aderiu a esse projeto. Esse período tem sido estudado por historiadores e é representativo de questões nacionais, destacando-se a aproximação da República com a Igreja<sup>243</sup>.

Nava, em *Galo das trevas*, afirma:

(...) Aos seus amigos de idade mais ou menos a mesma e aos mais velhos, como os Doutores Cesário, Martinho, o Professor Manso e o Primo Antonico – o Egon ficou devendo profundo conhecimento do Desterro. Viu que aquilo tinha sido em tempos, cidade como as outras de Minas, que de repente se desportugalizara e passara a viver como se tivesse sido ocupada por duas forças: a espanhola, dum beatagem inquisitorial, feroz e obtusa – que esmagara sua velha e doce religião; a de cristãos-novos dum mercantilismo ávido, insaciável e impiedoso que amarrara sua antiga industriiosidade e amor ao trabalho<sup>244</sup>.

Nava montou um consultório na cidade e se agrupou com jovens amigos, vistos como transgressores pelo grupo dominante. Iniciou o relacionamento com os médicos Martinho da Rocha (pai e filho) que, posteriormente, foi retomado no Rio de Janeiro. Nos intervalos das consultas ou das atividades no Serviço Público (Higiene), dedicou-se à leitura, mencionando: Martinet – *Diagnostic Clinique* e Cardarelli – *Lezione Scette* “ensinando a ter como elemento principal da clínica, acima das virtuosidades dos processos auxiliares do diagnóstico a OBSERVAÇÃO – esse ramo da semiologia ainda numa espécie de limbo porque até hoje ainda

---

<sup>243</sup> Destacamos: CAMURÇA, Marcelo Ayres; TAVARES, Fátima Regina Gomes (Org.). *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.

<sup>244</sup> Op. cit., p. 302.

não teve o seu Claude Bernard a dar-lhe as leis encontradas para a EXPERIMENTAÇÃO”<sup>245</sup>. Em 1929, retornou a Belo Horizonte, a fim de exercer atividades na Santa Casa e em seu consultório particular. Antes, em 1928, presenciou uma epidemia de febre amarela que assolou Juiz de Fora, trabalhando exaustivamente para combater a doença.

Nava apresenta o seguinte depoimento sobre seu trabalho no combate à febre amarela:

Quando a febre amarela chegou ao Desterro, já encontrou gente apta para combatê-la. Repetiu-se o que Fraga estava fazendo no Rio e a epidemia reduziu-se a umas dezenas de suspeitos e a poucos verdadeiramente doentes. Destes, quase todos foram casos benignos da chamada por Sinval Lins a forma frusta ou renal. Só um se apresentou com aspecto grave, maligno, hipertóxico. O Egon pôde assim observar coisa que poucos médicos de sua geração terão podido ver: uma forma clássica de *vômito negro*. Nesse paciente ele assistiu ao que Torres Homem cansara de ver e que descrevia tão magistralmente: as siderações, os aspectos congestivos, as dores do tronco e dos membros, a cefalalgia tirana, as diarreias, a anúria, a icterícia de açafão, as hemorragias, o vômito negro, o coma, a morte... Teve a vantagem, graças à epidemia e ao seu espírito de observação, de estender sua mão, mergulhá-la no tempo, senti-la segura por Torres Homem e de entrar na cadeia da Escola Clínica do mestre incomparável. E mais: a prerrogativa de prestar um pequeno serviço à sua terra de nascimento<sup>246</sup>.

Os fatos narrados ocorreram em 1928, mostrando que, na “Manchester Mineira”, epidemias e progresso estavam lado a lado, pois fora realizado um intenso combate à febre amarela nessa cidade.

A obra *O círio perfeito: memórias 6* – último livro de Memórias, lançado em 1983, mostra o retorno do médico para Belo Horizonte, onde presenciou os fatos envolvidos com a Revolução de 1930, deixando inúmeras observações sobre o atendimento aos feridos. Iniciou-se, para Nava, um período de tranquilidade financeira e de desenvolvimento profissional: assistente na Santa Casa, funcionário público e consultório particular. Envolveu-se em um namoro com Zilá Pinheiro Chagas, a quem dá o codinome de Lenora. A jovem, de comportamento transgressor para os padrões da época, ocupou inúmeras páginas desse livro. O suicídio de Zilá levou Nava a abandonar Belo Horizonte e mudar-se para Monte Aprazível, no oeste paulista, onde se

<sup>245</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 379.

<sup>246</sup> *Ibid*, p. 273-274.



encontrava o antigo colega Cavalcanti. A região estava sendo aberta ao plantio de café, atraindo imigrantes e migrantes, mas a população estava enfrentando problemas com doenças.

Em Monte Aprazível, permaneceu nos anos de 1931 a 1932. Nessa cidade, Nava teve experiências profissionais comuns aos médicos do período. Atendimento no consultório particular, partos difíceis em lugares distantes e casos difíceis de paludismo, epidêmico na região. O problema mais grave do ponto de vista clínico-sanitário de Monte Aprazível era o da febre tremedeira, febre dos pântanos, malária, paludismo<sup>247</sup>. Ainda estava na região quando ocorreu o Movimento Constitucionalista de 1932 e seus desdobramentos no interior paulista. Refeito das causas que o levaram para essa região, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1932, ingressando no Serviço Público Municipal, na Reforma Pedro Ernesto de 1933: “(...) do êxito de suas gestões junto ao prefeito Pedro Ernesto Batista a quem chegou apresentado pelos seus amigos Rodrigo Melo Franco de Andrade, Afonso Arinos e Virgílio de Melo Franco. A eles ficou devendo o lugar em que fez sua carreira na assistência pública carioca”<sup>248</sup>.

As páginas de *O círio perfeito* se constituem de relatos do ambiente médico, questões de um Pronto Socorro e de aspectos que envolveram as relações Saúde e Estado na Era Vargas. Nava inseriu-se no mundo médico do Rio de Janeiro, e o livro mostra vários aspectos disso. O Pronto Socorro era dirigido pelo médico Genival Londres, homem de grande prestígio político. Isso leva Nava a conhecer outros profissionais referendados pela sociedade e meio médico do Rio: “Assim seria também, de festa, o dia em que ele fora, a convite do Londres, visitar o serviço em que este trabalhava como assistente de Clementino Fraga, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro”<sup>249</sup>.

No contato com o meio intelectual, conheceu Murilo Mendes, o qual solicitou que Nava atendesse Ismael Neri, artista plástico e poeta, tuberculoso. Reconstituindo o diálogo médico/paciente: “– Como eram essas reações? – Aumento de minha febre, da tosse, suores noturnos que me acabam, fora dores de cabeça, aumento dos escarros...”<sup>250</sup>. Neri fora internado e se submetera a tratamento pela tuberculina e não tivera êxito. Pedro Nava, em Belo Horizonte, tivera experiências com o tratamento de tuberculosos, assunto tratado ao longo da obra *O círio*

---

<sup>247</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p. 274.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p. 361.

<sup>250</sup> *Ibid.*, p. 280.

*perfeito* e, em momentos anteriores desse livro, deixou observações sobre o assunto. A respeito do tratamento dado a Ismael Neri, comentou:

Que os pariu...! Com esse tratamento desumano foi-se tudo quanto é defesa desse moço e suas reservas de imunidade foram arrasadas. Daí aquela febre contínua que só abrandava um pouco durante o dia. Nunca inferior a trinta e sete e meio, e oito, e nove, trinta e oito. E aquela sideração que dava uma impressão tífica, o abatimento. De madrugada eram as subidas até quarenta, quarenta e meio. A queda começando e os suores. E o curioso é que as radiografias só mostravam lesões miliares disseminadas, mas nenhuma cavitação. Era mesmo uma forma tóxica gravíssima, tifo-bacilose de Landouzy (que a chamavam os antigos) e ele não queria ser Egon e rasgaria seu diploma se não fosse o resultado de aniquilamento das defesas do doente – tudo, mas tudo mesmo, provocado por um tratamento de consequências ainda não bem apreciadas na época, feito como a um animal de laboratório e não naquele homem que ali estava – aquele homem de fina qualidade. *Anima nobilissima*... Era isso mesmo e... que os pariu...!<sup>251</sup>

Nava aceitou cuidar de Ismael Neri. Paralelamente, junto com o colega Eliezer: “Entrosavam-se assim na tradição da *linha de centro* da clínica médica brasileira – nobilitada por sua saída das mãos de Miguel Couto, Francisco de Castro, Torres Homem e do criador de nossa medicina interna: Manuel Francisco de Valadão Pimental, barão de Petrópolis”<sup>252</sup>. Nesse momento, participou do uso pioneiro das sulfamidas e comentou que ele e outros não sabiam que estavam participando do início de uma revolução que seria completada nos anos 1940 com a penicilina. Nas palavras de Nava: “A clínica interna reabilitando-se de anos de inércia – ia começar realmente a *curar* e emparelhar-se com o fabuloso desenvolvimento a que tinha chegado a cirurgia no nosso século”<sup>253</sup>. Sobre a assistência a Ismael Neri e o resultado da mesma, Nava afirma:

(...) Sua medicação principal era a sintomática – dirigida a todos os sintomas e sinais, sobretudo os que mais o atormentavam como a tosse, a febre, os suores. Assim o Egon estava sempre a administrar-lhe a codeína, o piramido, a aspirina, e

<sup>251</sup> NAVA, Pedro. *O círculo perfeito*: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 280.

<sup>252</sup> *Ibid.*, p. 297.

<sup>253</sup> *Ibid.*, p. 311.

a fazer a reposição do líquido perdido com a ingestão de água, das tisanas ou mesmo com a ministração de soro salino, soro glicosado – puros ou carreando o Normet. Para ficar bem com sua consciência e para dar-se a satisfação de que estava lutando, o médico dava ainda mais os reconstituintes e tônicos para combater a adinamia, a medicação suprarrenal nos delíquios. Dava também o Gadusan que fazia milagres então, o cálcio, a Emulsão de Scott e todas as panaceias industriais em moda no tratamento da bacilose. A doença foi se mantendo mais ou menos no mesmo quadro até fins de março de 1934 quando aumentaram os sinais de fraqueza e, pior, sonolência que logo passou a uma situação de torpor grave do qual ele mal emergia. Quando voltava um instante à tona, impressionavam sua bravura, sua paciência, sua resignação e sua piedade. Era católico e como tal acabaria<sup>254</sup>.

Na agonia e morte de Ismael Neri, estão as questões que envolveram a tuberculose no período. Nava foi discípulo de Ari Ferreira na condução terapêutica dessa doença. Em diversos momentos, menciona procedimentos e diversidade de casos. A obra *O círio perfeito* termina com o memorialista agindo no Serviço Municipal do Rio de Janeiro, proposta inovadora do interventor Pedro Ernesto. As estratégias de sobrevivência de Nava, no Rio de Janeiro, são exemplares do período:

(...) Na cidade o Egon aparecia muito no escritório do Aduato, no Edifício Odeon, na hoje praça Mahatma Gandhi nº. 5. Quando o Egon discutiu com o Aduato sua ideia de transferir-se, este levou-o ao consultório de seu irmão Fausto Cardoso – sempre muito por dentro da vida médica do Rio de Janeiro. Ele disse que não podia haver época mais propícia – com as alterações por que passava a saúde pública e a prometida reforma que Pedro Ernesto ia realizar nos serviços de pronto-socorro da cidade.

– Depende de pistolão. Mexa-se e movimente seus amigos poderosos que ficará por aqui. Se posso dar um conselho, prefira a assistência...<sup>255</sup>

Em Anexo de *O galo das trevas*, Nava informa de seu encontro com o prefeito Pedro Ernesto, assunto mencionado anteriormente. O contato de Nava com a família Mello Franco deu-se no Ginásio Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte, e, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. As relações dos Mello Franco com Vargas ficam explícitas na nomeação de Rodrigo para o Serviço de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), em 1937. Posteriormente, essa geração de

<sup>254</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 313.

<sup>255</sup> *Ibid.*, p. 274.

intelectuais mineiros rompeu com o governo em 1943 no episódio conhecido como “Manifesto dos Mineiros”.

O encontro de Nava com Pedro Ernesto ficou registrado do seguinte modo:

Fui no dia seguinte ao velho Palácio da Prefeitura. Peitei um contínuo, não mofei muito, fui recebido por Pedro Ernesto Batista. Jamais esqueci esse nosso primeiro encontro. (...) Leu com atenção toda a longa carta do Virgílio. Encarou-me sorrindo e sem hesitação certificou que eu seria nomeado médico auxiliar e que a Reforma sairia dentro de mês, mês e meio. E quando eu ia abrindo a boca ele estendeu a mão me interrompendo. Não me agradeça não, jovem colega. Agradeço eu. Sim senhor, eu, porque graças a você vou ter a oportunidade de prestar um serviço ao Virgílio – que é homem de pedir raramente. Agradeço a você – muito obrigado. Riu mais, levantou-se, levou-me até à porta com a mão passada no meu ombro. Duas audiências... Uma, com velho conhecido; outra, com pessoa que nunca tinha visto. A primeira serviu-me para encerrar uma amizade, a segunda, para começar a servir dedicadamente um dos melhores homens que já encontrei. *A seguir*. Foi o que eu fiz pelo resto de sua vida. Segui-o, visitando-o na prisão, no Quartel de Frei Caneca, no Hospital da Penitência, deste hospital a sua casa no dia do livramento, no seu novo consultório e depois no caminho derradeiro que levamos mais de três horas para percorrer – do Necrotério da *Casa de Saúde Doutor Eiras* ao *Cemitério de São João Batista*. Mas tudo isto eram coisas por vir<sup>256</sup>.

Ficaram conhecidas como Reforma Pedro Ernesto (1932-1935) as reformas administrativas que o médico, com esse nome, implantou na cidade do Rio de Janeiro. Nomeado pelo Governo Vargas para prefeito do então Distrito Federal, tornou visíveis propostas em Saúde, Educação e Urbanismo que, posteriormente, foram adotadas no Estado Novo (1937-1945). Foram inovações e características da administração Pedro Ernesto: a) ações na construção de uma rede educacional pública, leiga; b) organização de um sistema de assistência médica à população. Vale ressaltar que nos interessa, neste estudo, as questões relativas à saúde. Recorreremos a textos de Nava como norteadores da pesquisa.

O aspecto principal da Reforma Pedro Ernesto é o de intervenção do Estado nos assuntos de Saúde, marca do Governo Vargas (1930-1945). Na Era Vargas, ocorreu a concretização de propostas que viriam de décadas anteriores. Os textos de Luiz Antonio Santos (1985) – O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade – e de

<sup>256</sup> NAVA, Pedro. *Galo das trevas*: memórias 5. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 481.

Gilberto Hochman (1983) – “Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado” – tratam dessa questão.

Hochman destaca que a Saúde teve papel central na organização e intervenção do Estado. Identifica-se com o Movimento Sanitarista, concordando com Santos, ao afirmar que esse foi o mais importante projeto de construção da nacionalidade. E discorda: “Ao invés de observar uma ideologia de construção da nacionalidade em suas dimensões simbólicas interessa-nos o resultado concreto desse processo, qual seja, a construção de aparatos públicos e centralizados para implementar políticas de saúde”<sup>257</sup>. Santos identifica, nos discursos sobre o saneamento dos *sertões*, instrumentos ideológicos para a construção nacional. Discute as políticas públicas, interventoras do Estado, na área de saúde, presentes na República Velha.

Nas discussões e propostas da década de 1920, a Saúde, por diversas questões, foi-se transformando em um bem público e coletivo, exigindo arranjos coercitivos ou voluntários. Hochman (2001), no artigo intitulado “A saúde pública em tempos de Capanema: continuidade e inovações”, reforça suas opiniões anteriores. Considera que as ações governamentais na área da Saúde, no pós 1930, foram: “umas das políticas-chave no estabelecimento do Estado Vargas e dos trabalhadores urbanos”<sup>258</sup>. Enfatizamos que aspecto marcante e inovador do governo Vargas foi a presença do Estado nas áreas de Educação e Saúde. A ação de Pedro Ernesto é uma amostragem da época varguista.

Apresentaremos a historiografia sobre o assunto de interesse de nosso texto e traços biográficos de Pedro Ernesto. Acreditamos que o destaque à atuação desse político ajuda no entendimento das observações de Pedro Nava. Os estudos sobre aquele período, nas questões de saúde, não são numerosos. Os aspectos educacionais que envolvem a administração Pedro Ernesto têm despertado maior interesse nos estudos acadêmicos, notadamente a ação educacional de Anísio Teixeira. Três pesquisas abordam essa administração no campo médico: Alexandre Elias da Silva (2006) – *Política e populismo: Rio de Janeiro, 1931-1936*<sup>259</sup>; Cláudia Regina Rodrigues

---

<sup>257</sup> HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência entre Saúde Pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 14, p. 40-61, 1983. Disponível em: <www.bvshistoria.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 2 mar. 2008.

<sup>258</sup> \_\_\_\_\_. A Saúde Pública em tempos de Capanema: continuidade e inovações. In: BOMENY, Helena (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio: FGV/Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001. p. 127-151. Disponível em: <www.cpdoc.jgv.br>. Acesso em: 30 mar. 2008. p. 40-61.

<sup>259</sup> SILVA, Alexandre Elias da. *Política e populismo: Rio de Janeiro, 1931-1936*. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. p. 118. Disponível em: <www.bdt.uff.br>. Acesso em: 25 abr. 2008.

Ribeiro Teixeira (2004) – *A Reforma Pedro Ernesto (1933): perdas e ganhos para os médicos do Distrito Federal*<sup>260</sup> e Antônio Carlos Leme (1992) – *Saúde e Educação na década de 30: o município do bem-estar social*<sup>261</sup>. André de Faria Pereira Neto (1997) abordou a questão no artigo intitulado “O modelo de assistência médica de Pedro Ernesto (1932): algumas considerações”<sup>262</sup>.

Os princípios norteadores da Reforma Pedro Ernesto estão no Decreto Lei nº. 4.252, que regulamentou o funcionamento da Diretoria Geral da Assistência Municipal. A biografia de Pedro Ernesto (1884-1942), em seus diversos aspectos, ajudam a entender suas propostas administrativas<sup>263</sup>. Nasceu em Recife, filho de pequeno comerciante e membro da Maçonaria. As posturas de solidariedade defendidas pela Maçonaria, apreendidas com o pai, podem ter influenciado na escolha da Medicina como profissão<sup>264</sup>. Iniciou o curso de Medicina em Salvador. Depois, transferiu-se para o Rio, formando-se em 1908. Por dificuldades financeiras e para ajudar no sustento dos estudos, trabalhou em uma Farmácia-Prática<sup>265</sup>. O trabalho lhe propiciou conhecimento com o médico Augusto do Amaral Peixoto. Aproximou-se dos filhos desse médico, os oficiais da Marinha: Augusto Júnior e Ernâni, contatos que o inserem no mundo profissional. As relações com a família Amaral Peixoto aproximam Ernesto da família de Getúlio Vargas.

Atuou como médico, continuando o atendimento na Farmácia e na Policlínica de Botafogo (1908-1918), onde foi diretor de Clínica Cirúrgica. Essas atividades facilitaram seus contatos com diversos segmentos sociais. Segundo Teixeira, Sandoval e Yumietakaoka: “Estes relacionamentos talvez expliquem o fato de ter conseguido obter não só empréstimos bancários, como auxílios de comerciantes portugueses para a construção em 1918 e posterior ampliação, em 1923, de sua Casa de Saúde, à rua Henrique Valadares, na Lapa – região próxima ao centro da cidade”<sup>266</sup>. Os acontecimentos da década de 1920 repercutiram na vida de Pedro Ernesto. Junto com os irmãos Peixoto, participou da oposição a Arthur Bernardes. A prisão e morte de José Aníbal Duarte,

---

<sup>260</sup> TEIXEIRA, Cláudia Regina Rodrigues Ribeiro. *A Reforma Pedro Ernesto (1933): perdas e ganhos para os médicos do Distrito Federal*. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004.

<sup>261</sup> LEME, Antônio Carlos. *Saúde e Educação na década de 30: o município do bem-estar social*. Rio: UERJ (Mestrado), 1992. Não tivemos acesso a este material

<sup>262</sup> PEREIRA NETO, André de Faria. O modelo de assistência médica de Pedro Ernesto (1932): algumas considerações. *Revista de História Regional*, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <[www.rhr.uepg.br/v2n2/andre.htm](http://www.rhr.uepg.br/v2n2/andre.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2008.

<sup>263</sup> DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro pós 1930. 2. ed. Rio: FGV, 2001, v. 2. p. 2008-2012.

<sup>264</sup> TEIXEIRA, L. A.; SANDOVAL, M. R. C. ; YUMIETAKAOKA, N. Instituto Pasteur de São Paulo: cem anos de combate à raiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 751-766, 2004.

<sup>265</sup> Estabelecimentos em que se vendiam remédios e serviços médicos.

<sup>266</sup> Op. cit, p. 751-766.

primo de sua mulher, na repressão aos “Dezoito do Forte”, levou-o a aproximar-se das questões políticas e aprofundar-se nelas. Opositores ao governo foram ocultados na Casa de Saúde. Como membro da Aliança Liberal, apoiou a candidatura de Vargas e participou como chefe do corpo médico das tropas que, em Minas Gerais, lutaram contra a posse de Júlio Prestes. Segundo Teixeira, Sandoval e Yumietakaoka:

Ao longo de duas décadas que se seguiram à sua formatura, Pedro Ernesto conseguiu consolidar sua carreira profissional, destacou-se como dirigente pelo trabalho em sua clínica particular e foi reconhecido como militante nos acontecimentos políticos de 1930. A visibilidade pública na direção de sua Casa de Saúde e o envolvimento direto na defesa militar da Aliança Liberal foram elementos que deram a Pedro Ernesto a confiança e a legitimidade política e social para que fosse nomeado por Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório instalado em outubro daquele ano, para exercer o cargo de diretor do “Departamento Nacional de Assistência Pública”, no dia 14 de novembro de 1930<sup>267</sup>.

Teixeira, Sandoval e Yumietakaoka dividem a trajetória política de Pedro Ernesto em três momentos: a) Chefe do “Departamento Nacional de Assistência Pública” (11/1930 a 09/1931).– nomeação pelo Governo Provisório de Getúlio Vargas; b) Interventor do Distrito Federal (10/1932 a 04/1935); c) Prefeito do Distrito Federal (eleição indireta) pelo período (04/1935 a 04/1936). Também atribuem a nomeação de Ernesto ao desejo político de Getúlio de se aproximar da Aliança Liberal. Este partido tinha fortes bases no Rio, onde Getúlio teve inexpressiva votação. O Departamento Nacional de Assistência Pública (DNAP) era subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em dezembro de 1930, o DNAP passou a pertencer a esse ministério. A ação de Pedro Ernesto ficou submetida à autoridade de Francisco Campos, primeiro Ministro da Educação e Saúde. No período em que esteve à frente desse departamento, saneou as finanças e diagnosticou problemas.

---

<sup>267</sup> TEIXEIRA, L. A.; SANDOVAL, M. R. C. ; YUMIETAKAOKA, N. Instituto Pasteur de São Paulo: cem anos de combate à raiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 751-766, 2004.p. 751-766.

Segundo Teixeira, Sandoval e Yumietakaoka:

Podemos constatar que a passagem de Pedro Ernesto pelo “Departamento Nacional de Assistência Pública” caracterizou-se, sobretudo, por sua habilidade e competência em gerenciar os recursos financeiros de que dispunha. Com esta capacidade, Pedro Ernesto teve a possibilidade de ampliar o número de leitos nas unidades de assistência do Distrito Federal. É possível que sua atuação bem sucedida na iniciativa privada tenha lhe fornecido os elementos imprescindíveis para que pudesse ter desempenhado, com êxito, a função que lhe fora delegada<sup>268</sup>.

O período em que Pedro Ernesto foi interventor do Distrito Federal (10/1931 a 04/1935) caracterizou-se por propostas inovadoras nas áreas de Educação e Saúde; além disso, foi um momento de embates políticos entre os grupos que apoiaram Vargas. Em Educação, o nome e a atuação de Anísio Teixeira como Diretor de Instrução apontam para diversas questões. Dentre os vários aspectos que envolveram as questões educacionais, destacamos os conflitos de propostas de extensão do ensino público leigo por Anísio Teixeira X grupos católicos, defensores de escolas particulares e confessionais<sup>269</sup>. Para Diretor da Assistência Municipal, foi nomeado o médico Gastão de Oliveira Guimarães. Nas visitas feitas aos diversos subúrbios, bairros e aglomerações, Ernesto conheceu a situação de saúde da cidade e estabeleceu contatos com lideranças locais, o que lhe permitiu fundar o Partido Autonomista do Distrito Federal (1933). Os recursos para a execução de seus projetos vieram dos impostos de 25% sobre o jogo<sup>270</sup>. Teve início a organização e construção dos serviços médicos e hospitalares. Ressaltamos que esse assunto será desenvolvido em momento posterior.

O terceiro momento da trajetória política de Pedro Ernesto se dá de 04/1935 a 04/1936 – Prefeito da cidade do Rio de Janeiro e encerramento de sua vida pública. Podemos resumir como marcos desse período, citando Teixeira, Sandoval e Yumietakaoka: “(...) consolidação de seu projeto para a assistência médica, com a inauguração de duas unidades hospitalares, e por seu progressivo afastamento do projeto político do governo federal”<sup>271</sup>. Crises entre o prefeito e o Partido Autonomista e a Intentona Comunista levam a caminhos que encerram a carreira política

---

<sup>268</sup> Op. cit., p. 751-766.

<sup>269</sup> Vale lembrar que apenas pontuamos a presença de Anísio Teixeira. A bibliografia sobre o assunto é vasta.

<sup>270</sup> Teixeira, Sandoval e Yumietakaoka identificam as discussões sobre a questão (p. 36).

<sup>271</sup> Op. cit., p. 751-766.



de Pedro Ernesto. O projeto liberal-democrata de Pedro Ernesto começou a se chocar com a política de Vargas. O apoio popular não impediu que Ernesto fosse preso em 1935, suspeito de envolvimento com a Intentona. Absolvido e libertado em setembro de 1937, foi preso em novembro e libertado em janeiro de 1938. Retirou-se da vida política, manifestando-se, em 1942, contra o Eixo. Morreu no mesmo ano, aos 58 anos de idade, por problemas cardíacos.

Nos próximos parágrafos, focaremos a organização da assistência médica, no Rio de Janeiro, na Reforma Pedro Ernesto. O Decreto nº. 4.252 regulamentou o funcionamento da Diretoria da Assistência Municipal (DAM) e suas atribuições: a) perícia para os funcionários da prefeitura; b) assistência social e previdenciária à mãe, à criança, ao inválido, ao desempregado e ao morto; c) o modelo proposto em 1932 completava-se com o setor de assistência médica hospitalar. Os aspectos factuais seguirão os assinalados por Pereira Neto.

Os serviços médicos hospitalares foram organizados de maneira regionalizada e centralizada. A organização abrangia: Pronto Socorro, Hospital Regional, Dispensário Clínico e Hospital dos Incuráveis. O Pronto Socorro era voltado para a prestação de socorros urgentes a qualquer hora (via pública, domicílio e acidentes de trabalho). No Hospital Regional, ficariam os doentes que não fossem portadores de doenças incuráveis ou mentais. Os Dispensários Clínicos seriam voltados para tratamento ambulatorial de enfermos pobres, em ambulatórios de clínicas gerais e especializadas e no Hospital para Incuráveis<sup>272</sup>.

A rede hospitalar, construída dentro das propostas da Reforma, ainda é referência no Rio de Janeiro: Miguel Couto (Gávea), Getúlio Vargas (Penha), Carlos Chagas (Marechal Hermes), Rocha Faria (Campo Grande), Jesus (Vila Isabel) e Paulino Werneck (Ilha do Governador). Os serviços médicos eram gratuitos aos que não estivessem empregados e os relativamente necessitados pagariam uma pequena taxa. O Serviço Social seria encarregado de fazer a triagem para o atendimento na rede pública. Diversos aspectos podem ser desvelados na leitura das Memórias de Nava e nas ações de Pedro Ernesto, anteriormente mencionadas. Destacaremos, nos próximos parágrafos, as observações de Nava e a reação de grupos médicos à Reforma.

---

<sup>272</sup> PEREIRA NETO, André de Faria. O modelo de assistência médica de Pedro Ernesto (1932): algumas considerações. *Revista de História Regional*, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <[www.rhr.uepg.br](http://www.rhr.uepg.br)>. Acesso em: 14 mar. 2008.

Nava afirma:

Enquanto esperava sua nomeação para a assistência pública, o Egon passou a aproveitar suas manhãs acompanhando o José Martinho à enfermaria que ele frequentava no Hospital São Sebastião, chefiada por seu irmão Martinho da Rocha Júnior, a esse tempo no apogeu de sua carreira e considerado um dos pediatras mais insignes do Rio de Janeiro. (...) Esse hospital, a que se ligam os nomes de seu fundador, os de Oswaldo Cruz, Carlos Seidl, Carlos Chagas, Zeferino de Meireles, Leão de Aquino e Garfield de Almeida, está também vinculado à história das doenças infecciosas e epidêmicas no Rio de Janeiro, principalmente às da varíola, da febre amarela e, depois, da tuberculose. (...) A essa época, o hospital, a que se prende também a crônica de nossa enfermagem científica com o trabalho das moças formadas na Escola Ana Neri, reluzia de ordem, asseio e perfeição técnica na assistência aos infectados. (...) Inseparáveis dele como por ligação siamesa, as figuras hoje legendárias das enfermeiras Rachel Haddock Lobo e Sílvia Maranhão<sup>273</sup>.

A família Martinho da Rocha tem vários de seus membros como médicos. O pai de José Martinho, mencionado na citação, foi médico “(...) que exerceu longos anos em Juiz de Fora – clínico geral e ‘médico de família’ de raro êxito...”<sup>274</sup> .. O contato com essa família em Juiz de Fora e sua retomada, no Rio, auxiliaram a inserção de Nava no meio médico carioca. Seguindo na mesma página, referindo-se a esses contatos: “Foi na enfermaria de Martinho da Rocha Júnior que o Egon foi apresentado por ele ou pelo José a figuras que quando vinham ao São Sebastião nunca deixavam de passar para o café, no serviço de crianças<sup>275</sup>. Nava foi nomeado a 3 de junho de 1933 como cirurgião auxiliar e tomou posse a 13 do mesmo mês e ano. Nava no Pronto Socorro:

Enquanto não se reestruturou o serviço Benício de Abreu, o Egon começou seu trabalho externo nas ambulâncias do referido centro de tratamentos. Neste chamado serviço externo os plantões eram de 8 às 14 horas, destas 14 às 20 horas e destas às 8 do dia seguinte, completando um horário semanal de 24 horas. (...) Iam quatro pessoas no veículo – o motorista-padioleiro, o outro padioleiro, o enfermeiro e o médico. (...)

---

<sup>273</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. Memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 284-285.

<sup>274</sup> *Ibid.*, p. 286.

<sup>275</sup> *Ibid.*

Aquelas saídas de dia cedo, no pino, ao entardecer e noturnas encantavam o Egon. Primeiro, pela ida aos desconhecidos da patologia que era mister resolver na hora e que representavam sempre um desafio para os que tinham uma verdadeira alma de médico, com sua curiosidade, interesse, devotamento, solidariedade humana e piedade – simples pena do seu semelhante. Segundo, pelo desvendamento de todos os Rios-de-Janeiro – o milionário, o riquinho, o remediado, o pobre e o da miséria negra das casas-de-cômodo e favelas. Dos palácios de Copacabana ao morro, a aflição era a mesma, una e singular – a do indivíduo que sofre, está se despencando na morte e que é preciso segurar com todas as forças<sup>276</sup>.

Ao longo da memorialística naveana, surgem informações sobre linhas conflitantes na organização da Medicina Científica. Nava sempre foi adepto dos seguidores da orientação francesa. Percebe-se a presença, em menor número, de seguidores dos germânicos e o início da influência norte-americana. O memorialista viu a profissão como sacerdócio e pertencente a uma dinastia de médicos. Seguindo os relatos das Memórias, foi organizada, no Pronto Socorro, a Enfermaria de mulheres e de Clínica Médica de homens. A seguir, um depoimento de Nava da época em que trabalhou na Enfermaria de mulheres:

(...) Eram poucas doentes para cada e bom para elas porque assim eram melhor observadas, mais bem assistidas, e perfeitamente tratadas. O Eliezer, o Esmarado, o Egon e o Nava eram médicos do interior recentemente instalados no Rio e que não fizeram má figura (muito antes pelo contrário) perante o chefe e os companheiros de formação carioca como Acilino, saído da escola de Miguel Couto, e Múcio, da de Aloysio de Castro. Entrosavam-se assim na tradição da *linha de centro* da clínica médica brasileira – nobilitada por sua saída das mãos de Miguel Couto, Francisco de Castro, Torres Homem e do criador de nossa medicina interna: Manuel Francisco de Valadão Pimentel, barão de Petrópolis. Essa escola de origem nitidamente francesa teve sempre como adversa, outra, a mais germânica, de Rocha Faria, Nuno de Andrade e Agenor Porto. A última era esnobada pela primeira, chamada pelos partidários desta – *a linha auxiliar*<sup>277</sup>.

Nava foi médico no período de 1928 a 1983. O período foi de modificações no exercício da profissão, em seus aspectos específicos (novas terapêuticas), nas relações da mesma com o

<sup>276</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. Memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 289-290.

<sup>277</sup> *Ibid.*, p. 297.

Estado, além de intensas mudanças da sociedade brasileira. Testemunhou o uso inicial da insulina, o desenvolvimento da radiografia e, nos anos 1950, a penicilina. No Pronto Socorro:

Eram realmente as primeiras sulfamidas aparecidas no Rio. Iam ser inauguralmente usadas no serviço Benício de Abreu. Todos começaram a empregá-las sem saber que estavam iniciando uma revolução que no limiar dos anos 40 seria completada com o aparecimento da penicilina. A clínica interna reabilitando-se de anos de inércia – ia começar realmente a *curar* e emparelhar-se com o fabuloso desenvolvimento a que tinha chegado a cirurgia no nosso século<sup>278</sup>.

Vimos como Nava foi nomeado por Pedro Ernesto. Este teve grande popularidade e apoio inicial da imprensa. Contudo sofreu oposição de setores da Saúde, Educação e Política. As discussões, pelos médicos, do papel do Estado nas questões de saúde foram estudadas por André de Faria Pereira Neto (2001) – *Ser médico no Brasil*. Estão presentes, nessa obra, a busca de estratégias que não ameçassem o caráter liberal da profissão. Aceitavam e até defendiam a ação do Estado nas questões de saúde, desde que fossem confinadas aos pobres. Teixeira estuda a questão no trabalho já mencionado, partindo dos textos: *Brasil Médico, Vida Médica, Imprensa Médica* e o *Boletim Médico Brasileiro*. As publicações mostram a inquietação dos profissionais. Nas publicações citadas, os médicos defendem a gratuidade aos necessitados. Cobram medidas severas e coercitivas para categorizar os *necessitados* ou *indigentes*. Um mês após a edição do Decreto, a *Imprensa Médica* publicou artigo do Dr. Gastão Pereira da Silva:

Para o clínico que pretende viver exclusivamente de sua profissão, a atividade desta é quase impossível. Entretanto, todos os dias abrem-se postos de emergência, ambulatórios, clínicas especializadas e quejandas, que visam apenas roubar o cliente do médico que o espera como o pão nosso de cada dia<sup>279</sup>.

---

<sup>278</sup> NAVA, Pedro. *O círculo perfeito*. Memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 311.

<sup>279</sup> SILVA, Gastão Pereira da. *Imprensa Médica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 148, p. 427.

O Sindicato dos Médicos propôs auxiliar o Estado na fiscalização quanto aos indigentes<sup>280</sup>. O Decreto nº. 5.046 instituiu a Delegacia Social, órgão responsável pelo registro e matrícula dos necessitados, o que não minimizou os ataques dos médicos. No artigo intitulado “Retirada dos dez mil”, o Sindicato Médico Brasileiro se manifestou abertamente contra a reforma implantada pelos Decretos nº. 4.252, 4.397 e 5.046. O signatário do artigo, Dr. Xavier do Prado, “ponderava que as consultas haviam afastado um contingente considerável – 10 mil – de clientes dos consultórios médicos<sup>281</sup>. Esses profissionais eram nomeados diretamente por escolha do administrador. A reinvidicação de concursos para a admissão também esteve presente em alguns discursos.

Pedro Nava comenta sobre os antagonismos em seu ambiente de trabalho:

Foram aumentados os quadros de serventuários subalternos, burocráticos, enfermeiros e médicos. Essa majoração do funcionalismo foi feita por nomeação e no quadro médico, Pedro Ernesto, com sua experiência e a colaboração de Gastão Guimarães, Alberto Borgerth, Celso Sá Brito, Victor Cabral de Teive, Francisco de Bastos Melo – e Alcides Marques Canário – saiu-se com rara felicidade. Salvo escassas e políticas exceções o novo quadro compunha-se, na sua maioria, de profissionais competentes dentre os quais o tempo iria fazer que se destacassem realmente grandes clínicos, grandes cirurgiões e grandes tocólogos. As chefias de serviço foram preenchidas com o maior escrúpulo por internistas, operadores e parteiros com capacidade de mando e preparo reconhecido. Entretanto o quadro dos médicos antigos – quase todos admitidos por concurso na década de 20 – não se mostrou lá muito satisfeito com o que parecia uma invasão de protegidos na casa onde há anos só entrava doutor depois de passar pela porta estreita das provas de habilitação. Começou por isso uma guerra aberta ao diretor e aos seus colaboradores imediatos. Os *antigos* começaram a hostilizar os *novos* e os primeiros tempos da reforma não foram de relacionamento agradável nos plantões em que se juntavam esses dois grupos. Gastão Guimarães que se gabava muito de “não se deixar montar” centrifugou os cabeças dessa oposição para os hospitais periféricos, para o serviço externo de ambulâncias ou para o degredo das ilhas – o que mais exacerbou o elemento veterano contra o recente. Diga-se ainda que nessa coisa andou também o saudosismo trabalhando contra tudo que dependeu da Revolução de 30<sup>282</sup>.

---

<sup>280</sup> TEIXEIRA, L. A.; SANDOVAL, M. R. C.; YUMIETAKAOKA, N. Instituto Pasteur de São Paulo: cem anos de combate à raiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 751-766, 2004.

<sup>281</sup> Ibid.

<sup>282</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. Memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 415-416.

O ano de 1922, no Brasil, foi pródigo em acontecimentos simbólicos: a) Semana de Arte Moderna – com propostas de criação de um novo universo estético; b) Fundação do Partido Comunista Brasileiro – busca da revolução pelos proletários; c) movimento dos Tenentes – insatisfação de setores médios urbanos com as oligarquias republicanas; d) fundação do Centro D. Vital por grupo de católicos que buscavam a renovação e construção de uma outra cristandade. Signos identificadores de busca de construção de universos diferentes. Esses grupos e outros apoiaram a Revolução de 1930. O Governo Provisório de Vargas (1930-1934) procurou conciliar esses apoios e, nesse momento, temos a atuação dos vários segmentos. No Período Constitucionalista (1934-1937), os antagonismos se acirraram entre os grupos de Esquerda (Comunistas e Liberais) e Direita (Integralismo).

Pedro Ernesto, que tinha propostas liberais, começou a se distanciar de Vargas. O Partido Autonomista Liberal elegeu 20 dos 22 vereadores; Pedro Ernesto foi o mais votado<sup>283</sup>. O distanciamento fica mais visível entre abril de 1935 e abril de 1936. O caráter autoritário de grupos que estavam em ascensão no Governo Vargas e que desembocaria no Estado Novo (1937-1945) se articulam. É o momento da formação de uma frente, na imprensa, liderados pelo jornal *O Globo*, de oposição a Pedro Ernesto. Somavam-se imprensa, setores do Governo Federal e a Igreja Católica. Uma pergunta feita por estudiosos do período: Vargas via-se ameaçado pela popularidade de Ernesto?<sup>284</sup> Iniciou o ocaso de Pedro Ernesto com sua prisão. Nava testemunhou o episódio relacionado com a Intentona:

A coisa passou-se na época malfadada que se seguiu ao levante do 27 de novembro de 1935. O governo em pânico reagia à situação com a maior brutalidade, violência e crueldade. Muitos médicos do pronto-socorro, amigos de Pedro Ernesto, tinham tido nesta ocasião pecadilhos, pecados e pecadões mortais por opiniões que emitiam – desde as timidamente rosadas, às arrogantemente vermelhas. Uns tinham pecado por pensamento, os mais levianos por palavras, os mais politizados por obras. Entre os do último grupo estava um dos assistentes de Genival Londres de que se poderia dizer o nome porque ele já está morto. Entretanto é bom calá-lo porque, sabe-se lá? no Brasil tudo é possível e não será por este escrito que seus netos serão *black-boulés*. (...) Mas voltemos ao assistente do Londres... Um dia o Egon estava de passagem na assistência, suas duas da tarde, quando entra um Múcio de Sena aflitíssimo. As inscrições para

---

<sup>283</sup> SILVA, Alexandre Elias da. *Rio de Janeiro: política e populismo, 1931-1936*. 2006. 163 f . Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. p. 118. Disponível em: <www.btdt.uff.br> . Acesso em: 25 abr. 2008.

<sup>284</sup> Ibid.

prêmios e a entrega das monografias na Academia Nacional de Medicina se encerravam às dezessete horas. E ele tinha confiado o trabalho que ia apresentar, para colher sua opinião, ao tal colega de quem se falou e que tinha desaparecido do Rio, sovertido, sumido, evaporado, entrado de chão adentro há três ou quatro dias – medo da polícia de Felinto Müller. O Múcio tinha ido a seu apartamento, vasculhado o mesmo com pessoa da família e o demônio do seu ensaio não estava lá...

– Vim aqui ao hospital dar uma busca no armário dele... Vamos lá comigo.

(...) – Muito simples. Arrombe o armário e depois você manda consertar tudo à sua própria custa.

(...) Arrombaram o armário. Os preciosos originais estavam à vista, mas também estavam lá umas cinco pistolas 45, armamento de exército. Aquilo ali, naquela época de espionagem e interpretações capciosas, era uma verdadeira catástrofe<sup>285</sup>.

Diversos fragmentos de textos de *O círio perfeito*: memórias 6 testemunham o cotidiano de Nava ainda que não mais no exercício de Pedro Ernesto. Uma geração separa Ernesto de Nava. Ambos pertenceram a famílias de setores médios urbanos, empobrecidas. Famílias que viram na aquisição de uma profissão liberal pelos filhos, como estratégia de sobrevivência. A Medicina foi profissão possível a esse segmento, uma vez que essa atividade estava em expansão. A inserção política de Pedro Ernesto e a profissional de Nava se deram por contatos de ambos com famílias ligadas ao poder político.

Nava, nos colégios onde estudou, travou conhecimentos com a família Mello Franco, que lhe abriu os caminhos no Rio. Em Belo Horizonte, tivera o primeiro emprego graças ao contato de seus familiares com Afonso Pena (1921). No governo de Antônio Carlos, reatou os laços de amizade com a família deste, que era de Juiz de Fora. Essa relação lhe valeu o segundo emprego (1928).

Pedro Ernesto ascendeu politicamente pelos contatos com a família Amaral Peixoto. Médico e político de seu tempo, viu na expansão dos serviços de saúde um meio de controlar os segmentos desfavorecidos, adequando-os às necessidades da construção de uma sociedade urbana e sustentação de sua base política.

Nava e Ernesto foram médicos com propostas diferentes sobre a profissão. Nava buscou, no exercício da Medicina, a atividade clínica que lhe garantisse a sobrevivência. Ernesto buscou a sobrevivência e poder político. Ambos viram Vargas como um político capaz de construir uma

---

<sup>285</sup> NAVA, Pedro. *O círio perfeito*: memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 424-425.

nova nação centralizando o poder. Tornaram-se oposição quando os fatos e as propostas do Estado Novo começaram a se delinear.



## CONCLUSÃO

Esperamos ter demonstrado que as Memórias de Pedro Nava são fontes documentais para os estudos das relações Medicina e sociedade brasileira no período de 1890-1940. Os livros abrangem temas de meados do século XVIII às quatro primeiras décadas do século XX. Destacamos o período de 1890 a 1940, pois, no mesmo, encontramos os tópicos propostos para esta pesquisa. Procuramos mostrar a obra naveana como fontes documentais para os estudos das relações Medicina e sociedade brasileira. Entretanto, consideramos que a Medicina está inserida em um momento histórico, por conseguinte, correlacionada com outras áreas. O caráter enciclopédico da memorialística naveana aponta para essas correlações. Os textos naveanos estão inseridos no processo de urbanização da sociedade brasileira. São visíveis dois momentos desse processo: a inserção do país no capitalismo monopolista (1870-1920) e a busca de soluções para a criação de uma nova sociedade após a crise do modelo que se fez sentir após o conflito de 1914-1918. Pedro Nava, em *Baú de ossos*, observa o cenário europeu no período de 1880 a 1914, décadas finais da *Belle Époque*:

*La belle époque...* O que teria sido ao justo essa *belle époque*? Diferente das outras épocas? Melhor? Ao pensar nela, em conjunto, tem-se a impressão de uma farândula de sobrecasacas e cartolas de mil reflexos, de senhores – catleias na lapela, de senhoras numa nuvem de plumas – vastas mamas, cinturas finas e generosas nádegas, evoluindo ao som dos primeiros fonógrafos, à luz das primeiras lâmpadas elétricas, ou sob os céus de Longchamps cortados pelos primeiros aeroplanos. Príncipes ostensivos e reis incógnitos evoluem no *Maxim's*, em Montecarlo e na *Promenade des Anglais*, dando o braço a *cocottes* complicadas como polípieiros, como máquinas, como besouros, como armaduras. (...) *La belle époque*. Teria sido, ao menos, bela? Ou julgamo-la bela pela ilusão de que tudo estava pronto – quando tudo estava é por destruir e que era necessário recomeçar da primeira pedra. Foi apenas um ponto alto de montanha, vingado. Mas era preciso descer de novo, tornar a subir, outra vez descer, ainda subir, mais uma vez rolar. Aquela parada durou uns vinte e quatro anos e ficou entre dois estouros: o da bomba de Vaillant, que sacudiu a Câmara dos Deputados Franceses – *La séance continue...* – e o do tiro de revólver de Prinzip, que sacudiu Serajevo, a Áustria, a Europa, o Mundo, e depois do qual nada continuou. *Belle époque* – fenômeno francês, no tempo em que a terra só tinha uma capital – Paris. (...) Quando começou essa época? Na hora em que Proust ouviu, na Sorbonne, a primeira aula de Bergson, ou quando Guilherme II meteu o pé na bunda de Bismarck? Ou quando Sadi Carnot foi sangrando,

em Lyon, por um menino italiano? Depois vieram a degradação de Dreyfus, a luz lunar acendida por Roentgen e que torna os homens translúcidos, gentis homens postos a nu, no incêndio do *Bazar de la Charité* (eles abriam caminho, assomando, a bengaladas, damas em chamas); outro incêndio, o *J'Accuse* de Émile Zola. O século XIX agonizando juntamente, com Félix Faure – nos braços da bela Madame Steinheil. (...) Foi no apagar das luzes do século que se apagou a consciência da Inglaterra e que ela se atirou à Guerra dos Boers. Mais! para comer. Mais um diamante para a coroa de Sua Majestade Graciosa. Londres vibrou com a vitória de Vitória. Que euforia! Ennes de Souza, que lá estava, assistiu, num teatro, a um quadro apoteótico. Aparecia primeiro o mapa da África. Uma espada brandida por trás dilacerava-o aos acordes do *God save the Queen*. E pelo rasgão aparecia a rameira que brandira o aço – vestida de escocês, gorda de riso e remexendo a bunda azeda debaixo do *kilt*. O republicano, indignado, quis ficar sentado em sinal de protesto, mas foi logo arrancado de sua cadeira por mil mãos e atirado à rua aos socos, às caneladas, às joelhadas, aos pontapés. Consolou-se das contusões com as mortes sucessivas de Umberto Primo, às mãos de um anarquista; da própria Rainha Vitória, às unhas do Tempo, de Draga e Alexandre da Sérvia, na garra dos Karajorges. Em compensação reinavam pela graça da beira de cama e aclamação unânime dos povos, Emilienne d'Alençon, Cleo de Mérode, Liane de Pougy e a Bela Otero. O pórtico do século foi a Exposição de Paris. A Ponte Alexandre III era o caminho do futuro. Não foi. Assunção de Anatole France em corpo e alma. O Kaiser desce em Tanger – com ouropéis que faziam desse histrião um misto de beduíno, de arcanjo, unicórnio e dominó. Ninguém viu o casamento de Pierre Curie e da exilada polaca Maria Sklodowska, mas hoje todos sabem de que coito nasceram as bombas de Nagasaki e Hiroxima, cujo fogo continuou, bateu na lua e não terminou sua reação em cadeia. E mais sangue, sangue real – derramado em Portugal. Dom Carlos e o Príncipe são caçados a carabina, na montaria do Terreiro do Paço. O porco Abdul-Hamid foi expulso, deixando no palácio um quarto fechado, como o do Barba- Azul: estava cheio de concubinas decepadas – umas, penduradas, outras, deitadas num chão vidrado de sangue. E veio o outro estouro, o bom, o de Serajevo – pondo ponto final num mundo imundo<sup>286</sup>.

Na transcrição apresentada, Nava contextualizou o cenário internacional de *Baú de ossos* e *Balão cativo*. Partindo de marcos factuais, sintetiza o ápice do período e as crises em gestação do mesmo. Nas cidades abordadas por Nava nos dois primeiros livros das Memórias, Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, os marcos visuais das propostas do período estão na arquitetura e nas propostas urbanistas. Em Juiz de Fora, “Manchester Mineira”, aspectos ligados à industrialização fazem, no estudo da cidade, no período de 1880-1930, uma amostragem das propostas de segmentos das elites nacionais. São visíveis os esforços de se colocarem abaixo os resquícios coloniais que adentraram pelo Império. Na reconstituição da atuação de José Nava na

<sup>286</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 206-208.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, temos a amostragem de questões que envolveram a Medicina no período. Na mudança da família para Belo Horizonte (1913) e nas evocações sobre os estudos no Anglo-Mineiro (1914-1915), estão testemunhadas propostas educacionais de parte das elites mineiras do período. Na transferência para o Rio de Janeiro, em 1916, Nava testemunhou o cenário da *Belle Époque* carioca. Testemunho que adentra pelos três primeiros capítulos de *Chão de ferro*.

Nas Memórias de Pedro Nava, a *Belle Époque* tem parte de reconstituição e parte de testemunho. A curta trajetória de José Nava (1876-1911), reconstituída e testemunhada pelo memorialista, é exemplar da biografia de um jovem médico do período. Temos, nas informações biográficas de José Nava, as questões propostas que surgiram para partes dos setores médios da população. O período de 1870 a 1914, tanto em Medicina como em outros aspectos, caracteriza-se por inúmeras descobertas. Louis Pasteur (1822-1875) criou a vacina antirrábica, Roberto Koch (1843-1910) identificou o bacilo causador da tuberculose, em 1882, e o bacilo do cólera em 1884; Albert Neisser (1855-1916), o gonococo; Armaner Hausen (1841-1912), o bacilo da lepra; Karl Joseph Eberth (1835-1926), o bacilo do tifo; Friedrich Loeffler (1852-1915), o bacilo do morno, junto com Edwin Klebs (1834-1913), o bacilo da difteria; Albert Fränkel (1848-1910), o bacilo da pneumonia; Arthur Nocolaner (1862- ?), o bacilo do tétano; Alphonse Laveran (1845-1922) identificou o parasita unicelular plasmódico nos glóbulos vermelhos do sangue de doentes de malária; James Carrol (1854-1907) e Jessé Lazear (1866-1900) identificaram a mosca transmissora da febre amarela; Joseph Lister (1827-1912) usou o ácido carbólico como desinfetante e Robert Listou (1794-1847) usou a anestesia em cirurgia. Descobertas científicas que devem ser entendidas em seu contexto histórico e tornadas possíveis pela aceitação do materialismo que se impôs até fins do século XIX<sup>287</sup>.

As “descobertas” são setas indicadoras de questões que envolvem concepções de doenças e saúde. Os textos de Fleck e Bourdieu, em muito, ajudam a entender e desvelar aspectos da trajetória de José Nava. Nossas observações sobre o assunto foram perpassadas pelas propostas desses estudiosos. Enfatizamos que as concepções de Hobsbawn sobre a pesquisa em História é norteadora de nossas observações. Esperamos ter identificado, na trajetória de José Nava, como se formou seu “estilo” de pensamento e os capitais sociais, simbólicos e culturais, que o mesmo

---

<sup>287</sup> ROSEN, George. *Uma história de Saúde Pública*. Trad. Marcos Fernandes da Silva Moreira. 2. ed. São Paulo. UNESP; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva/Manguinhos, 1994.

teve à sua disposição. Buscamos enfatizar os aspectos sociais e políticos nacionais e a relação dos mesmos com a adoção de postulados do Sanitarismo pela geração de médicos atuantes de 1880 a 1910. Nava retornou a Belo Horizonte e ingressou no Curso de Medicina em 1921, assunto que ocupa as páginas finais do Capítulo II – “Rua da Bahia” – de seu livro *Beira-mar*. Buscamos um texto do memorialista que sintetizasse aspectos da década de 1920 como relativo à *Belle Époque* e cremos que o encontramos:

Afinal começava o 1921 com seus trabalhos. Era o primeiro ano da década fundamental da vida de minha geração. O tufão dos *whirling twenties, des années folles* estava ali e não tínhamos percebido nenhuma diferença. Ela seria vista como tudo, no Tempo, quando olhada em perspectiva. Sem os trinta não teríamos entendido a loucura desencadeada nos vinte e pontuada por dois socos. O primeiro de Dempsey pondo KO Georges Carpentier. O elefante esmagando o tigre. O segundo começado por Antônio Carlos, continuado pelo Cardeal e acabado por Getúlio – pondo por terra o nosso *Braço Forte*. Onde? a *invencibilidade do Barbado*. Foi, segundo a frase do Andrade, o abacaxi descascado com lâmina gilete. 1921. Eu iniciaria minha Medicina com o entusiasmo que nunca mais me deixaria pela profissão admirável. Alguma coisa havia no ar que ninguém entendia, que a Guerra abafara e que a belicosa paz dos vinte ia fazer explodir dentro dos que seguiam paralelamente à sua, a vibração da idade do século. Um sussurro se ouvia para os lados de São Paulo onde um poeta de trinta e um anos chamado Oswald de Andrade publica um artigo chamado *O meu poeta futurista*, sobre Mário de Andrade, então com vinte e oito – artigo que desencadearia a reação burguesa boçal contra o último – de repente posto de lado e perdido seus alunos. Não sabíamos nada disto mas nas várias ruas de Belo Horizonte estavam trafegando, àquele ano, uns poucos moços que iam se conhecer, se compreender, desafiar a cidade, serem nela marginalizados. Ainda não tinha acontecido mas se o caso de São Paulo fosse levado em conta, cada um veria o símbolo de muita coisa que ia suceder na nossa jovem capital. Mas tudo tão ainda por chegar... Àquela hora eu descia meu caminho a pé para as aulas da Faculdade. Aproximei-me temeroso imaginando o recomeço da estupidez da véspera mas, não. Tinha acabado, o trote durava um dia só e estavam no pátio os grupos que iam para as aulas. Em frente às escadas o do nosso primeiro ano. Fomos nos abeirando uns dos outros e travando conhecimento. Logo divisei várias caras do Anglo. Tinham crescido, botado corpo, virado uns mocetões. Lá estavam Paulo Gomes Pereira, Otávio Marques Lisboa, Guy Jacob, Clodoveu Davis, Antônio Jacob, Roberto Baeta Neves. Comigo, sete representantes dos tempos do Jones. Logo nos juntamos refazendo a velha camaradagem e nos apresentando a uns e aos outros novos conhecimentos<sup>288</sup>.

---

<sup>288</sup> NAVA, Pedro. *Chão de ferro: memórias* 3. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 318-319.

Diversos aspectos podem ser observados na transcrição apresentada. Pedro Nava olha para seus 18 anos na perspectiva de um septuagenário. Em diversos momentos, destacamos os aspectos que envolvem as Memórias e a subjetividade que lhe é própria. O autor coloca como marco uma luta de boxe, a do norte-americano Jack Dempsey nocauteando o francês Georges Carpentier em 1921. Essa luta marcou o esporte. O norte-americano é referência no esporte mundial e a transmissão da luta pelo rádio foi evento inovador. Pontua políticos brasileiros, Antônio Carlos e Getúlio. Destaca os nomes de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, referência do Modernismo brasileiro. Finalmente, descreve fatos sobre o seu primeiro dia de aula na Faculdade de Medicina e o reencontro com antigos colegas do Ginásio Anglo-Mineiro. Estas citações são como setas que apontam para aspectos que serão desenvolvidos nos volumes posteriores. Nava identificou, na década de 1920, a gestação das que estavam por vir.

*Beira-mar: memórias 4* é documental sobre o Modernismo e o ensino médico na capital mineira. Estão presentes as discussões estéticas e políticas que propunham a construção de uma nova nacionalidade. Como vimos, diversos jovens modernistas tiveram ativa participação na construção da Era Vargas (1930-1945). Na organização do curso médico em Belo Horizonte, bem como na contratação de professores e organização do currículo, temos um dos aspectos mais relevantes do Modernismo, as questões relacionadas com a Medicina e que estarão na pauta de discussões da década de 1930. Em *Beira-mar: memórias 3*, *Galo das trevas: memórias 4* e *O círio perfeito: memórias 6*, Pedro Nava desenvolve os aspectos pontuados na transcrição. O ensino médico, em Belo Horizonte, e a atuação profissional, em Juiz de Fora, na capital mineira, interior de São Paulo e Rio de Janeiro são prioridades nas Memórias.

Na pesquisa referente à identificação de textos documentais naveanos, fomos conduzidos por diversos autores. Estudos que se complementam na busca de compreensão das relações Literatura e sociedade, observações sobre a Memória, História Social e História das Ciências e Saúde. Esses textos nos possibilitaram a leitura dos livros naveanos como documentos históricos para melhor compreensão da organização nacional e internacional da Medicina Ocidental. Este foi o propósito de nossa pesquisa e esperamos ter alcançado esta meta nos capítulos que compõem este trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras de Pedro Nava em ordem de publicação

NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*. Rio de Janeiro: C. Mendes Júnior, 1947.

\_\_\_\_\_. *Capítulos da história da Medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico-Cirúrgico, 1949.

\_\_\_\_\_. *Baú de ossos: memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

\_\_\_\_\_. *Balão cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. *Chão de ferro: memórias 3*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

\_\_\_\_\_. *Beira-mar: memórias 4*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

\_\_\_\_\_. *Galo das trevas: memórias 5*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

\_\_\_\_\_. *O círio perfeito: memórias 6*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. *Cadernos 1 e 2*. São Paulo: Ateliê Cultural, 1998.

\_\_\_\_\_. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. *O bicho urucutum*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. *O anfiteatro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002 (compilação de textos de Nava que tratam da vida estudantil e profissional feita pelo herdeiro do memorialista, Paulo Penido).

\_\_\_\_\_. *A Medicina de Os Lusíadas*. Cotia, SP: Ateliê Cultural, 2004.

### 2. Bibliografia consultada

ALBUQUERQUE, A. M; SAMPAIO NETO, S. *O discurso urbano acadêmico sobre Fortaleza em fins do século XIX e início do XX*. Disponível em: <[www.igea.uerj.br/VIVBG-2004/Eixo1%20.425.htm](http://www.igea.uerj.br/VIVBG-2004/Eixo1%20.425.htm)>. Acesso em: 5 abr. 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond. Baú de Surpresas. In: NAVA, Pedro. *Baú de ossos: memórias*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

ANDRADE, Mário. *Namoros com a Medicina*. 4. ed. Belo Horizonte: Martins/Itatiaia, 1980.

ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1914)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1984.

AQUINO FILHO, Jorge de. Pedro Nava: autorretrato do artista aos oitenta anos. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, p. 1-7, jun. 1983. Entrevista.

ARAÚJO, A. M. M. O êxodo dos trabalhadores rurais para a cidade à luz de Lefebvre. *Scripta – Nova Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales*. Barcelona, v. 6, n. 119, ago. 2002. Disponível em: <[www.ub.es/geocrit/sn/sn119121.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119121.htm)>. Acesso em: 3 mar. 2006.

ARAÚJO, A. M. M.; CARLEAL, A. N. O processo de metropolitização em Fortaleza: uma interpretação pela imigração. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. Barcelona: Universidad de Barcelona. Disponível em: <[www.ub.es/geocrit/sn-94-73.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn-94-73.htm)>. Acesso em: 3 abr. 2006.

ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BARREIRA, Ieda Alencar. Anna Nava, baluarte da Escola Anna Nery. *Revista de Enfermagem – Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 543-551. jul./set. 2009. Disponível em: <[www.eean.ufrj.br/revista\\_enf/20093/artigo%2011.pdf](http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20093/artigo%2011.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2009.

\_\_\_\_\_. A cidade no fluxo do tempo: a invenção do passado e patrimônio. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUHMG, 2004, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, 2004. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. O ensino dos Fundamentos de Enfermagem na Escola Anna Nery em meados do século XX. *Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, jul./set. 2009.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especificidades e abordagens*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLOCH, Marc. *Apologie pour l'Histoire*. Paris: A. Colin, 1974.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: EDFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.

BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 4-39, set./dez. São Paulo, 1988.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BRASIL, Psicanálise e Modernismo. São Paulo: MASP, 2001 (catálogo-exposição).
- BUENO, Antônio Sérgio. *O Modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres; TAVARES, Fátima Regina Gomes (Org.). *Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- \_\_\_\_\_. *La sociologia de la cultura de Pierre Bourdieu*. Disponível em: <[www.catedras.fsoc.uba.ar/rubinich/biblioteca/web/canclini1](http://www.catedras.fsoc.uba.ar/rubinich/biblioteca/web/canclini1)>. Acesso em: 12 jun. 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- CARDOSO, Ciro F.; BRIGNOLI, Héctor P. *Os métodos da História*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- CARVALHO, Maria Celeste da Silva. *Medicina e ensino médico: “vertentes” de um processo de desenvolvimento econômico e social: uma história da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte*. 1987. 278 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- CASANOVA, Julián. *La historia social y los historiadores*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.
- CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTRO, J. L. Arquitetura eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa (Org.) *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: EDUDP, 1973. p. 208-255.



CAVALINO, Daniela Buono. *Jesuítas e Medicina no Brasil colonial*. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 10 fev. 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1982.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). *A História contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *“Europa dos pobres”: a belle époque mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

CHUVA, Márcia. *Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*. *TOPOI – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Geral da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 313-331, jul./dez. 2003.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COSTA, M. C. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. *Mercator – Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, 2004. Disponível em: <[www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/File/181/147](http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/File/181/147)>. Acesso em: 10 jun. 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005.

DELIZOICOV, Demétrio et al. Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. In: II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – II ENPEC. Valinhos, SP: 1999. *Anais...* Valinhos, SP, 1999.

DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971.

DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro pós 1930. 2. ed. Rio: FGV, 2001, v. 2. p. 2008-2012.

DULCI, Otávio Soares. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Inscrições da Psicanálise na cultura brasileira: modelos de tratamento e modos de subjetivação. *Revista de Psicoanálisis y Cultura*. Disponível em: <www.acheronta.org>. Acesso em: 13 jun. 2002.

EDLER, Flávio; FONSECA, Rachel Fróes. O surgimento da Medicina experimental e a reforma curricular. *Cadernos ABEM*, v. 2, p. 17, jun. 2006.

FLECK, Ludwick. *La genesis y el desarrollo de un hecho científico: introducción a la teoria de pensamiento e del colectivo de pensamiento*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

FIGUEIREDO, Betânia. *A arte de curar: cirurgiões, barbeiros, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Argvmentvm, 2002.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002.

GIROLETTI, D. *O processo de industrialização em Juiz de Fora: 1850-1950*. Juiz de Fora: EDUJF, 1988.

GOBINEU, Joseph-Arthur. *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1853-1855)*. Paris: Edições Pierre Belfond, 1967.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1. p. 5-27, 1988.

HALBWACS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLMAN, Lillian. *Pentimento: um livro de retratos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Da História Social à história das sociedades. In: \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 83-105.

HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência entre Saúde Pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, v. 6, n. 14. Rio de Janeiro, p. 40-61, 1983. Disponível em: <www.bvshistoria.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 2 mar. 2008.

\_\_\_\_\_. *A era do saneamento: as bases da Saúde Pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998.

\_\_\_\_\_. A Saúde Pública em tempos de Capanema: continuidade e inovações. In: BOMENY, Helena (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio: FGV/Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, p. 127-151, 2001. Disponível em: <www.cpdoc.jgv.br>. Acesso em: 30 mar. 2008.

HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina M. O. O que há de novo? Políticas de Saúde Pública e previdenciária, 1937-1945. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 73-94.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JULIÃO, Leticia. *Belo Horizonte: itinerários de uma cidade moderna (1891-1920)*. 1992. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

KONDER, Leandro. *Marx: vida e obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUHN T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LANA, Vanessa. *Uma associação científica no “interior das gerais”*: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) – 1889-1908. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 12 jun. 2007.

LARA, Tiago Adão. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia do Renascimento aos nossos dias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Fundação Bial, 1983.

LOPES, Rodrigues. *Anchieta e a Medicina no Brasil colonial*. Belo Horizonte: Apolo, 1934.

LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: EDUNESP/FAPESP, 1997.

LUZ, Madel. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira. (PNDU-53).

MARCUSE, Herbert. *Eros e a civilização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MARQUES, Vera Beltrão. *Natureza em boiões e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Unicamp, 1999.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MELO, Juliana Ferreira. *A construção de si como herdeiro: Pedro Nava e os episódios de Baú de ossos*. Disponível em: <[www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss08\\_06.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss08_06.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2009.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A prática da Medicina no Brasil colonial: espaços e limites da cura*. Disponível em: <[www.bases.bireme.br](http://www.bases.bireme.br)>. Acesso em: 22 maio 2009.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

PEREIRA NETO, André de Faria. O modelo de assistência médica de Pedro Ernesto (1932): algumas considerações. *Revista de História Regional*, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <[www.rhr.uepg.br/v2n2/andre.htm](http://www.rhr.uepg.br/v2n2/andre.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

OLIVEIRA, Ione de Fátima. O papel político e cultural dos intelectuais modernistas. *Humanidades*, Brasília, v. 9, n. 3, p. 302-310, 1994.

ORÍÁ, R. A. *A história em praça pública – os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1924). Primeiros escritos*. Disponível em: <[www.historia.uff.br/labhoi/primeiros\\_escritos/pe7-3pdf](http://www.historia.uff.br/labhoi/primeiros_escritos/pe7-3pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2006.

PAIM, Jainirson Silva. Política de Saúde no Brasil. In: ROUQUARIOL, Maria Zélia (Org.). *Epidemiologia e saúde*. Fortaleza: UNIFOR, 1983. p. 587-603.

PASTRANA, Santiago. *Grandes líneas de investigación historiográfica en los siglos XIX y XX*. Disponível em: <<http://club.telepolis.com/pastranec/index.htm>>. Acesso em: 18 maio 2008.

PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a Psicanálise – os precursores no Brasil (1889-1937). In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). *Efeito psi: a influência da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 151-181.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, Iago. *Noções de Psychologia aplicadas à educação*. São Paulo: Melhoramentos, [s. d.].

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza, Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Godineau no Brasil*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Annales: a renovação da História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIZZOTTO, Maria Lúcia F. *História da Enfermagem e sua relação com a Saúde Pública*. Goiânia: AB, 1999.

ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch e Michel Foucault*. Trad. Jurandir Mallerba. Maringá, PR: EDUEM, 2000.

ROSEN, George. *Uma história da Saúde Pública*. Trad. Marcos Fernandes da Silva Moreira. 2. ed. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós- Graduação em Saúde Coletiva/Manguinhos, 1994.

SALES, P. *História da Medicina no Brasil*. Belo Horizonte: G. Holman, 1971.

SANTOS, Ana Lúcia Rissoni. *O conceito de doença: uma interlocução entre Medicina e Filosofia*. Disponível em: <[http://fafich.ufmg.br/~scientia/art\\_ana.htm](http://fafich.ufmg.br/~scientia/art_ana.htm)> Acesso em: 20 ago. 2006.

SANTOS FILHO, Licurgo. *História Geral da Medicina*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP. 1991.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p.193-210, 1985.

SARAIVA, José Flávio Sombra; IONGE, Klaas. África e América: o tráfico negreiro e a gestação do racismo. *Humanidades* 28, v. 8, n. 2, Brasília, p. 197-202, 1992.

SAYD, Jane Dutra. *Mediar, medicar, remediar: aspectos da terapêutica na Medicina Ocidental*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SHORSKE, C. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHWARCZ, Lillian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EDUSP/FAPESP/Iluminura, 1995.

SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a Ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília: MCT, 2001.

SILVA, Gastão Pereira da. *Imprensa Médica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 148, p. 427.

SILVA, Alexandre Elias da. *Rio de Janeiro: política e populismo: 1931-1936*. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <www.bdttd.uff.br>. Acesso em: 25 abr. 2008.

SILVA, Lenina Lopes. As “misturas do humano com o divino” na medicina popular do Brasil colonial. *Mneme* – Revista Humanidades, Caicó, v. 9, n. 24, set./out. 2008. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>. Acesso em: 22 maio 2009.

SILVA, A. A. Félix Marques; PEREIRA, L. A.; DOMINGUES, V. K. Modernização e desigualdades sociais em Fortaleza na segunda metade do século XIX. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP). Caxambu, 2004. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/site\_eventos\_abep/pdf/ABEP2004\_94.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2006.

SOURNIA, Jean-Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1995. p. 359-361.

SOUZA, S. *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

TEIXEIRA, Luiz Antônio; ESCOREL, Sarah. História das Políticas de Saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimento populista. In: GIOVANELLA, L. et al. (Org.). *Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 333-384.

TEIXEIRA, L. A.; SANDOVAL, M. R. C.; YUMIETAKAOKA, N. Instituto Pasteur de São Paulo: cem anos de combate à raiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 751-766, 2004.

TEIXEIRA, Cláudia Regina Rodrigues Ribeiro. *A Reforma Pedro Ernesto (1933): perdas e ganhos para os médicos do Distrito Federal*. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto: Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, n. 40, p. 27-56, 2006. Disponível em: <www.ebape.fgv.br>. Acesso em: 20 out. 2008.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3 v.

WITKOWSKI, Ariane. Pedro Nava ou a renovação da autobiografia. *Leitura*, São Paulo, v. 18, n. 9, p. 15, set. 2000.

VALE, Vanda Arantes. A contribuição da obra de Pedro Nava para a História da Medicina Brasileira (1890-1940). *Verbo de Minas* – Revista de Cultura, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 59-69, 2001.

\_\_\_\_\_. *Literatura e história da Medicina na obra de Pedro Nava (1903-1984)*. Curso ministrado no XIII CONGRESSO DA ANPUHMG. Belo Horizonte, 2002.

VALE, Vanda Arantes. Medicina portuguesa nos escritos de Pedro Nava – uma introdução. In: 2º COLÓQUIO DO POLO DE PESQUISA DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2004. Disponível em: <<http://realgabinete.com.br/coloquio/autor/asp?indice=73>>. Acesso em: 20 ago. 2006.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise - Literatura - Modernismo: memórias e escritos de Pedro Nava*. In: V ENCONTRO CLIO PSIQUE. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

VALLE NETO, Júlio de Souza. *Identidade pessoal e coletiva em Pedro Nava*. Disponível em: <[www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline)>. Acesso em: 20 out. 2008.

\_\_\_\_\_. *O Modernismo e as Memórias de Pedro Nava*. Disponível em: <[www.iel.unicamp.br/revista/index.php/set/article/view/298/260](http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/set/article/view/298/260)>. Acesso em: 20 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. *O nacional e o universal n'A Revista modernista mineira*. Disponível em: <[www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/543](http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/543)>. Acesso em: 14 out. 2009.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *As ideias estéticas de Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VELOSO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: EDUNESP/FAPESP, 1997.

VENTURA, Zuenir. *Minha história dos outros*. São Paulo: Planeta, 2004.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

VILLAÇA, Cristina Ribeiro. *Entre musas e doutores: uma leitura da obra de Pedro Nava*. 2007. 180 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: <[www.btd.uff.br](http://www.btd.uff.br)>. Acesso em: 3 jun. 2008.

YASBECK, Lola. *As origens da universidade de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

### 3. Jornais e revistas

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 19 jul. 1892.

IMPrensa MÉDICA, Rio de Janeiro, v. 9, n. 148, p. 427.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 15 jan. 1984.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA, 1923, p. 256.

BRASIL MÉDICO, Rio de Janeiro, 1904, p. 178.

VEJA, São Paulo: Abril Cultural, 17 abr. 1974. p. 4.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-7, jun. 1983.

REVISTA DE ENFERMAGEM, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 543-550, jul./set. 2009.

#### **4. Arquivo Pedro Nava e entrevista**

1- MANIFESTO dos mineiros. Rio de Janeiro, 30 de março de 1977. 11 f. Datilografado. Português. Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Museu de Literatura Brasileira (PNDU-53, PN11-53, PNO-24, PN-422).

2- NAVA, Pedro. Entrevista concedida a Helena Bomeny e René Batista, em 3 de abril de 1983.